



*Olhos nos olhos*

O caso Blackstone

Volume 3

**RAINE MILLER**

**Best-seller do *New York Times***



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





*Olhos nos olhos*

O caso Blackstone

Volume 3

**RAINE MILLER**

Best-seller do *New York Times*





RAINE MILLER

*Olhos nos olhos*

**O caso Blackstone**

**Volume 3**

*Tradução*  
Camila Pohlmann



Copyright © 2014, Raine Miller

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Tradução para o português Copyright © 2014 by Editora Objetiva

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*Eyes wide open*

Capa

Marianne Lépine

Imagem de capa

Shutterstock

Revisão

Raquel Maldonado

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M592o

Miller, Raine

Olhos nos olhos [recurso eletrônico] : o caso Blackstone / Raine Miller ; tradução  
Camila Pohlmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.  
recurso digital

Tradução de: *Eyes wide open*

Sequência de: *Entrega total*

Formato: *ePub*

Requisitos do sistema: *Adobe Digital Editions*

Modo de acesso: *World Wide Web*

*ISBN 978-85-8105-207-6 (recurso eletrônico)*

*1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Pohlmann, Camila. II. Título.*

14-10098 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3



# Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Um Presente Para o Leitor](#)

*Para os meus pais,*

*Que ainda conseguem enxergar dentro das almas um do outro.*

*Os olhos veem as coisas com mais clareza nos sonhos do que a  
imaginação acordada.*

**— Leonardo da Vinci**

# Agradecimentos

**H**á tanta gente a quem devo agradecer; os primeiros são a minha família: o príncipe que é o meu marido e os meus meninos, que aceitaram a falta da esposa e da mãe por semanas, enquanto estava enclausurada em minha caverna, escrevendo, quase sem sair de lá. Obrigada pela paciência, pessoal. Não poderia ter sido mais abençoada e nunca vou me esquecer disso.

Para a agente mais maravilhosa do mundo, Jane Dystel, obrigada por tudo o que você fez e faz por mim. De novo, sou abençoada por ter te encontrado naquela sexta-feira de outubro, quando precisava ser conduzida pela mão de alguém muito mais sábio do que eu. À Atria Books, por ter apostado no Caso Blackstone e ter me ajudado a transformar em realidade algo com que jamais tinha sonhado. À minha editora adorável e encantadora, Johanna Castillo, por ter me guiado ao longo desse processo, um passo atrás do outro, da maneira mais gentil possível.

Por trás das cenas existe tanta gente com quem estou em débito pelo apoio inabalável que me deram, compartilhando sobre meus livros no Facebook e no Twitter, mas principalmente por terem conversado comigo, dividido o dia a dia, as provações e os percalços da vida. São amizades verdadeiras e significam o mundo para mim.

Becca, Jena, Franzi, Muna, Karen e Martha, vocês são anjos que caíram do céu, tenho certeza; mal encontro palavras para expressar o quanto gosto de cada uma de vocês.

Aos meus colegas, algumas das pessoas mais incríveis e criativas que conheci, obrigada pela amizade, pelo trabalho duro que me inspira e pela dedicação em continuar a escrever o que todos querem ler hoje em dia. Katie Ashley, você foi uma benção, desde nossa primeira reunião — naquele dia soube que tinha encontrado uma amiga para a vida toda. Obrigada por todas as conversas tarde da noite sobre esse mundo louco dos escritores, do qual nós agora fazemos parte. Para outras autoras que me tiram o fôlego com seu talento e apenas por serem minhas amigas — Rebecca, Jasinda, Tara, CC, Jenn, Belinda, Tina, Georgia, Amy e outras tantas — vocês fazem do meu trabalho o melhor do mundo.

E, finalmente, para os fãs e blogueiros que leram meus livros. Falo isso sempre e em todas as vezes é verdade. Eu tenho os melhores fãs do planeta. Obrigada por amarem o Ethan e a Brynne, e terem abraçado essas histórias com todo o coração. Para sempre vou dever essa a vocês.

Com todo o carinho,

***Raine***

# Prólogo

*Julho de 2012  
Londres*

**O**bservo. Eu me lembro de como ela era. De como se movimentava e dos sons que fazia. Tudo. Tudo sobre ela.

No entanto, ela não me vê. No início, isso me incomodou, mas agora sei que pouco importa, porque em breve ela me vai me notar. Daqui a pouco ela vai me ver.

O destino a fez cruzar meu caminho há tantos anos e voltou a agir quando aquele avião caiu. Nunca me esqueci da doce Brynne Bennett. Nunca. Pensei nela por anos, mas nunca imaginei que nos encontraríamos de novo. Sabia que ela tinha deixado os Estados Unidos e se mudado para Londres, mas foi só quando vi as fotos dela como modelo que me dei conta do quanto queria reencontrá-la.

Agora consegui.

Os destinos se alinharam. Tudo se encaixou. Vou ter o que é meu por direito e consegui-la de volta no caminho. Brynne merece isso. Ela é um tesouro. Uma joia rara. Algo para saborear e aproveitar por quanto tempo eu quiser.

Somos todos peões. Tanto ela quanto eu. Peões num jogo que não inventei, mas que certamente sei jogar. Estou lutando de igual para igual. Essa é a maior oportunidade da minha vida e não vou deixar que escape. Brynne vem como um bônus, mas mal posso esperar pelo momento em que poderei mostrar como senti a falta dela e do tempo que tivemos juntos.

Em minha defesa, eu realmente tentei fazer dela uma aliada. Teria sido galanteador e gentil. Ela ficaria feliz em me ver novamente. Sei que sim. Aqueles imbecis não mereciam a Brynne e eles pediram pelo que lhes aconteceu. Mas agora isso não tem importância. Eles estão fora da equação e isso é melhor para mim. No final, serei eu o único beneficiário, de qualquer jeito.

Agora, esse Blackstone é outra história. Esse filho da mãe apareceu e arrastou-a para a vida dele. Sei que ela se encantou com a aparência e o dinheiro dele — e isso é uma pena, porque sem ele tudo seria bem mais fácil para mim.

Blackstone arruinou meu plano inicial, mas não totalmente. Preciso reconhecer que o cara realmente tem instinto. Achei que tinha tudo arranjado quando ele saiu para fumar atrás do prédio, naquele baile beneficente. Não conseguia acreditar na minha sorte. Ele estava fora. Ela, dentro. O alarme tocou na hora exata. Meu único erro foi não imaginar que ele estava com o celular dela. Isso foi uma surpresa. De qualquer jeito, queria mesmo que ele soubesse da minha existência. Ele tinha que saber. Ela foi minha anos antes de ser dele.

Então aconteceu uma coisa que agiu em favor dele. Não sei exatamente o porquê, mas Brynne não estava onde deveria estar e não saiu por onde deveria sair. Se o celular estivesse com ela quando a minha mensagem chegou, tenho certeza de que estaríamos juntos agora, recomeçando de onde paramos, sete anos atrás.

Eu a perdi no caos... Junto, foi-se a minha chance de ouro. O que considero muito desagradável. Algum tipo de punição será necessária para restaurar a ordem das coisas no mundo. Mas não é um problema. Tudo logo vai se arranjar do meu jeito.



Bryenne está bem protegida por Blackstone agora, mas também estou de olho nele. Ele ainda não tem todas as respostas e vou tratar de jogar algumas pedras no caminho desse homem para confundi-lo. Minha especialidade.

Não, eu não vou desistir. Tenho alguns truques escondidos na manga e sou bem paciente. Ainda há bastante tempo para agir e fico mais perto a cada instante.

Mais perto. *Closer.*

Naquela época eu não fazia ideia, mas quando aqueles idiotas escolheram essa música, eles estavam certos. É perfeita. Apenas perfeita.

# Capítulo 1

**E**than me olhava fixamente enquanto comandava meu corpo, segurando firme meus quadris, me preenchendo com sua carne quente, passando a boca por toda parte, arranhando minha pele com os dentes.

Tudo isso vindo do homem que tinha me capturado, depois de conseguir derrubar as muralhas que eu havia erguido. Eram demonstrações de toque e prazer, gestos para estreitar a conexão entre nós, me aproximando ainda mais dele. Esse era o jeito do Ethan, mas a verdade é que ele não tinha nada com que preocupar.

Eu já era dele.

Apesar de todo o caos daquela noite, agora eu estava ali, em seus braços, sob seu corpo. Sua força controladora assumindo o comando, como tinha sido desde o começo. Me protegendo. Quando ele me convenceu a entrar no carro, naquela primeira noite, e depois, sempre que me ligava, exigindo atenção — tudo isso era apenas o começo do meu aprendizado sobre quem era Ethan Blackstone. Mas havia tanta coisa mais a respeito dele, coisas que eu sequer era capaz de imaginar naquela época.

Eu não iria a lugar algum. Estava apaixonada por ele.

— Quero ficar a noite inteira com meu pau dentro de você — ele uivou, os olhos azuis refletiam a luz da lua.

Ele era tudo que eu podia ver, tocando meu corpo de todas as maneiras possíveis, enquanto o luar entrava pela janela da varanda e iluminava nossas peles. Mãos, boca, pau, língua, dedos — ele usava tudo.

Durante o sexo, Ethan falava comigo daquele jeito. Coisas chocantes que me deixavam pegando fogo, alimentavam minha autoconfiança e me mostravam o quanto ele me desejava. Era exatamente o que eu precisava. Ethan era a minha resposta; ele sabia perfeitamente o que eu queria. Não sei como ele me compreendia tão bem, mas compreendia. A noite de hoje tinha confirmado essa impressão. Acho que finalmente podia admitir que precisava de outra pessoa para ser feliz.

Essa pessoa era Ethan.

Eu tinha me aberto para alguém. A redoma em volta do meu coração tinha se quebrado. Ethan tinha conseguido fazer isso. Ele se dedicou a mim, me pressionou e exigiu minha atenção. Ele nunca desistiu de mim e me amou, apesar do buraco emocional que me acompanhava. Ethan fez tudo isso por mim. E agora eu podia me maravilhar com o fato de ser amada por um homem a quem também amava.

— Olha pra mim. — Ethan exigiu, quase sem fôlego. — Você sabe que eu gosto de te olhar nos olhos quando estou te comendo!

Com uma das mãos, ele segurou meu cabelo num rabo de cavalo e puxou, só que sem me machucar. Ethan sabia exatamente como dosar a força para me deixar louca. Era verdade que eu sabia da necessidade que ele tinha de me encarar, por isso fixei o olhar direto nos furiosos olhos azuis dele.

Mas Ethan me conhecia mais do que eu a ele.

— Você vai gozar primeiro! — urrou, metendo com força, mais fundo, até encontrar o ponto mais sensível dentro de mim, onde precisava chegar para conseguir o que queria.

Senti a pressão aumentar dentro de mim e me deixei levar para aquele lugar de êxtase perfeito, encaixada no corpo de Ethan, com seus olhos azuis a poucos centímetros de mim. Ele me beijou

enquanto eu gozava, preenchendo mais uma parte de mim, me obrigando a aceitar mais dele e nos unindo ainda mais profundamente.

O orgasmo dele veio logo em seguida, segundos depois do meu. Sempre sabia quando Ethan estava perto de gozar, porque ele se enrijecia de um jeito quase inumano. A percepção desse momento era de outro mundo e eu me sentia incrivelmente poderosa. Mexia comigo saber que eu era capaz de provocar uma reação dessas nele, causar uma emoção como aquela em outra pessoa. Cada vez que acontecia, eu me curava um pouquinho — minha cabeça melhorava aos poucos, por causa do Ethan e da maneira como ele demonstrava amor por mim. Finalmente eu tinha esperança de que poderia ser feliz e levar uma vida normal.

Foi o Ethan quem me deu isso.

— Fala pra mim, minha linda — ofegou, num fôlego só, mas eu podia perceber como a força dele vinha acompanhada de certa vulnerabilidade.

Ethan também tinha suas inseguranças; ele era um mortal, como todos nós.

— Pra sempre sua!

Acreditei plenamente em cada palavra que disse, enquanto o senti gozar dentro de mim.

Quando abri meus olhos, um pouco mais tarde, me dei conta de que tinha cochilado. Ethan tinha rearrumado nossos corpos na cama, mas continuávamos encaixados. Ele gostava de ficar dentro de mim por um tempo, depois que a gente acabava. Eu não ligava, porque era algo que ele desejava e eu adorava deixá-lo feliz.

Só queria que ele me contasse mais sobre seu passado. Ele tinha medo de dividir e, por mais que me incomodasse, eu também o compreendia. Frequentemente imaginava se essa necessidade que ele tinha, de me tocar o tempo todo e me possuir por completo durante e depois do sexo, tinha a ver com o tempo que ele passou preso. *Ele foi torturado, ferido, marcado.* Me doía só de lembrar como ele acordou em pânico, naquela noite em que teve os pesadelos.

Passei os dedos pelo ombro e pelas costas dele. Imaginei as asas de anjo da tatuagem que ele tinha e as palavras embaixo dela. Senti as cicatrizes também. Ethan abriu os olhos e me encarou em reprovação.

— Por que as asas? São lindas, sabia?

— Elas me lembram a minha mãe — respondeu, depois de um momento de silêncio. — E elas cobrem boa parte das cicatrizes, também.

Me inclinei e beijei-o de leve nos lábios. Segurei o queixo do Ethan e decidi tentar a sorte. Não queria forçar demais e fazê-lo se afastar, tentando conversar quando ele parecia chateado, mas precisava tentar me aproximar, eventualmente.

— E a frase? Por que essa?

Ele deu de ombros e falou baixinho:

— Acho que morri um pouco hoje à noite.

Foi essa a resposta para a minha tentativa de fazer com que ele se abrisse. Ele não estava a fim de um mergulho no passado. Dava para perceber.

— Como assim, você morreu um pouco?

— Depois daquela mensagem no teu celular, quando não consegui encontrar você — Traçou com o dedo uma linha sobre o meu rosto e depois nos lábios; um toque tão leve que me arrepiou.

— Bom, você acabou me encontrando. E morrer não é permitido aqui não, senhor. Isso seria um belo de um tiro no pé. — Tentei deixar o papo mais leve, mas minha piadinha não surtiu efeito. Quando Ethan estava sério, ele não mudava de humor com facilidade.

— Estou feliz de ver que você está se sentindo melhor. — Fez uma pausa, contraiu os quadris e me penetrou com mais força, em uma nova ereção. — Porque eu estava realmente precisando fazer isso aqui com você.

— Eu estou aqui, toda pra você — murmurei com os lábios encostados nos dele, enquanto ele passava minhas pernas por cima de seus ombros e dava início a mais uma rodada de prazer. Raramente ele se contentava com uma só vez.

Com Ethan, eu me sentia desejável. Ele fazia com que eu me achasse bonita e sexy, a cada palavra que falava ou cada vez que encostava o corpo no meu quando fazíamos amor. Depois, quando me abraçava, eu me sentia preciosa.

Alguém me queria, apesar de todos os acontecimentos ruins em meu passado. Alguém estava disposto a lutar por mim. Eu era importante para outra pessoa. Para Ethan, eu era. O poder dessa certeza era capaz de mudar uma vida.

O tipo de atenção que Ethan me dava era intenso e tinha sido difícil de aceitar, no início, mas funcionava bem comigo. Ethan funcionava bem comigo. Ele sabia demonstrar o quanto me desejava e, pela primeira vez, eu tinha esperança de que seríamos capazes de fazer esse relacionamento dar certo. A parte de “ir devagar” não foi, de jeito nenhum, como combinamos. Mas se realmente fôssemos devagar, duvido muito que agora estivesse nua na mesma cama que ele, numa mansão digna de reis na costa de Somerset, de propriedade da irmã dele, sendo fodida deliciosamente e à beira de ter um novo orgasmo a qualquer momento. Uma garota tem que aceitar as oportunidades que a vida dá.

Demorou um pouco até eu me acalmar de novo, depois da segunda rodada de sexo selvagem, mas dei um jeito de me soltar dos braços dele para ir ao banheiro me limpar e me preparar para dormir. Adorava como Ethan me tocava o tempo todo. Eu precisava disso, simples assim, e Ethan sabia muito bem. Era mais um quesito no qual éramos perfeitamente compatíveis.

Enchi um copo de água e tomei o remédio que a dra. Roswell receitou para os meus terrores noturnos. Já tinha virado rotina: pílula e vitaminas pela manhã, remédio para dormir à noite, na hora de deitar. Sorri para o espelho do banheiro — tão elegante que poderia estar pendurado no Palácio de Buckingham —, pensando que cama e sono nunca eram sinônimos quando eu estava com o Ethan. Boa parte do tempo que passávamos juntos era na cama, sem dormir, mas longe de mim reclamar disso.

Não imaginei que fosse encontrá-lo acordado quando saí do banheiro, mas os olhos dele estavam abertos, acompanhando cada movimento meu, conforme me aproximava da cama e me ajeitava

para dormir. Ele estendeu a mão e segurou meu rosto — algo que fazia sempre que ficávamos próximos assim.

— Como é que você ainda tá acordado? Deve estar exausto depois dessa viagem tão longa... — Fiz uma pausa para enfatizar e completei: — E dessas transas maravilhosas...

— Eu te amo e não quero nunca te deixar ir embora — interrompeu-me.

— Então não deixa. — Olhei bem dentro dos olhos azuis dele, que me encaravam naquela luz fraca.

— Nunca vou deixar — falou secamente, e eu soube que era verdade.

— Eu também te amo e não pretendo ir a lugar algum. — Me inclinei para dar um beijo nele e senti a aspereza da barba que já era tão familiar.

Ele me beijou de volta, mas percebi que tinha mais a dizer. Também notei o volume nele, o que era bem impressionante, considerando os orgasmos recentes que havíamos tido.

— É que eu... Eu preciso de algo mais permanente entre a gente. Preciso de você comigo o tempo todo pra eu poder te proteger e a gente ficar junto todo dia e toda noite.

Senti meu coração bater mais rapidamente, com pequenos chiados de pânico se aproximando. Mal eu tinha começado a me sentir confortável com como estávamos, vinha Ethan me pressionar pra ter mais...

*Ele sempre foi assim...*

— Mas agora ficamos juntos todos os dias — respondi.

Ele levantou de leve a sobrancelha e apertou um pouco os olhos.

— Não é o suficiente, Brynne. Não depois do que aconteceu hoje e dessa porra dessa mensagem de só-Deus-sabe-quem. Neil tá trabalhando no seu celular agora mesmo pra tentar rastrear a ligação e a gente vai descobrir tudo, mas eu preciso ter alguma coisa mais formal que mostre ao mundo que você está comigo, inalcançável por quem quer que seja.

Engoli em seco, sentindo os polegares dele traçarem a linha da minha mandíbula e tentando imaginar aonde ele queria chegar com

isso.

— O que você quer dizer com formal? Formal como? — Caramba, minha voz estava falhando e meu coração parecia que sairia pela boca a qualquer momento.

Ethan sorriu e se inclinou para me dar um beijo suave e delicado que me acalmou um pouco. Ele sempre me acalmava. Se eu estava nervosa ou com medo, dava um jeito de me amparar e aliviar o estresse do momento.

— Ethan? — disse, quando ele se afastou de mim.

— Tá tudo bem, meu amor — tranquilizou. — Vai dar tudo certo. Vou tomar conta de você, mas eu sei o que é preciso fazer, o que precisa acontecer.

— Você sabe?

— Uhum. — rolamos pela cama e ele segurou meu rosto de novo, apoiado nos cotovelos, me prendendo entre seus braços esculpados, firmes e suaves ao mesmo tempo. — Tenho certeza, na verdade.

Desceu os lábios até meu pescoço e me beijou, subindo até a orelha, passando pelo meu queixo até chegar à outra orelha.

— Muita, muita certeza. — Ele sussurrou entre beijos delicados. — Me dei conta assim que a gente chegou aqui e vi que você ainda estava usando isso — falou, beijando o local onde estava o pingente de ametista que ele me dera.

— E do que é que você tem tanta certeza? — Minha voz saiu fraca, mas as palavras foram tão claras como um sino, naquela distância tão pequena entre nós dois, como se eu tivesse gritado a pergunta.

— Você confia em mim, Brynne?

— Confio.

— E me ama?

— Amo, claro. Você sabe que sim.

Ele sorriu.

— Então pronto, tá decidido.

— O que está decidido? — implorei pertinho daquele rosto lindo, que tinha me hipnotizado logo de saída, com um dos lados da boca



mais levantado que o outro, confiante, me segurando com firmeza debaixo dele, de um jeito possessivo que era tão típico do Ethan.

— Vamos nos casar.

Olhei para ele, certa de que as palavras que tinha acabado de ouvir tinham saído de uma cena de um romance. Talvez eu estivesse sonhando. Assim esperava.

Ethan se mexeu em cima de mim e essa esperança imediatamente se dissipou. *Putá merda!*

— Faz todo o sentido do mundo — disse, com um sorriso leve nos lábios. — A gente anuncia isso com bastante barulho, vamos morar juntos oficialmente e deixamos todo mundo ficar sabendo que o seu noivo trabalha no negócio de segurança...

— Você está louco? — Interrompi o que ele falava e senti os olhos dele se mexendo, acompanhando as reações no meu rosto. — Ethan, não posso me casar. Não quero me casar. Só agora estou me acostumando com um relacionamento sério. É muito, muito cedo para sequer pensar numa coisa assim...

Ele sorriu de novo para mim, incrivelmente calmo e confiante.

— Eu sei, meu amor. É muito cedo mesmo, mas o mundo não precisa saber disso. Pra eles, basta parecer que você se tornará a mulher do ex- Forças Especiais e atual bem-sucedido presidente da Blackstone Inc. Pra quem quer que esteja planejando qualquer coisa contra você, a mensagem vai ser bem clara — que eles precisam ficar bem longe de você, que não vão poder sequer encostar em você, de jeito nenhum, não vão poder nem mesmo piscar pra você, quanto mais fazer ameaças como essa merda de hoje à noite. — Ele me beijou de leve, parecendo muito orgulhoso de si mesmo. — É um plano brilhante.

Continuei olhando-o, certa de que aquilo tudo não passava de um delírio.

— É também um tanto desonesto, Ethan. Você ao menos pensou no que está me pedindo para fazer? Mentir? Enganar nossas famílias e amigos, fazendo todo mundo acreditar na ficção de que nos conhecemos há dois meses e já vamos nos casar?

Ele se endireitou em cima de mim e seu queixo ficou mais rígido e marcado, como ele faz quando quer teimar.

— Quando se trata de te proteger, eu faço o que for preciso. Não quero correr riscos com você. É tarde demais para isso. Eu te disse que ia entrar nessa história pra valer e nada disso mudou nas últimas horas.

A expressão no rosto dele era um tanto intimidadora, mesmo no escuro. Eu tentei me explicar melhor:

— Claro, meus sentimentos também não mudaram, mas isso não quer dizer que a gente possa...

Perdi o fio da meada enquanto tentava processar o que ele tinha acabado de declarar com tanta confiança: que nos casarmos era uma boa ideia. Simples assim, como comer mais vegetais é uma boa ideia, ou como passar protetor solar todos os dias é uma boa ideia. Não conseguia deixar de me perguntar se o mal-estar que tinha me dado hoje estava agora causando alucinações.

— Não existe qualquer razão para que a gente não possa. — Ethan parecia um pouco ressentido enquanto me observava atentamente e senti uma pontada de remorso, mas só por dois segundos.

O que ele propunha era completamente insano. Eu mal podia manter a minha cabeça no lugar depois de me dar conta de que estava completamente apaixonada por um homem que havia invadido a minha vida, audaciosamente e sem pedir licença, há apenas dois meses. Com que diabos concordaria logo agora com um casamento apoiado na justificativa de me proteger de uma ameaça misteriosa de pessoas sem nome e sem motivos claros?

— Você está completamente maluco! Você se dá conta do que está propondo?

Ele fez que sim, com o rosto a poucos centímetros do meu. Realmente não conseguia compreender o que ele estava pensando. Eu podia imaginar que ele queria fazer as coisas do próprio jeito, mas o motivo que o levava a isso era o que mais me surpreendia. Sabia que ele me amava. Ethan fazia questão de me dizer isso com frequência. Meus sentimentos por ele eram os mesmos, mas casamento?! Tenho certeza de que ele não poderia ter sugerido nada mais chocante para os meus frágeis alicerces emocionais do

que isso. Certo que Ethan não queria uma esposa. Era cedo demais para isso.

— Sim, Brynne, eu sei muito bem o que acabei de falar. — Manteve o rosto neutro, mas firme, sem transparecer nada.

— Você quer se casar comigo, uma mulher que você conheceu há oito semanas, que tem fobia de relacionamentos e... e um passado fodido...

Ele me calou com um beijo poderoso, do tipo que não deixava mais qualquer dúvida sobre a seriedade da proposta. Meu Deus! Será que eu vivo numa realidade paralela? Deixei que a boca dele tomasse conta da minha por um instante, mas logo o afastei, segurando o rosto dele com as minhas mãos. Eu o encarei, enquanto ele começou a falar baixinho:

— Meu amor... Esse negócio de hoje me deixou apavorado. Não estava planejando te propor isso, mas sei que é o certo. Quero que você fique comigo. Você não vai mais precisar de visto de trabalho. Pode morar aqui e trabalhar em Londres em alguma coisa na sua área. Vai ter tempo de encontrar um trabalho perfeito, sem a pressão de ter que lidar com as leis de imigração. Mas o mais importante é que vamos ficar juntos. É o que eu quero. Como teu marido, posso cuidar de você. Posso ter certeza de que você sempre vai estar segura. Não há nada que eu não faria para te proteger. Eu te amo. Você me ama, não ama? Qual é o problema, então? É a solução perfeita. — Inclinou a cabeça e apertou os olhos, como se eu estivesse sendo illogicamente estúpida.

— Não estou nem perto de estar pronta pra isso, Ethan, não importa o que sinto por você.

— Também não estou, a época é péssima, mas é nossa única boa opção — argumentou, afastando gentilmente meu cabelo do rosto. — Eu acho que você deveria ao menos considerar. Não quero passar por outro susto como o de hoje.

Comecei a protestar, mas ele me calou com outro daqueles beijos que eram tão típicos. Me segurou debaixo dele, me apertando contra o colchão e explorando minha boca com a língua bem-treinada. Deixei que me beijasse e aproveitei o momento, tentando processar tudo o que ele havia dito.

— Antes que você fique toda preocupada e ansiosa, quero que simplesmente pense nisso, por enquanto. A gente podia ter um longo noivado, é o anúncio que vai fazer as pessoas pararem e prestarem atenção. A gente teve uma noite difícil e tem uma tonelada de coisas pra resolver, mas no fim o que importa é que estamos juntos e isso não vai mudar. — Me deu um beijo na testa. — E você vai morar comigo.

Só olhei para ele e absorvi o que tinha acabado de dizer.

— Essa última parte não foi um pedido, Brynne. O que aconteceu hoje foi uma loucura e não podemos mais arriscar viver separados.

— Meu Deus, quê que eu vou fazer com você? — Bocejei e me dei conta de que o remédio estava começando a fazer efeito. Sabia que não conseguiria levar essa conversa adiante por muito tempo. Passou pela minha cabeça a ideia de que o Ethan pode ter usado isso a seu favor. Afinal, não era à toa que ele era bom no pôquer.

— Você está cansada e, pra falar a verdade, eu também estou.

Bocejei de novo e concordei com ele.

— Estou, mas ainda não sei o que dizer sobre o que você tá propondo — falei isso enquanto o olhava nos olhos, que estavam a poucos centímetros dos meus.

Ele me aninhou nos braços, como fazia para dormir, e encaixou o rosto no meu pescoço.

— Você vai dormir agora e depois vai pensar nisso. Confia em mim. E vai morar comigo oficialmente.

— Simples assim?

— É, simples assim. — Senti os lábios dele se moverem contra minha nuca. — É assim que as coisas devem ser. — Senti a barba dele me arranhar um pouco, quando ele completou: — Eu te amo. Agora vai dormir.

A verdade é que era delicioso sentir os braços fortes do Ethan ao meu redor, embora achasse que ele estava completamente louco. De qualquer maneira, só saber que ele era capaz dessa loucura para me proteger, que me amava tanto assim, só isso já fazia o sorriso no meu rosto ser *foda demais* — como diria meu amante com vocabulário de soldado.

Adormeci logo em seguida, segura nos braços dele.

## Capítulo 2

*Quando saía em patrulha, a gente via todo tipo de merda assustadora. Democracia é algo que a maior parte das pessoas nunca teve realmente a oportunidade de apreciar. Acho que é uma benção para uma parte do mundo, mas ainda assim é bom pensar nisso, nos que não dão o devido valor ao que têm. O que mais me incomodava era o incrível desperdício de potencial. O povo reprimido e aterrorizado tem pouquíssimo potencial — exatamente do jeito que os ditadores de terceiro mundo gostam.*

*Já tínhamos visto essa mulher mendigando nas ruas de Cabul, mas nunca acompanhada pelo menino. Os soldados não deveriam interagir com as mulheres afegãs. Era perigoso demais, não apenas para as tropas, porque homens com tesão são algumas das criaturas mais previsíveis e estúpidas do planeta. Eles saem à caça de boceta e sempre encontram confusão. Fazia sentido imaginar que ela era uma prostituta. Embora não fossem muito comuns, havia bordéis em Cabul — não que eu fosse me arriscar a ser encontrado morto dentro de um. Mas alguns daqueles homens não tinham medo, idiotas que eram, pensando só com o pau, em vez da cabeça. Eu me virava bem com um pouco de pornografia e uma ou outra noite com uma colega alistada, quando era possível arrumar um lugar. As*

*mulheres do exército costumavam prestar atenção em mim e eu recebia vários convites. Ser discreto era fundamental para ter sexo na base. Minoria num universo enorme de homens, as militares tinham razão em tomar cuidado.*

*A mulher se chamava Leyya e teve uma morte desumana. Considerada culpada pelo talibã, foi executada na principal praça pública da cidade. O crime foi trabalhar para alimentar o filho. Foi o menino chorando que chamou nossa atenção para aquela situação. Sentado no meio da rua, cercado pela poça do sangue da mãe, ele não devia ter mais de três anos. Mais tarde, me perguntei se alguém dali eventualmente o pegaria no colo, ou se o deixariam para morrer ao lado do corpo da mãe. No final, não faria diferença.*

*Me enlouquecia vê-lo ali, enquanto era afastada a possibilidade de um atentado suicida. Isso levou horas. Finalmente, fui escolhido para tirá-lo de perto do cadáver. Me aproximei rapidamente e coloquei-o no meu colo. Ele não queria se afastar; segurou a burca e puxou-a, descobrindo o rosto da mãe à medida que nos afastávamos. A garganta dela tinha sido cortada de orelha a orelha e a mulher estava praticamente decapitada. Desejei fortemente que o menino fosse pequeno o suficiente para nunca lembrar da mãe daquela maneira.*

*Logo em seguida, tive uma sensação terrível. Enquanto corríamos dali, um arrepio percorreu todo o meu corpo. De repente, ele parou de chorar. Um zunido passou ao lado do meu ouvido e depois veio o sangue. Tanto sangue para um corpinho tão miúdo. Um instante depois, o caos tomou conta...*

— Meu amor, você está sonhando — disse uma voz gentil no meu ouvido.

Me virei na direção da voz, me esforçando para encontrá-la. Era um som que me acalmava, como nada jamais havia feito. Eu desejava aquela voz.

— Ethan, meu amor, você estava sonhando. — Ela falou de novo.

Abri os olhos e tomei fôlego quando a vi, entendendo suas palavras.

— Estava?

— Estava resmungando um pouco e se mexendo muito. — Ela passou uma das mãos por trás da minha cabeça e me olhou bem nos olhos. — Te acordei porque não quero que você tenha outro pesadelo horrível daqueles.

— Porra, me desculpa. Te acordei? — Ainda me sentia desorientado, mas me recuperei rapidamente.

— Tudo bem. Eu que quis te acordar antes que ficasse... pior. — Ela parecia triste, mas tudo o que eu conseguia pensar era que ela ia querer conversar sobre esse sonho, como ela fez da outra vez.

— Desculpa — repeti, envergonhado por incomodá-la com essa merda.

— Você não tem que se desculpar por ter um pesadelo, Ethan — disse Brynne, com firmeza. — Mas eu realmente gostaria se você pudesse me contar sobre o que era.

— Ah, meu amor. — Puxei-a para perto de mim e fiz um carinho na cabeça e no cabelo dela. Pressionei meus lábios na testa dela e respirei fundo. Respirar aquele perfume já me ajudava tanto, assim como sentir os seios dela encostados no meu peito, que batia acelerado. Ela era real, estava comigo, aqui e agora. Segura ao meu lado.

Eu estava excitado. Duro e quente, em contraste com a pele suave dela.

— Sinto muito ter te acordado. — Falei entre os dentes, tocando os lábios dela com os meus. Em seguida, forcei a entrada da minha língua e explorei profundamente sua boca, determinado a ter muito mais.

Nada poderia me ajudar naquele momento, a não ser a Brynne. Ela era a única cura para mim.

Eu realmente sentia muito, mas não era a primeira vez que fazia isso. Acordar no meio da noite exasperado, precisando de sexo para baixar a ansiedade dos meus sonhos.

— Tudo bem — disse ela, os lábios encostados no meu.

A resposta de Brynne me encorajou. Quase tudo o que ela fazia me dava tesão. Eu gostava de dominar, mas também me excitava quando a Brynne deixava claro que estava a fim, que me desejava do mesmo jeito que eu a desejava. Instintivamente, sabia que ela



me queria. Essa era apenas outra forma de comunicação que existia entre nós. Quisera todos os outros aspectos do nosso relacionamento fossem tão simples. A parte do sexo a gente resolveu logo, desde o começo. É, as nossas fudas sempre foram quentes e gostosas.

Subi em Brynne e usei os joelhos para afastar as pernas dela, deixando-a bem aberta. Joguei a coberta para longe e passei os olhos pelo corpo lindo, cheio de desejo, aonde eu ia me enterrar em poucos instantes. *Obrigado, meu senhor Jesus.*

\* \* \*

— Que bom, porque eu preciso te foder até você gozar, gritando o meu nome — Ethan disse, daquele jeito dele. — Depois, vou tirar meu pau de dentro de você e vou foder a tua boca gostosa com ele. E vou ficar olhando os teus lábios em volta dele, me chupando até eu secar.

Os olhos dele pareciam em chamas e o peito se mexia, por causa da respiração pesada.

— Vou sim, meu amor, eu vou fazer tudo isso.

Ethan e sua boca suja. Era uma loucura, mas essa baixaria toda mexia muito comigo.

Já me contraindo em antecipação ao que viria, gemi quando ele meteu em mim, bem fundo e forte, me enchendo toda por dentro. Minha mente viajou para o que ele tinha me dito mais cedo. *Vamos nos casar.* Não foi uma pergunta e sim uma instrução, como só o Ethan sabia dar — e se safar, como já tinha feito tantas vezes desde que nos conhecemos.

Ethan segurou meus pulsos com uma das mãos e me explorava com a outra, enquanto me montava furiosamente. Para dentro e para fora num ritmo intenso, quase raivoso. Sabia que não era comigo que ele estava zangado. Era o sonho que ele combatia. Ele precisava tirar aquilo da cabeça. Compreendia perfeitamente o que estava acontecendo. Não me importava. Estava nesse ritual de autodisciplina por concordância.

Ele afastou ainda mais minhas pernas e massageou meu clitóris com o pênis, tão bem que logo eu estava implorando por um orgasmo e sentindo todos os meus músculos se prepararem para a explosão que ia me levar até o céu, numa supernova de calor e brilho.

Ele beliscou meu mamilo, que me pareceu muito mais sensível do que o normal, e a dor me cegou por um instante. Gritei quando o clímax tomou conta do meu corpo. Com a língua, ele aliviou um pouco a minha dor e ordenou:

— Fala o meu nome! Eu preciso ouvir.

— Ethan, Ethan, Ethan! — recitei, com a boca encostada nos lábios dele, instantes antes dele enfiar a língua lá dentro de novo e engolir as minhas palavras.

Estremeci e apertei os músculos internos em volta dele, encaixada ali e completamente entregue. Nunca antes havia me sentido tão satisfeita quanto naquele momento. Ele tomava para si a responsabilidade de me dar prazer e nunca me decepcionava.

Mas Ethan ainda não tinha acabado. Lembrei-me do que ele tinha dito antes.

Ethan soltou um gemido animal e saiu de dentro de mim. Protestei um pouco, mas gostei quando ele se reposicionou na cama e meteu a cabeça quente do pau dentro da minha boca. Dava para sentir o meu próprio gosto misturado com o dele e isso era muito erótico, explosivo. Agarrei o quadril dele e o chupei mais profundamente, até encostar na minha garganta. Apenas alguns movimentos dos meus lábios e logo senti o jorro de sêmen escorrer lá dentro. Os sons que ele fazia eram carnis e estranhamente vulneráveis para um momento de tanta dominação. Sempre me sentia poderosa quando o Ethan gozava. *Fui eu que fiz acontecer.*

Ethan me encarou, observando tudo como ele gostava de fazer, nossos olhos nos conectando muito além do ato físico.

— Meu Deus! — Suspirou, enquanto saía da minha boca.

Escorregou o corpo para mais perto de mim e me penetrou novamente, dessa vez com gentileza, me preenchendo toda por dentro, em um encaixe perfeito dos nossos corpos, até que sua

ereção desvanecesse. Dava para sentir as batidas do coração dele se misturarem com as minhas.

Abracei-o e deixei que ele aproveitasse o momento. Por um bom tempo, ele me beijou e me tocou, demonstrando a necessidade de estar dentro de mim um pouquinho mais, dizendo que me amava e fazendo com que eu me sentisse desejada. Compreendia tanto sobre esse homem e sobre o que fazia bem a ele. Tanto... Exceto pela única coisa que realmente queria saber — e da qual não sabia nada.

O lugar escuro do Ethan continuava tão misterioso quanto sempre foi.

— Adorei você ter me trazido aqui. — Senti que estava apagando de novo. Só que estava determinada em conversar com ele sobre os pesadelos, assim que acordasse, mesmo sabendo que ele não ia gostar. Dane-se, eu ia falar de qualquer jeito. Me perguntei se ele pressentia o que eu ia fazer. O Ethan tinha a incrível habilidade de prever minhas ações. — E eu te amo.

Ele me encaixou nos seus braços e acariciou meu cabelo. Respirei o cheiro de especiarias que ele tinha, misturado com sexo e colônia, e me entreguei ao sono, sabendo que estava nos braços do único homem que tinha conseguido me fazer ficar ali.

Quando o dia começou a clarear, me desvencilhei com cuidado daquele corpo enroscado ao meu. Ethan apenas suspirou no travesseiro e se enrolou ainda mais nas cobertas. Ele devia estar cansado de todo aquele estresse na exposição e das três horas dirigindo até o litoral. Não podia me esquecer do tempo que passamos transando, depois que chegamos. Nem do pesadelo. Nem do sexo de depois. O olhar dele e toda aquela necessidade silenciosa de dominação eram, para mim, uma reprise do pesadelo da outra noite. Eu sabia, só sabia. O resultado não tinha sido tão intenso dessa vez, mas já tinha percebido que o Ethan estava se esforçando arduamente para controlar suas reações e não perder o controle. Coitado do meu amor. Nunca diria isso a ele, mas me doeu demais vê-lo sofrer, ainda mais por não poder fazer nada para ajudar, já que não me conta nada. Nossa, como os homens são difíceis!

Irritada com isso, me esfreguei com o sabonete no banho e me apressei para acabar logo. Queria me vestir bem rápido e sair do

quarto sem acordar o Ethan do sono que ele tanto merecia.

Enfiei o celular no bolso de trás do jeans e saí do quarto na ponta dos pés, fechando a porta com cuidado. Parei e admirei o corredor da ala onde ficava nosso quarto, num dos cantos da casa. Esse lugar era digno de um Sr. Darcy ou de qualquer outro personagem de Jane Austen. Mal podia esperar a hora de fazer um tour, admirada com o fato de que uma casa assim pertencia à irmã do Ethan e ao marido dela...

Desci as escadas até a metade e parei, num susto. Na parede havia uma pintura absolutamente incrível. O mais inacreditável é que era de um artista que eu conhecia muito bem. Um retrato pintado por ninguém menos do que Sir Tristan Mallerton pendurado na parede de uma residência particular. *Uau, essa família é tão fora da minha realidade.*

Peguei o celular e liguei para a Gaby.

— Você não vai acreditar o que eu estou vendo agora. — Provoquei, depois de ouvir um “alô” embargado que, embora só pudesse ser da minha amiga, não soava nem um pouco como ela.

— Oi? O que pode ser, meu Deus? Tá um pouco cedo, né?

— Ai, desculpa, Gab, mas não resisti. Você ia babar se pudesse ver isso! Um Mallerton do meio do século, a menos de meio metro de mim. Eu podia passar a mão na tela, se quisesse.

— É bom você não fazer isso, Bree. Me conta — exigiu, soando um pouco mais como ela mesma.

— Bom, deve ter uns dois metros por um e meio e é lindo de morrer. É um retrato de família; uma mulher loura, o marido dela e dois filhos, um menino e uma menina. Ela está com um vestido rosa e pérolas que poderiam perfeitamente estar na torre junto com as joias da coroa. Ele parece ser apaixonado por ela. Meu Deus, é lindo demais.

— Humn, não tô conseguindo identificar assim. Dá pra você pedir pra tirar uma foto pra me mandar?

— Pode deixar, assim que encontrar alguém pra pedir.

— Dá pra ver a assinatura dele?

— Claro, foi a primeira coisa que vi. Canto inferior direito, T. Mallerton, escrito com aquelas letrinhas blocadas inconfundíveis que

ele usava. É de verdade, sem a menor dúvida.

— Uau. — Foi só o que a Gaby falou, numa voz bem desconfiada.

— Tá tudo bem com você? A noite passada foi uma loucura e eu não te vi mais depois que o alarme disparou. Eu não estava me sentindo bem e o Ethan ficou estressadíssimo com outra coisa que aconteceu.

— Tipo o quê?

— Humm, não sei bem ainda. Chegou uma mensagem muito estranha no meu celular antigo, que estava com o Ethan. A pessoa mandou um texto doido e a música do, hmm, daquele vídeo que fizeram de mim.

— Que merda! Você tá falando sério?

— Infelizmente, sim. — Só em contar para ela, senti meu estômago revirar mais um pouco. Não queria lidar com isso agora. A negação já tinha funcionado para mim no passado e não seria diferente dessa vez, eu tinha certeza.

— Não me admira que o Ethan esteja estressado. Por que você não está também?

— Não sei... Prefiro acreditar que não tem ninguém atrás de mim e que isso é só um caso isolado, que tudo vai desaparecer depois da eleição. Mas o Ethan tá tomando conta disso, não se preocupa.

— É bom mesmo que alguém esteja — disse, num certo tom de reprovação.

Decidi que ainda não era hora de contar a proposta que Ethan fizera na noite anterior. Precisava de um café antes que pudesse encarar qualquer assunto daquela magnitude. Melhor esperar para contar sobre o ultimato para ir morar com ele, também. Gaby não economizava opiniões e, naquele momento, não queria ouvir a falação que viria em seguida.

— Ei — chamei. — Você não me respondeu. Está tudo bem? A noite de ontem foi uma confusão, eu sei que a gente já falou por mensagem e não aconteceu nada pior, mas mesmo assim...

Silêncio.

— Gabrielle? — Perguntei de novo, usando o nome dela inteiro, para dar mais ênfase.

— Tudo bem. — A voz dela era hesitante e eu tinha certeza de que ela me escondia alguma coisa.

— Pra onde você foi? Eu queria te apresentar ao primo do Ethan, mas obviamente não deu.

— Me distraí e quando o alarme disparou tive que ir para o meio da rua como todo mundo. Fiquei esperando um pouco do lado de fora até você me mandar aquela mensagem. Quando vi que você estava bem, peguei um táxi e vim pra casa. Só queria tomar um banho e cair na cama. Foi uma noite estranha. — Ela soava mais normal agora, mas não pude deixar de imaginar se ela não estaria me enrolando. — Benny também ligou. Ele viu a notícia e ficou preocupado com a gente. Conversei com ele um tempão.

— Ok, se você tá dizendo... — Gaby era teimosa e se não estivesse no clima de conversar, não seria via telefone que eu a convenceria. Tinha que ser pessoalmente.

— Mas eu quero, sim, conhecer o primo do Ethan que tem uma casa cheia de Mallertons. Quem sabe você não arranja isso? — Ela disse, no que parecia ser uma oferta de paz.

— Uhum, pode ser. Vou falar com o Ethan.

Assim que disse essas palavras, senti que não estava mais sozinha. Virei-me e vi o rosto solene da mais linda menininha, com os olhos azuis que me lembravam tanto de outro par que eu conhecia bem.

— Preciso desligar, Gab. A gente se fala depois. Vou ver se consigo te mandar a foto do quadro. Te amo.

Desliguei e guardei o telefone de novo no bolso. Minha acompanhante continuava me encarando, séria. Sorri para ela. Ela sorriu de volta, os cachos escuros e longos emoldurando um rosto que, eu previa, haveria de se transformar numa grande beleza. Mal podia esperar para ver o Ethan com ela.

— Eu sou a Brynne. — Estiquei a mão. — Como é o seu nome? — Perguntei, embora tivesse uma boa ideia da resposta.

— Zara. — Ela segurou a minha mão e apertou. — Eu sei quem você é. Tio Ethan te ama e bebe cerveja mexicana agora por sua

causa. Ouvi a mamãe e o papai falarem isso.

Não consegui segurar o riso.

— Eu também sei sobre você, Zara. O Ethan me contou como ele te acha esperta e que você sabe lidar direitinho com os seus irmãos.

— Ele falou?

— Uhum. — Balancei a cabeça, enquanto ela me olhava, maravilhada. — Pra onde a gente vai?

Zara não me respondeu, mas deixei que ela me puxasse de qualquer jeito, cruzando salas e corredores, até que as luzes de uma cozinha acolhedora apareceram e um cheiro delicioso de café subiu pelo meu nariz.

— Mamãe, eu trouxe ela — anunciou Zara, me puxando pela porta.

— Estou vendo, meu amor — respondeu a morena bonita que só podia ser a irmã do Ethan, Hannah.

Ela sorriu para mim enquanto falava com a filha e, por um momento, vi nela uma expressão idêntica à outra do Ethan. Havia uma semelhança, claro, mas eu achava que ela tinha puxado mais ao pai do que o Ethan. Hannah tinha o mesmo cabelo escuro e as mesmas cores, mas seus olhos não eram azuis como os do Ethan. Os dela eram cinza. E ela era mignon, enquanto o Ethan era alto e musculoso. Era interessante ver como a genética misturava os mesmos genes masculinos e femininos para criar combinações que faziam todo sentido.

— Seja bem-vinda, Brynne. É um prazer te conhecer — cumprimentou, se aproximando de mim e lançando certo olhar de reconhecimento. — Sou Hannah Greymont, mãe dessa pequenininha aí que te sequestrou, e irmã mais velha do homem que eu nunca imaginei que fosse me botar nessa situação. Acho que as surpresas com ele não acabam nunca.

Ri do que ela falou e apertei a mão dela; gostei imediatamente de seu jeito honesto.

— Posso dizer o mesmo, Hannah. Estava esperando essa viagem há muito tempo. O Ethan fala com tanto carinho de você. Já conheci seu pai. Ele é um galanteador, tenho certeza de que sabe bem disso.

— Realmente, esse é o meu pai. — Ela me entregou uma xícara de café e apontou para a mesa, onde havia açúcar e leite. Piscando para a Zara, completou: — Ethan me falou um pouco do que você gosta.

— Obrigada. — Inalei aquele cheiro delicioso e também dei uma piscadinha para a Zara. — Sua filha aqui me contou que o Ethan agora bebe cerveja mexicana e que a culpa é toda minha.

Ela abriu a boca e fez uma cara de horror para Zara, de brincadeira.

— Mentira! Ela não fez isso!

Zara riu.

— Meu irmão está quase irreconhecível, Brynne. Como você conseguiu fazer isso? Aliás, onde ele está?

Comecei a trabalhar no meu café, botando leite e açúcar.

— Bom, honestamente o que eu posso dizer é que não faço a menor ideia. O Ethan é bem seguro de tudo o que quer fazer, a maior parte do tempo. A não ser agora. — Eu ri. — Ele está apagado, eu deixei ele dormir mais um pouco. A viagem foi longa e a noite em Londres acabou de um jeito estranho.

Olhei para a Zara, que absorvia cada palavra da nossa conversa, e me dei conta de quanto menos, melhor. Os ouvidos miúdos podem ser muito grandes e a verdade é que eu não conheço realmente ninguém aqui, apesar de todos estarem sendo muito gentis comigo até agora.

— É, eu soube quando o Ethan ligou. — Ela encolheu os ombros e balançou a cabeça. — Só pode ser gente louca, com certeza. Agora, quanto à cabeça-dura do E., não é novidade pra mim. Ele sempre foi assim. Mandão, teimoso... muito irritante quando era garoto.

Sorri e me encostei do outro lado do balcão no qual ela parecia estar fazendo pão. Então, Hannah cozinhava.

— Essa casa é incrível. Agora mesmo eu estava no telefone com a amiga que mora comigo, falando do Mallerton que está pendurado na escada.

— Então você conheceu o Sir Jeremy Greymont e sua Georgina. Eram ancestrais do Freddy. E você está certa, o artista é mesmo o



Mallerton.

Concordei com ela com a cabeça e dei um gole no café.

— Eu estudo Restauração de Arte na Universidade de Londres.

— Eu sei. Ethan nos contou tudo sobre você — fez uma pausa, antes de completar: — O que nos surpreendeu muito.

Inclinei a cabeça em dúvida e não resisti:

— Surpreendeu a vocês ele ter falado de mim?

Ela balançou a cabeça devagar, com um sorriso leve.

— Ah, sim. Meu irmão nunca falou de nenhuma garota, nem nunca trouxe nenhuma aqui em casa para um fim de semana. Isso tudo — ela fez um gesto com as mãos — é muito diferente pro Ethan.

— É, isso é bem diferente pra mim também. Desde que nos conhecemos, foi muito difícil resistir a ele, recusar os convites. — Dei mais um gole. — Impossível, na verdade.

Hannah sorriu para mim.

— Bom, fico feliz por ele, e feliz por finalmente te conhecer, Brynne. Eu imagino que ainda venha mais coisa de vocês dois por aí?

Soou como uma pergunta e eu tinha que dar crédito a ela por ser tão intuitiva, mas não ia, de jeito nenhum, dividir com ela a proposta louca de casamento que Ethan tinha jogado no ar na noite passada. Nem pensar. Ainda precisávamos discutir muito essa ideia. Em lugar disso, dei de ombros.

— Ethan está muito confiante no que quer. Ele nunca tem nenhum problema em me dizer. Acho que tenho mais dificuldade em ouvir as coisas do que ele em dizer. Teu irmão sabe ser sutil como um elefante.

Ela riu da minha definição.

— Sei bem disso. Sutileza não existe no dicionário dele.

— Isso mesmo. — Meus olhos se depararam com uma foto na prateleira do armário. Mãe e duas crianças, uma menina e um menino. Será que... Aproximei-me e observei por um longo tempo a fotografia, que tinha certeza de ser Ethan e Hannah com a mãe deles, ainda jovem e muito bonita, sentados numa pedra, parecendo

quase posar para a câmera, mas que possivelmente foi só um lance de momento. — São vocês dois e a sua mãe?

— É, sim — respondeu Hannah, com doçura. — Foi tirada um pouco antes de ela partir.

O momento foi estranho para mim. Eu estava tão curiosa com aquela imagem do Ethan aos quatro anos e da mulher que lhe deu a vida, mas, ao mesmo tempo, não queria ser rude e trazer à tona lembranças tristes. Mesmo assim, minha curiosidade me impediu de parar de olhar. A sra. Blackstone tinha uma beleza inacreditável, aristocrática, elegante, mas com um sorriso simpático. O cabelo dela estava preso e ela usava um casaco comprido de lã cor de vinho e botas de cano alto, pretas. Era um estilo e tanto para a época. Não conseguia parar de olhar. Na fotografia, Ethan aparecia encostado no corpo dela, aninhado em seus braços, com a mãozinha no colo dela. Hannah estava sentada do outro lado, com a cabeça inclinada na direção do ombro da mãe. Era um momento doce e amoroso que tinha sido capturado pela câmera e guardado no tempo. Havia tantas perguntas que eu queria fazer, mas não me atrevi. Fazer isso seria muito impertinente e mal-educado.

— Ela parecia adorável. Dá para notar alguma semelhança com vocês dois. — Hannah realmente se parecia com a mulher na foto, mas era para o Ethan bebê que eu queria olhar por muito, muito tempo. O rosto inocente dele e o corpinho de calças curtas e suéter branco me davam vontade de abraçar.

— Obrigada, eu adoro quando as pessoas me dizem isso. Nunca me canso de ouvir.

— Vocês dois se parecem com ela. — Falei, ainda olhando para a fotografia, desejando pegá-la com as minhas mãos, mas ainda muito insegura para pedir isso.

— Nosso pai deu uma cópia dessa foto para cada um de nós. — Hannah me lançou um olhar curioso. — Você nunca tinha visto?

Balancei a cabeça.

— Não, não está à mostra no apartamento dele. E também nunca vi no escritório, quando estive lá.

Senti uma pontada no estômago quando mencionei o escritório dele; da última vez em que estive lá, a coisa não terminou bem.

Fiquei zangada e o deixei, sem querer ouvir nada do que ele tinha para me dizer. Incluindo “eu te amo”. Lembrava do olhar torturado no rosto dele, do lado de fora do elevador, enquanto as portas se fechavam entre a gente. Memórias dolorosas e desagradáveis. Desde que voltamos, Ethan não me convidou para ir lá, nem eu me ofereci. Era estranho. Como se nós dois juntos no escritório fosse uma coisa muito difícil para digerir naquele momento. Bom, talvez com o tempo a gente volte a ter uma área de conforto dentro da sede da Blackstone Security International Ltda.

— Hum, interessante. Me pergunto onde pode estar. — Hannah voltou para o pão que preparava e levantou um pano de cima de uma tigela. Começou a trabalhar a massa e falou, suavemente: — Depois que ela morreu, Ethan ficou sem falar por quase um ano. Ele simplesmente parou de falar. Acho que ele ficou em choque quando ela não voltou para casa e precisou de um tempo para absorver, mesmo para uma cabecinha de quatro anos.

Caramba. Coitado do Ethan. Doía ouvir essa história. A tristeza nas palavras da Hannah era bem intensa e lutei para não dar nenhuma resposta que soasse ignorante. Se ao menos eu soubesse como a mãe deles tinha morrido.

— Não consigo nem imaginar como deve ter sido difícil para todos. Ethan fala com tanto carinho do seu pai, também. Sobre como vocês ficaram mais próximos e aguentaram firme depois que a mãe de vocês faleceu.

Hannah concordou com a cabeça, enquanto continuava a trabalhar no pão. Ela deu um soco na bola de massa e cobriu novamente a tigela com o pano, para esperar crescer.

— Ficamos mesmo, verdade. No fundo, acho que foi bom ter sido tudo tão repentino. Não teve uma doença longa ou uma longa lamentação sobre o que não se poderia mudar. Eventualmente o Ethan se ajustou e começou a falar de novo. Nossa avó foi maravilhosa. — Ele deu um sorriso triste para Zara. — Já faz seis anos que ela se foi.

Não sabia o que dizer, então preferi ficar quieta e beber meu café, torcendo para que ela me contasse um pouco mais da história da família.

— Acidente de carro. Tarde da noite. Minha mãe e minha tia Rebecca estavam voltando para casa, depois do enterro do avô delas. — Hannah se virou para a Zara, que tinha descido da cadeira e estava saindo da cozinha. — Não acorda o tio Ethan, meu amor. Ele tá muito cansado.

— Tá bom. — Zara respondeu à mãe, mas olhou para mim e me deu um adeusinho com a mão.

Acenei de volta e pisquei o olho para ela, com o coração amolecido.

— Ela é uma menina adorável, a sua filha. Tão independente. Adoro isso.

— Obrigada. Ela é curiosíssima e dá um trabalhão, às vezes. Agora, por exemplo, sei que ela tá tentando acordar o tio pra ganhar doces.

Ri ao imaginar a cena; queria poder assistir.

— Você tem dois outros filhos, dois meninos, foi o que soube. Não sei como você dá conta.

Ela sorriu, como se a menção dos filhos lhe desse uma sensação boa por dentro. Dava para notar que a Hannah era uma mãe excelente e eu a admirava por isso.

— Tive sorte com o meu marido. Também gosto muito de receber hóspedes, porque temos a chance de conhecer tanta gente interessante. Alguns que a gente nunca mais gostaria de rever, mas, na média, é bom — explicou, brincando. — Há dias em que não sei como daria conta de tudo sem o Freddy. Ele levou os meninos para um café da manhã beneficente em prol dos escoteiros. Daqui a pouco devem estar por aí e você vai conhecer o resto do clã.

— Não tem outros hóspedes?

— Esse fim de semana, não. Só você e meu irmão. Aliás, o que você quer comer no café?

Cheguei mais perto e a olhei enquanto ela fazia pão.

— Por enquanto, estou bem só com o café. Vou esperar o Ethan. Enquanto isso, posso te ajudar com o pão? Amo cozinhar. Ia ser uma boa terapia pra mim, depois da maluquice de ontem à noite.

Ela sorriu e afastou com o punho um cacho de cabelo que caía sobre a testa.

— Tá contratada, Brynne. Tem avental ali atrás da porta da despensa. Quero saber tudo o que houve ontem.

— Isso foi fácil — respondi, enquanto pegava o avental.

— Não sou boba. Ao longo dos anos, aprendi que ajuda é uma coisa boa. — Ela me encarou com os olhos cinza. — Você nunca vai precisar me pedir duas vezes.

# Capítulo 3

**N**ão sei o que me fez abrir os olhos. Provavelmente, a respiração com cheiro de geleia no meu rosto, mas, de qualquer forma, entendo agora por que os filmes de terror com crianças são, sem dúvida, os mais assustadores de todos. Não há nada que se compare a uma criança em silêncio te encarando enquanto você dorme, ou pior, você acordar e dar de cara com ela.

Algumas perguntas me vêm à cabeça bem rapidamente. Tipo, por quanto tempo você está aí me encarando como uma das gêmeas bizarras do "O iluminado"?

Me caguei de medo por cerca de dois segundos.

Daí ela sorriu.

— Tio Ethan acordou! — Ela gritou com toda a força dos pulmões, saindo pela porta e deixando tudo escancarado no caminho.

— Zara, fecha a porta, por favor. — Sentei com cuidado, consciente de que estava completamente nu e tomando cuidado para manter os lençóis no lugar. Eu também estava sozinho na cama, então me inclinei para tentar enxergar o banheiro e a Brynne.

Nada de Brynne.

— Ela tá lá embaixo falando com a mamãe. Elas tão tomando café. — Zara colocou a cabeça de volta.

— É mesmo? — Respondi, me perguntando por que diabos eu tinha dormido tão pesado e por quanto tempo teria a minha sobrinha ficado me olhando. Fator de medo, de zero a dez? Doze.

Zara negou, num movimento solene.

— Ela já desceu há anos!

— E o que você achou dela?

Ela ignorou minha pergunta e inclinou a cabeça.

— Você se casou, tio Ethan?

Tenho certeza de que meus olhos se arregalaram, porque a Zara me deu um daqueles olhares enquanto esperava pela minha resposta.

— Humn, não, Brynne é minha namorada.

— Mamãe e papai são casados.

— São, eles são, sim. Eu fui ao casamento. — Sorri e desejei poder sair da cama e me vestir, mas ela tinha me posto numa bela armadilha ali.

— Por que você dorme pelado?

— O quê? Zara, eu preciso me vestir.

— O papai não dorme pelado que nem você. A Brynne é legal. Você me leva pra tomar sorvete com o Rags? Ele ama sorvete e eu deixo ele lamber; a mamãe fala que é porcaria, mas eu deixo de qualquer jeito. A mamãe disse pra não vir aqui, mas cansei de esperar você acordar. Você é a única pessoa que tá dormindo na casa.

Inacreditável. Uma menina de cinco anos me fez prisioneiro na cama, onde eu não podia fazer nada a não ser escutar, hipnotizado pela sucessão de observações, opiniões e exigências, rezando para dar um jeito de fugir. Ela me lançou um olhar decepcionado quando falou essa parte final. Como se a mensagem fosse “o que diabos há de errado com você, tio Ethan?”. Verdade, tinha que concordar com ela, dentro da lógica de uma cabecinha de cinco anos. Muitas coisas estavam erradas comigo.

— Tá bom, senhorita Zara. Vou te dizer uma coisa. Vou ver o que podemos fazer sobre esse sorvete com o Rags, mas só se você

sair pra eu conseguir me vestir. — Levantei a sobancelha para ela. — Combinado?

— E a mamãe? — Lançou essa para mim, sem mudar a expressão. Sem sombra de dúvidas, no futuro ela poderia jogar pôquer com os grandalhões. Minha sobrinha era maravilhosa.

— O que a mamãe não fica sabendo sobre os sorvetes não dá problema pra gente, é o que eu sempre digo. — Me perguntei quanto tempo levaria até que a declaração voltasse para me assombrar. Provavelmente, o mesmo tempo que levasse para ela chegar lá embaixo, mas se me ajudasse a ficar uns instantes sozinho agora...

— Combinado. — Me deu uma boa estudada antes de sair e fechar a porta, os olhos azuis me transmitindo uma mensagem. *É bom que você desça logo, ou eu vou voltar aqui.*

— Já vou lá pra baixo — insisti com uma piscadela.

Esperei pelo menos por um minuto depois que ela saiu. Usei um travesseiro para cobrir a parte da frente e corri até o banheiro, trancando a porta antes de entrar no chuveiro. A última coisa que eu precisava era ser pego no flagra por uma criança, com tudo de fora balançando. Então quer dizer que a Brynne estava lá embaixo conversando com a Hannah. Imaginei o que elas estariam falando de mim e me apressei para acabar.

O banho era bom. A água quente ajudou a clarear os pensamentos. *Porra, o sonho de ontem à noite.* O fato de eu ter tido mais um pesadelo com Brynne por perto para testemunhar me deixava puto. Por mais que estivesse aliviado por não ter sido tão ruim quanto da outra vez, eu ainda odiava lembrar dessas merdas que eu não queria lidar agora. Ela ia querer conversar de novo... *Não estou pronto.*

Esbarrei a mão no meu pau na hora de me lavar e lembrei do que tinha feito com ela depois daquele pesadelo. Em relação ao sexo, ela topava tudo o que eu queria, sem protestar, sem reclamar, sendo generosa com seu corpo e me tranquilizando. *Ela faz isso porque te ama.* Não podia deixar de me perguntar se a reação dela não teria algo a ver com o passado — as coisas que ela me contou sobre o que sofreu e como ela se sentia em relação a si mesma



quando era mais nova. Brynne parecia tão confiante durante a maior parte do tempo que era difícil imaginá-la sentindo-se vulnerável e dilacerada. Minha posição era simples, de verdade. Não me incomodava com o passado dela. Nada nele mudava meus sentimentos. Brynne era a pessoa certa — a pessoa certa para mim. Convencê-la disso também era só uma questão de tempo. *Eu vou conseguir... Porque eu a amo.* Puxei uma toalha para me enxugar e saí do chuveiro.

Sorri para o espelho enquanto aparava a barba. A cara que ela fez quando eu disse que a gente devia se casar. Não tem preço. Devia ter gravado um vídeo com o celular. Meu sorriso se transformou num rosto franzido de preocupação quando me lembrei do vídeo que tinham mandado para ela ontem. Também me toquei de que precisava checar as coisas com o Neil, hoje ainda. Queria detalhes do filho da puta que estava brincando com ela. Ele não ia fazer isso por muito tempo mais, jurei.

Quando pensava na noite passada, era como se sentisse dor. Tantas imagens passavam pela minha cabeça — o vestido lilás da Brynne, o pingente que eu dei para ela, a mensagem perturbadora com o vídeo, a ameaça de bomba, a procura por ela, o pânico e depois o enjoo na beira da estrada. Jesus! A história toda era uma loucura completa. A gente precisava de um pouco de paz e descanso. Estava determinado a ter isso nesse fim de semana, a qualquer custo.

Na mesma hora, me senti culpado por ter sido tão exigente na cama ontem à noite. Não teve muita paz nem muito descanso pra ela, não. Recordei o desespero para estar dentro dela de novo... Depois daquele pesadelo. *Porra!* Estava grato por não ter ficado tão perturbado quanto da outra vez, mas ainda me preocupava porque podia ser demais. *Eu* podia ser demais.

Pensando melhor, Brynne não me passou essa sensação nem mesmo quando eu contei do plano de anunciar nosso noivado. Ela disse que eu era louco, verdade, mas nem de longe ficou chateada comigo. Pelo contrário, ela cuidou de mim depois disso — quando acordei transtornado por mais um sonho ruim que misturava as memórias do Afeganistão e as preocupações com ela. *Uma merda*

*do caralho*. Ela disse que me acordou por que não queria que o pesadelo piorasse. E o que eu fiz para agradecer?

Eu comi ela de novo.

Fodi com força; e ainda assim ela me aceitou e o que eu fiz com ela. Ela disse que tudo bem. *É, ela me ama*.

Tinha consciência de como o toque da Brynne me acalmava como nenhum outro. Ela era a única tábua de salvação à qual eu queria me agarrar, em todas as vezes que estava nesse estado.

Só de lembrar como a noite anterior tinha terminado, meu sangue começou a ferver e minha imaginação a decolar. Fui catar as roupas para me vestir e me dei conta de que, recentemente, vinha pensando muito em sexo. Uma distração era uma boa ideia. Por enquanto. Mas não aposto que quando estivermos a sós de novo vou conseguir manter as mãos longe dela. Muito difícil. Era só mais um indício de como a gente funcionava bem juntos e como eu estava me entregando de cabeça à minha garota americana. Nunca precisei de ninguém como preciso dela.

Decidi que uma boa dose de exercícios certamente me cairia bem hoje. Ter um tempo só para fazer coisas normais com a Brynne e a minha família, longe de trabalho e outros problemas, seria bom para dar uma variada. Também queria que ela passasse um fim de semana legal aqui. Quem sabe ela não se anima a dar uma corrida na beira do mar? Espero que ela esteja se sentindo melhor hoje. Enfieei uma calça de corrida, um par de tênis e peguei o celular.

Decidi falar com o Neil antes de descer. Falar com ele ia me aliviar. Discutir um caso às vezes tinha efeito catártico.

— Acordou tarde hoje, chefe! — Neil atendeu logo no primeiro toque.

— Como você sabe se eu não estou acordado há horas? — Grunhi no telefone de volta.

— Duvido. Fiquei surpreso por você não ter me ligado ontem à noite, assim que chegou.

— É, eu podia ter ligado, se não estivesse tão exausto da viagem — retruquei. — E a Brynne ainda passou mal e vomitou no acostamento.

— Que desagradável.

— Totalmente. A noite toda foi bem desagradável.

— O que ela tem?

— Não sei. Uma virose ou coisa assim? Ela passou mal no museu também.

— Você não acha que alguém pode ter batizado a comida ou a bebida dela, acha?

Refleti, mesmo que a ideia me deixasse furioso.

— A gente não pode descartar essa hipótese. O Paul Langley também precisa ser investigado. Ele estava lá na festa e tem o número antigo dela, embora já use o novo. Sabe que, pensando melhor, ele realmente deu um copo de água pra ela? — Queria poder ficar só uns minutinhos sozinho com aquele babaca. Tenho certeza de que ia descobrir um monte de coisas. Tentei me concentrar de novo na conversa com o Neil. — O negócio é o seguinte, quem mandou a mensagem estava lá. Talvez não na festa, mas estava me vendo fumar do lado de fora. E o alarme tocou um instante depois de o vídeo chegar.

— Quando a gente checou o Langley antes, ele estava limpo.

— Nem me lembra, por favor. — Se esse filho da puta estivesse envolvido, eu juro que ele era um cara morto. Precisava conversar com a Brynne sobre essa história do Langley, perspectiva que se anunciava mais desagradável que a noite de ontem. — Bom, só vê o que dá pra descobrir. Alguma sorte com a localização da chamada no celular da Brynne?

Determinado a ter um fim de semana sem me preocupar com nada disso, tinha pedido ao Neil que cuidasse do caso.

— Alguma. A chamada veio de dentro do Reino Unido. É mais provável que quem ligou pro celular dela estivesse te vendo pessoalmente do que através de uma câmera, nos EUA. Imagino que você tenha considerado essa possibilidade?

— Puta merda. — Um cigarro cairia muito bem agora. — Era uma chance remota, mas eu esperava, sim. Bom, não é o Oakley então, porque ele tá na ativa no Iraque. Se esgueirar por Londres não é exatamente possível quando ele tá lá, desviando de mísseis, a quilômetros de distância. Também não pode ser o Montrose, porque ele tá tirando um cochilo merecido debaixo da terra. Então ficamos

com o terceiro cara do vídeo. Esse filho da puta era o próximo da minha lista. A gente ainda não sabe nada sobre ele. O arquivo tá no drive Q. Tudo sobre ele tá lá. Será que você pode dar uma investigada nesse cara? Descobrir o que ele anda fazendo? Se certificar de que não tem usado o passaporte. Hum, o nome dele é Fielding. Justin Fielding, 27 anos, mora em Los Angeles, se eu bem me lembro. Quero também saber se ele foi ao enterro do Montrose. Aposto que ficou na encolha.

— Pode deixar, Ethan — interrompeu-me Neil. — Aproveita o fim de semana e vamos deixar essa merda esfriar um pouco. Vou remexer nela, mas, por enquanto, a Brynne tá segura e fora de alcance com você. Nada vai acontecer em Somerset.

— Valeu, cara. Obrigado mesmo. Ah, sim, você pode botar uma comidinha pro Simba?

— Ele não gosta de mim — Neil respondeu secamente.

— Ele também não gosta de mim, mas ele gosta de ser alimentado. E se não for, vai começar a comer os companheiros de aquário.

— Ok, pode deixar que eu dou comida pro seu peixe venenoso e intratável.

— Você não tem que fazer carinho nele, só jogar um pouco de *krill*.

— É fácil falar. Aquele bicho é metade piranha, tenho certeza.

Ri com a ideia dele.

— Obrigado, meu bravo soldado, por encarar essa batalha por mim e alimentar o meu peixe.

— Não há de quê.

— Segura as pontas aí por nós dois. Você sabe como me achar. Na segunda à noite a gente tá de volta.

Desliguei e saí do quarto, doido para encontrar Brynne. Hora de encarar minha garota e saber em que tipo de encrenca eu tinha me metido depois de todo o mau comportamento da noite de ontem. Mas não estava preocupado. *Minha linda me ama e eu sei que dou a ela o que precisa...*

Sorri para mim mesmo por causa dos meus pensamentos presunçosos, abri a porta do quarto e quase tropecei na minha

sobrinha.

Zara estava sentada no chão, encostada na parede, aparentemente me esperando. Recuperei o equilíbrio e me agachei para ficar na mesma altura que ela.

— Até que enfim você saiu — reclamou, contrariada.

— Desculpa, eu tive que dar um telefonema, mas estou pronto agora.

Ela olhou para mim cheia de expectativa.

— A gente pode ir agora tomar sorvete? Você disse que a gente ia.

— Ainda tá de manhã. Acho que sorvete a gente toma de tarde.

Ela enrugou o narizinho lindo para mim como resposta. Acho que ela não partilhava da mesma visão pragmática que eu.

Apontei para a minha bochecha:

— Ainda não recebi um beijo de boas-vindas da minha princesa favorita.

Zara se esticou, passou os bracinhos em volta do meu pescoço e me beijou na bochecha.

— Assim é melhor — disse. Em seguida, apontei para as minhas costas. — Você quer uma carona?

— Quero! — Seu rosto ficou iluminado.

— Então sobe aqui atrás. — Zara pendurou-se em meu pescoço e segurei as perninhas embaixo dos meus braços. Gemi, como se fosse muito difícil ficar de pé com aquele peso nas costas. Cambaleei e esbarrei na parede com movimentos exagerados, mas tomando cuidado com a cabecinha dela. — Nossa, você tá muito pesada! Tem tomado muito sorvete, né?

Ela deu uma risada e apertou minhas costelas com os calcanhares:

— Vai logo, tio Ethan!

— Estou tentando! — Gemi, fingindo bater nas paredes, enquanto andava trôpego. — Parece até que tô com um elefante nas costas! Você mudou de princesa pra elefante?

— Não! — Ela riu das palhaçadas e apertou as minhas costelas com mais força. — Vai mais rápido!

— Então segura firme — falei, conforme começamos a saltar pelo corredor, gritando escadaria abaixo, até chegar à copa.

Minha irmã e Brynne nos esperavam na cozinha. Tenho certeza de que as risadas e a gritaria anunciaram nossa chegada, mas foi o olhar no rosto da Brynne que me chamou a atenção. Os olhos dela se arregalaram quando nos viu, provavelmente chocada por me flagrar brincando desse jeito.

— Oi, Han — cumprimentei minha irmã com um beijo na bochecha, ainda com a Zara pendurada nas costas e me enforcando de leve.

— E.! — Ela me abraçou, o corpo miúdo batendo na altura do meu queixo, mas acolhedora como sempre foi, a vida toda. Para um garoto que tinha perdido sua mãe tão novo, eu a substituí por minha irmã mais velha em alguns aspectos. Hannah sempre foi maternal comigo e nós ajustamos nosso relacionamento da única maneira que conseguimos. Olhei para Brynne e lhe lancei uma piscadela. Zara riu e deu um pinote, como se mandasse o cavalinho seguir em frente.

— Zara, você acordou o tio Ethan? — Perguntou à filha, com uma sobrancelha levantada.

Dava para sentir Zara nas minhas costas balançando vigorosamente a cabeça para um lado e para o outro, então eu disfarcei o sorriso incriminador que ameaçava se espalhar na minha cara.

— Ele abriu os olhos sozinho, mamãe — anunciou.

— Isso deve ter sido interessante, pena que eu não vi. — Brynne riu.

— Zara! — Hannah bronqueou de leve. — Eu disse pra você deixar ele dormir.

— Tudo bem, não devo ter perdido mais do que um ou dois anos de expectativa de vida. — Fingi um arrepio. — Lembra daquelas meninas de “O Iluminado”?

Hannah riu e me deu um soco no ombro. Me virei para Brynne.

— Bom dia, amor. Parece que tem um macaquinho pendurado em mim. — Me fazia bem ser um pouco mais brincalhão.

— Ah, é uma pena, mas a gente ainda não se conhece. Será que você viu meu namorado por aí? O nome dele é Ethan

Blackstone. Um cara muito sério, que raramente sorri e com certeza não anda por aí correndo por mansões históricas dando de cara nas paredes, com um macaquinho nas costas. — Enquanto me perguntava, ela fez cócegas na orelha da Zara, que riu mais ainda.

— Não. Esse cara a gente deixou em Londres.

Ela estendeu a mão para mim, com a expressão séria:

— Eu sou Brynne, muito prazer.

Hannah veio por trás de mim e tirou a Zara das minhas costas, enquanto eu peguei a mão da Brynne e dei um beijo nela. Percebi de relance um brilho distante nos olhos dela; ela sorriu e vibrou os lábios. Esses lábios. Ela fazia coisas mágicas com eles. Meus.

Hannah me deu um tapinha no ombro.

— Você se parece com o meu irmão e a voz soa igualzinha à dele, mas você com certeza não é ele. — Ela estendeu a mão. — Hannah Greymont. Quem é você?

Eu ri e revirei os olhos.

— Você precisa se divertir, E. Sair mais, conhecer pessoas. Relaxar e aproveitar a vida um pouco. — Falei, debochando das palavras que tantas vezes ela tinha dito para mim.

— Não me leve a mal, eu gosto de te ver andando de quatro por aí, rindo à toa. — Hannah levantou uma das mãos e fez um gesto para mim. — Eu só preciso de um minuto para absorver tudo isso.

— Você vai se acostumar — respondi, passando um braço em volta da Brynne e dando um beijo na testa dela, respirando o perfume de flores do xampu dela. Ela sempre cheirava tão bem. — Como você está se sentindo hoje, minha linda?

— Ótima! — Balançou a cabeça. — Não sei o que houve ontem, mas me sinto perfeitamente bem hoje. — Deu um gole na caneca. — Hannah faz um café incrível.

— Ela faz mesmo. — Disse isso e fui me servir também. — Você comeu?

— Não, estava te esperando. — Os olhos dela pareciam mais castanhos do que nunca. E o olhar neles me dizia que ela tinha assuntos para conversar. Por mim, tudo bem. A gente tinha mesmo muito para falar. Eu ainda teria muito trabalho para convencê-la.

*Vamos lá.*

— Não precisava, mas eu tive uma ideia, se você topar. — Falei, voltando para perto dela com a minha xícara, que exalava um aroma maravilhoso.

— E qual é a ideia, homem-estranho-que-se-parece-com-meu-namorado? — Ela me provocou de um jeito que eu tive vontade de levá-la pendurada no ombro até o quarto.

— Vocês estão muito engraçadinhas hoje. — Falei, lançando um olhar para cada uma, inclusive para a pequena de cinco anos. — Cadê todos os homens? Eu sou minoria esmagadora aqui.

— Encontro de escoteiros. Devem chegar depois do almoço — respondeu Hannah.

— Ah, entendi — falei, e me virei para a Brynne: — Topa dar uma corrida na beira do mar? É muito bonito e tem um café onde a gente pode comer qualquer coisa.

O rosto dela se transformou em algo indescritível, uma mistura de beleza e felicidade.

— Parece perfeito. Vou trocar de roupa rapidinho. — Saiu para o quarto, sorrindo. Eu adorava quando ela ficava feliz, especialmente quando tinha feito alguma coisa para isso.

— Quero ir também! — Zara reclamou.

— Ah, princesa, a gente vai longe demais para você vir junto. — Abaixei para falar na mesma altura dela.

— Mas você prometeu que ia me levar com o Rags pra... — Zara não parecia nada contente com o tio Ethan. Não mesmo. E eu não me sentia nada bem com isso. Menininhas infelizes eram assustadoras. Meninas grandes também, aliás.

— Eu sei — interrompi-a e olhei para a Hannah, que cruzou os braços e revirou os olhos para mim. Eu cochichei para a Zara: — A gente vai à tarde, lembra? Eu te disse que sorvete a gente toma de tarde, princesa. A mamãe tá de olho na gente. Melhor você ir brincar com as suas bonecas ou coisa assim, pra ela não desconfiar da gente.

— Tá bem — cochichou de volta, mas alto o suficiente para todo mundo ouvir. — Não vou contar que você vai me levar com o Rags pra tomar sorvete de tarde.

Eu ri discretamente e dei um beijo na testa dela.



— Boa garota. — Me senti orgulhoso por ter lidado tão bem com esse probleminha. Zara me deu um tchauzinho, enquanto se afastava para brincar. Pisquei para ela, me apoiei de volta nos meus calcanhares, olhei para cima e encarei o olhar debochado da minha irmã.

— Você está praticamente irreconhecível, Ethan. É grave, né?

Fiquei de pé e peguei de volta a caneca. Dei um gole antes de responder o comentário dela.

— É só sorvete, Han.

— Não estou falando de dar doce escondido para a Zara. Você sabe disso.

Olhei bem nos olhos dela e disse:

— É, é grave.

Hannah sorriu docemente para mim.

— Fico feliz por você, E. Que diabos, eu estou feliz de te ver assim. Feliz... Você tá feliz com ela.

Os olhos acinzentados da Hannah ficaram cheios de água.

— O que foi? — Puxei-a para perto num abraço.

— Lágrimas de felicidade. Você merece, E. Queria que a mamãe estivesse aqui pra te ver assim — divagou Hannah, engasgada de emoção.

Olhei para a fotografia de nós três na prateleira; mamãe, Hannah e eu, sentados no muro de pedra da casa dos meus avós.

— Ela tá bem aqui — falei.

# Capítulo 4

**E**than me guiou por uma trilha até o alto de um penhasco de onde era possível ver o mar da Baía de Bristol. A água ali era azul cintilante e o vento a quebrava em milhares de ondas reluzentes. Corremos ali por um bom tempo, até que trilha começou a se afastar da praia. O sol brilhava e o ar estava fresco. Qualquer um imaginaria que todo esse exercício fosse esvaziar minha mente, organizando meus pensamentos de alguma maneira, mas nada disso. Minha cabeça continuava girando. *Anúncio de noivado? Morar junto? Casamento?* Eu precisava marcar uma consulta com a dra. Roswell assim que voltássemos a Londres.

Observei Ethan à minha frente, o jeito que ele se mexia, sua agilidade natural e discrição, seu físico de músculos firmes que impulsionavam o corpo adiante, e gostei da visão. *Meu homem, minha visão.* É, tanto o cenário quanto o meu homem eram ótimos.

Eu estava adorando o lugar e o fato dele ter me trazido para cá, apesar do rumo que a nossa conversa de ontem à noite acabou tomando. Hoje Ethan acordou feliz e afetuoso, como se não tivéssemos discutido um assunto tão importante na véspera. Eu ficava enfurecida com essa capacidade que ele tinha de jogar uma

bomba desse tamanho, um pedido de casamento, como se não fosse mais complicado do que tirar uma carteira de motorista!

De qualquer forma, eu gostava quando ele corria comigo. A gente fazia isso na cidade, sempre que eu dormia na casa dele e não estava chovendo pela manhã. Ethan mantinha um ritmo competitivo e eu torcia para que ele não estivesse facilitando para o meu lado.

Depois de serpentear ao longo da costa, a trilha começou a descer para a praia, até que saímos numa península rochosa. Ethan se virou para mim e me deu um daqueles sorrisos dignos de capa de revista, que nunca deixaram de me afetar. Ele exibia um sorriso maravilhoso, que me derretia por dentro. Era sinal de que ele estava feliz.

— Tá com fome? — Perguntou quando me aproximei.

— Estou. Aonde a gente vai?

Ele apontou para uma construção pequena, em forma de gazebo, incrustada nas rochas:

— Sea Bird. Eles fazem um café da manhã ótimo.

— Pra mim, parece uma boa ideia. — Ele pegou minha mão, levou-a até os lábios e beijou o dorso dela.

Sorri para ele e estudei seu rosto bonito. Ethan era agradável aos olhos, mas achava engraçado ver como ele não se importava com isso. Queria saber mais sobre aquela tal Priscilla, da noite anterior. Sabia que ele tinha ficado com ela em algum lugar do passado; ele disse só que “saíram juntos uma vez”. Não precisava ser gênio para entender que ele tinha aproveitado uma oferta de sexo fácil. Ela estava se jogando em cima dele no bar. Não gostei nada do jeito dela. Muito predadora. Aliás, Paul também pareceu interessado. Vi os dois juntos na calçada, depois que o museu foi evacuado.

— No que você tá pensando, minha linda? — Ethan deu uma batidinha na ponta do meu nariz e me deu um beijo na testa. — Dá pra ver suas engrenagens funcionando daqui.

— Num monte de coisas.

— Quer falar sobre elas?

— Acho que devemos. — Concordei com a cabeça. — A gente não tem outra opção, Ethan.

— É — respondeu, e seus olhos perderam aquele brilho de felicidade que tinham um instante antes.

A garçonete ruiva deu uma boa olhada nele enquanto nos levou até uma mesa perto da janela. Eu já estava me acostumando com isso quando saía com ele. As mulheres não eram boas em esconder o apreço por ele, e eu sempre ficava imaginando como elas agiriam ou o que diriam para ele se eu não estivesse ali. *Ah! Aqui, fica com o meu telefone, caso você queira ir até a minha casa pra uma rapidinha. Vou fazer tudo o que você quiser.* Argh!

Ethan esperou que a garçonete se afastasse e foi direto ao assunto.

— Então, continuando nossa conversa de ontem à noite. Você já tá aceitando um pouco mais a ideia?

Bebi um gole de água.

— Acho que ainda estou em choque por você querer... — Hesitei.

— Você não precisa ter medo de dizer, Brynne — retrucou, não parecendo mais estar tão contente.

— Ok. Não acredito que você quer mesmo “se casar” comigo. — Desenhei as aspas no ar e reparei que ele cerrou a mandíbula.

— Por que você está tão surpresa?

— Porque é cedo demais, a gente mal começou a namorar, Ethan. Não dá pra continuarmos do jeito que está?

A expressão dele se agravou.

— A gente vai continuar do jeito que está. Não sei pra onde você acha que estamos indo, mas eu posso te assegurar que é algum lugar em que estaremos juntos.

Ele apertou os olhos e me olhou mais fixamente.

— Ou tudo ou nada, Brynne, você se esqueceu tão rápido? Ontem à noite você disse que queria o mesmo que eu. — Dava para perceber que ele estava decepcionado comigo.

— Não esqueci. — Respondi baixinho e desviei o olhar para o cardápio na minha frente.

— Que bom. — Pegou também um menu e não disse mais nada por um ou dois minutos.

A garçonete voltou e anotou nossos pedidos. Me deu um pouco de enjoo acompanhar como ela jogava charme para o Ethan ao longo do processo.

Revirei os olhos quando ela se afastou. O Ethan manteve os dele em mim e falou:

— Quando você vai entender que eu não me importo com mulheres como essa garçonete e com o jeito dela tentar dar em cima de mim enquanto você tá aqui na frente dela? É de extremo mau gosto, eu detesto isso. Coisas assim acontecem comigo desde que virei adulto e posso te dizer com sinceridade que me incomoda muito. — Ele esticou o braço por cima da mesa e alcançou a minha mão. — Só existe uma mulher que eu quero que dê em cima de mim e você sabe quem ela é.

— Mas como você pode ter tanta certeza sobre uma coisa tão importante quanto um casamento? — Voltei direto ao assunto.

Ethan começou a esfregar o polegar no dorso da minha mão, me tocando de maneiras além da sensual.

— Já decidi o que eu quero com você, baby. Não vou mudar de ideia.

— Você sabe disso. Você sabe que nunca vai mudar de ideia sobre mim ou sobre ficar comigo. — Falei essas frases de um jeito meio debochado, mas elas eram perguntas para ele, na verdade.

Diabos, se ele estava a fim, então eu precisava entender o porquê das coisas.

— Não tenho bons exemplos para me espelhar. O casamento dos meus pais era uma piada.

— Não vou mudar de ideia, Brynne. — Ele apertou os olhos e pude ver uma certa mágoa neles. — Você é tudo que eu quero e preciso. Tenho certeza disso. Só quero tornar tudo oficial pra te proteger da melhor maneira possível. As pessoas se casam por muito menos.

Baixou o olhar para as nossas mãos e depois voltou a me encarar:

— Eu te *amo*.

Meu coração se derreteu com a explosão de sentimentos que vinha dele, e mais uma vez me senti uma vadia fria e calculista. Aqui

está ele, abrindo o coração, me dizendo o quanto eu significo e eu dificultando as coisas.

— Eu sei disso e amo você também. — Balancei a cabeça e retorci minha mão para segurar na dele, dizendo aquelas palavras com todo meu coração. — É verdade. Ninguém jamais conseguiu ouvir isso de mim antes. Só você.

— Ótimo.

Ethan parecia vulnerável e eu queria lhe dar um pouco mais de segurança, fazer com que sentisse que realmente me importava com ele. Porque era verdade, Ethan importava para mim. Muito. Fiz um carinho na mão dele com o dedo, alisando para frente e para trás.

As últimas 24 horas tinham sido tão insanas, eu mal estava conseguindo dar conta. O que Ethan sugeriu fazia com que me sentisse pressionada, mas também amada. Ele era um homem bom que queria assumir um compromisso comigo e tudo o que pedia era que eu fizesse o mesmo de volta. Por que era tão difícil para mim? Eu sabia a verdade, por mais que detestasse ter que admitir, e enterrasse a questão no fundo na minha mente. Estar com o Ethan me obrigava a confrontar meus demônios.

— A gente pode morar junto. Que tal começar assim?

— Bom, é um começo — respondeu secamente. — Já tinha dito que essa parte não era negociável.

— Eu sei. Você me diz um monte de coisas, Ethan. — Não pude controlar o sarcasmo na minha voz, mas sorri para ele, sentado ali em frente a mim, aquela beleza tão masculina, confiante e segura.

Ele sorriu de volta.

— E todas as palavras que eu digo são verdade.

A garçonete apareceu com a nossa comida, cheia de risinhos, se debruçando sobre a mesa numa demonstração nojenta, que fez meu estômago se contorcer. Literalmente. De repente, os ovos com bacon no prato em frente a mim não pareciam mais tão atraentes. Peguei a torrada primeiro.

Não pude deixar de revirar os olhos enquanto ela se afastava rebolando os quadris. Ethan riu e me mandou um beijinho pelo ar.

— Vamos falar mais desse seu plano quando voltarmos pra Londres, ok? Quero aproveitar o tempo aqui junto com você e

esquecer daquela mensagem de ontem. Quero me divertir. — Mas não me contive e acrescentei: — Não que assistir a essas mulheres se jogarem em você seja divertido pra mim, veja bem.

Ele riu com mais vontade.

— Bem-vinda ao meu mundo, querida. E, bom, se te deixar com ciúmes for me ajudar a te convencer, talvez eu deva encorajar a mulherada um pouquinho mais. — Fez um gesto na direção da garçonete.

— Nem pense nisso, Blackstone. — Balancei a cabeça na direção da virilha dele. — Você vai ver que não vai te ajudar nem a me convencer, nem a receber um pouco mais do que gosta.

Ele mordeu um pedaço de bacon e ignorou minha ameaça, me olhando de alto a baixo com um olhar sexy e demorado.

— Gosto muito de quando você fica ciumenta assim. Fico excitado — falou baixinho.

*O que não te deixa excitado?* Senti um arrepio quando ele me olhou de novo daquele jeito. O Ethan conseguia me deixar com tesão com um simples gesto. Notei que os músculos dele se retraíram debaixo da camiseta e quis imediatamente rasgá-la em pedaços, para em seguida lambe aquele peitoral delicioso, descendo pela barriga esculpida e por aquele músculo em V que terminava no mais magnífico...

— No que você tá pensando? — Perguntou Ethan, com a sobrancelha arqueada, interrompendo minhas fantasias safadas.

— Em como eu gosto de correr com você — respondi prontamente, orgulhosa da minha sagacidade em falar isso, quando era tão óbvio que eu tinha sido pega devorando-o com os olhos mais descaradamente do que a garçonete ruiva tinha feito antes.

— Tá bom — disse ele, nada convencido. — Pra mim você estava era sonhando em tirar minha roupa e transar.

Baixei o olhar para a minha comida, envergonhada, imaginando por que eu estava tão excitada ultimamente. Meus hormônios deviam estar enlouquecidos de novo. Tudo culpa dele.

— Por falar em sonhos... — Achei que fosse uma boa hora para mudar de assunto e deixar meu comentário pairando no ar entre a gente.

Os olhos dele se escureceram e ele franziu a testa.

— É, tive outro daqueles. Sinto muito por atrapalhar o seu sono. De verdade. Não sei porque comecei a ter esses pesadelos, depois de tanto tempo.

— Quero saber sobre o que são esses sonhos, Ethan.

Ele tentou usar o mesmo truque de mudar de assunto.

— Sabe, você tem razão, eu não devia ter jogado esse papo de vamos-nos-casar assim, desse jeito, tão de repente. Não foi certo jogar isso em cima de você no meio da noite, por mais que eu esteja convencido de que é nossa melhor saída. A gente pode conversar melhor quando voltarmos pra cidade e você tiver se mudado pro meu apartamento. Já disse que aquela situação da National Gallery me deixou surtado. — Balançou a cabeça devagar. — Quando eu não te encontrei... Foi o pior, Brynne. Não posso passar por isso de novo. Meu coração não aguenta.

Encarei-o, frustrada com mais um corte, e endureci o ataque:

— Por que você não conversa comigo sobre os pesadelos? É isso que meu coração não aguenta!

Ele baixou o olhar rapidamente, para depois voltar a mim. Respondeu com a voz baixa e os olhos suplicantes.

— Quando a gente chegar em casa. Prometo. — Brincou com a minha mão, fazendo com os dedos o traçado dos meus ossinhos, sempre gentil. — Vamos aproveitar o fim de semana, como você disse, sem trazer nada de ruim com a gente. Por favor.

Como eu poderia dizer não? Seu olhar de medo foi o suficiente para eu dar uma trégua. Não faria diferença ficar mais alguns dias sem saber. A certeza que eu tinha era de que os acontecimentos vividos por ele haviam sido verdadeiramente terríveis. Me doía só de imaginar. Ele contou que tinha a ver com o tempo na guerra e eu me lembrava das palavras que o Neil tinha me dito numa ocasião: "O E. é um milagre ambulante, Brynne."

Pois bem, ele é um milagre, sim. O meu milagre.

A volta para a casa foi por um caminho diferente, já que o Ethan queria me mostrar o lugar. Esta trilha era bem menos puxada, o que



era um alívio; por alguma razão, eu já estava cansada de novo. Senti meu rosto ruborizar quando me dei conta do motivo. Muito sexo na noite anterior. Outro milagre, considerando que eu tinha começado e terminado a noite vomitando. Argh. Ethan tinha sido tão gentil comigo. Ele era realmente um homem atencioso e carinhoso, muito bem-educado para quem não cresceu tendo a mãe por perto. Teria que agradecer ao pai dele, Jonathan, pelo trabalho bem-feito, quando o visse de novo.

Conforme nos afastávamos da costa, a paisagem ficava mais verde. As folhas das árvores filtravam a luz do sol e desenhavam sombras no chão. Era um lugar muito tranquilo, e o pequeno cemitério encravado embaixo de alguns carvalhos muito antigos pareceu um bom lugar para descansar um pouco. O cemitério parecia um cenário saído de um romance gótico, com lápides trabalhadas e galhos de árvores sobre elas.

Ethan esperou que eu o alcançasse no portão. Quando me aproximei, estendeu a mão; assim que o toquei, me puxou para perto do seu corpo e me abraçou.

— Quer dar uma olhada aqui pra descansar um pouco? Achei que você fosse gostar, por que você é ligada em história...

— Adoraria. É muito bonito aqui. — Olhei ao redor. — Tão calmo e sereno.

Andamos entre as sepulturas, lendo os nomes das lápides das pessoas que viveram e morreram na região. Um jazigo de mármore marcava o lugar onde repousava a família Greymont, ancestrais do Freddy, marido da Hannah. Notei os nomes Jeremy e Georgina e lembrei que eram os mesmos do quadro incrível que tinha visto de manhã na escada. O Mallerton.

Não tinha a menor dúvida de que a pintura do Sir Jeremy e de sua bela Georgina era verdadeira, e esperava que a família me permitisse fotografá-la, só para poder catalogá-la. Quem sabe eu não trazia o Benny aqui para tirar umas boas fotos? Gaby gostaria de vê-la e a Mallerton Society também se interessaria em saber do estado da pintura. Quando saímos do pequeno cemitério para cumprir mais um pedaço de trilha na mata, minha cabeça fervia com tantas possibilidades.

Nos deparamos com um imponente portão de ferro, do tipo que se vê nos filmes que ganham o Oscar de Melhor Fotografia. Presa no metal, a placa de uma imobiliária anunciava o local como Stonewell Court.

— Você conhece essa casa lá embaixo?

Ethan balançou a cabeça.

— Nunca descí essa estrada. Mas parece que a propriedade está à venda.

Ele mexeu na tranca e, para nossa surpresa, o portão se abriu, com um som de metal se arrastando.

— Vamos dar uma olhada. Você quer?

— Será que não tem problema?

Ethan deu de ombros e olhou mais uma vez para o cartaz.

— Acho que não.

— Então vamos. — Dei um passo à frente para segui-lo jardim adentro.

O portão de ferro bateu atrás da gente, com um som seco e enferrujado. Segurei na mão do Ethan e me aproximei dele, conforme andávamos pelas curvas do caminho coberto de brita. Parecia que estávamos andando novamente em direção ao mar.

Ele riu baixinho.

— Você tá com medo da gente se meter em confusão ou coisa assim?

— De jeito nenhum. — Menti. — Se alguém aparecer dizendo que estamos invadindo a propriedade vou dizer que a ideia foi toda sua e que você me garantiu que não teria problema.

Fiz a cara mais cínica do mundo, na esperança de arrancar dele uma risada que durasse mais do que um ou dois segundos.

Ele parou no meio do caminho e me lançou um olhar de ofendido, mas que era puro deboche.

— Que ótimo. Você vai me entregar pra tirar o seu delicioso rabinho da reta.

— Bom, você pode ter certeza que eu venho visitar o seu corpão maravilhoso e sexy na cadeia.

Ele desceu uma das mãos para me dar um beliscão no bumbum e, com a outra, me fez cócegas na cintura.

— Ah, você vai, é? — disse, arrastando as palavras, e arrasando minha compostura com suas cócegas implacáveis.

— Vou! — Me soltei dos braços dele e corri na direção das árvores. Ele veio logo atrás de mim, morrendo de rir. Podia sentir que Ethan se aproximava e me esforcei para manter a distância, comendo um bom pedaço de caminho em cada passo.

Ethan me alcançou assim que fizemos a curva da estradinha e deu um jeito de nos derrubar na grama macia. Ele rolou por cima de mim e me fez mais cócegas, furiosamente. Eu me virei e tentei resistir, fazendo meu melhor para escapar, mas era um esforço inútil contra a força dele.

— Você não vai a lugar nenhum, minha linda. — Disse isso num fôlego só, segurando meus pulsos com uma das mãos e meu queixo com a outra, sem o menor esforço.

— Claro que não, — sussurrei de volta e senti uma onda de calor, que me deixou loucamente excitada.

Ethan fazia coisas inacreditáveis com o meu corpo. Já estava ficando acostumada. Os olhos dele se inflamaram de paixão e ele baixou o rosto para me beijar, com a boca bem aberta, capaz de cobrir e engolir os meus lábios. Gemi de prazer e deixei-o tomar conta. Ethan beijava bem. Nem imaginava o quanto de experiência ele tinha, mas apreciava bastante que ele usasse toda essa habilidade para explorar minha boca. O peso do corpo dele sobre o meu me deixou mais animada ainda.

Ethan chupou meu lábio inferior, mordiscando e lambendo, até dar uma puxadinha nele, que se soltou com um estalinho.

— Você fugiu de mim — repreendeu-me, ainda com a boca muito perto da minha.

— E você beliscou meu bumbum! — O tom era de indignação. — O que, aliás, foi um impulso pra correr! Não pense que eu vou esquecer disso, não, Blackstone!

— Eu não resisto à sua bunda! Nunca! — Lambeu minha orelha. — Mas dos meus beijos você gostou, né?

— Sinceramente? Não foram nada demais. — Menti, tentando ficar séria, mas sabendo que não conseguiria me segurar por mais de dois segundos.

— Ok... Então quer dizer que, se eu nunca mais te beijar, você não vai se importar? — Ele brincou, chegando mais perto até encostar a testa na minha.

Foi então que meus olhos bateram na casa e eu não consegui fazer mais nada a não ser admirá-la.

Ethan seguiu meu olhar e falou baixinho:

— Meu Deus do céu.

Nós dois olhamos para a magnífica fachada de pedra cinza da casa de estilo Georgiano, lindamente debruçada num penhasco acima do mar. As fileiras de janelas envidraçadas e os telhados altos e pontudos me tiraram o fôlego. Não era uma mansão enorme, mas se encaixava com perfeição no cenário e tinha sido elegantemente desenhada. Aposto que a vista das muitas janelas viradas para o mar era de fazer cair o queixo. Ethan se afastou de mim para ficar de pé e em seguida me ajudou a levantar.

— Uau. — Não tinha outra palavra para dizer naquele momento.

— Ela fica tão protegida, aqui no fundo do terreno. Não fazia ideia de que era assim. Aliás, não sabia nem que ela existia. — Ele me deu a mão. — Vamos lá olhar. Quero ver como é a vista dos fundos.

— Você leu minha mente — concordei e dei uma palmada de leve no traseiro dele com a outra mão.

— E você está muito safadinha hoje. — Ele também segurou essa mão e levou-a até os lábios para dar um beijinho, como ele tinha feito tantas, tantas vezes no passado. Mesmo assim, era algo de que eu nunca me cansava e achava que nunca iria.

Ethan era uma mistura de homem gostoso e Deus do sexo com um cavalheiro gentil e romântico. Era uma combinação tão rara e cativante, que eu não tinha a menor chance de resistir. Sorri para ele e não falei nada.

— Acho que vou precisar te dar uma boa lição, pra ver se você se comporta.

— Como quiser — provoquei, enquanto nos dirigíamos ao jardim dos fundos, passando pela lateral da casa.

A parte de trás era de outro mundo. Podia visualizar as festas que os antigos moradores davam ali, num dia bonito de sol, com

essa vista para o litoral do País de Gales, do outro lado da baía. Imaginei que haviam gasto muitas horas para pintar a imagem que eu via. Apostaria minha conta bancária nisso. Caminhei mais um pouco pela grama verde, até onde ela se encontrava com as rochas da costa. Lá, sobre um pedestal, havia uma estátua de anjo — não, espere — não era só um anjo, e sim uma sereia com asas de anjo, esculpida com primor. Uma imagem serena, impassível, mesmo com o vento que soprava. Na base da figura estava gravado um único nome. Jonathan.

Ethan se aproximou por trás de mim e me abraçou, com o queixo apoiado no alto da minha cabeça.

— O nome do seu pai — falei suavemente. — Que estátua impressionante. Um anjo sereia. Incrível, nunca vi nada parecido. Me pergunto quem terá sido esse Jonathan.

— Vai saber... Essa casa tem, pelo menos, uns 250 anos. Além disso, não me parece que ela tenha sido ocupada, muito menos colocada à venda, nos últimos anos. A Hannah e o Freddy devem saber se alguém morava aqui.

— Quem não ia querer morar numa casa tão linda? — Me virei para olhar para ele.

— Não sei, querida. Não me leva a mal, eu amo a cidade, mas o campo é especial. — Ele acenou para a casa, admirando-a novamente. — Talvez alguém tenha morrido, ou os donos eram velhos e não davam mais conta.

— Provavelmente. É triste imaginar que algo assim se perca nas gerações de uma família. Imagina se a Hannah e o Freddy perdessem a Hallborough.

— Seria trágico. Ela adora aquela casa, e é um lugar perfeito para criar os filhos.

— Essa região toda é realmente impressionante. Eu estou muito feliz por ter vindo até aqui e descoberto essa trilha. É como se a gente tivesse achado um lugar secreto. — Fiquei na ponta dos pés para dar um beijo nele. — Mais uma vez, muito obrigada por ter me trazido para cá. É muito bom estar viajando com você.

Ethan passou os braços em volta de mim e me beijou bem embaixo da orelha.

— É mesmo — concordou baixinho.

Tomamos o caminho de volta para a casa da Hannah e do Freddy, abraçados, o braço do Ethan em volta de mim. Me encostei nele, contente por poder confiar na segurança que ele emanava.

De repente, uma imagem piscou no meu cérebro, como um flash. Era uma visão da gente, exatamente como naquele momento, o Ethan com o braço por cima do meu ombro e eu encostada nele. Eu soube que, no final, ele ia conseguir me convencer. Aconteceria exatamente o que ele disse que queria. Nós iríamos morar juntos, anunciar o noivado e provavelmente até nos casarmos.

Meu Deus!

Ethan realmente era bom nesse jogo.

# Capítulo 5

— Já é a terceira vez que você boceja. Vai dar pra chegar até em casa ou eu vou ter que te carregar desmaiada?

— Tá bom. Nós dois sabemos porque que eu estou tão cansada hoje. — Falou, debochada, e me lançou um sorrisinho safado que me deu vontade de fazer coisas muito depravadas com aquela boquinha.

*Bom, você a manteve acordada fazendo sexo por mais de metade da noite. Como você esperava que ela estivesse?* Quis sorrir só em lembrar. Minha garota nunca me rejeitava, nem quando eu parecia estar maluco. Eu sou um cara de muita, muita sorte, com certeza. Mas isso não é novidade e nem tem sido já por um tempo.

— Me desculpa, querida. Mas você vai gostar de saber que eu aproveitei cada minutinho que você teve que passar acordada. — Estiquei o braço, dei um apertão no bumbum dela e a esperei dar um pulinho.

— Você é louco! — Ela me empurrou para longe.

— Louco por você — respondi, passando de novo o braço em volta dela e trazendo-a para perto de mim. — A gente já tá chegando. Espero que o Fred e os meninos já estejam lá pra você poder conhecer todos.

— Mal posso esperar — respondeu ela, tentando disfarçar mais um bocejo.

— Já chega! Vou te botar pra tirar um cochilo quando a gente chegar.

Brynne riu de mim.

— Olha que não é uma má ideia. Eu estou começando a gostar dessas sonecas.

Quando chegamos, fomos recebidos na porta pelo som de vozes masculinas e pelo delicioso cheiro de pão fresquinho. Isso e os irmãos mais velhos da Zara, que se penduraram em mim feito uns macaquinhos, numa gritaria caótica.

— Olha os caras aí! Meu deus, cê tá grande, Jordon. E você, Colin, com quantas garotas você já saiu essa semana?

Os dois me ignoraram e fixaram o olhar na Brynne. Acho que presenciei Jordon viver um daqueles momentos de amor à primeira vista, enquanto o Colin ficou todo vermelho.

— Caras, essa é Brynne Bennett, minha... namorada. — Sorri para ela. — Brynne, esse é o resto da prole, quer dizer, esses são meus sobrinhos, Jordon e Colin Greymont.

— É um prazer, senhorita Bennet. — Jordan estendeu a mão.

Colin me olhou como se eu, de repente, tivesse duas cabeças.

— Então você tem mesmo uma namorada agora — falou, admirado.

Brynne apertou a mão do Jordan e sorriu para ele um daqueles sorrisos matadores.

— Já vi que você andou tendo aulas com o seu tio Ethan ou, quem sabe, com o seu avô — comentou, depois que ele beijou a sua mão. — Você é muito educado, Jordan!

Ela piscou para ele e se virou para o Colin.

— Não precisa beijar a minha mão, Colin, mas mesmo assim é muito bom te conhecer.

Colin balançou a cabeça e seu rosto ficou ainda mais vermelho.

— Prazer — falou envergonhado e deu um rápido aperto de mão.

— E aquele bonitão ali é pai da prole, quer dizer, dessas crianças que me atacam. — A pequena Zara já tinha vindo para o meu lado,



como se quisesse garantir que não ia ficar de fora. — Freddy Greymont, meu cunhado, médico brilhante, amor da vida da minha irmã e culpado por tudo isso.

Levantei as minhas mãos.

Fred se aproximou para cumprimentar Brynne e me deu um olhar que significava que ele ia querer detalhes mais tarde, de homem para homem.

— Brynne, é um prazer te conhecer pessoalmente. A gente ouviu falar tanto de você... — Freddy cerrou os olhos na minha direção. — Quase tudo pelo pai da Hannah, veja bem, porque o Ethan não fala nada.

Fred estava jogando charme para Brynne e isso era uma coisa que ele sabia fazer, ainda mais sendo médico e tudo mais.

— Obrigada por nos deixar passar o fim de semana nessa casa incrível. Está tudo sendo perfeito. — Brynne disse para ele — Você tem uma família linda.

O pobre coitado provavelmente estava em choque por finalmente me ver com alguém. Eu conheço o Freddy há mais de quinze anos e não me lembro de já ter apresentado uma namorada a ele, por isso eu já imaginava que ele faria algum tipo de interrogatório. Esse era outro que conhecia muitos dos meus segredos, mas não todos. Talvez eu devesse conversar com o Fred sobre os sonhos e pesadelos. *Mas não consigo.* Afastei rapidamente o pensamento desagradável e observei a Brynne enfeitiçar minha família e transformá-los em seus fãs incondicionais.

— O cheiro tá tão bom, Hannah. — Brynne foi até a bancada da cozinha conferir os pães recém-saídos do forno. — Fazia muito tempo que eu não metia a mão na massa, literalmente. Foi divertido hoje de manhã.

— Pra mim também foi — Hannah concordou. — Você quer um pedaço? Eu estava começando a preparar um lanche para o Fred e as crianças. Pão fresco e geleia de morango feita em casa.

— Parece delicioso, mas depois da corrida e do passeio, estou ouvindo o chuveiro chamar o meu nome. — Ela tentou segurar mais um bocejo, mas, como foi impossível, cobriu a boca com a mão e se

desculpou. — Sinto muito. Não sei por que que eu tô tão cansada. Deve ser o ar puro que está me dando sono.

Reparei no olhar cúmplice que a minha irmã trocou com o Fred conforme saímos de perto, mas só acenei para os dois com a cabeça e subi com a Brynne para o quarto. Tenho certeza de que os dois começaram a rir no segundo em que saímos da cozinha. Que diversão ter agora a família metendo o bedelho em cada detalhe da minha vida, pensei. *Acho que você vai ter que se acostumar com isso.*

Brynne entrou no chuveiro e eu chequei as mensagens no celular. Minha assistente, a Frances, tinha prometido encaminhar o que fosse importante, mas fiquei aliviado de ver que tudo podia esperar. O que eu precisava agora era de um banho, e a Brynne estava nua no chuveiro.

— Você tá sabendo que tem uma seca agora na Inglaterra, né?  
— Perguntei, enquanto entrava no box atrás dela, toda lambuzada de sabonete e água quente, me deixando louco como sempre.

Ela se virou para pegar o xampu e me olhou de alto a baixo.

— Acho que vi qualquer coisa sobre isso no jornal, sim.

— Por isso eu pensei que a gente devia dividir a água, quando fosse conveniente.

— Sei — respondeu calmamente, baixando os olhos para o meu pau que já se manifestava. — E você acha que agora é conveniente?

— Muito conveniente.

— Então, por favor, fica à vontade. — Saiu de baixo do chuveiro para eu poder me molhar.

— Acho que pra gente realmente economizar água, você vai precisar ficar mais pertinho...

— Assim tá bom? — Ela deu um passo e a visão da pele molhada dela fez minha boca encher d'água.

— Não. — Balancei a cabeça. — Você ainda tá a quilômetros de distância.

— Achei que gostasse de olhar pra mim — falou, tímida.

— Ah, eu gosto, meu amor. Muito. — Balancei de novo a cabeça  
— Mas prefiro quando posso te ver e te tocar ao mesmo tempo.

Ela deu mais um passo e ficou a poucos centímetros. Nossos corpos estavam alinhados, mas ainda não se tocavam, e a água quente escorria no estreito intervalo entre eles. Saboreei o momento de tesão que antecipava o que viria em seguida. Sabia que em breve a devoraria.

— Mas você tá só me olhando, não tá tocando — falou em voz baixa. — Como pode?

— Mas eu vou. Vou, sim. — Botei a boca no pescoço dela e senti o cheiro de sua pele, do sabonete e da água, tudo misturado num elixir que só aumentava meu tesão.

— Você quer muito que eu toque em você?

— Muito.

Podia sentir o desejo na voz dela e isso me enlouqueceu ainda mais. Não havia nada mais gostoso que saber que ela me queria desse jeito. Encostei os lábios naquele lugarzinho logo abaixo da orelha e senti quando ela se estremeceu num arrepio.

— Aqui? — Provoquei.

— Isso. — Ela arqueou o corpo com discrição, fazendo os bicos endurecidos dos seios dela esbarrarem no meu peito.

— Aqui talvez seja melhor, não? — Lambi o pescoço dela, descendo a língua até encontrar um daqueles mamilos durinhos e deliciosos, que imploravam que eu os chupasse.

— Ahh, isso! — Ela estremeceu e ficou na ponta dos pés, levando aquela pele rosa e macia para mais perto dos meus lábios.

Usei a ponta da língua para lambar só a pontinha e ouvi o gemido mais gostoso dela em resposta. Ela começou a levantar os braços para me alcançar e eu tratei de me afastar.

— Não. — Balancei a cabeça. — Nada de me tocar, meu amor. Deixa que eu faço tudo. Apoia as costas e as mãos na parede e fica quietinha pra mim.

Dava para ver os seios subirem e descerem conforme ela respirava, seus olhos brilhando numa cor verde-acinzentada, tal qual o mar que vimos hoje de manhã.

Ela foi para a posição que eu mandei e esperou meu comando seguinte. Vê-la obedecer as minhas ordens mexia comigo. Esses jogos entre nós dois eram diferentes de tudo que eu já tinha

experimentado antes. Eles me faziam sentir níveis de emoção que eu nunca tinha desejado viver com ninguém.

Só com ela. Só Brynne fazia isso comigo.

— Você tá sexy pra caralho.

Quando disse isso, ela se arrepiou, retesou os quadris, e me fulminou com um olhar carregado com muito mais que frustração. Me aproximei dela novamente e vi que minha garota tremia e respirava mais rápido.

— Por favor...

— Por favor o quê, meu amor? — Perguntei, antes de passar a ponta da língua no outro mamilo dela.

— Preciso que você me toque — falou baixinho.

Lambi o mamilo dela de novo, dessa vez passando bem a língua em volta do bico todo.

— Assim?

— Mais do que isso — falou ofegante, lutando para continuar com as mãos espalmadas na parede de ladrilhos.

Mudei para o outro seio e afundei minha boca nele, terminando com uma mordidinha de leve no mamilo. Ela ficou toda tensa e deu o gemido mais delicioso que eu ouvi na minha vida: suave, entregue, lindo.

— É isso que eu quero ouvir, linda. Quero ouvir de novo. E de novo. E mais uma vez... Faz de novo pra mim? — Suguei o outro seio dela e desci a mão entre suas pernas. — Porra, você tá tão molhada, meu amor. Deixa eu te ouvir de novo!

Esfreguei a boceta, apertando o clitóris para frente e para trás até ela derreter na parede do chuveiro, na mais perfeita submissão sexual.

Ela também fez o som que eu queria ouvir de novo.

Continuei com a mão em sua boceta e os olhos fixos no seu rosto, observando cada delicioso movimento que o corpo dela fazia enquanto eu a levava ao orgasmo. Instantes depois, ela levantou o olhar de encontro ao meu e sustentou-o ali.

— Puta merda, isso foi lindo de se ver.

— Agora eu quero isso aqui. — Foi a resposta que ela me deu, enquanto pegava no meu membro e o levava até o meio das pernas,

para aquele delicioso paraíso molhado.

— Fala pra mim o que você quer. — Puxei o meu quadril de volta.

— Quero você dentro de mim, bem fundo.

— Você quer, né? — Esfreguei toda a extensão do meu pênis para frente e para trás nos grandes lábios, numa fricção gostosa que a levaria ao segundo round.

— Isso! Por favor! — Ela implorou.

— Mas você foi uma garota desobediente e tirou a mão da parede. Eu disse que era pra você ficar ali — reclamei, sem parar de esfregar.

— Desculpa, eu não consegui mais esperar...

— Você tá muito impaciente, meu amor.

— Eu sei!

— O que você quer agora? — Perguntei, com a boca próxima ao pescoço dela e o meu pau ainda se mexendo devagar lá embaixo.

— Quero que você me foda e me faça gozar de novo. — Falou isso de um jeito tão doce, tão suplicante, como se realmente estivesse sofrendo por esperar.

Quando ela disse isso, daquele jeito, foi como se ouvisse um estalo dentro de mim. Me deu permissão para ir mais longe do que tudo que tínhamos feito antes, para querer mais dela. Era a melhor sensação do mundo. Da porra do mundo inteiro.

— Coloca os braços em volta do meu pescoço. — Agarrei cada uma das coxas dela e levantei-a do chão. — Segura em mim, pra eu poder te dar o que você quer.

Brynne enrolou as pernas ao redor do meu quadril e apoiou as costas na parede. E falou o meu nome.

— Ethan...

— Fala, meu amor. — Ela estava ofegante. — Você fica tão linda esperando eu te foder, encostada nessa parede... Você gosta quando eu te como encostada na parede, né?

Os olhos dela se incendiaram e Brynne contorceu os quadris arreganhados debaixo de mim.

— Gosto!

— Então vou te contar um segredo, meu amor.

— O quê? — Ela protestou, completamente sem paciência comigo.

Me posicionei em sua entrada e enfiei até o fim.

— Meu Deus! — Foi quase um miado; ela revirou os olhos, enquanto eu me encaixava dentro dela.

— Eu amo te foder contra paredes. — Meti com força e senti o apertão da boceta dela pulsando em volta do meu pau, me levando instantaneamente a uma névoa de prazer tão intenso, que eu não sabia por quanto tempo aguentaria me segurar. — Lembra daquela vez na parede do teu apartamento? Você estava tão gostosa naquela vez... E tá tão gostosa agora...

— Siiiiim. — Ela tremia com os meus movimentos de ir e vir dentro dela e se segurava com força em mim para se equilibrar. — Eu queria que você me fodesse naquela noite. E adorei. E fiquei puta quando você foi embora depois.

Ela estava quase chorando, de tão intensa que era a fusão dos nossos corpos e mentes. Brynne me acompanhou o tempo todo. Nossa conexão era tão perfeita que quase doía. Não era quase — doía mesmo! Foder a Brynne era uma dor deliciosa. Sempre foi, e eu sei que sempre será.

— E o que eu pedi pra você me falar naquela noite, amor? Foi a primeira vez que você disse.

Os olhos de Brynne — repletos de tesão — me penetraram com força, como eu fazia dentro com ela naquele momento.

— Que eu sou sua — respondeu, tomando fôlego.

— Isso. Você é. — Comecei a fazer movimentos circulares com o quadril e senti os músculos dela me apertarem com mais força. — Agora você vai gozar pra mim. Outra vez!

Brynne contraiu o corpo todo e eu consegui sentir o êxtase dentro dela, me sugando com toda a força que ela tinha. *Putamerda, agora sim!* Ela estremeceu debaixo de mim e começou a fazer de novo aqueles barulhinhos que eu amava escutar — e que me levavam às nuvens. E simples assim, ela se desmontou nos meus braços, completamente entregue; eu continuava dentro dela e a água quente caía sobre nossos corpos. Eu fui aos limites do maldito sistema solar e voltei.

E ainda bem que ela gozou logo, porque se eu tivesse que esperar um segundo a mais, acho que teria morrido. Vi os olhos dela se arregalarem quando o clímax veio e senti prazer em saber que eu é que tinha feito isso com ela. Em seguida, foi a minha vez de explodir gloriosamente dentro dela... Meus dentes estavam mordiscando seu pescoço e eu ainda me contorcia dentro dela quando recobrei a consciência de onde estávamos. Realmente não sei o que me manteve em pé. Deve ter sido apenas uma reação automática, porque ela estava no meu colo e não a deixaria cair, mas não muito além disso. Eu estava imerso na névoa sensual da Brynne e do meu amor por ela. Do jeito que eu sempre me sentia depois de fazermos amor.

Rocei minha língua em seu pescoço e extraí a última gota de prazer da gente, encontrando sua boca e beijando-a profundamente. Se houvesse uma maneira de engatinhar para dentro da Brynne, era lá que eu estaria. Não sei por que era assim com ela e com mais ninguém. Simplesmente era.

Brynne abriu os olhos lentamente, tão linda na sua aura pós-orgasmo, e me deu um sorriso sonolento.

— Olha ela aí — falei.

Ela engoliu em seco, e o movimento atraiu meus olhos para a marca vermelha que meus dentes tinham deixado no pescoço dela. Eu fazia muito isso; depois me sentia culpado por deixá-la marcada. Ela nunca se queixou disso, no entanto. Nem jamais reclamou de nada que tenha feito com ela enquanto transamos. Algumas vezes ela sequer parecia real.

— Vou te botar no chão, ok?

Ela concordou.

Saí da Brynne bem devagar, aproveitando até mesmo essa última dose de prazer e saboreando a perda, já que estava tão gostoso dentro dela. Ela ficou de pé e enroscou de novo os braços ao redor do meu pescoço. Ficamos ali debaixo do chuveiro por alguns minutos antes de lavarmos as marcas da nossa relação. *Que pena.* Eu sei que isso faz de mim um homem das cavernas, mas eu adoro vê-la toda melada com o meu gozo.

Desliguei a torneira e saí para pegar as toalhas. Ela me deixou enxugá-la, coisa que eu adorava fazer quando tínhamos tempo para isso, como agora.

— Preciso secar o cabelo — comentou, dando um suspiro.

Enrolei a toalha na cintura e alcancei o robe de cetim amarelo claro que Brynne tinha trazido. Ajudei-a a se vestir e amarrei o cinto para ela, lamentando que não estivesse mais nua.

— É muito triste ter que cobrir isso aqui. Trágico, de verdade. — Segurei os lindos seios dela, um em cada mão, e apertei-os por cima da seda.

Ela estremeceu.

— Doeu?

— Não, mas eles estão sensíveis. — Ela bocejou, levando a mão até a boca para cobri-la.

— Você tá mesmo precisando tirar um cochilo. Eu te deixei exausta. Desculpa, meu amor, mas não pude me segurar. Me perdoa? — Segurei o queixo dela e passei o polegar sobre os lábios.

— Te perdoar? Por quê? Por me comer daquele jeito no chuveiro? De jeito nenhum, Blackstone. — Ela balançou a cabeça.

— Quer dizer que você tá zangada comigo? — A dúvida bateu e eu odiei a possibilidade.

— Claro que não. Adorei reviver o momento parede com você. — Ela riu e afastou meu medo.

— Então tá, minha bonitinha implicante, senta aí e deixa eu pentear o teu cabelo. — Dei uma palmadinha na bunda dela e ri com o pulo que ela deu para chegar na penteadeira.

— Cuidado, Blackstone — ameaçou ela.

— Se não o quê? — Desafiei.

— Senão eu corto de vez as transas na parede. Eu posso fazer isso, você sabe... Se eu quiser. — Ela apertou os olhos para mim, me olhando pelo espelho.

Passei o pente com cuidado numa parte do cabelo dela, depois passei para o outro lado.

— Claro que você pode, mas por que faria? Você adora quando eu te jogo contra a parede, quase tanto quanto quando eu penteio o teu cabelo. Um pouco mais, provavelmente.



Ela suspirou.

— Eu odeio quando você tá certo, Blackstone.

Quinze minutos depois, Brynne estava com ainda mais sono e com o cabelo seco, e eu a botei na cama. Ela ficou me olhando enquanto eu me vestia e estava incrivelmente gostosa deitada ali, enrolando uma mecha de cabelo com o dedo.

— O que você vai falar pra eles? — Perguntou.

Fui até Brynne e beijei-a na testa.

— Que a gente transou até você desmaiar.

Brynne arregalou os olhos.

— Você não vai fazer isso, né?

Foi a minha vez de rir.

— Não sou babaca, né? — Balancei a cabeça. — O que você acha que eu vou falar? Que você tá tirando um cochilo.

— Eles vão achar que eu sou uma molenga.

— Claro que não. Você tá cansada, passou mal ontem e ainda não tá cem por cento. Reparei que você quase não comeu nada no café e estava meio devagar na corrida.

— Eu não estava nada devagar, seu idiota!

Uma coisa sobre a Brynne? Ela é competitiva demais! Juro que ela podia encarar alguns dos caras que conheci nas Forças Especiais, pelo menos no que diz respeito à vontade e determinação. E nunca insinue que ela é fraca. Ela vai cuspir vespas.

Mas que coisa, ela fica linda quando tá zangada.

Mordi o lábio para não rir e levantei as mãos em rendição.

— Ok, você só estava devagar num pedacinho da trilha. — Acalmei-a com beijinhos. — E não tem nada de errado nisso depois de ter passado mal ontem, minha linda. Seu corpo precisa se recuperar. Descansa que você vai se sentir melhor. É o que eu quero que você faça.

Ela desviou o olhar para o cobertor e ficou brincando com ele, distraída.

— O que você vai fazer enquanto eu dormir?

— Vou sair com uma garota aqui da região. Ela é muito linda, apaixonante. Cabelo escuro, olhos azuis bem grandes, uma beleza.

Só que ela é muito baixinha. — Fiz um gesto com a palma da mão.  
— Ela gosta muito de sorvete.

Ela riu de novo, um riso misturado com bocejo.

— Sinto muito perder a oportunidade de te ver tomando sorvete com essa garota. Ela é mesmo uma graça. Tira uma foto de vocês com o seu celular pra eu ver?

— Pode deixar, meu amor. — Outro beijo. — Agora vai dormir.  
Quando saí do quarto, minha garota já estava apagada.

# Capítulo 6

— Um peixe perguntou pro outro: “O quê que seu pai faz?”  
Sabe o que ele respondeu?

— Eu não faço a menor ideia — falei, fazendo gestos bem exagerados.

— Ele disse: “Nada.”

Eu ri daquela carinha fofa, lambuzada de sorvete de morango, que atacava a casquinha derretida de um novo ângulo.

— Quer um pouco, Rags? — Ela ofereceu o doce para o golden retriever que estava sentado obedientemente embaixo da nossa mesa.

Rags deu umas boas lambidas com sua enorme língua cor-de-rosa e eu fiz uma careta. Zara me olhou, como se esperasse o que eu ia dizer, a danadinha. Dei de ombros.

— Nem ligo se você quiser ter micróbios de baba de cachorro no seu sorvete. Por mim, você faz o que quiser...

Ela riu de mim e sacudiu as perninhas penduradas na cadeira.

— A Brynne fala engraçado.

— Eu sei! Eu sempre digo isso, mas ela não me leva a sério. — Balancei a cabeça, fingindo estar triste. — Ela continua falando assim...

Peguei o celular para tirar algumas fotos e, no instante que ela entendeu o que eu ia fazer, começou a posar para a câmera do celular. Zara não era mole! Os pais dela iam ter trabalho quando ela ficasse adolescente. *Meu Deus!*

Mais risadas.

— Ela fala que nem o Bob Esponja! — Abri a boca, fingindo a maior surpresa.

— Sabe que você tá certa? Ela fala igualzinho mesmo. Você diz isso pra ela?

Ela encolheu os ombros.

— Mas ela é legal e eu acho que ela não consegue falar de outro jeito. — Zara me lançou um olhar de censura e voltou a se concentrar no sorvete de morango.

Foi como se dissesse mais ou menos: “*Só um grandessíssimo babaca debocharia de alguém por causa do jeito que ela fala, idiota.*” Era igualzinha à mãe.

— Que beleza, E. Deixando a sua sobrinha dividir o sorvete com o cachorro. Eu vi tudo ali pela vitrine da loja. — Hannah parecia estar enojada. — Eu me afasto por dois minutos...

— Ele disse que não ligava, mamãe. — Zara interrompeu-a, me entregando sem a menor cerimônia.

— Ah, o Rags é limpinho, eu acho. — Fiz um carinho na cabeça dele e apontei o dedo para a Zara. — E você é uma traidorzinha! Ah, me processa, Han. Eu sou só o tio. Deixá-los correndo soltos por aí, fazendo besteira, é a minha função.

— Bom, eu não pude desempenhar esse papel bonzinho de tia... *ainda.*

Olhei imediatamente para minha irmã e peguei um ar desconfiado na expressão dela. Não sabia exatamente o quê, mas eu conhecia esse tom. A cabecinha dela estava trabalhando.

— O que você quer dizer com esse comentário enigmático?

— Você e a Brynne. — Ela balançou um pouco a cabeça. — É sério mesmo, né? Nunca te vi assim antes.

Olhei para o mar, com as suas milhares de ondulações cintilantes e ajeitei meus óculos escuros.

— Quero me casar com ela.

— Eu imaginei... Bom, eu achei que vocês estivessem nesse caminho. A conversa com ela hoje de manhã já tinha praticamente me confirmado, mas à tarde, quando ela chegou morrendo de sono, eu comecei a ligar os pontos.

*O que o sono da Brynne tem a ver com qualquer coisa?*

— Então você aprova?

Hannah me olhou com curiosidade.

— Se eu aprovo o casamento de vocês? Claro que sim. Eu quero te ver feliz; se vocês se amam... Bom, então é assim que tem que ser. — Ela esticou o braço por cima da mesa e alcançou minha mão.

— Às vezes acontece assim. Ninguém é perfeito. O Fred e eu começamos a vida do mesmo jeito, E., e eu não mudaria nada no nosso casamento, nem na chegada dos bebês. Eles são uma benção.

Peguei a mão dela e dei um beijo.

— Eles são mesmo, e algum dia vamos pensar nisso, mas uma família está completamente fora dos planos agora. Eu ainda estou tentando fazer ela se acostumar com a ideia de morar junto.

Minha irmã parecia aliviada.

— Que bom. Eu gosto dela mais ainda agora. Tenho que admitir que tive medo de que você estivesse sendo encurralado, e detestaria te ver nessa situação, irmãozinho. Mas fico feliz por você, se é o que você quer.

Suspirei.

— Tá bom... Ela é que precisa ser encurralada. Brynne é difícil de se segurar e os relacionamentos são assustadores pra ela. Vai ser uma sorte se eu conseguir levá-la ao altar daqui a um ano. Tô tentando convencê-la de que assumir um longo noivado é o melhor.

Hannah balançou a cabeça devagar, como se estivesse ainda absorvendo tudo.

— Então vocês vão esperar pra casar depois? Bom, é uma opção, mas o papai vai detestar. Você lembra como ele ficou quando o Freddy e eu queimamos a largada com o Jordan. Ele casou a gente em um mês. — Ela imitou a voz do pai. — *Neto meu não vai nascer bastardo! A pobre da sua mãe ficaria arrasada se estivesse aqui para ver isso...*

— Quê?! — Eu me engasguei com as palavras. — A Brynne não tá... Quer dizer, você tá completamente enganada, se é isso que você tá sugerindo. — Olhei assustado para ela, chocado com as especulações. — Você acha que... — Balancei a cabeça vigorosamente. — Não, Han! Minha namorada não tá grávida! De jeito nenhum. Ela é supercuidadosa com a pílula. Eu vejo quando ela toma, todo dia de manhã. Pô, eu tenho certeza que hoje mesmo escutei quando ela foi no banheiro tomar.

Hannah balançou a cabeça devagar de novo, os olhos cinza parecendo estranhamente sábios agora. Mesmo assim, eu não concordava.

— Você acha que ela tá grávida? E que é por isso que eu quero me casar com ela? — Eu estava chocado e um tanto ofendido que a minha irmã achasse que a gente era tão irresponsável assim. — Você tá viajando, Han, meu Deus! Confia um pouco em mim.

— Talvez vocês devessem conversar com o Freddy, então. — Sugeri. — Porque eu aposto a minha casa como a Brynne tá grávida, sim, e que vocês dois vão ter um bebê, queiram ou não.

Engasguei com o café e assustei o cachorro, que bateu na mesinha e a fez balançar. A Hannah olhou para a Zara, que prestava total atenção na nossa conversa.

— Filhinha, pega o Rags e vai brincar com ele ali na grama, ok? — A Zara pareceu avaliar por um instante se valia a pena argumentar com a mãe, mas se levantou e levou o cachorro, ainda com o sorvete derretido na outra mão.

Meu coração começou a bater mais rápido, e senti medo, mas também um misto de ansiedade e excitação.

— Não tem o que falar com o Freddy, peraí um minuto, Hannah. Que merda é essa? Quero saber o que te dá tanta certeza, a ponto de apostar sua casa nisso. — Eu estava gritando. — Me diz!

Esfreguei a barba com as mãos e percebi que tinha começado a suar, enquanto encarava a minha irmã e esperava que ela me revelasse que essa história tinha sido só uma piada. Hannah deu uma olhada ao redor do pátio da loja de doces e sorriu com simpatia para alguns dos outros clientes que estavam encarando a gente.

— Calma, irmãozinho. Que tal a gente dar uma volta? — Ela juntou as bolsas de compras e ficou de pé, me dando um olhar paciente que dizia *escuta a tua irmã mais velha, seu babaca*.

Pensei em deixar minha irmã e sobrinha ali no centro da cidade e correr para buscar a Brynne na casa, botá-la no carro e voltar para Londres. A gente podia ir embora e fingir que isso tudo foi só um sonho estranho ou um enorme mal-entendido. Pensei mesmo. Por cerca de cinco segundos.

Mas, de algum jeito, a despeito da súbita fraqueza nos joelhos, peguei a sacola das compras que tinha feito no antiquário e segui a minha irmã.

— Ela tá com quanto tempo de atraso? — Hannah perguntou enquanto andávamos.

— Atraso? Porra, não sei nada disso! Ela disse que, por causa das pílulas, às vezes a menstruação nem desce.

— Ahh, então ela não saberia se estivesse atrasada. Faz sentido. Ela me contou que passou mal ontem à noite. Disse que você precisou parar no acostamento. E também comentou que estava meio tonta.

— E daí? — Respondi na defensiva. — De repente foi alguma coisa que ela comeu.

Hannah deu um tapinha no meu ombro.

— Deixa de ser idiota, E. Eu tive três filhos e conheço os sintomas da gravidez. E meu marido é médico. Eu sei do que eu tô falando.

Senti um filete de suor escorrer pelas minhas costas.

— Mas... Não é possível.

— Para de resmungar e vamos falar dos fatos. Te garanto que possível é, sim. O que aconteceu quando a Brynne ficou tonta?

— Ela teve que se sentar e disse que estava com sede.

— Sede é um sintoma. — Hannah cantarolou.

— Puta merda, depois disso ela quis vomitar. Ai, meu Deus.

— Em algumas mulheres os enjoos acontecem à noite. — Ela explicou. — O Fred vai te dizer que isso é muito comum.

— O que mais acontecia com você?

— Eu ficava muito emotiva e sensível. Com um humor... São as toneladas de hormônios que mudam.

*Confirmado.* Minha piada da Medusa, de algumas semanas atrás, de repente não era mais engraçada.

— Cansaço extremo, vontade de dormir. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Eu nunca tive vontade de cochilar durante o dia na minha vida, a não ser nas três vezes em que estive grávida.

*Confirmado.* Brynne estava dormindo agora mesmo na casa da minha irmã. Queria fumar um cigarro, depois outro, e continuar até acabar o maço inteiro.

— Os seios ficam muito sensíveis ao toque, um pouco doloridos. De novo, são os hormônios começando o processo de gerar leite para o bebê.

Olhei-a espantado; tenho certeza de que minha boca estava aberta como a de um bobo, enquanto ela falava de seios e produção de leite. *Isso não pode estar acontecendo. Não pode. Não agora.*

Mas minha irmã continuou, e cada frase que falava fazia eu me borrar de medo.

— E tem mais uma coisa que acontece, confia em mim. Eu preferia nem dizer, mas acho que já que você tá perguntando... — Ela levantou a mão para me impedir de falar. — Eu não quero saber se é verdade ou não. Realmente não preciso saber.

— O que é?! — Gritei com ela. — Para de merda e me fala logo.

Hannah arregalou os olhos para mim e, aos poucos, sua expressão foi ficando mais debochada.

— As grávidas tendem a ficar muito excitadas e querem sexo o tempo todo. Os homens normalmente são idiotas demais para se dar conta do motivo pra tanta abundância, de repente. — Ela estava se divertindo em me contar isso, com certeza. — São os hormônios, definitivamente.

— A gente precisa voltar. — Falei, com a voz embargada. Até para mim ela não soou normal.

Tudo em que eu conseguia pensar era na Brynne implorando para eu fodê-la no chuveiro, minutos antes de eu vir para cá. Meu Deus. Petrificado de susto não começava sequer a descrever o meu estado.



Ali de pé, ao lado da minha irmã, olhando para a costa de Somerset, num dia quente de verão em julho, com a minha sobrinha correndo atrás do cachorro na grama, tive certeza de duas coisas.

A primeira era que Brynne não ia gostar dessa novidade, de jeito nenhum.

A segunda veio a mim rapidamente e com extrema clareza, reafirmando a impressão de que eu era um cara muito, muito sortudo — e por razões que só admitiria para mim mesmo. Era o bastante que eu soubesse e mantivesse para mim. Mas a lógica era simples, mesmo. E quanto mais eu pensava sobre isso, mais fácil era aceitar a possibilidade.

*Se Brynne está mesmo carregando um filho meu... Então ela nunca poderá me deixar.*

# Capítulo 7

— **O** que pode ter feito com que a pílula não funcionasse? Brynne me disse que já toma há anos. Explica isso pra mim — exige.

Freddy me olhou com compaixão.

— Relaxa, cara. Não é o fim do mundo. Ela não vai ser forçada a nada. Estamos em 2012. Existem opções.

— Ah, porra. — A ideia de que ela pudesse estar grávida já era o bastante para eu processar no momento, mas era bem pior pensar no que o Fred estaria sugerindo. — Tirar, você tá dizendo?

— Sim, ela tem esse direito, é uma opção. Dar para adoção é outra — completou, delicadamente.

Eu me enterrei numa poltrona, apoiei os cotovelos nos joelhos e abaixei a cabeça, segurando a testa com as mãos. Fiquei ali, só respirando. Por mais que estivesse em choque, sabia que um aborto estava fora de cogitação. Fora do reino da possibilidade. De jeito nenhum eu permitiria que matassem meu filho, ou que o entregassem para outra pessoa. Eu só esperava que Brynne pensasse do mesmo jeito que eu. *E se ela não concordar?*

— Bom, vocês dois vão ter que discutir isso. Antes de mais nada, ela tem que fazer um teste pra confirmar. Se você quiser que

eu peça um e fale com ela, tudo bem, mas primeiro vocês precisam conversar sobre isso juntos.

Balancei a cabeça, concordando, e levantei da cadeira. Fred deu uma tapinha nas minhas costas.

— Mas como? Se ela tá tomando a pílula, como isso pode acontecer? — Insisti. Talvez eu esperasse que um sino tocasse em algum lugar para me acordar e me tirar dessa tentativa patética de negação.

Freddy sorriu e balançou a cabeça para mim.

— As coisas mudam, há medicamentos que podem diminuir os efeitos contraceptivos, camisinhas estouram, as pessoas ficam bêbadas e se esquecem de tomar cuidado, ou ficam doentes e o corpo não consegue metabolizar os remédios... Nada é cem por cento eficaz. Só o celibato. — Ele me deu uma olhada. — Vocês usam camisinha?

Balancei a cabeça em negativa e baixei o olhar para o chão.

— Bom, então, se você fez depósitos no banco, meu caro, isso pode acontecer facilmente.

Eu me encolhi.

— Agora como eu apareço lá em cima dizendo que ela pode estar grávida e precisa fazer um teste? Como?

Freddy foi até o bar e me serviu uma vodca dupla. Engoli tudo de uma vez e ele deu mais um tapinha nas minhas costas.

— Não acho que você vai precisar ir lá em cima fazer isso. — Ele disse.

Virei a cabeça para perguntar o que ele queria dizer com isso, mas senti os joelhos ficarem bambos de novo.

Zara e Brynne entraram na sala, de mãos dadas, sorrindo. Ela parecia tão feliz... e bonita... e... grávida.

\* \* \*

— Oi — sorri para Ethan e fiquei imaginando por que ele me olhava como se eu tivesse duas cabeças. — Sobre o que vocês tão fofocando aqui dentro? Papo de homem?

Ethan deu um riso nervoso e pareceu um pouco pálido. Na verdade, ele parecia apavorado. E isso era muito esquisito.

— Tá tudo bem? O Neil te ligou? — Perguntei, começando a ficar preocupada também. — Ele descobriu quem que mandou aquela mensagem ontem à noite?

Levei a minha mão livre até o pescoço e tentei segurar o pânico que começava a tomar conta. O negócio é que é o Ethan quem segura nossa barra. Ele é o cara confiante, que exala segurança por toda parte. Ele faz com que eu me sinta protegida, mas vê-lo assim como ele estava, tão preocupado, bom, isso me deixou morrendo de medo.

Ele se aproximou e me abraçou.

— Não, nada disso. — Me beijou na testa e segurou o meu rosto, parecendo um pouco mais com o Ethan que eu conhecia e amava. — Ele continua trabalhando no teu celular. Não quero que você nem pense naquela mensagem, ok? Tá com sede? Quer um pouco de água? Que tal você se sentar um pouco?

Ele foi me guiando até o sofá e praticamente me botou sentada nele.

— Hum, tudo bem. — Balancei a cabeça e apertei os olhos, pronunciando, sem som: — O que tá acontecendo?

— Nada, meu amor. Você é que parece estar cansada. Como foi sua soneca? — A voz dele soava esquisita.

Franzi a testa para Ethan.

— Foi boa, mas não dormi por muito tempo. — Zara sentou no meu colo e comecei a brincar com o cabelo dela. — Enquanto vocês tomavam sorvete eu dei uma volta pela casa e tirei algumas fotos do quadro do Mallerton para a Gaby, e mandei pra ela.

— Isso é ótimo — afirmou Ethan, passando os dedos pelos cabelos.

— É, foi ótimo. — Olhei para o Freddy e senti uma vibração estranha vindo dele também. Tivemos uma boa conversa mais cedo, enquanto todo mundo estava na rua, e ele fez um tour comigo pela casa. Agora, Freddy parecia simplesmente querer sumir daquela sala. — O que tá acontecendo? Por que vocês dois estão tão esquisitos?

Ethan se encolheu e levantou as mãos, desamparado.

— Meu amor...

Freddy se aproximou de onde estávamos e deu a mão para a Zara.

— Vem com o papai. O tio Ethan quer conversar com a Brynne.

— Ah, ok. — Falei, relutando um pouco em deixá-la sair do meu colo. — Eu queria saber como é que foi o passeio com o tio Ethan até a sorveteria.

Fiz uma cara triste para a Zara.

— O sorvete tava gostoso — contou a pequena, já no colo do pai. — A mamãe disse pro tio Ethan que ela podia apostar a casa dela que você tá grávida e que vocês dois iam ser papais, de qualquer jeito. Eu dividi o sorvete com o Rags, pra mamãe e o titio ficarem gritando lá sobre isso.

Foram várias reações ao mesmo tempo. Eu fiquei de pé, em vez de sentada no sofá, mas não tenho ideia de como levantei. Eu conseguia me ver ali, parada no meio da bela sala georgiana da mansão, com sua mobília elegante, e quadros e tapetes. Eu podia ver o bonito rosto do Ethan e o sol da tarde entrando pelas janelas altas. E todas aquelas partículas dançando no ar — o tipo que normalmente não são visíveis, mas que quando o sol bate da maneira certa, você realmente consegue vê-las em suspenso, como mágica. Pensando bem, eu estava flutuando também. O teto me impedia de voar para o céu e depois para o espaço. Eu teria ido embora flutuando. Eu sei que teria ido, se não fosse pelo teto.

Ethan disse um palavrão e tropeçou na minha direção. Eu continuei ouvindo meu nome. Uma, duas, três vezes. Eu ficava escutando alguém chamar o meu nome. Eu podia ver tudo. Eu estava em pé ali. Ethan voando na minha direção. Freddy pegou a Zara e saiu da sala com tanta rapidez que parecia um borrão, como se fosse um filme acelerado. O cômodo, de repente, ficou quente; não, ficou muito quente. Como um forno. Eu olhei lá de cima do teto e vi o Ethan se apressando em alcançar a “eu” que tinha ficado em pé, lá no chão da sala. Ele esticou os braços, mas tudo se mexia devagar. Bem devagar. Ethan continuava se mexendo, mas a velocidade era cada vez menor. Não achei que ele fosse me alcançar.

Pisquei e tentei entender o que Zara tinha dito. Freddy já tinha saído da sala com a criança, então eu não podia fazer nenhuma pergunta a ela. Mas cheguei a ouvir aquela vozinha questionar:

— Papai, o que é grávida?

\* \* \*

— Eu amo você. — Acordei com essas palavras saindo da boca do Ethan.

Eu tinha voltado para o sofá, mas dessa vez estava deitada. Ethan estava ao meu lado, de joelhos, passando a mão no meu cabelo, com um olhar muito preocupado.

— Você voltou... — Ethan fechou e abriu os olhos. Ele parecia bem mexido, provavelmente se sentia mais ou menos como eu.

*Entra na fila, amigo. Eu acabei de ter uma experiência extracorpórea.* Podia riscar isso da lista de coisas a viver. E aí eu lembrei.

O peso do conhecimento comprimiu meu peito até que eu consegui respirar fundo e tentei me sentar. Ethan fez sinal negativo, dando a entender que era para eu ficar quieta. A vontade de sair correndo era enorme. Era como se meu subconsciente soubesse que entrar em pânico não ia ajudar, mas eu me sentia como uma viciada que não podia evitar, mesmo sabendo que só pioraria as coisas.

Balancei a cabeça.

— Não tô, Ethan. Não tô grávida. Eu tomo a pílula, nunca pulei um dia.

Ethan continuou acariciando meu cabelo com uma das mãos, enquanto a outra estava no meu ombro. Ele tinha medo de que eu fugisse. Eu o conheço e às vezes consigo perceber como pensa. Ele estava me segurando no sofá para eu não o deixasse, ou fugisse, ou flutuasse, sei lá. *Você é um cara muito esperto, Ethan Blackstone.*

Porque isso era exatamente o que eu queria fazer.

— Lembra do que eu acabei de te dizer, Brynne. — A voz dele era firme, mas vulnerável ao mesmo tempo. Dava para notar o tom de preocupação.

— Que você me ama? — Ele concordou com a cabeça, balançando-a devagar, sem nunca tirar as mãos de mim. — Mas eu não tô grávida. — Insisti. — Me deixa levantar.

— Brynne, você tem que fazer um teste, daí a gente vai saber com certeza. A Hannah e o Fred acham que você pode estar... — A voz dele sumiu, insegura. — A Hannah me ajudou a comprar um kit de teste na farmácia pra você.

Eu empurrei-o com força.

— Me deixa sair!

— Brynne, meu amor, por favor, me escuta...

— Me deixa sair. Agora!

Ele se afastou. Me sentei e cruzei os braços. Eu me sentia tão quente, com tanta sede, e simplesmente tão errada, que no momento eu não poderia decidir nada.

— Não surta, ok? Precisamos conversar como dois adultos.

Seu maxilar tremeu ao cerrar os dentes.

— É — concordei, sarcástica. — Discutir teria sido uma boa ideia antes de você falar com a sua irmã e com o Freddy sobre mim. Ethan! Por que você fez isso? Por quê?

— Eu não fiz nada. Eu não tinha ideia. A Hannah é que veio com essa e aí o Fred entrou na história. Eles acham que você pode estar grávida. Passou mal ontem à noite, tá dormindo muito, e outras coisas...

— Que outras coisas?

Ethan parecia preferir engolir uma colherada de vidro moído do que ter que falar sobre isso comigo. Ele deu um sorriso sem graça.

— Você faz o teste?

— Não! Não vou fazer um teste porque você e a sua família acham que eu devo! Que outras coisas? — Meu lado irracional, que eu sabia que devia controlar, estava dando uma rasteira naquele velho segurança. *Bem-vindo à Terra dos Horrores, por favor, estacione no setor Você-Tá-Fodida e dirija-se ao portão principal, onde você encontrará seu pior pesadelo.*

Ele botou as duas mãos no meu peito, segurou um seio com cada uma e apertou-os. Eu gemi com a dor e o pânico aumentou. Eu

me lembrava desse tipo de dor. Já tinha sentido isso antes. *Nãããooo!*

Empurrei as mãos dele, rispidamente.

— Você falou disso com eles?! Ai, meu deus!

— Não foi assim, Brynne. Não falei de você. A Hannah chegou a algumas conclusões e quando eu pedi uma explicação ela me falou de alguns... sintomas. — Ele baixou a voz. — Você tem todos eles. Você tá enjoando, dormindo muito, e eles doem...

Ethan apontou para o meu peito e a sua voz se esvaiu. A cautela na voz dele fez com que eu me sentisse uma vaca de novo. Sabia que podia ser muito vaca quando a ocasião pedia isso. E este poderia ser considerado um desses momentos.

Me inclinei para a frente, enterrei as mãos nos cabelos e fiquei ali sentada, encarando o chão e tentando processar. Ethan me deu espaço, o que foi bom, porque eu estava a ponto de atacar e morder, como um animal encurralado faria. *Sintomas...* Minha menstruação nunca é muito intensa, e muitas vezes ela nem vem. O médico me assegurou de que isso era normal com quem tomava esse tipo de pílula anticoncepcional, então jamais me preocupei com isso. Na verdade, eu não precisava me preocupar mesmo, porque *quando você não está tendo relações sexuais com ninguém, você não precisa ter medo de engravidar!*

Antes do Ethan, o sexo era esporádico e sempre com proteção. Não era boba a ponto de deixar um cara não usar preservativo, ainda mais quando não o conhecia bem. *Então, por que deixou o Ethan, idiota?* Inferno, ele só tinha usado camisinha uma vez. Uma vez! *Depois, foram muitas e muitas oportunidades para os meninos nadarem até lá. Novamente, eu sou uma tremenda imbecil.*

O enjoo da noite anterior tinha sido muito esquisito, porque assim que vomitei, foi como se não houvesse nada de errado comigo. A mesma coisa no café da manhã. Eu estava realmente com fome, mas quando a comida chegou, quis só uma torrada. Só de pensar nisso, meu estômago já estava estranho novamente. Aquele almoço tardio de um sanduíche de rosbife não caiu bem. Meus seios doem. Eu tinha cochilado várias vezes nos últimos dois dias.



As peças se encaixavam num flash de compreensão e terrível ansiedade. Por que o Ethan estava tão calmo? Ele também devia estar apavorado com a possibilidade de que isto fosse verdade.

— Não pode ser verdade. Simplesmente não pode — falei a esmo, para ninguém em particular.

— Lembra do que eu disse, Brynne!

Estendi minha mão e ele a segurou. Não tinha forças para dizer nada em resposta. O que eu poderia falar, afinal? Desculpe, minhas pílulas anticoncepcionais vieram com defeito? Eu sou um desastre e sempre fui, então posso mesmo ficar grávida para acabar de foder ainda mais com a minha vida? Ou, eu sei que isso complica ainda mais a sua vida estressante, Ethan, eu sinto demais, mas nós estamos grávidos.

Engoli em seco diversas vezes. A saliva aguada começou a se acumular na minha garganta. Mais e mais, e logo soube que passaria horrivelmente mal de novo. Me esforcei para administrar a náusea que tomou conta de mim tão de repente. E perdi.

Cambaleando, corri para o banheiro mais próximo, minha cabeça desesperadamente tentando lembrar a planta baixa deste enorme labirinto em forma de casa. Com a mão na boca, encontrei um lavabo logo ao lado do solário e me atirei sobre o vaso sanitário. Pus as tripas para fora até que não havia mais nada para sair.

Eu queria sumir.

\* \* \*

Em menos de 24 horas, essa era a segunda vez que me via nessa situação com Brynne, e era uma droga. Especialmente para ela. Falar era inútil, então fiquei quieto. Só segurei o cabelo dela e deixei que ela pusesse para fora tudo que havia dentro do seu estômago. Molhei um pouco a toalha com água fria na pia e entreguei para ela. Ela pegou, esfregou no rosto e gemeu. Me senti completamente inútil. *Você fez isso com ela e agora ela te odeia.*

Fred deu uma batidinha na porta aberta.

— Consulta médica? — Ele sugeriu, delicadamente.

— Tem alguma coisa que você pode dar a ela, Fred?

Brynne tirou a toalha molhada do rosto, parecendo pálida e prestes a chorar. Fred sorriu para ela.

— Posso dar um remédio para enjoo, mas vai ser só paliativo.

— Por favor — suplicou Brynne, balançando a cabeça.

— O que isso quer dizer, só paliativo? — Perguntei.

Freddy virou-se para Brynne:

— Minha querida, não me sinto confortável em te tratar se não tivermos uma confirmação. Você tá pronta pra fazer um teste? — Perguntou com gentileza. — Daí vamos saber com certeza e você e o E. vão poder decidir o que for melhor para os dois. Mas precisamos mesmo fazer o teste primeiro.

— Ok. — Foi tudo o que ela disse, e foi para o Fred que ela respondeu, sem sequer olhar para mim.

Brynne parecia fria e distante, como se, de repente, fôssemos estranhos. Isso doía. Queria desesperadamente que me olhasse nos olhos, mas ela não o fez. Em vez disso, colocou novamente a toalha molhada no rosto e manteve os olhos vidrados na parede.

Fred botou os dois kits de teste na bancada da pia. Hannah tinha me ajudado a compra-los na farmácia do centro da cidade, mais cedo, porque eu certamente não saberia o que escolher. Depois de conversar com a minha irmã, ela me convenceu a comprar os testes. Era surreal. De verdade. Nós três parados num banheiro, tentando fingir que essa era uma situação normal, quando, na verdade, era completamente louca. A minha Brynne metaforicamente na mira da arma, sendo forçada a fazer um teste de gravidez surpresa, e eu aqui sabendo do passado dela e da outra ocasião em que ela tinha engravidado.

*Porra!* Eu queria dar um soco na parede de novo, mas não ousaria fazer isso neste lugar. Essas paredes valiam muito dinheiro. Milhares de pensamentos loucos invadiram minha cabeça. *E se ela me odiar por tê-la engravidado? E se isso nos separar? E se ela quiser tirar? E se não estiver nem mesmo grávida, e esse circo todo servir para afastá-la?* Eu estava apavorado, mas mesmo assim precisava saber. Agora. Precisava de respostas.

— Bom, vamos conversar melhor daqui a pouco e tratar de cuidar de você, minha querida. — Ao dizer isso, Freddy saiu do

banheiro, mas se virou para dizer mais uma coisa. E ali estava a Brynne, parada, com os olhos baixos como os de um animal encurralado. Partiu meu coração ver isso. Partiu pra caralho. — Brynne, nós estamos aqui pra te apoiar no que pudermos. Falo isso por mim, mas tenho certeza que a Hannah sente a mesma coisa.

— Obrigada — respondeu com a voz fraca.

Sem o Fred ali, ficamos a sós. Brynne não se mexeu, ela ficou só parada ali. Foi constrangedor. Eu queria tocar nela, mas tive medo.

— Brynne?

Ela levantou os olhos e engoliu em seco, triste e pálida. No segundo em que me movimentei em sua direção, ela deu um passo para trás e levantou a mão para me afastar.

— Quero ficar sozinha. — Seu lábio inferior tremeu quando as palavras saíram, sufocadas. Tão diferente de quando ele se transformava num sorriso sexy. A Brynne geralmente sorria muito mais do que eu. Todo o seu rosto se iluminava quando ela o fazia. Cada vez que sorria, eu tinha vontade de sorrir em resposta. Ela me fazia querer um monte de coisas com as quais nunca tinha me importado antes. Mas Brynne não estava sorrindo agora. Estava morrendo de medo.

Vê-la desse jeito me deixava mortificado.

— Meu amor, lembra do que eu disse.

Saí do banheiro, mas não queria realmente sair. Queria estar ao lado dela quando ela descobrisse. Não queria deixá-la sozinha. Queria que ela estivesse nos meus braços dizendo que me amava e que nós daríamos conta da situação. Precisava disso dela agora, mas sabia que não teria.

Brynne me encarou, enquanto fechava a porta, devagar.

— Não esquece — falei, frações de segundo antes de me ver diante de uma porta de madeira elegantemente trabalhada, enquanto a minha garota se debatia do outro lado.

O tempo passava lentamente enquanto eu aguardava que ela saísse. Meu pavor aumentava exponencialmente à medida que os minutos passavam. Verifiquei as mensagens no meu celular e

respondi a algumas delas, até que cheguei a um SMS do Neil: *Tenho notícias do Fielding.*

Disquei e fiquei esperando pela conexão, olhando fixamente para a porta do banheiro e imaginando o que estaria acontecendo lá dentro. Minha mente entrou em alerta máximo, enquanto eu era transferido para o modo de segurança.

— Chefe.

— O que tem o Fielding?

— Parece que sumiu. Um alerta foi registrado há poucos dias pelos pais dele, que moram em algum lugar no nordeste. Pensilvânia, eu acho. O último contato confirmado foi no dia 30 de maio. De acordo com esse alerta, ele não apareceu no trabalho. O apartamento tá certo. O passaporte ficou lá e não tem nada que indique uma fuga apressada. O consulado, claro, não tem registro de viagens para fora dos Estados Unidos.

— Porra, isso é uma péssima notícia, cara.

— Eu sei. As possibilidades são infinitas. O pai suspeita de crime e disse isso em entrevistas aos jornais.

— Aposto que a turma do Oakley tá adorando a exposição — comentei, sarcástico.

— Por enquanto, nada. O senador Oakley não foi mencionado, então talvez ainda não tenham ligado o Montrose e o Fielding ao Lance Oakley.

— Então vamos pensar aqui. O avião do deputado Woodson cai no início de abril. O nome do Oakley começa a aparecer como um substituto quase que imediatamente. No dia 24 de abril, o Montrose se mete numa briga de bar e leva várias facadas no pescoço e no peito. O filho da puta morre dois dias depois no hospital. Suspeito desconhecido. Tom Bennett entra em contato comigo e eu assumo por aqui no dia três de maio, quando vou conhecer Brynne na galeria Andersen. A última aparição de Fielding foi no final de maio. Tudo fica quieto por um mês. A mensagem assinada ArmyOps17 chega ontem no celular da Brynne, em 29 de junho.

— É.

— O que seus instintos te dizem do Fielding? Você que leu os relatórios.

— Acho que ele tá morto numa cova rasa em algum lugar. Ou então no fundo do Pacífico, alimentando os peixes.

— Por causa do Oakley, você acha?

— Difícil saber. Justin Fielding tinha problemas com drogas. Cocaína, aparentemente.

Uma das razões pelas quais Neil e eu trabalhávamos tão bem juntos era que nossos raciocínios funcionavam no mesmo ritmo. Neil não era de muito papo. Ele falava o que era preciso e não gastava tempo com besteira. Só os fatos. E seus instintos eram matadores, então se ele dizia que não sabia, isso significava que as peças ainda estavam se encaixando.

— Então tá bom. Dos caras do vídeo, dois estão fora de alcance, um morto e outro desaparecido. O terceiro tá na ativa no Iraque, o que faz dele um suspeito muito improvável. A mensagem veio daqui do Reino Unido e foi enviada por alguém que já assistiu ao vídeo, porque sabia que a música estava no original.

— Você tá certo.

— O que você acha de fazer uma pequena viagem à Califórnia?

— Pode ser. Vou pegar um bronzado e matar dois coelhos com uma cajadada só...

— Beleza. Fala com a Frances pra ela arrumar tudo pra semana que vem. Não posso deixar você ir antes de eu voltar.

— Como que a Brynne tá? Melhor, espero. — Neil perguntou, com a voz bem mais suave.

Grunhi qualquer coisa ao telefone, sem saber exatamente como responder. *Não vou falar porra nenhuma!*

— Hum... Ela ainda tá meio mal. Mas o Fred tá cuidando dela.

Me apressei em me despedir e encerrei logo a conversa. Eu podia falar de trabalho o dia inteiro, mas com esses lances pessoais eu não tinha nenhuma experiência, nem eram coisas sobre as quais eu queria começar a conversar.

Chequei o relógio e voltei para a porta do banheiro. Já tinha se passado vinte minutos desde que ela a havia fechado na minha cara. Parecia uma eternidade. Dei uma ou duas batidinhas na madeira.

— Brynne? Posso entrar?

Nada.

Girei a maçaneta e chamei o nome dela, mais alto desta vez.  
Silêncio.

Encostei a orelha na porta e escutei. Não dava para ouvir nada lá dentro, e comecei a repassar na cabeça o desenho do cômodo. Afinal, faz parte do meu treinamento compreender a estrutura dos prédios e conhecer o caminho mais rápido para sair deles. Às vezes você percebe as coisas com uma clareza repentina, de um jeito que é assustador. Esse era um desses momentos. O solário tinha uma conexão com o banheiro do outro lado da casa.

Então eu soube. Eu soube antes de receber a mensagem no meu celular, um instante depois: *Eu preciso... Me desculpa.*  
*WATERLOO*

# Capítulo 8

**P**or favor, me dê forças para fazer isso, rezei. Tudo que eu via era a expressão no rosto do Ethan quando eu fechei a porta. Em que ele estaria pensando agora? Provavelmente, desejando que nunca tivesse ouvido falar de mim. Me sentia tão boba e envergonhada. Mas isso não mudava o que eu sentia por ele, apesar de tudo. Eu o amava tanto quanto antes. Só não sabia como haveríamos de passar por um drama como esses e sobreviver como casal. Como poderíamos?

Abri a torneira e bebi pelo menos uns três litros de água, direto da bica, enxaguei a boca e lavei o rosto. Eu parecia a noiva do Frankenstein do antigo filme em preto e branco. Meus olhos estavam pavorosos, tão arregalados quando os daquela atriz. Queria fingir que nada daquilo estava acontecendo, mas sabia que não era possível. Esses seriam os pensamentos de uma criança, e eu não sou mais criança! Vou fazer 25 anos em dois meses. Como alguém podia ter cometido tantos erros em 25 anos?

Peguei um dos pacotes de teste e abri. Segurei a vareta do teste com a legenda em inglês virada para mim, e minhas mãos estavam tremendo. O sinal de menos para quem não está grávida e um sinal de mais para “você tá grávida, sua piranha irresponsável”. Tive a

mesma sensação de novo, como se meu corpo quisesse flutuar. Fechei os olhos e respirei fundo, tentando encontrar forças para ir em frente. Foi aí que ouvi a voz metódica do Ethan falando baixo do outro lado da porta. Ele estava numa ligação, provavelmente falando de assuntos de trabalho. Quase quis rir daquela situação absurda. Eu lá dentro, fazendo um teste de gravidez, e ele do outro lado, tocando calmamente a vida. Como diabos ele conseguia fazer isso?

Olhei ao redor da minha prisão, para as paredes bonitas, e foi aí que eu vi. Uma porta. Acho que nunca era usada, mas isso não queria dizer que eu não pudesse usá-la agora. Nem pensei, simplesmente fiz o que eu tive vontade quando a Zara fez os primeiros comentários sobre mim.

Eu corri.

Não parecia que tinha passado muito tempo, mas me peguei chegando à costa rochosa por onde havíamos corrido naquela manhã e soube que já tinha percorrido um longo caminho. Quanto mais longe eu ia, mais culpada me sentia por ter saído sem dizer nada. Ethan ficaria magoado. *Magoado? Ele vai ficar puto da vida!* Vai brigar comigo. Me perguntei se ele já teria se dado conta de que eu não estava mais lá. Fechei os olhos ao imaginar como ele ficaria quando descobrisse e soube que precisava fazer algum contato. Lembrei de algo que ele tinha me dito há muito tempo. Foi na época em que ele pediu para eu escolher uma palavra de segurança. Ethan disse que era para usá-la quando precisasse de espaço, que me respeitaria. Da outra vez em que precisei, ele cumpriu a promessa.

Ethan era honesto comigo. Acreditava que iria manter a palavra, então mandei um SMS para ele, botei o celular no silencioso e continuei a correr. Não sei o que esperava. Não sei o que esperava, mas sabia que o exercício físico me ajudava. Precisava liberar um pouco de adrenalina de algum jeito, e ao menos era algo que eu conseguia controlar.

Acabei chegando até o fim do píer, bem em frente ao Café Sea Bird, onde nós comemos, horas antes. Como as coisas mudam rapidamente em um só dia.

Ethan falou "lembra do que eu te disse, Brynne". Ele repetiu isso várias vezes. Ele queria que eu soubesse que me ama. Esse era o



Ethan, sempre preocupado em me apoiar, mesmo quando eu ficava completamente irracional. Mas isso... Só de pensar já era demais, não queria encarar. Não queria enfrentar a verdade. Correr por aí como uma boba pela cidade de praia também não haveria de ajudar em nada.

*Controle-se, Bennett.*

Isso me deu a força necessária para empurrar a porta da cafeteria. Fui até a primeira funcionária que vi e disse que tinha tomado café da manhã ali, e que achava que poderia ter esquecido meus óculos de sol no banheiro. Ela me fez um gesto qualquer e eu fui adiante.

Puxei a varetinha do teste e fiz o que era preciso, com muita raiva de mim mesma por estar em um banheiro público em vez de em casa com o Ethan, que tinha ficado lá esperando por mim. Me apoiando. Suas últimas palavras tinham sido muito firmes, "não se esqueça", garantindo à sua maneira que ele estaria ali para mim. *Eu sou tão idiota.*

Tentei segurar o choro que insistia em sair e nem sequer olhei para o indicador do teste. Tampei-o e empurrei-o de volta no bolso calça jeans, lavei as mãos e saí dali. Nunca tinha me sentido tão absolutamente fraca e patética e perdida. Bem, sim, já. Sete anos atrás, e foi bem pior.

Era fim de tarde e o calor do sol estava começando a diminuir, o vento aumentava, mas eu não sentia frio. Não... Eu estava suando enquanto seguia o mesmo caminho de volta pelo qual o Ethan tinha me levando mais cedo. Eu sabia aonde queria ir. Poderia sentar e pensar por um tempo... E em seguida... E depois? O que eu faria então?

O caminho da floresta não estava mais tão claro como de manhã e tinha, definitivamente, perdido um pouco do clima de conto de fadas, mas segui em frente e quase nem notei. O trinco do portão de metal abriu da mesma forma que antes e ressoou bem alto atrás de mim, depois que entrei. Corri pela trilha de cascalho, levantando pequenas pedras em cada passo. Me apressei; de alguma maneira, precisava vê-lo novamente. Suspirei aliviada quando avistei a estátua do anjo-sereia. Sim. Ele ainda estava lá. Me

repreendi por pensar que seria diferente. Ele era real e não uma invenção da minha cabeça. *Você está enlouquecendo.*

Sentei-me bem embaixo dos pés da estátua e senti meu coração bater. O ritmo era tão forte, tenho certeza de que conseguia movimentar a pele em cima dele. Não estava vestida para correr, mas pelo menos calçava sapatos bons. Fiquei ali sentada por um bom tempo. O mar parecia mais escuro e azul do que tinha estado pela manhã. O vento era mais cortante e trazia uma leve garoa. Eu achava o cheiro delicioso; terra e água e vento, tudo misturado. O cheiro da vida.

Vida.

Será que eu carregava uma vida pequenina dentro de mim? Todo mundo parecia acreditar que sim. A ideia daqueles três discutindo minha vida como se eu fosse um tipo de cobaia ainda me enfurecia. Mais segredos. Ethan sabia que eu não aceitava segredos. Não consigo lidar com eles e duvido muito que um dia consiga. Quando eu sou a última a saber das coisas, por menores que sejam, é como se me transportasse para o momento em que vi pela primeira vez o vídeo gravado naquela mesa de sinuca. Eu sendo fodida como se fosse lixo. Sem valor. Horrível. Muito horrível.

É o meu calcanhar de Aquiles. A cruz que eu tenho que carregar. Espero que chegue o dia em que eu possa fechar a tampa da caixa de Pandora e mantê-la fechada. Desde que conheci o Ethan, a tampa foi escancarada várias vezes.

Não é culpa dele, no entanto. Eu sei bem. É minha. Fiz escolhas, como todo mundo faz. Tenho que viver com elas. O velho clichê "você colhe o que planta" faz muito sentido, na verdade.

Ainda não estava pronta para olhar o resultado do teste. Simplesmente não estava. Acho que isso faz de mim uma fraca, mas eu nunca pretendi ser muito boa da cabeça, mesmo. Por isso vou à dra. Roswell e sempre dei a ela bastante assunto para trabalhar nos últimos anos. Aliás, agora ela teria mais ainda. Vou precisar de um terceiro emprego só para pagar a terapia.

Então, de volta ao que pode acontecer. Grávida. Um bebê. Uma criança. Um filho do Ethan. Nós dois, pais... Estou bem certa de que quando ele sugeriu que nos casássemos, não era isso que tinha em

mente. *Mesmo assim, seria um pai maravilhoso.* Tinha visto como era com a Zara e com os meninos. Ele era bom com eles. Brincalhão, mas com algum bom senso.

Ethan seria o mesmo tipo de pai que eu tive. O melhor. Se é que ele desejava isso. Eu estava apavorada, porque simplesmente não sabia a resposta para essa pergunta.

Imaginar o Ethan no papel de pai foi o que me derrubou. As lágrimas brotaram e não pude mais segurá-las, nem por um segundo.

Chorei ali no gramado daquela maravilhosa mansão de pedra, encrustada na rocha da costa de Somerset, aos pés do anjo-sereia que observava o mar. Chorei até que não houvessem mais lágrimas no meu corpo e era chegada a hora de avançar ao próximo estágio do processo. Já estava bem de negação e raiva. O que viria em seguida? Negociação? Ethan teria que ser ouvido. Já me sentia culpada o bastante por tê-lo deixado sozinho na casa. Ele vai me odiar...

Estranhamente, a choradeira ajudou, porque eu me sentia um pouco melhor. Mas estava com uma sede terrível.

Precisava de água; me dei conta de que estava desidratada. Todo esse vômito e a corrida fazem isso com você. Olhei à minha volta em busca de uma bica, e logo vi uma. Fui até lá e a abri, deixando-a fluir um pouco antes de beber, com a minha mão em concha levando a água à boca. O gosto era tão bom que bebi gole após gole, até ficar satisfeita. Fiz também o melhor com o meu rosto, tentando limpar todas as lágrimas, arrumando a bagunça nojenta que eu estava.

Voltei ao meu lugar debaixo do estátua e de novo observei o mar por um tempo. Meu rosto úmido estava bem frio, no contato com a brisa, até que secou completamente.

*Agora é hora de olhar.*

Hora de olhar e descobrir o que as cartas revelam para mim. Não ficaria mais pronta do que isso, decidi. Quando enfiei a mão no bolso para pegar o teste, senti outra onda de náusea e me perguntei como ainda seria possível vomitar qualquer coisa.

Aparentemente, nem mesmo a água era bem-vinda no meu estômago, porque não tive saída senão me ajoelhar nas pedras e botar para fora toda aquela água tão refrescante que tinha acabado de beber.

\* \* \*

Mantive distância o tempo todo. Dei a Brynne o espaço que pediu e respeitei seu desejo.

Até que ela passou mal de novo.

Não podia deixá-la passar por isso sozinha. Não a minha garota. Não quando ela precisava de ajuda e cuidado de alguém que a amasse. Vê-la sentada embaixo da estátua da sereia, chorando compulsivamente, tinha sido duro de assistir. Mas eu não tinha outra opção. Não podia deixá-la sozinha num lugar aberto, quando estava constantemente em risco. Isso não aconteceria. Desde aquela manhã em que ela desceu para comprar café e encontrou com o Langley na rua, eu fiz questão de me certificar de que o GPS do celular dela estava ativado. *Aquela babaca*. E já que ela havia levado o celular, ligado, eu pude acompanhar praticamente todos os movimentos dela. Entretanto, a parada no café me surpreendeu. Me pergunto por que teria feito isso. A estátua fazia muito mais sentido para mim. Era um lugar de paz. Qualquer um imediatamente entenderia por que ela veio a este lugar para ficar sozinha.

— Eu tô aqui — disse, chegando por trás dela e segurando o cabelo num rabo de cavalo, movimento que ficava cada vez mais frequente.

— Ah, Ethan... — Ela engasgou entre uma ânsia e outra. — Sinto muito. Me desculpa.

— Shhhh, tudo bem. Não tenta prender. — Esfreguei as costas dela com uma das mãos e continuei a segurar o cabelo com a outra. — É só a água que você bebeu que tá voltando.

Quando finalmente terminou, ela caiu como uma flor murcha, encurvada para o chão, parecendo realmente doente. Tinha que levá-la de volta para casa o mais rápido possível. Ela precisava dos cuidados médicos do Fred, para depois descansar um pouco.

Trouxe-a para mim e senti suas pernas bambas. Vê-la nesse estado me partia o coração. Não podia evitar sentir-me horrivelmente culpado por fazer isso com ela.

— O-o-obrigada por ter vindo me bu-buscar — gaguejou, com os lábios completamente azulados. Ela estava gelada e tremia, então tirei minha camisa e botei sobre seus ombros, torcendo para que a camada extra fosse aquecê-la mais um pouco.

Ela estava dócil e permitiu que eu tomasse conta da situação, o que era um grande alívio. Cuidar da Brynne era algo que eu sabia fazer. Eu não precisava de muita coisa, só da certeza de que ela queria a minha ajuda. Queria a mim.

— Eu sempre vou te buscar. — Peguei-a no colo e comecei a descer o longo caminho da Stonewell Court até a estrada, onde eu tinha estacionado, do lado de fora do portão. Ela fechou os olhos e botou a mão espalmada no meu peito.

Bem em cima do meu coração.

Sempre me espantava em ver como era fácil carregá-la. Eu sabia por quê. Era porque Brynne sempre levava meu coração com ela, onde quer que fosse. Meu coração estava nas mãos dela, e carregá-la era um tipo de autopreservação, quem sabe? Segurá-la era como segurar a mim.

Eu não sabia explicar, mas entendia. Fazia completo sentido para mim.

Falei de novo:

— Sempre vou buscar você, Brynne.

Assim que chegamos à casa, Fred me disse para subir com ela, botá-la na cama no nosso quarto. Quando a deitei, já estava dormindo. Não acordou nem quando tirei seus sapatos ou ajeitei o cobertor em volta dela.

Minha garota parecia péssima. Nunca diria isso em voz alta, mas ela parecia. Não quer dizer que ela não continuasse sendo a mulher mais bonita do mundo, claro. Para mim, era. Minha linda garota americana.

Fred aproximou-se, pelo outro lado da cama e beliscou a pele do braço dela algumas vezes. Sentiu a pulsação no pescoço e depois mediu a temperatura pelo ouvido.

— Ela tá muito desidratada, com pulso acelerado. Quero dar fluidos pela veia. Ela precisa disso agora, porque já não tem muita massa e não pode correr o risco...

— Você pode fazer isso aqui, pra ela não precisar ficar no hospital?

— Posso, mas tenho que dar um pulo na clínica pra pegar o que preciso. Depois, alguém vai ter que tomar conta dela a noite toda.

— Eu faço isso. — Olhei para minha garota, dormindo, e torci para que ao menos ela tivesse bons sonhos. Brynne merecia. — Não vou sair do lado dela.

— E qual foi o veredito? Vou ou não vou ser titio?

— Não sei, Fred, ela não chegou a dizer. A gente ainda não sabe...

Mas eu queria tanto saber...

Assim que o Fred saiu, puxei as cobertas para poder tirar o jeans dela. Queria que ficasse confortável na cama, já que, pelo visto, passaria um bom tempo nela. Ah, se não ia! Brynne ia descansar, nem que para isso eu a amarrasse naquela merda.

Achei uma *legging* para vestir no lugar da calça jeans e um par de meias roxas peludinhas que ela gostava de usar à noite. Brynne tinha pés lindos, e gostava de receber massagem neles. Eu já tinha reparado como ela os lambuzava de creme à noite, antes de calçar meias. Ela dizia que era por isso que eles eram tão macios.

Desabotoei a calça dela e puxei-a de uma vez só pelas suas pernas compridas e sexy. A calcinha azul veio junto. Observei o corpo dela, como já tinha feito tantas vezes antes, tão perfeito e encantador. Só que nem pensei em sexo dessa vez. Em vez disso, olhei para a barriga dela, tão lisa e magrinha, e pensei no que poderia estar crescendo ali dentro.

*Será que a gente vai ter um bebê?*

Brynne poderia estar completamente assustada com essa possibilidade, mas se fosse o caso, eu não tinha a menor dúvida de que ela seria uma ótima mãe. Minha garota era brilhante em tudo o que fazia.

Brynne mexeu a cabeça no travesseiro, agitada, mas não acordou. As palavras suaves que eu tinha falado perto do ouvido

dela não passaram de um cochicho, mas eu torcia para que, de algum jeito, ela tivesse me escutado. Vesti a legging nela e emendei rapidamente com as meias, feliz de poder passar as mãos naquela pele e fazer alguma coisa útil com elas.

Tê-la de volta comigo, em segurança, era o mais importante, mas, mesmo assim, receber o segundo “Waterloo” no nosso relacionamento não tinha sido legal. Por outro lado, eu ficava satisfeito em ver que ela sabia usá-lo quando precisava. Tinha até se desculpado antes de digitar a palavra na mensagem. Suspirei. Sabia que a Brynne vinha fazendo o melhor que podia e, ao menos, era honesta em me pedir um pouco de espaço e tempo quando sentia necessidade. Eu fazia as coisas do único jeito que conseguia. Não sabia o que poderia fazer de diferente.

Vesti-la com uma camiseta larga foi um pouco mais difícil. Escolhi a do Hendrix porque era macia e eu queria que ela ficasse o mais confortável possível. Felizmente, o fecho do sutiã era na frente. Soltei-o com facilidade, revelando seus seios lindos, e pensei que eles não pareciam estar nem um pouco diferentes para mim. Eram perfeitos, só isso. Mas as aparências enganam e eu tinha visto como ela reagiu quando toquei neles mais cedo. *Como é possível que ela tenha engravidado, quando eu via que ela era tão cuidadosa com a pílula?*

Apesar de tudo, meu pau idiota reagiu à visão da pele nua dela. Queria torcê-lo como castigo por ter posto a gente nessa confusão, mas sabia que não serviria para nada. O único jeito de mantê-lo longe dela era se eu estivesse morto e enterrado.

O que, aliás, poderia ser antes do que a gente esperava, levando em conta a velocidade dos acontecimentos. Por Deus, eu mal conseguia acompanhar, e sentia como se tivesse envelhecido um ano nas últimas 24 horas. Na pressa de terminar de trocar sua roupa, levantei-a um pouco da cama, com cuidado, para passar a camiseta pela cabeça e depois puxá-la nas costas. Ajeitei, até que sua pele linda estivesse coberta de novo.

Não resisti a beijar sua testa, antes de enfiar os braços nas mangas. Ela não acordou nem uma vez durante todo o processo, o que não me tranquilizou em nada. Não queria que ela passasse mal,

mas queria que acordasse logo. Queria muito. Tentava manter minhas emoções sob controle, mas não era fácil, especialmente quando a minha Bela Adormecida não vai acordar com um simples beijo meu. Então, em que posição eu ficaria nesse fim de semana? Quando você para pra pensar, os contos de fada são cheios de merda.

Conforme puxei os lençóis para cobri-la, alguma coisa caiu do pé da cama e bateu no chão com um barulho seco. Seria o celular? Provavelmente. Ela sempre usa o celular no bolso da calça. Me estiquei para pegá-lo do chão e vi que mais alguma coisa tinha caído. E ali estava, simplesmente jogado no meio do bolo de tecido azul. Um pedaço de plástico branco com uma tampa roxa, que diria um bom pedaço do nosso futuro.

Eu sabia o que era aquela vareta, mas continuei sem saber seu segredo. O lado do resultado caiu virado para o chão.



# Capítulo 9

**A**bri os olhos e vi o Ethan cochilando numa poltrona confortável ao lado da cama. Os braços dele estavam cruzados no peito e as pernas longas esticadas no pufe em frente. Ele era tão bonito; olhar para ele por muito tempo quase doía a vista. Eu continuava impressionada por ele ter ido me buscar. Como ele podia querer isso? Como era possível? Por que ele ainda não tinha fugido para as montanhas?

Achei meu braço esquerdo esquisito, e descobri o porquê quando vi o tubo enfiado nele, conectado a uma bolsa de soro pendurada no alto, num desses cabides com rodinha.

Me sentei na cama, procurando o relógio para saber as horas. Quanto tempo eu teria dormido? Os ponteiros marcavam um pouco depois das dez e meia. Os acontecimentos da tarde voltaram numa onda; logo me preparei para mais dor e sofrimento, mas não senti nada. Acho que a correria, o choro e o vômito sugaram toda minha energia para reagir. Em vez disso, eu estava agora numa cama quentinha e macia, com o Ethan tomando conta de mim e um tubo na minha veia. Ok, isso era um pouco assustador. Mas devo ter chegado em casa bem derrubada, para precisar tomar líquidos intravenosos.

Me aninhei nas cobertas e aproveitei para admirá-lo dormindo, sentado na poltrona. Não havia de ser muito confortável para ele. Coitado. Devia estar exausto, depois do que aconteceu, de todas as coisas que a gente fez no último um dia e meio.

Eu ainda não estava pronta para encarar tudo, mas me sentia na minha melhor forma em horas, e... segura. Muito segura sob os cuidados do Ethan, do jeito que sempre acontecia, desde aquela noite em que me levou para casa no carro dele. Me entreguei de novo ao sono, satisfeita em saber que, pelo menos por enquanto, eu não estava sozinha.

Quando acordei outra vez, a poltrona do Ethan estava vazia.

O relógio na mesa de cabeceira marcava um pouco depois de uma e quinze da madrugada, e eu supus que ele tivesse ido para a cama. Outra cama. Em outro lugar. Respirei fundo e tentei me conformar. Me transformar numa maria-mole chorona não me ajudaria em nada. Mas era inegável que, de vez em quando, entregar os pontos fazia bem, especialmente quando você tinha alguém para te segurar. *Como o Ethan...*

Me dei conta de que queria ir ao banheiro, então tirei as cobertas e, cuidadosamente, me arrastei para fora da cama. Os meus pés estavam um pouco trêmulos e os músculos muito doloridos, especialmente as pernas e o abdômen, mas não pude deixar de sorrir quando vi as meias que usava. O Ethan devia tê-las calçado em mim. *Ele realmente tem que me amar.* Honestamente acreditava que ele amava, mas temia que a novidade e a delicadeza de uma gravidez matasse esse sentimento. A gente estava indo rápido demais para dar certo. *Certo?*

Era preciso arrastar o suporte do soro comigo, ou me arriscaria a arrancar a agulha de dentro do meu pulso. Estremeci com a aparência daquele troço feio, aliviada por não me lembrar da espetadela. O suporte era meio desconfortável, mas me virei para fazer o que precisava.

Depois, a primeira providência foi escovar os dentes. Gemi de verdade ao sentir o gosto divino da pasta e a sensação fresca de estar com a boca limpa, depois de muitas rodadas de vômito. *São as pequenas coisas...*

Em seguida, ataquei meu cabelo, que estava horroroso, há de se reconhecer. Não queria nem imaginar o que podia ter grudado nele. Na verdade, queria mesmo era um banho, mas não havia jeito de fazer isso sozinha enquanto estivesse enganchada numa agulha. Escovar e trançar o cabelo já melhorava um pouco as coisas, mas a aparência ainda era péssima. Dei uma olhada para a banheira.

— O que você tá fazendo fora da cama? — Ethan vociferou da porta, com uma carranca pesada em seu belo rosto.

— Tive que ir ao banheiro.

— Terminou?

Balancei a cabeça e olhei ansiosamente para aquela magnífica banheira de mármore. Os olhos dele seguiram os meus na mesma direção.

— Nem pense nisso. Você vai voltar para a cama. — Apontou para o quarto, ainda me encarando.

Levantei as duas sobancelhas.

— Agora você aponta pra onde eu tenho que ir?

— Aham. E é pra lá! — Mexeu o polegar para dar mais ênfase e se aproximou, me tirando do chão sem qualquer dificuldade. — Segura o suporte que ele vem também, meu amor.

Eu chiei, mas peguei o suporte. As roupas dele estavam frias quando encostaram em mim. O Ethan não perdeu tempo para me botar de volta na cama e arrumar meu soro.

— Pra quê que eu preciso disso, afinal? — Perguntei.

Ele se inclinou, chegando com os lábios bem perto dos meus.

— Porque, de acordo com o Fred, você estava tão desidratada quando te encontrei, que ele queria te internar. — Os olhos dele estavam sérios, mas a voz saía suave, mesmo me contando a verdade crua.

— Ah. — Não sabia o que mais poderia dizer e comecei a sentir as emoções subindo, ameaçando meu frágil equilíbrio. Botei a minha mão que estava livre até a lateral do rosto dele e senti os pelos da barba, aquela mistura de suave e áspero que já me era bem familiar. O Ethan fechou os olhos, como se estivesse apreciando meu toque, e isso me entristeceu. Ele também precisava de consolo.

— Você estava lá fora fumando, não estava?

Ele fez que sim com a cabeça e notei certo olhar de arrependimento, talvez vergonha. Me senti ainda pior. Ele certamente não precisava do meu julgamento numa hora dessas. Já tinha dado o maior trabalho para esse homem hoje e ontem, e ele continuava aqui comigo, ao meu lado. Foi me buscar, disse que me amava e cuidou de mim quando fiquei doente. Fez tudo isso e eu fiz o quê? Fugi, num arroubo de auto piedade e fiquei tão doente que poderia estar num hospital agora, não fosse o Freddy médico.

— Sinto muito... — Sussurrei. — Te magoei de novo. E sinto muito, muito por isso.

— Quieta. — Trouxe seus lábios até os meus e me beijou docemente, com cheiro de menta e especiarias, como se quisesse me mostrar que ainda estava ali comigo.

Meu rochedo de força.

— Estou feliz por você estar aqui; acordei mais cedo e te vi dormindo na cadeira... Depois acordei de novo e você tinha ido embora...

— Onde mais eu estaria, meu amor? — Passou o polegar nos meus lábios.

— Longe de mim?

Ele balançou a cabeça bem devagar.

— Nunca.

— Mas eu ainda não sei o resultado do teste. Não vi. — Comecei a desmontar.

— Eu também não — respondeu prontamente, passando a mão no meu cabelo.

— Como que você pode não saber?

— Não sei — confirmou, delicadamente. — O teste caiu no chão quando eu tirei a tua calça.

— E você não olhou? — Indaguei, incrédula.

Ele balançou a cabeça de novo e sorriu.

— Não. Quis te esperar, pra gente ver junto.

Me pendurei no pescoço dele e não consegui mais segurar. Ao menos, tentei não ser muito escandalosa. O Ethan apenas me abraçou e acariciou minhas costas. Ele era bom demais para mim e

eu, honestamente, me perguntava o que tinha feito para merecer alguém como ele.

— Deita aqui comigo — falei, ainda abraçada nele.

— Tem certeza que é isso que você quer?

— Tenho, tenho certeza! — Balbuciei, em meio a mais lágrimas.

O Ethan deve ter gostado da minha resposta, porque não perdeu tempo em se juntar a mim.

Eu tratei de secar os olhos enquanto ele tirava o jeans, mas mantinha a cueca. Não que ela nos detivesse quando queríamos ficar pelados, mas não acho que nenhum de nós teria forças para fazer qualquer coisa além de dormir, naquele momento. Nós dois estávamos pisando num território forrado de cascas de ovos.

O Ethan se enfiou debaixo das cobertas e passou o braço em volta de mim, como fazia frequentemente. Me encaixei ao lado dele, de maneira que pudesse parcialmente deitar no seu peito. Minha mão esquerda estava presa no soro, podia mexê-la muito pouco, mas ainda assim consegui fazer um carinho nele, desenhando círculos imaginários na sua camiseta. Me enterrei nele e respirei fundo seu perfume delicioso.

— Você tá com um cheiro tão bom. Eu devo estar fedendo que nem lavagem de porco.

— Bom, eu não saberia dizer, minha linda, porque nunca cheguei nem perto de lavagem de porco, pra saber que cheiro tem.

— Dava para perceber que ele estava me gozando. — Como é que você sabe o cheiro?

Sorri e murmurei.

— É de uma lavagem metafórica que eu estou falando, e dá no mesmo. Funciona até melhor, provavelmente.

— Com isso tenho que concordar. Prefiro a lavagem de porco metafórica do que a de verdade. — Fez uma massagem atrás do meu pescoço e implicou comigo. — Se esse cheiro que estou sentindo é de lavagem, então lavagem tem um cheiro muito bom. Aliás, diria até que amo esse cheiro de lavagem de porco.

Funcionou. Ele conseguiu me fazer rir um pouco, ao menos, e isso me ajudou a ter coragem de dizer a ele que eu estava pronta para encarar o destino.

— Ethan?

— Sim, meu amor?

— Como você sabia que eu ia voltar lá na estátua do anjo?

— Eu liguei o GPS no teu celular já faz um tempo. — Senti os músculos dele se retesarem um pouco. — Apesar de não ter gostado de ler *Waterloo* naquela mensagem, fiquei satisfeito em ver que você fez o que tinha que fazer.

Deu um beijo na minha testa.

— Fiquei aliviado por você ter levado o celular contigo, ligado. Vou insistir pra você fazer sempre isso quando eu não estiver junto. A gente vai ter que conversar de novo sobre segurança, aliás.

— Por quê? O que houve?

Ele dissipou minhas perguntas com mais beijos e murmurou, bem firme:

— Depois.

Só pelo tom, deu para ver que ele falava sério, daí preferi deixar para lá. Ele estava certo, de qualquer forma. A gente tinha outras coisas para tratar primeiro.

— Quero ver o resultado do teste agora.

— Antes, preciso falar uma coisa. — Agora era o Ethan que soava ansioso.

Dava para sentir o corpo dele tenso, e eu não gostava nada dessa mudança. Fiquei com medo do que ele diria. Se ele dissesse o que eu temia, estaria tudo acabado entre a gente. Havia uma coisa que eu simplesmente não ia fazer. Sabia que não seria capaz. Já tinha passado por isso e não sobreviveria se tivesse que fazer de novo.

— Tudo bem, pode falar. — Senti meu estômago dar uma cambalhota de nervoso, mas estava determinada a ouvir. Precisava saber. Fechei os olhos.

— Olha pra mim. — Ele passou o dedo pela curva do meu rosto, até terminar nos meus lábios. — Preciso que você esteja olhando nos meus olhos pra dizer isso.

Abri os olhos e o encontrei me encarando fixamente. A intensidade com a qual ele demandava que eu o obedecesse era de cegar.

— Brynne, quero que você saiba... Não, quero que você *acredite* que, qualquer que seja o resultado, não vai mudar nada no meu sentimento por você. Esse pode não ser o plano que eu tinha em mente, mas se for o destino, então não vou fugir dele. Eu sei aonde quero ir e quem eu quero levar comigo. — Botou a mão em cima da minha barriga e deixou-a lá. — Você e quem quer que a gente possa ter feito junto vão vir comigo.

A expressão dele revelava muita determinação, mas dava para ver alguma vulnerabilidade nos seus olhos também, quase medo.

As palavras dele foram certas, talvez até um pouco duras. Achei que estava entendendo o que ele me dizia, mas queria ter certeza. Uma fagulha de esperança começou a se acender dentro do meu coração e eu fui mais fundo do que nunca para encontrar a coragem de fazer a pergunta seguinte.

— Então... Então você não vai pedir para eu fazer um abortar...

— Claro que não! — Me interrompeu. — Não saberia lidar com isso, Brynne. Seria errado demais pra mim. Espero de verdade que você ache a mesma coisa.

Estremeci e soltei um longo suspiro.

— Obrigada, Senhor. — Senti as lágrimas brotando nos meus olhos. — Eu sei que não conseguiria enfrentar um aborto, mesmo que você exigisse. Minha mãe quis fazer isso comigo e foi o que me levou ao limite. Eu sei que não seria capaz.

Ele me beijou para que eu parasse de falar e depois encostou a testa na minha.

— Obrigado — sussurrou, com os lábios macios acariciando o meu rosto.

Fiquei só respirando por um tempo, abraçada junto ao corpo dele. Precisava absorver tudo e compreender os sentimentos dele, e estava tão aliviada.

— Então você ficaria... satisfeito?

Ele nem hesitou.

— Não sei se "satisfeito" é a palavra que eu usaria para descrever como me sinto sobre a possibilidade de termos um filho, mas sei bem o que a minha consciência me diz, e se estivermos

mesmo esperando... então acho que foi o destino que quis assim, e a gente só tem que encarar.

Os olhos do Ethan pareciam tão azuis nesse momento que tive certeza de que poderia me afogar neles.

— Você acredita em destino?

Ele balançou a cabeça. Sem palavras; ao contrário, ele fez um gesto que fez eu me sentir mais íntima dele do que se tivesse dito qualquer coisa.

— Ok, onde é que tá?

— Onde é que tá o quê?

— O teste. Estava no bolso da frente da minha calça.

Ele ficou pensando por um instante e em seguida começou a rir. Isso era bem estranho, mesmo para o Ethan, se considerarmos as circunstâncias.

— Qual é a graça? — Quis saber.

— Acabei de me dar conta de que não tá mais aqui. O Freddy sabe. Ele é o único que sabe a verdade.

— Como que ele sabe e você não?

— Bom, ele tinha que ir pra clínica, buscar os remédios pra te dar, e foi nesse meio tempo que eu vi que o teste tinha caído no chão. — Me deu um beijo na lateral da testa. — Eu estava parado, olhando pra ele, quando o Fred chegou. Ele perguntou se eu ia olhar o resultado. Daí eu disse a ele pra ver, mas pra não me contar. E foi isso que ele fez. Ele olhou o resultado e pôs a vareta no bolso da camisa, eu acho. Ele estava mais preocupado em te repor os fluidos e, pra falar a verdade, eu também. Você estava completamente apagada; não acordou nem quando eu troquei a sua roupa. Fiquei morrendo de medo.

Ele me apertou um pouco e pediu:

— Nunca mais você faz isso comigo, por favor.

— Acredita em mim, eu não tenho a menor intenção de passar mal desse jeito de novo. É horrível... — Divaguei, me dando conta de que a gente continuava sem ter uma resposta para a pergunta que precisava de uma. — Espera, tem o outro teste.

— É, estava mesmo pensando nisso. Será que ainda tá lá embaixo no lavabo? — Se sentou na cama e procurou sua calça



jeans no chão. — Espero que sim, pro bem do Fred. Acho que ele não gostaria de ser acordado às duas da manhã para nos devolver o outro.

— Você vai descer pra procurar?

— Uhum, — falou. — Estou esperando horas para saber, não quero esperar mais.

Enquanto vestia as calças, me deu outro daqueles olhares intensos.

— Tudo bem?

Concordei com a cabeça e respirei fundo de novo.

— Quero saber também.

Ele ficou de pé e checou o meu soro, antes de se abaixar para me dar mais um beijinho.

— Não sai daí, meu amor.

— Pode deixar — respondi com sarcasmo e apontei para o pulso. — Quero me livrar disso.

— De manhã ele tira. — Passou a mão no meu cabelo, do jeito carinhoso e calmo que ele fazia. — As gotinhas tão caindo bem devagar agora.

Ele me deu um sorriso lindo. Adorava ver o sorriso dele. Adorava quando ele sorria, ponto. Porque o rosto dele todo se modificava quando ele parecia tão... feliz.

— Vou ficar bem aqui esperando.

Ele parou de sorrir e ficou sério, mas se virou para me olhar mais uma vez da porta, de jeans, com os pés descalços, os cabelos desalinhados penteados com os dedos e a barba por fazer.

Ele me tirava o fôlego.

\* \* \*

Enquanto descia a escadaria, pude respirar relaxado pela primeira vez em horas. Bem, talvez "relaxado" não seja o termo exato, mas o pavor que vinha esmagando meu peito como uma bigorna tinha se dissipado o suficiente para que conseguir respirar sem sentir dor.

Para começar, ela tinha voltado à terra dos vivos. Depois, a gente estava na mesma página no que dizia respeito a gravidezes indesejadas. Com o resto a gente lidaria um passo de cada vez.

O primeiro era encontrar o teste fechado.

Não estava no lavabo, onde eu o tinha visto pela última vez, mas isso fazia sentido, já que a casa era um hotel em funcionamento durante a maior parte do tempo. A Hannah não deixaria uma coisa assim num lugar onde os hóspedes pudessem encontrar. Não esperava mesmo que estivesse lá.

Tentei a cozinha, em seguida. Tinha uma ideia de onde ela poderia ter guardado, por isso acendi as luzes. A copa era enorme, com uma parede inteira coberta de utensílios de cozinha e material de limpeza. Passei os olhos por cada prateleira, até que, bingo, achei. A caixa que eu tinha comprado na farmácia mais cedo estava no meio dos sabonetes. Reli o pacote. “Tão confiável quanto um teste de laboratório” e “Mais de 99% de confiabilidade” tinham que significar alguma coisa, não é?

Quando ia saindo da cozinha, passei pela prateleira onde estava a fotografia da minha mãe, comigo e com a Hannah. Parei e segurei-a. Olhando para ela, me dei conta de que era assim que eu sempre imaginava a minha mãe.

Era sua beleza capturada numa foto pela última vez, antes de ela ir embora e se transformar em outra coisa. Olhei para a minha imagem aos quatro anos, o jeito que eu me encostava nela e como ela me tocava, minha mão em sua perna, e me perguntei se já teria dito a ela que a amava. Que tinha feito isso em sonhos e orações era claro, mas será que já tinha dito essas palavras a ela, para que ela as ouvisse de mim? Não havia ninguém a quem eu pudesse perguntar, no entanto. Mesmo se houvesse, não acho que pudesse lhes fazer essa pergunta. Seria cruel querer que o meu pai ou a Hannah lembrassem de algo desse tipo.

Pensei no rumo que estava tomando com a Brynne e no que faríamos dali a poucos minutos, e desejei demais que minha mãe pudesse acompanhar tudo. Que eu pudesse ligar para ela e dizer “tenho uma novidade pra contar, mamãe, e acho que você vai gostar”.

Passei o dedo na imagem daquele rosto adorável e devolvi a foto à prateleira, sabendo que, de alguma maneira, a conexão ainda estava lá, e que sim, ela podia estar me vendo. Guardei aquela esperança junto ao meu coração, apaguei a luz e subi as escadas para ver minha garota.

A Brynne estava sentada na cama, bonita e ansiosa. Ao vê-la, fui tomado por um instinto protetor tão incrivelmente intenso que precisei fazer uma pausa. E percebi uma coisa importante. Naquele momento, soube que qualquer um que ousasse tentar machucá-la ou ao nosso filho, que talvez estivesse a caminho, teria que me matar primeiro, antes de chegar até eles. Uau. Espantei o pensamento porque isso não importava mais. Se qualquer coisa acontecesse com ela, eu estaria acabado, de qualquer jeito. Simples assim.

— Achou? — Perguntou, com a voz doce.

Sacudi a embalagem enquanto me aproximava.

— Eis o teste perdido.

— Ok, estou pronta — disse, calmamente, e estendeu a mão.

Pus a caixa no colo dela e segurei sua mão. Em vez de beijar-lhe o dorso, virei-a e preferi pressionar meus lábios sobre seu pulso. Dava para sentir as batidas do coração ali. Vi que os olhos dela se encheram de lágrimas, então sorri e falei a verdade para ela:

— Tudo vai dar certo, do jeito que tiver que ser, meu amor. Não tenho dúvidas disso.

— Como você consegue?

Dei de ombros.

— Eu só sei que a gente vai ficar junto e que, se isso for parte do nosso futuro, então é melhor que a gente vá adiante logo.

Puxei as cobertas e ajudei-a a sair da cama.

— Eu posso andar. E prometo que dessa vez vou sair pela mesma porta que entrar. — Baixou os olhos para o chão, envergonhada.

Não pude evitar o deboche, por mais que isso fizesse de mim um belo de um babaca.

— É, também acho, minha linda. Você teria uma certa dificuldade pra descer aquela escadaria com esse suporte de soro

sem eu notar.

Ela imediatamente deixou de ficar embaraçada e me encarou com seus lindos olhos, me perfurando com eles.

— Posso imaginar uma coisa ótima pra fazer com esse suporte aqui.

— Essa é a minha garota. — Ajudei-a a chegar no banheiro, empurrando o suporte, incapaz de fechar a minha boca falastrona. — Esse é um ótimo suporte, sabia? Provavelmente, tem muitas utilidades.

Ela fechou a porta do banheiro na minha cara e me deixou em pé, esperando do outro lado, pela segunda vez aguardando uma informação que, agora, eu queria que fosse verdadeira. É estranho, mas desde o início me apeguei à ideia, assim que foi sugerida. A possibilidade de ter um bebê tinha seu aspecto assustador, claro, mas éramos pessoas inteligentes, e certamente havia muito mais coisas a nosso favor do que muita gente que começava uma família cedo tinha. Nosso filho aprofundaria nosso relacionamento, nos faria mais sólidos, e isso era algo muito bonito, a meu ver.

Eu sabia o que sentia, ainda que não pudesse admitir para nenhuma outra pessoa na face da Terra. *Se a minha garota estiver grávida, se fizemos um bebê juntos e ele está crescendo dentro dela agora mesmo, então não vou nunca perdê-la, ela não vai nunca me deixar e nada pode afastá-la de mim.*

Não via a menor razão para que qualquer um pudesse discordar da minha lógica. Fazia todo sentido para mim.

# Capítulo 10

Quando abri a porta do banheiro, o Ethan estava no mesmo ponto onde eu o tinha deixado, sorrindo debochado. Agradei a Deus por ele brincar comigo e tentar tornar essa situação estressante um pouco mais tranquila. Se tivesse que analisá-lo, diria que ele estava lidando *muito bem* com a possibilidade de ser pai.

Na verdade, ele quase parecia torcer para que eu estivesse grávida. Cheguei a me perguntar o porquê, mas era fácil perceber que ele e eu não estávamos no mesmo ponto sobre isso tudo. Longe disso. O Ethan era bem mais velho. Oito anos. Diferença que pesava consideravelmente quando se tratava das possibilidades iminentes de casamento e família. A vida estava acontecendo muito depressa e isso me deixava em pânico. A única coisa que me dava força para ir em frente e encarar essa situação maluca era a atitude dele.

Eu continuava sem entender direito como era possível que eu estivesse grávida. Tinha muitas perguntas a fazer ao meu médico, isso eu sabia. Como, por que diabos, uma pílula não funciona, quando você nunca deixou de tomar uma sequer, religiosamente, por anos?

Ele passou o braço em volta de mim e começou a andar junto comigo de volta para a cama, arrastando o suporte do soro.

— Você me esperou aí? — Olhei de relance para ele.

— Claro que sim — respondeu, segurando no meu queixo e levantando-o um pouco até chegar aos seus lábios para me dar um beijo apaixonado e molhado. Eu precisava disso. Parecia que ele sempre percebia quando eu tinha necessidade de afeição e segurança; era muito generoso em me dar as duas coisas.

Botei o teste na mão dele e vi quando os olhos dele se arregalaram.

— Quero que você veja primeiro. Você olha e depois me diz. Demora uns minutos para dar o resultado. — Minha voz soava tão trêmula quanto eu.

Ele sorriu para mim.

— Ok. Posso fazer isso. Mas, primeiro, você vai voltar pra cama.

O Ethan me beijou na testa, pousou o teste sobre a mesinha de cabeceira e o deixou lá. Ele me botou na cama, se livrou da calça jeans de novo e se deitou ao meu lado. Me puxou para perto dele, de modo que ficamos na mesma posição de antes. Deitei minha cabeça de volta no peito dele e espalmei a mão sobre os músculos firmes. Tinha tanta coisa para dizer que mal sabia por onde começar. Melhor começar pela parte mais importante.

— Ethan?

— Oi?

— Eu te amo tanto.

No instante em que sussurrei essas palavras, senti o corpo todo dele relaxar. Percebi que a rigidez se desfez e entendi que ele tinha esperado por essa declaração ao longo das horas desse dia-barrapitado. Sabia que não conseguia dizer isso com a mesma frequência e tão facilmente quanto o Ethan fazia e, por mais que eu tentasse demonstrar, percebi que ainda ficava me segurando e me dei conta de que não era certo fazer isso. Eu podia fazer um esforço maior, pelo bem dele.

— Eu também te...

Encostei os dedos nos lábios dele e não o deixei terminar. Levantei a cabeça.

— Eu sei disso. Você me diz isso o tempo todo. Você é muito melhor do que eu para expressar os sentimentos, mas quero que

saiba que vejo isso na maneira como você toma conta de mim, em como é sempre tão seguro e simplesmente tá sempre aqui pra mim.

Ele respirou fundo.

— Brynne... Esse é o único jeito que...

— Por favor, me deixa acabar. — Pressionei de novo meus dedos nos lábios dele. — Tenho que falar isso antes de a gente ver o resultado e eu me perca completamente. Tenho certeza que isso vai acontecer, independente do que der.

Seus olhos azuis eram tão expressivos e me diziam tanto, mesmo que ele não abrisse a boca. Ele beijou meus dedos, que continuavam em cima dos lábios dele, e esperou que eu continuasse.

Respirei fundo de novo.

— Fugi de você pela última vez. Não vou te mandar um “Waterloo” de novo. Foi terrível sumir daquele jeito e estou muito envergonhada do que eu fiz, uma coisa fraca e egoísta. Agi como uma criança e não consigo nem começar a imaginar o que a tua família pensa de mim agora. Eles devem estar rezando pra eu não estar grávida, só com uma gripe daquelas, porque eu tenho certeza de que me acham uma doida americana que está tentando te prender.

— Não. Não, não, não, eles não acham isso — me interrompeu, encostando os lábios nos meus e me calando de uma vez. Ele me rolou para baixo dele, tomando muito cuidado com o meu pulso esquerdo, esticando meu braço e deixando-o fora de alcance para não levar um tranco. Esse tipo de cuidado era a cara do Ethan. Tomar conta de mim era o jeito que ele tinha para lidar com as coisas, e era exatamente o que eu precisava. *Como é que ele sempre sabia?*

Ele me beijou delicadamente, me segurando embaixo dele e percorrendo o interior da minha boca com a sua língua, fazendo movimentos circulares dentro dela. Senti aquela sensação deliciosa de ser invadida, a mesma que eu tinha sempre que estávamos juntos. Seu desejo de estar dentro de mim se encaixava com a minha necessidade de tê-lo ali.

Ele levantou a cabeça e me segurou, uma das mãos apoiando seu corpo e a outra na minha bochecha. Ele estava com uma cara séria.

— Eu sei a verdade, Brynne. Eu estava lá no primeiro dia, lembra? Eu sei como foi difícil te convencer a ficar comigo. Quis te ter naquela época, exatamente como te quero agora, e como eu vou sempre querer. — Ele abaixou a cabeça e se concentrou no meu pescoço, me dando beijinhos e mordidinhas e lambidinhas, voltando em seguida para a minha boca, para que pudesse me engolir de novo.

Eu desabrochei com suas carícias íntimas, encontrei o caminho ao qual precisava chegar.

Ele se afastou, seus belos traços marcados refletidos em mim pelas sombras da única lâmpada acesa no quarto. E ali mesmo, nas primeiras horas da noite, envolvidos numa experiência que teria o poder de mudar nossas vidas para sempre, meu Ethan disse as palavras mais perfeitas.

— Queria poder fazer amor com você agora. Agora. Antes de a gente saber, porque nada vai mudar o que eu sinto aqui dentro... por você. — Ele pegou minha mão direita e a pôs espalmada sobre seu coração.

— Sim, por favor — consegui dizer antes que me embrenhasse por um caminho de amor que me deixaria totalmente entregue. Essa história com ele não tinha volta.

Ele se levantou e se sentou sobre os joelhos. Os olhos estavam perfurantes de tão azuis, pedindo permissão, porque era assim que ele era comigo. Ethan sabia o que queria e como consegui-lo de mim, mas ele precisava ter certeza de que eu queria também.

Eu queria. Não trocamos palavras, porque elas não eram necessárias. Não mesmo.

Devagar, levantei meu braço direito ao encontro do esquerdo e arqueei as costas, me oferecendo para ele de um jeito que eu sei que ele adora. Me submetendo aos cuidados dele, sabendo que ele nos levaria a um lugar onde poderíamos ficar juntos e nos entender tão bem.



Ele tirou a camiseta e jogou-a longe. Meus olhos estavam vidrados no abdômen de tanquinho dele e nas curvas dos deltoides e bíceps. Eu poderia olhar para ele por horas, mas normalmente não conseguia chegar nem perto de matar meu desejo de vê-lo.

Ethan levantou minha camisa até acima da minha cabeça, mas deixou-a amontoada em volta do meu braço esquerdo. Ela teria que ficar ali, por causa do soro que continuava conectado. Ele levou as mãos para baixo, passando-as de leve pela minha pele, acompanhando-as com os olhos. Ele me lembrava um pianista, enfeitiçado, se preparando para começar a tocar uma música. Era bonito de se ver.

Ele se curvou sobre mim e, partindo da base da minha garganta, desceu a língua tão longe quanto pode. Passou-a cruelmente devagar pelo esterno e pela barriga, onde deu atenção especial ao umbigo. Não chegou nem perto dos seios e essa decisão me deixou louca, com meu corpo em chamas implorando pelo toque dele. Ainda entretido no meu umbigo, olhou para mim, enquanto pegava na cintura da legging. Conforme baixava a calça, foi descendo a língua, até o meu centro, o meu sexo. Ainda com a língua, afastou os lábios e encontrou meu clitóris, inchado, doendo de desejo por ele. Me arqueei na cama e gemi, enquanto ele me devorava até quase atingir o orgasmo.

— Ainda não, minha linda — falou, com os lábios enterrados na minha boceta. Diminuiu o ritmo da língua para me manter no limite do clímax, sem me deixar chegar lá. Apoiou uma mão espalmada sobre a minha barriga; com a outra, puxou a legging até tirá-la completamente. Eu ajudei um pouco, levantando levemente os quadris.

Ele afastou uma das minhas pernas para o lado e para o alto e me observou, toda aberta para ele. O som que saiu de dentro dele foi um rugido de desejo. O Ethan me deixou totalmente nua, exposta, presa pelas suas mãos — e desceu novamente para me penetrar com a sua língua, o mais fundo que conseguiu ir. Ele fazia mágica com a língua e eu me senti como se estivesse caindo, enquanto meu corpo se encaminhava para uma explosão. Acho que morreria se não conseguisse logo.

— Fala pra mim, agora — ele ordenou, respirando pesadamente contra mim.

Mais uma vez, eu o entendia. Sabia precisamente o que ele queria ouvir.

— Eu te amo, Ethan! Eu te amo. Eu te amo tanto... — Fiz minha declaração soluçando, formando palavras quase inaudíveis.

Mas ele me ouviu.

O Ethan cobriu meu clitóris com a língua e chupou-o com força. Gozei como uma explosão nuclear, devagar no início, com uma pausa antes do estouro incendiário que me esmigalhou em milhares de fragmentos incontáveis. Pequenos pedaços de mim que somente poderiam ser recolhidos e refeitos por um homem. Só o Ethan conseguiria isso. Essa verdade eu entendia implicitamente. Que o homem que tinha o poder para me despedaçar era o único que tinha o poder de me refazer em seguida.

Os olhos azuis do Ethan estavam pairando sobre mim quando abri os meus. Ele tinha subido para perto do meu rosto e a sua mão estava agora onde sua boca tinha acabado de estar, dedos longos deslizavam dentro de mim, seu polegar massageando o centro nervoso que era o clitóris, numa sensação incrível de prazer.

Eu estava flutuando, ofegante, olhando para ele, aceitando seus beijos e seu toque. O gosto do meu sexo na boca dele sempre me agradava, fazia com que me sentisse acariciada. Como se ele quisesse dividir essa experiência comigo. Ele tirou os dedos de onde estavam enfiados e os levou até a minha boca, deslizando-os para dentro e para fora, ao longo da minha língua. Era intimidade em cima de mais intimidade. Ethan cochichava coisas eróticas sobre como eu era e o gosto que eu tinha, o cheiro, o que ele ia fazer depois. Eu estava impaciente, querendo mais, especialmente porque dava para sentir o pau duro e enorme dele encostado na minha perna, o que revelava que em algum momento ele tinha dado um jeito de tirar a cueca... Tentei me aproximar, fazendo círculos com os quadris, encostando mais nele. Ele riu e murmurou qualquer coisa sobre dar isso para mim no seu próprio tempo.

Voltei a pensar que não ia aguentar, ia morrer até lá.

— Meu Ethan... — Tentei tocá-lo com a minha mão, mas ele simplesmente puxou meu braço para cima de novo e me deu um olhar que dispensava legendas. Mexi a cabeça de um lado para outro, precisando de mais e me sentindo desesperada.

— Diz pra mim o que você quer!

Arqueei mais uma vez o corpo, mas era o Ethan quem controlava a velocidade ali.

— Quero sentir você dentro de mim — implorei.

— Hum... Você vai — ele cantarolou, rouco. — Agora você vai. Vou te meter meu pau bem... bem... devagarzinho. Tão devagar e tão lá no fundo que vai parecer que todas as moléculas do meu corpo tão lá dentro.

Eu *ia* morrer.

Senti que ele estava se armando na posição entre as minhas pernas, me abrindo, o pau pronto para entrar devagar, roçando na minha carne úmida. Mas ele não entrou. Ele sabia o que fazia. Eu sabia o que ele fazia. Ele estava saboreando, prolongando a expectativa, me oferecendo cada pequena sensação de toque e prazer, muito lentamente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Era um Ethan suave e muito paciente este que me amava essa noite.

Ele se apoiou nos cotovelos e começou a balançar os quadris, pouco a pouco, num ritmo lento e controlado, enquanto fazia movimentos ínfimos para encostar só a ponta do pau, que beijava a carne quente da minha boceta, repetidamente.

Seu corpo pulsava sobre mim, nossos olhos ardentes fixos um no outro, quando ele baixou a cabeça para tocar minha testa com a sua. Só depois de estabelecida esta conexão foi que ele enfiou tudo em mim, cedendo, finalmente, para concluir o ato. Ele se enterrou em mim até o fundo e soltou o gemido mais erótico que já tinha visto sair da garganta dele.

Solucei com a sensação.

Ethan veio até meus lábios novamente e enfiou a língua em mim, mexendo-a no mesmo ritmo dos movimentos deslizantes do seu pau, sem pressa de me fazer acompanhá-lo. Eu sabia que ele ia esperar até eu gozar de novo, ou estivesse ao menos quase lá.

Seu ritmo se intensificou e eu o apertei dentro de mim o mais forte que consegui, tentando extrair dele o máximo que pudesse. Vi que estava dando certo quando ele ficou ainda mais rígido, dentro de mim, e começou a respirar cada vez mais ofegante. Eu achava lindos os sons que ele fazia, iam crescendo na minha cabeça, me fazendo chegar cada vez mais perto de outro clímax.

Quando ele botou a boca num dos mamilos e apertou o outro com um beliscão de leve, eu vi que era a hora e estourei tal qual uma onda, arrastando tudo no meu caminho. Ethan me olhou explodir, soltou um grunhido animal e me encheu com jorros quentes. Os últimos movimentos foram furiosamente rápidos, até que ele diminuiu o ritmo e passou a mexer os quadris em suaves rotações, que nos minaram até a última gota de prazer e nos deixaram cair, exaustos.

Eu estava cheia do líquido dele e não queria que essa sensação fosse embora. Queria ficar assim com ele, para sempre. Nesse momento, parecia mesmo que essa pudesse ser uma possibilidade gloriosa.

Mas ele se virou na cama e me levou com ele até que eu fiquei por cima, meu pulso esquerdo absolutamente intocado, mesmo depois de tudo o que fizemos. Aí sim ele me deixou usar as mãos para tocá-lo. Levei-as até o peito dele e espalmei-as ali, sentindo as batidas do seu coração.

Ele segurou o meu rosto e me beijou por um tempo, sussurrando mais palavras para dizer o quanto me amava e que eu era dele, não importava o que acontecesse nas nossas vidas, que ele nunca ia deixar de me amar. Ele passou a mão nas minhas costas, seguido a linha da minha espinha, para cima e para baixo.

Depois de mais alguns momentos de intimidade abraçados, ele falou com a voz baixa:

— Não dorme ainda, não.

— Não vou dormir, não.

— Você tá preparada?

Balancei a cabeça e murmurei:

— Estou.

— E nada muda entre a gente.

— Nada muda o fato de que a gente se ama. — Fiz questão de ser bem clara.

— Eu sabia que você não era uma dessas bonitonas burras, desde a primeira vez em que te ouvi falar. — Piscou o olho para mim.

Ele esticou a mão para pegar o teste na mesa de cabeceira e levou-o até a luz. Meu coração começou a bater mais rapidamente, e não era mais por causa dos orgasmos deliciosos.

— Aparece um sinal de menos pra negativo e um de mais para positivo — disse, sem pensar.

Ethan me levantou uma sobrancelha para mim.

— Obrigado pela dica, mas acho que teria adivinhado essa parte, meu amor.

Ele apertou os olhos para ler melhor.

Encostei a bochecha no peito dele e tentei respirar.

Ele olhou para o negócio e, logo em seguida, sua mão recomeçou a se mexer para cima e para baixo ao longo da minha coluna, devagar, como estava fazendo antes.

Foi como se tivesse passado um tempo enorme, mas ele permaneceu quieto, distraidamente massageando minhas costas com a mão, ainda conectados, o pau dele ainda enterrado em mim, semiereto, até que não consegui mais suportar a espera.

— Que que diz? — Perguntei baixinho.

— Você precisa olhar pra mim.

A insegurança que já conhecia há anos, com quem eu mantinha uma relação próxima, íntima, reapareceu para ameaçar todos as boas vibrações que tínhamos acabado de aproveitar juntos. Esse medo quase me paralisou, mas Ethan não permitiria. Ele continuou com a massagem, até me libertar do medo que tinha me dominado.

— Esquece tudo e olha pra mim, Brynne.

Tomei coragem e levantei o olhar. Desde o primeiro instante em que conheci Ethan, seus sentimentos sempre foram evidentes — das expressões no seu rosto ao tom da voz e à linguagem corporal. Era fácil saber se ele estava satisfeito, chateado, relaxado ou até mesmo feliz. A expressão do Ethan feliz não era frequente, mas eu já a tinha

visto vezes suficientes para reconhecê-la. Quando olhei para a cara que ele estava me fazendo agora, eu tive certeza de uma coisa.

Meu Ethan estava feliz — feliz de verdade em saber que ia ser pai.

# Capítulo 11

— **P**elos prontuários que o dr. Greymont mandou, eu concordaria com ele que você está de sete semanas, Brynne.

O médico já tinha certa idade e eu tinha sido ensinado a respeitar os mais velhos, mas era indiscutível que eu não gostava nem um pouco de ver onde as mãos dele estavam agora. Determinado a identificar os batimentos do coração do bebê, o dr. Thaddeus Burnsley tinha posto uma sonda, vestida com um preservativo, dentro de Brynne.

Ainda bem que ele estava focado no monitor e não nela. Era bem esquisito, mas fazer o quê, era parte do processo; melhor eu ir me acostumando. Mas não faço ideia de como alguém pode ter um emprego assim. Passar o dia todo vendo partes íntimas de mulheres grávidas? Deus do céu, o cara tem que ter uma resistência de touro. Foi o Fred que recomendou-o para a gente, então estávamos ali para a primeira consulta. Ethan Blackstone e Brynne Bennett, futuros pais do Bebê Blackstone, que deverá chegar no início do ano que vem.

— Isso seria o quê? Meados de maio? — A Brynne olhou para mim; eu estava sentado ao lado dela. Pisquei para ela e soprei um beijo. Sabia o que ela tinha em mente. Ela estava fazendo os

cálculos e se dando conta de que eu a havia engravidado logo de saída. O homem das cavernas em mim estava bem orgulhoso e, metaforicamente, fiz o gesto de bater do peito igual ao Tarzan. Mas ainda bem que eu fui esperto o suficiente para manter minha boca fechada.

— Parece que sim, minha querida. Ah, aqui está ele. Escondido, como eles fazem quando são assim tão pequenos. Bem aqui. — O dr. Burnsley se concentrou numa pequena mancha branca que flutuava no meio de uma mancha preta maior na tela. A pequena mancha se fazia notar pelos batimentos cardíacos rápidos.

Brynne deu uma engasgada e eu apertei a mão dela.

Nós dois ficamos olhando, vidrados na enormidade do que estávamos vendo. O resultado de um exame fica muito diferente quando você pode vê-lo com seus olhos e ouvi-lo com seus ouvidos. *Eu estou olhando para outra pessoa. Que nós fizemos juntos. Eu vou ser pai. A Brynne vai ser mãe.*

— Tão pequeno — ela comentou, com a voz suave.

Não conseguia imaginar como a Brynne estaria absorvendo tudo isso, porque eu estava me sentindo mais do que impressionado. Não sei bem o porquê, mas, de repente, me caiu a ficha de que isso era para valer e que íamos ser pais, quiséssemos ou não. *As exatas palavras que a Hannah disse.*

— Tem mais ou menos o tamanho de um mirtilo e os sinais são todos bem fortes. Os batimentos estão bons e as medidas também. — Ele apertou um botão para imprimir algumas imagens e retirou a sonda. — Você deve ter o bebê na primeira quinzena de fevereiro, ao que tudo indica. Agora você pode se vestir e me encontrar na minha sala. Daí conversamos mais.

O bom doutor entregou as imagens à Brynne e nos deixou a sós.

— Como é que você tá, meu amor?

— Tentando absorver tudo isso. Poder ver o bebê deixa tudo muito diferente. — Ela se sentou na maca e olhou para as fotos, estudando-as. — Ainda não consigo acreditar. Ethan, como é que você tá tão calmo?



— Eu não estou — respondi sinceramente. — Estou tremendo por dentro. Quero fumar um cigarro e beber alguma coisa. Tenho certeza de que você vai ser perfeita em tudo e eu vou ser um idiota completamente inútil.

— Uau. Grande mudança desde o fim de semana — ela sorriu.

A gente já tinha passado por isso tudo com o Fred. Sabia que ela não estava zangada. Já havíamos conversado, os dois já tinham surtado, cada um na sua vez, e seguimos em frente. Essa era apenas a primeira visita oficial ao médico. Haveria outras mais. Os dois já tinham aceitado que o sol continuaria a nascer todos os dias e a Terra, a rodar. Melhor então era se acostumar com a ideia. Me aproximei e espiei as imagens.

— Do tamanho de um mirtilo, né? Incrível que um mínimo pentelho consiga te fazer passar tão mal.

Ela beliscou meu braço.

— Você acabou de chamar nosso bebê de mínimo pentelho? Por favor, diz pra mim que não te ouvi dizer isso!

— Tá vendo? Já estou fazendo isso. Um completo idiota, ofendendo nosso bebê que tem o tamanho de um mirtilo. — Apontei para o meu peito com o polegar.

Ela riu e se inclinou na minha direção. Passei os braços em volta dela e levantei seu queixo, muito contente de reconhecer um brilho nos seus olhos. Se eu era capaz de fazê-la rir, era porque estava indo tudo bem. A Brynne não conseguia fingir o que sentia para mim. Se ela estivesse triste com isso, eu saberia, com certeza. Porra, os dois estavam apavorados, mas eu não tinha a menor dúvida de que ela seria muito, muito boa nessa aventura de maternidade. Não havia um fiapo de hesitação na minha cabeça. Ela seria a mãe perfeita.

— Eu te amo, mãe do nosso bebê com tamanho de mirtilo. — Dei um beijo nela, fiz um carinho com meu polegar na sua bochecha e achando que ela estava com um brilho todo especial naquela hora.

— Obrigada por ser assim comigo. Se fosse diferente, acho que não seria possível te amar do jeito que eu amo, sabia? — Ela cochichou as palavras finais.

— Eu sei, sim.

Ela pulou da maca e vestiu a calcinha de renda, depois a calça cáqui e os sapatos.

— Vou ver o que consigo fazer pra te deixar de novo de bem com o mirtilo. — Fez um gesto na direção da barriga. — Eu tenho boas conexões.

Agora foi ela quem me fez rir.

— Muito bem, espertinha. Vamos lá conversar com o dr. Sonda de Banana pra gente poder ir embora.

— Engraçado. Já te falei que acho muito sexy o jeito que vocês ingleses falam “banana”?

— Acabou de dizer. — Apertei o bumbum dela e nos beijamos mais uma vez. — Te dou a minha banana, se você quiser.

Ela abriu a boca, surpresa, mas me derrubou de jeito. Minha garota estendeu a mão direita e segurou meu pau e minhas bolas. Ela me deu uma boa apalpada e encostou os seios deliciosos no meu peito.

— A sua banana vai precisar se esforçar, se você ainda quiser fazer alguma coisa com ela.

— Puta merda, minha irmã estava certa. Os hormônios deixam as grávidas loucas por pau. Acho que vou morrer de tanto sexo.

Ela deu de ombros e se virou para sair da sala de exame.

— É, mas seria um jeito divertido de morrer, não seria?

Segurei a mão dela e a segui para fora da sala, agradecendo a Deus pelos hormônios da gravidez, e estampando na cara o que posso ter quase certeza de que era um sorriso bem idiota.

— Tudo parece estar muito bem. Quero que você comece a tomar as vitaminas pré-natais. Também pode continuar com o remédio que o dr. Greymont prescreveu para os enjoos, tomando quando precisar. Você parou com todas as outras medicações? — O dr. Burnsley foi direto ao ponto.

— Parei — Brynne respondeu. — O dr. Greymont me disse que o antidepressivo pode ter alterado a eficácia do anticoncepcional e por isso...

— Eles podem interagir, sim. É por isso que a bula recomenda precaução em dobro. Fico surpreso que o farmacêutico não tenha te alertado para isso.

— Não lembro se ele falou alguma coisa, mas, de qualquer maneira, não seria seguro continuar tomando agora que estou grávida, não é?

— Isso mesmo. Nada de álcool, cigarros ou medicamentos, a não ser as vitaminas e o de enjojo, pra você enfrentar o próximo mês. Depois, o seu apetite vai aumentar e você vai enjoar menos. Quero que você se alimente bem. Você está muito magra. Tenta ganhar um pouco mais de peso, se conseguir.

— Tudo bem. E exercício? Eu gosto de correr alguns quilômetros de manhã.

Boa pergunta. Estava bem impressionado com as perguntas inteligentes que ela fazia ao médico, tanto que fiquei quieto, sentado, só escutando e tentando não parecer muito burro. E não perdi a parte sobre o cigarro. Eu entendi o recado muito bem. Era preciso parar. Era absolutamente imperativo que eu parasse. Não poderia fumar perto da Brynne ou do bebê, para o bem da saúde deles. *Então, o que isso diz sobre o que estou fazendo?* Sabia o que deveria acontecer, eu simplesmente não sabia como iria conseguir.

— Por enquanto, você pode continuar com todas as suas atividades normalmente, incluindo relações sexuais.

A longa pausa que o médico fez nesse momento me deu a chance de ter alguns belos pensamentos sobre a minha namorada enlouquecida pelos hormônios e sobre todas as maneiras que eu poderia aliviá-la. Por outro lado, ela estava lindamente corada e eu fiquei de pau duro, garantindo que passaria um longo e doloroso dia no escritório, torturado por pensamentos eróticos, imaginando o que poderia estar me esperando em casa quando eu chegasse. *Que filho da puta sortudo que eu sou.*

— Com moderação, o exercício é sempre benéfico.

*Ah, pode deixar que eu vou dar bastante exercício para ela.*

O dr. Burnsley deu mais uma olhada na ficha dela.

— Mas eu vejo aqui que você trabalha num museu, restaurando quadros. Isso quer dizer que você se expõe a solventes e outras substâncias químicas desse tipo?

— Isso mesmo. O tempo todo.

— Bom, isso é um problema. Gases que contém chumbo são perigosos para o bebê e, como você trabalha com peças muito antigas, é exatamente isso o que você vai encontrar. As tintas domésticas mais modernas não oferecem perigo, mas esses compostos químicos mais antigos são preocupantes. Você tem que se afastar imediatamente. Tem como você pedir para fazer outro tipo de trabalho durante a gravidez?

— Não sei. — Ela parecia confusa. — É o meu trabalho, como que eu vou dizer que não posso chegar perto de solventes pelos próximos oito meses?

O dr. Burnsley levantou um pouco o queixo e nos deu um olhar compreensivo que, no entanto, não chegou a nos enganar por um momento.

— Você quer ter um bebê saudável, senhorita Bennet?

— Claro que sim, eu só não esperava... — Ela agarrou os braços da cadeira e respirou fundo. — Vou dar um jeito. Quer dizer, eu não sou a primeira restauradora a engravidar. — Ela passou os dedos pelos cabelos. — Vou conversar com a minha supervisora na universidade e vou ver o que eles podem fazer.

A Brynne deu um sorriso amarelo e eu percebi que ela não tinha ficado nada contente com esse pequeno desdobramento, mas ela não questionaria uma recomendação médica. Minha garota era muito sensata quando o assunto era importante.

Eu sabia como o trabalho dela era importante para ela. Ela adorava o que fazia. E era brilhante. Mas se houvesse perigo para o bebê, então seria preciso suspender o trabalho. Dinheiro nunca tinha sido um problema entre a gente. Mas a verdade é que nunca tínhamos conversado sobre isso. Para todos os efeitos, ela já tinha se mudado para o meu apartamento, e não havia qualquer dúvida do caminho pelo qual enveredaríamos. Ela se tornaria minha mulher e tudo o que eu tenho seria dela também. Nós vamos ter um filho. Nossa trilha era clara, mas esses pormenores tinham que ser organizados ainda. Eu sabia bem o que eu queria, mas o relógio era cruel com a gente no momento, não tínhamos muito tempo para gastar com planos. Pelo menos não até que as Olimpíadas terminassem.

Depois que a bomba da gravidez estourou nos nossos colos, no fim de semana, corremos para Londres, de volta à rotina de trabalho. A gente nem tinha contado aos nossos pais ainda — eu tinha feito a minha irmã e o Fred prometerem manter segredo e ameacei-os de morte, caso dessem com a língua nos dentes.

A gente estava tentando se acostumar com tudo isso, além das imensas responsabilidades do meu trabalho, já que os Jogos começariam em vinte dias. Eu mal tinha tempo para essa consulta. Como eu desejava um cigarro. Ou três.

Assim que saímos do consultório, botei os braços em volta dela e beijei-a na testa.

— Foi divertido, querida. O dr. Burnsley é um cara simpático, não acha?

— Claro, ele é incrível — respondeu, sarcástica, com os braços cruzados embaixo dos seios.

— Ah, vamos lá, ele não é de todo mau. Ele te passou a banana.

— Meu Deus, como você é babaca! — Me deu um tapa no ombro e riu. — Só você pra fazer uma piada com uma situação tão desconfortável.

— O que importa é que funcionou, e foi pra isso que a gente veio — concluí, conforme fomos andando.

— Mas eu estou meio preocupada com o meu emprego. Nunca pensei na possibilidade de ter que parar. — Ela parecia estar triste com isso.

— Talvez uma licença seja uma coisa boa, afinal. Te daria tempo para planejar o que vem por aí. — Dei uma olhada para a barriga dela, mas tentei manter um tom leve e otimista. Melhor não pegar pesado, lembrando a ela que seria preciso abrir mão de algo que ela amava. — Eu adoraria ter você mais tempo em casa, e você vai precisar descansar bastante. Talvez assim você possa se concentrar num projeto ou em alguma coisa que você queria fazer, mas não tinha tempo antes.

— É — ela respondeu, sem prestar muita atenção. Achei que dava para ver as caraminhas se movimentando dentro da linda cabecinha dela, mas era difícil de ter certeza, porque ela não estava a fim de papo. — Vou dar um jeito.

— Claro que vai. — Apertei-a mais um pouco, puxando-a para perto de mim, e detestando ter que deixá-la para ir trabalhar. Queria poder passar horas na cama, abraçado nela. Era tudo o que eu queria. Parei na calçada e virei-a para mim. — Mas, por favor, não se preocupa demais com isso. Eu vou tomar conta de vocês dois. Você e o pentelhin..., ahn, o mirtilo são minha prioridade agora.

Ela sorriu, mas em seguida o lábio superior dela começou a tremer, e seus olhos lindos, que estavam meio verdes, meio castanhos, debaixo do céu de verão, ficaram molhados. Ela botou uma das mãos em cima das minhas. Fiquei olhando a lágrima solitária que escorreu pelo lindo rosto da minha garota.

Escancarei minha boca num sorriso. Adorava tê-la assim. Precisando de mim para cuidar dela e sabendo que ela ia me deixar fazer isso. Eu realmente não preciso de muito.

Só do amor dela e da aceitação do meu, junto com o meu cuidado.

Ela revirou os olhos, envergonhada.

— Olha só pra mim. Eu estou completamente descontrolada!

— Eu estou olhando, mas você se esqueceu de uma coisa, meu amor. Você é uma descontrolada linda. — Sequei a lágrima com o meu polegar e lambi o dedo. — Quero dizer, se você vai surtar, é melhor ser uma surtada linda.

Consegui que ela risse um pouco.

— E agora? Que tal um sanduíche de almoço? — Olhei para o relógio. — Queria ter tempo pra comer alguma coisa melhor que um fast-food.

— Não, tudo bem, tenho que me apressar também. — Ela suspirou, sorriu para mim e segurou minha mão. — Tenho que fazer um comunicado no trabalho, ao que parece.

Quando saímos da delicatessen com nossos sanduíches e nos acomodamos em um banco para comer, me dei conta de que a gente estava bem em frente à loja de aquários de água salgada. Apontei para lá e perguntei a ela se poderíamos dar uma passada na loja depois de comer, porque eu queria marcar a manutenção semestral do meu aquário.

A Brynne deu uma boa olhada para a loja e sorriu.

— Aquários Fontaine. — Ela alargou o sorriso e deu uma mordida no sanduíche de peru.

— Quê? Por que que você tá rindo que nem o gato da Alice? Ela não me respondeu. Em vez disso, me fez outra pergunta.

— Ethan, quando você comprou o Simba?

— Há seis meses, acabei de falar.

— Não, que dia que você comprou?

Pensei por um instante.

— Bom, agora que você perguntou, eu acho que foi na véspera de Natal, pra falar a verdade. — Olhei para ela e inclinei minha cabeça, curioso.

— Era você! Era, sim! — O rosto dela se iluminou. — Eu estava comprando um presente para a tia Marie e estava tanto frio. Eu ainda tinha que andar um mais um bom pedaço, então entrei nessa loja pra me esquentar um pouquinho, estava bom lá dentro. Escuro e quente. Dei uma boa olhada nos peixes e vi o Simba. — Ela riu de si mesma e balançou a cabeça, incrédula. — Eu até falei com ele. O vendedor me disse que ele tinha sido vendido e que o cliente estava chegando pra pegá-lo.

A lembrança veio em um flash.

— Estava nevando — me disse, espantado.

Ela assentiu para mim lentamente.

— Fui até a porta pra sair e encarar de novo o frio, quando você entrou. Você cheirava tão bem, mas eu não cheguei a olhar direito pra você, porque eu estava fascinada com a visão da neve. Ela tinha começado e enquanto eu estava lá dentro, me esquentando.

— Você ficou espantada quando olhou pela porta e viu a neve. Eu me lembro. — Interrompi a história dela. — Você estava toda embrulhada de roxo. Tinha um chapéu roxo.

Ela só balançou a cabeça, tão bonita e talvez um pouco convencida.

Juro que Brynne poderia me jogar na calçada só com um dedo mindinho se quisesse, de tão chocada que estava com o que ela tinha acabado de me contar. E ainda duvidam de destino.

— Vi você sair na neve e parar pra se olhar no reflexo na janela do Rover, antes de ir.

— Isso mesmo. — Ela levou a mão à boca. — Não acredito que era você. E o Simba, e que a gente realmente se falou, dois estranhos na véspera de Natal.

— Mal posso acreditar que estamos tendo essa conversa — repeti, o choque ainda evidente na minha voz.

— Estava tão bonito quando eu saí. — Ela divagou. — Nunca vou esquecer disso.

— Quer dizer que você me achou cheiroso?

— Muito. — Ela balançou a cabeça. — Me lembro de pensar que quem quer que tivesse a chance de sentir aquele perfume era uma garota de sorte.

— Caramba, isso quer dizer que eu perdi meses e meses de ter você me cheirando. Não sei se fico feliz em saber disso ou não — brinquei, mas tudo tinha um fundo de verdade. Teria sido bom conhecê-la antes dessa confusão. De repente, a gente já estaria até casado...

— Ah, meu amor, isso é tão fofo — ela me disse, balançando a cabeça para mim como se eu fosse louco e ela me amasse assim mesmo.

— Adoro quando você me chama de *meu amor*.

— Eu sei, é por isso que eu falo — explicou, daquele jeito doce que ela sabia falar. Aquele que me deixava louco para possuí-la e esticá-la nua embaixo de mim, para eu poder ir com calma explorando o caminho até dentro dela, fazendo com que ela gozasse mais e mais, chamando pelo meu nome.

— Em que você tá pensando, *meu amor*? — Ela perguntou, interrompendo meus devaneios eróticos.

Disse a ela a verdade, num sussurro, claro, para que ninguém mais me ouvisse.

— Em quantas vezes vou conseguir te fazer gozar quando chegar hoje à noite em casa e você estiver pelada na minha cama, e eu em cima de você.

A Brynne não reagiu com palavras ao meu pequeno discurso. Ao contrário, deu uma engasgada e engoliu em seco, fazendo sua garganta se mexer devagar, no mesmo ritmo em que o sangue subiu ao seu rosto, fazendo-a corar.



Foi de dar água na boca.

A brisa leve fazia com que pequenas mechas do seu lindo cabelo castanho voassem pelo seu rosto, obrigando-a a afastá-las de vez em quando. A Brynne tinha mesmo alguma coisa de especial — uma *joie de vivre* que os outros notavam.

Quando eu a tinha assim na minha frente, era difícil desviar o olhar. Sabia que para os outros era difícil também. Não gostava que outras pessoas a notassem e olhassem. Era assustador para mim e sabia bem o porquê. A atenção que recebia a tornava um alvo vulnerável e isso era algo que eu não podia aceitar.

Meus olhos esquadriharam o pátio, como de hábito, analisando os clientes da delicatessen conforme eles iam e viam.

Era um dia agradável para o mês de julho, bem cheio. Os Jogos Olímpicos iam transformar esse lugar numa confusão de proporções terríveis. Isso também me preocupava. Havia milhares de pessoas vindo para Londres agora. Atletas e equipes chegavam a cada dia. Graças aos deuses do céu esse era um problema com o qual eu não precisava lidar. Meus clientes VIP já iam me dar trabalho e dor de cabeça suficientes.

O tempo todo com a Brynne eu ficava tomando cuidado, e tinha boas razões para isso. Até que eu soubesse quem mandou a mensagem para o telefone dela, eu não me arriscaria. Especialmente agora, com o Neil nos Estados Unidos. Ele chegaria no sábado, trazendo pistas sobre onde estaria esse filho da puta, eu esperava. Se me guiasse de volta para a turma do senador Oakley, a coisa ia ficar feia. Conhecia muita gente no governo e podia contar com alguns favores, se fosse preciso. Ligar fazendo uma grave ameaça à Brynne foi como cutucar a onça com vara curta. Eu estava pronto para fazer o que fosse preciso para protegê-la.

— Você já acabou? — Perguntei, notando que ela não estava mais comendo o sanduíche.

— Já. Tenho que dar passinhos de bebê agora. — Botou a palma da mão sobre o estômago. — Literalmente.

— Eu sei, mas você precisa comer. O dr. Sonda Banana falou, eu ouvi muito bem, e ele é a autoridade nesse assunto. — Olhei para ela com as sobrancelhas arqueadas.

— Bom, eu tenho certeza que o bom doutor também evitaria comer, se passasse o mesmo tempo que eu debruçado numa privada, vomitando as tripas.

— Coitadinha. Você tem um bom argumento, minha linda. — Me inclinei para beijá-la nos lábios. — O que eu fiz com você?

Ela riu e me beijou de volta.

— Acho que é bem óbvio, a julgar pelo lugar onde acabamos de passar uma hora.

— Mas os remédios ajudam, certo? — Passei a mão pelo rosto dela e aproximei o meu. Eu odiava vê-la sofrer.

Ela assentiu.

— Faz milagre! — Ficou de pé para jogar o sanduíche na lixeira. Até essas pequenas coisas chamavam a atenção de quem estava ali em volta. Notei quando pelo menos três homens e uma mulher olharam para ela. Não era de se admirar que os fotógrafos sempre a chamassem para trabalhos. *Esses malditos.*

A Brynne nem percebia, o que só a fazia ainda mais especial. Entramos na Aquários Fontaine e sorrimos um para o outro conforme cruzamos a porta, os dois relembrando o dia em que nos falamos como estranhos, antes do destino operar. A loja estava movimentada e tivemos que esperar na fila até que um vendedor estivesse livre para nos atender.

Do lado da gente estava uma mulher com uma criança, numa dessas mochilas de bebê. Lembro de ver a Hannah usando uma dessas quando a Zara era bebê. Só que essa criança não estava feliz. Nem um pouco. Tive praticamente certeza de que, se aquele pequeno pudesse falar, o ambiente da loja estaria repleto de *putaqueparius e porras.*

Ele gritava e chutava, tentando se livrar dali. A mãe da criatura simplesmente a ignorava, como se não houvesse um mini humano preso nas suas costas, gritando alto o suficiente para estilhaçar uma vidraça.

Me virei para a Brynne e vi que ela estava com os olhos arregalados.

Será que ela estava pensando o mesmo que eu? Nosso bebê ia fazer isso? *Por favor, não.*

Nos adiantamos um pouco na fila e ficamos bem atrás dela quando o moleque começou a usar de verdade toda a potência dos pulmões. Achei que minha cabeça fosse explodir. A mulher deu um passo para trás e, literalmente, enfiou o pequeno demônio bem na minha cara.

A loja estava tão cheia que fiquei encurralado perto do balcão, sem ter para onde fugir. Afastei a cabeça o quanto pude, e comecei a pensar que teria sido bem melhor ligar para a loja para marcar a visita.

A Brynne estava se segurando para não rir de mim, quando a situação piorou ainda mais, o que eu sequer imaginava que fosse possível. Ah, mas era. E como. A criatura soltou um peido fedido, a menos de um metro de mim, forte o suficiente para descascar a tinta das paredes. E mais: o som era molhado, o que me fazia pensar que não era só um pum. Esse merdinha estava dando uma bela cagada bem ali na minha frente. A mãe se virou para mim e me olhou com reprovação, como se eu tivesse feito aquilo.

*Putá merda, me tira daqui!*

A Brynne estava tremendo do meu lado, com a mão sobre a boca, quando o funcionário finalmente perguntou o que poderia fazer pela gente. Me segurei para não pular para o outro lado do balcão e implorar por uma máscara de oxigênio. Não sei como consegui resolver o que precisava com aquela gritaria e aquele fedor, tanto que a Brynne correu para a porta, gritando que iria esperar lá fora.

*Isso mesmo, meu amor, sai logo, antes que você se sufoque. Corre e não olha para trás! Garota esperta, sem dúvida.*

Quando consegui escapar da loja, a Brynne estava na calçada, distraída com os passantes. Ela me viu e desatou a rir. Abanei as mãos no ar e tomei um belo fôlego. Ar londrino puro. Bom, podia não ser nem tão puro, mas ao menos eu não estava mais com os olhos cheios de lágrimas. Ou talvez estivesse ainda, porque a minha visão estava embaçada e eu precisava de um cigarro.

— Você tá bem? — Perguntei a ela, imaginando se aquele fedor na loja não tinha dado a ela vontade de vomitar.

— Você tá? — Ela estava rindo de mim.

— Por tudo que há de mais sagrado, isso foi bizarro! Por favor, me diz que aquilo não era um bebê, e sim uma reencarnação de satanás! — Balancei a cabeça. — Era, né?

Sem parar de rir, ela passou um braço em volta do meu e começou a nos guiar de volta para o carro.

— Pobre do Ethan, levou uma bomba de gás do bebê fedorento.

— Cara, aquilo não era um bebê! — Provavelmente era um tipo muito eficaz de anticoncepcional. — Cacete, não acho que existam palavras para descrever o que era.

— Ah, você tá com medo... — Ela fez uma cara de falsa preocupação.

— Porra, claro que eu estou! Como que você não tá?

A Brynne riu mais alto.

— Por favor, diz pra mim que o nosso mirtilo nunca vai fazer isso.

Gargalhando, ela ficou na ponta dos pés para me beijar e me disse mais uma vez que me amava.

— Preciso tirar uma foto sua, meu amor. Me dá um sorriso.

Ela pegou o celular e bateu uma foto, sem parar de rir daquele jeito lindo que me lembrava a sorte que eu tinha em tê-la me amando de volta.

# Capítulo 12

**E**ra delicioso o som que a linda caneta tinteiro de turquesa da dr. Roswell fazia enquanto ela escrevia no caderno.

— Então a universidade não pode alterar o programa por minha causa. Eu vou ter que fazer o estágio de restauração, eventualmente, mas eles foram bacanas de me dar uma licença da Rothvale Gallery e me botar como substituta em algum trabalho de pesquisa.

— E como você se sente em relação a isso? — Sabia que ela ia me perguntar isso.

— Hum... Estou decepcionada, claro, mas não tenho escolha. — Dei de ombros. — É estranho. Por mais que eu esteja apavorada com a ideia de ter um bebê, tenho mais medo de fazer alguma coisa que possa machucá-lo.

A dr. Roswell sorriu para mim.

— Você vai ser uma ótima mãe, Brynne.

*Bom, isso a gente vai ver.*

— Não faço ideia de como fazer isso, ou de como me meti nessa situação. — Apertei as minhas mãos. — Nem mesmo reconheço a vida que tenho hoje, comparada à que eu tinha há dois meses. Não sei um dia vou conseguir o emprego para o qual venho me

preparando há tantos anos. Tem um monte de coisas que eu não sei.

— Tudo isso é verdade, mas posso te garantir que é assim com todo mundo, em todos os lugares.

Refleti sobre a frase sábia que ela tinha dito. Essa mulher conseguia dizer tanto, em tão poucas palavras. Como alguém poderia prever o futuro ou saber o que poderíamos ou deveríamos fazer? É impossível.

— É, acho que sim — falei, finalmente.

— E o Ethan? Você não falou muito sobre o que ele quer.

Pensei nele e no que ele estaria fazendo naquele momento. Trabalhando duro para garantir a segurança de todas as celebridades nas Olimpíadas, vociferando ordens em reuniões e chamadas em conferência e se estressando. Eu me preocupava com ele, por mais que ele não escutasse uma palavra do que eu falava. Ele simplesmente se esforçava mais um pouco e nunca reclamava.

*Mas os pesadelos continuam, não é?*

— Ah, o Ethan é muito pé no chão com isso. Ele nunca demonstrou nada a não ser apoio, desde o primeiro momento. Nunca me pareceu assustado, encurralado, nada disso. Vou ser honesta, eu imaginava que ele fosse se sentir assim. A gente não se conhece há muito tempo e a maioria dos homens ia sair correndo se rolasse uma gravidez não desejada, mas ele, não. — Balancei a cabeça. — Ele foi claríssimo sobre não tirarmos. Disse que ele não conseguiria. E que eu e o bebê somos prioridade agora.

Ela sorriu de novo.

— Ele parece estar animado, e isso deve te dar uma sensação de segurança.

— Dá. Ele quer casar assim que pudermos organizar tudo, assim que as Olimpíadas terminarem. Ele quer muito fazer um anúncio logo, sobre o noivado. — Olhei para o meu colo. — Tenho tido dificuldades com isso, e ele não está contente comigo.

Ela fez uma anotação qualquer e lançou a pergunta seguinte sem me olhar.

— Por que você acha que está resistindo a anunciar o noivado?

— Ah, meu Deus, eu não sei. O único jeito que eu consigo descrever é uma sensação de falta de controle sobre a minha vida. É como se eu estivesse sendo levada por uma corrente. Não que esteja lutando para flutuar ou me afogando, mas não consigo sair dela. A correnteza me leva a lugares aonde nunca imaginei ir. — Comecei a ficar um pouco emocionada e desejei não ter tocado nesse assunto com ela, mas era tarde demais. As confissões já tinham começado a vir. — Não posso voltar para o começo. Só posso ir para a frente, queira ou não.

— Mas você quer sair? — A dra. Roswell me ofereceu opções, exatamente como eu imaginei. — Porque você não tem que ter um bebê, nem ficar noiva, nem se casar, nem nada disso. Você sabe disso, Brynne.

Balancei a cabeça, olhando para a minha barriga. Pensei no que estávamos esperando e me senti culpada por vocalizar meus medos.

— Não quero sair. Eu amo o Ethan. Ele diz que me ama o tempo todo. Eu preciso dele... Agora.

— Brynne, você se dá conta do que acaba de dizer?

Olhei para os olhos dela, sorridentes, e soube que ia contar o resto.

— Preciso do Ethan. Preciso dele para tudo. Preciso dele para ser feliz, e para ser o pai do bebê que fizemos, e para me amar e cuidar de mim... — Minha voz foi ficando embargada, até se transformar num chiado tão patético que tive pena de mim.

A dra. Roswell falou, gentilmente:

— Isso é muito assustador, não é?

As lágrimas começaram a rolar e eu me estiquei para pegar um lenço.

— É — respondi, entre soluços, tomando fôlego para dizer o resto. — Preciso tanto dele... Isso me deixa terrivelmente vulnerável... O que eu vou fazer, se um dia ele decidir que não me quer mais?

— Isso se chama confiança, Brynne... E é de longe a coisa mais difícil de se dar a alguém.

Ela estava certa sobre isso.

\* \* \*

Jantar sozinha era uma droga. Mas eu não reclamaria disso com o Ethan. Entendia bem o quanto ele estava ocupado no trabalho e sabia que tinha muitos eventos à noite. Terminei minha sopa de vegetais e o meu pão francês que, por enquanto, pareciam querer continuar no meu estômago. Agradeço a Deus pela medicação para os enjoos, ou acho que já teria morrido. Os vômitos pareciam ser coisa do passado para mim, se mantivesse as comidas bem simples e tomasse os remédios em dia. Tanto o Freddy quanto o dr. Burnsley disseram que eu tinha um negócio chamado hiperemese gravídica ou, em linguagem simples, enjoos matinais severos. No meu caso, começou com enjoos à noite e desidratação grave, e poderia causar subnutrição, se não fosse tratado. Delícia. Então era suficiente dizer que eu estava fazendo o meu melhor para comer.

Há cerca de uma hora, tinha recebido uma mensagem do Ethan me dizendo que ele ia chegar tarde e jantaria no escritório. Eu compreendia, claro, mas isso não quer dizer que eu gostasse. As Olimpíadas eram um negócio gigantesco e a excitação ia crescendo, conforme se aproximava a cerimônia de abertura. Eu realmente compreendia as demandas do trabalho do Ethan, e me sentia melhor em saber que ele odiava tudo isso tanto quanto eu, se não fosse mais ainda. O tempo todo ele me dizia o quanto queria ficar em casa para jantar comigo a minha comida, namorar em frente à televisão e fazer sexo de sobremesa.

*É, eu também.*

Emocionalmente, eu estava um caco. Me sentia sozinha, instável por causa dos hormônios, e carente demais. Odiava me sentir carente.

Olhei desejosa para a máquina de café Miele, que deveria custar mais do que a minha coleção inteira de botas, enquanto limpava a bancada de granito. Nada de café pelos próximos sete meses ia ser tão ruim quanto esse jantar solitário de hoje. Não gostava de descafeinado, e achava que me torturar com uma xícara só por dia não valia a pena.



Para compensar, estava tentando encontrar meu zen interior e desenvolvendo uma relação com chás herbais. Framboesa e tangerina picantes tinham sido surpresas agradáveis, tenho que admitir. Preparei uma caneca de framboesa picante e liguei para o Benny.

— Olá, minha querida.

— Estou com saudade. O que você tá fazendo? — Perguntei, torcendo para não soar muito patética.

— O Ricardo tá aqui, acabamos de jantar.

— Ah, poxa, por que você atendeu o telefone? Você tá ocupado. Desculpa interromper, só queria te dar um beijo rápido.

— Não, não, minha querida, nada disso. O que tá rolando com você? — O Ben era, sem dúvida, o homem mais intuitivo do planeta. Ele podia farejar as menores alterações emocionais e pirava imaginando os mil cenários. Já o tinha visto em ação vezes suficientes para saber.

— Nada demais — menti. — Você tá ocupado, tem companhia. Me liga amanhã, ok?

— Não, o Ricardo tá no telefone, resolvendo coisas do trabalho. Pode começar a falar.

Suspirei no telefone. *Por que mesmo que eu liguei para o Ben?*

— Estou esperando, querida. O que tá acontecendo?

— Estou ótima, Ben. Tá tudo certo. Me mudei pra casa do Ethan, mas ele tá todo atolado no trabalho, por causa das Olimpíadas. Daí estou tocando as minhas coisas.

— Então você tá sozinha agora? — O Ben ia querer saber detalhes, um após o outro. Sou tão burra às vezes.

— Estou. Ele tá superocupado com as reuniões de organização.

— Por que diabos você não ligou pra mim? Eu tinha te levado pra sair.

— Não, você já tinha planos com o lindamente incrível Ricardo, lembra? E, de qualquer jeito, não tenho tido muita vontade de sair ultimamente.

— Você está doente?

*Porra.*

— Não, Ben, estou ótima. Estava só aqui sozinha em casa, com saudade, e quis ouvir tua voz. A gente não se falou mais desde as fotos de botas.

— Meu Deus, elas ficaram lindas! Vou te mandar algumas provas por e-mail.

— Mal posso esperar para ver! — Eu não podia mesmo, mas o Ethan certamente não tinha pressa. Ele continuava reclamando das minhas fotos, mas eu não dava atenção para o assunto. Especialmente agora. Se não poderia trabalhar na Rothvale com as pinturas, então eu ia ter tempo de sobre para tirar as fotos como modelo. Pelo menos por enquanto, até que engordasse. Queria também tirar algumas fotos temáticas de gravidez. Era uma ideia que eu tinha, mesmo que não pudesse contar a novidade para ninguém. O Ben ainda não sabia de nada, nem a Gaby. Os dois iam querer me matar por não contar.

— Então quer dizer que vocês estão morando juntos, é?

— É, Ben, estamos, sim. Na verdade, o Ethan praticamente me exigiu isso, depois do que aconteceu na National Gallery naquela noite da abertura da exposição do Mallerton. Vou manter o apartamento alugado pra ajudar a Gaby a se organizar até o fim do ano, mas sim, agora a gente tá morando junto.

— Quando é o casamento? — Ben perguntou, sonhador.

Ri dele.

— Para com isso!

— Estou falando sério, garota! É óbvio que isso vai acontecer. Se tem uma coisa que eu sei é que o Blackstone te ama pra valer, minha querida.

— Você realmente nota isso nele?

Ben deu uma tossidinha no telefone.

— Só não veria se estivesse morto. Fico feliz por você. Você merece isso e muito mais.

*Ah, pode deixar que o "mais" já tá vindo.*

— Vou começar a chorar se você continuar falando assim, Ben, é sério. — Eu não estava mentindo agora. Ele pareceu perceber meu estado e pegou mais leve. — Mas você tem que prometer que vai me deixar te ajudar a escolher o vestido... *Vintage*, certinho no

corpo, com renda feita à mão... Você vai parecer uma deusa, você sabe, se você me deixar...

Sorri no telefone e pensei no quanto Ben haveria de se surpreender quando descobrisse que Ethan e eu estávamos no mesmo lado nesse assunto.

— Não vou falar nada, seu chato. Tenho que desligar, mas amei ouvir tua voz. Já fazia tempo demais.

— Eu também, minha querida. Me manda uma mensagem falando os dias que você tá livre pra gente almoçar na semana que vem?

— Pode deixar, Ben, vou fazer isso. Te amo.

*Uau, essa passou perto*, pensei, quando apertei Encerrar. Melhor nem ligar para a Gaby. A mesma coisa com o papai, a mamãe e a tia Marie. Só de olhar para mim, a Gaby seria capaz de planejar toda a minha gravidez e ainda marcar o hospital. Mas eu sabia que não podia esperar muito mais. Ethan estava forçando a barra para fazermos o anúncio do noivado e se havia uma coisa que eu sabia sobre ele, era que ele costumava conseguir o que queria.

Eu não conseguia evitar um pouquinho de autopunição, então entrei na minha conta do Facebook.

Tinha uma mensagem de uma colega de escola, a Jessica, na minha caixa de entrada. A gente se falava pelo Facebook desde que me mudei para Londres. Não tenho uma tonelada de amigos no meu perfil e sou bem discreta. Ethan já tinha checado tudo e dado ok. Ele me disse que a ameaça tinha vindo de pessoas que já me conheciam e sabiam onde eu vivia e trabalhava, de maneira que ter um perfil no Facebook não ia importar de qualquer jeito.

**Jessica Vettner:** Oi, querida, td bem? Por aqui td na mesma, trab e vida do mesmo jeito. Mas vc nunca vai adivinhar com quem eu encontrei hoje. Karl Westman, do colégio. Lembra dele? Ele continua mega gato!!! Hahaha. Ele pediu meu telefone... :D Ele tava trabalhando em Seattle e acabou de ser transferido de volta pra cá. Dei de cara com ele na academia, acredita? Eu continuo indo na First Fitness, na Hemlock. Vejo teu pai lá, às vezes, a gente tem o

mesmo personal! Teu pai é um amor, ele tem tanto orgulho de vc. ☺  
Ele fala de vc o tempo todo e disse que vc tá trabalhando de modelo e adorando. Fico feliz por vc, Bry. Ia gostar tanto de te ver de novo!  
Quando é q vc vem aqui a SF pra visitar a gente?? ☺Jess

Uau. Essa veio direto do passado, totalmente inesperado. Não a Jessica, mas o Karl. Não acho que ela se lembra, mas eu, com certeza, sim. Karl foi o garoto com quem eu fiquei quando o Lance foi embora para a faculdade. Foi o Karl que deixou o Lance morto de ciúmes quando descobriu que eu não estava simplesmente esperando que ele voltasse para casa para me comer, ou ao menos essa foi a versão que eu soube. A razão pela qual o Lance e seus amigos abusaram de mim naquela mesa e acharam que fazer um vídeo daquilo seria uma boa ideia.

Nunca mais vi ou falei com o Lance, nem com o Karl. Sei que o Karl tentou entrar em contato comigo algumas vezes antes de me mandarem para o Novo México, mas eu não quis vê-lo ou nenhum dos antigos amigos, a não ser a Jessica. Não poderia voltar àquele lugar nem tão cedo; era a mesma razão pela qual eu não tinha pisado na minha cidade em quatro anos. Não tinha a menor intenção de voltar.

Era estranho pensar nisso tudo de novo. Não guardava mágoa do Karl, não sentia nada, na verdade. O Karl tinha me tratado até bem, considerando minha reputação no colégio, mas eu me fechei completamente depois do que aconteceu e fui incapaz de olhar nos olhos de qualquer um que tivesse visto as cenas daquele vídeo. Eu me perguntava o que ele pensou quando viu. Será que ele queria me consolar porque se sentia mal com o que tinha acontecido, ou será que queria tentar a sorte para me comer também?

Quem sabe? Com certeza eu não sabia, naquela época, mas também não me importava. Eu estava ocupada demais tentando me afastar daquilo tudo.

Escrevi uma mensagem contente-feliz-fofinha de volta para a Jessica, desejando boa sorte com ele, e saí do Facebook. Eu tinha

uma vida nova agora. Em Londres... Com o Ethan... E o bebê que ia ter.

\* \* \*

O Neil estava sentado em frente a mim e parecia mais baqueado do que eu jamais tinha visto.

Não o culpava, de verdade. Contar a ele que a gente não precisava mais se preocupar com a possibilidade de a Brynne ter sido envenenada na festa tinha sido só o começo do choque.

— Meu irmão!

— Esperei uma semana pra te contar. Ainda não falamos nem com os nossos pais. Ela tá sofrendo com enjoos muito fortes.

Ele virou a cabeça e estremeceu.

— É você mesmo, E.? Você tinha que te ouvir falando.

— Que foi? — Mal podia esperar até ver o Neil na minha situação. Ele ia se casar em poucos meses e acho que não demoraria muito até que ele entrasse no meu escritório com cara de quem levou uma paulada na cabeça.

— Você tá falando como não fosse nada. Você vai ser pai, cara.

— Bom, o que você queria que eu dissesse? Não é como se a gente tivesse dado um jeito de a pílula falhar e, na verdade, isso não muda nada, no final — expliquei, debochado. — Obrigado por me dar a dica, eu estou ligado.

O Neil abriu um sorriso.

— Você tá contente. — Ele riu e balançou a cabeça. — Você tá bem satisfeito com isso, né?

Eu estava e não tinha motivo para mentir para ele.

— Estou, sim. Vou me casar com ela, também. E vai ser antes de você e da Elaina, — desafiei-o. — O mais cedo que a gente fizer o anúncio, melhor. Vamos deixar o senador e os palhaços que trabalham com ele lerem tudo nas revistas de fofoca. BLACKSTONE SE CASARÁ COM MODELO AMERICANA, BEBÊ A CAMINHO. Quanto mais divulgação, melhor. Que tal: BELA MODELO AMERICANA, GRÁVIDA, SE CASA COM EX-CAPITÃO DAS FORÇAS ESPECIAIS, RESPONSÁVEL PELA SEGURANÇA DA FAMÍLIA REAL? Soa um pouco melhor, eu acho. A lista de convidados vai ser arrasadora,

posso te garantir. Todas as celebridades que eu conheço vão ser convidadas. Quanto mais sofisticado, mais camadas eles vão ter que ultrapassar para chegar até ela. Você consegue imaginar o que aconteceria depois, se algum militar americano tocasse nela? Seria guerra. Se a gente conseguir transformá-la numa celebridade, fica mais difícil ela ser um alvo. Estou querendo blefar com eles, e estou preparado para foder com esses cara.

Neil assentiu.

— Estou feliz por você, E. A Brynne é tua cura, basta olhar pra você pra qualquer um perceber. — Fez uma pausa antes de perguntar. — O que ela acha de ser mãe?

Não consegui evitar a onda de orgulho que tomou conta de mim quando o Neil quis saber isso.

— Você sabe como a Brynne é. Muito sensata nos assuntos sérios, e esse é um deles, mas eu sei que ela está com medo, como qualquer pessoa teria. Porra, é de apavorar! — Peguei um cigarro e acendi.

— É, mas vocês dois vão tirar de letra, tenho certeza. — Neil falou, antes de mudar de assunto. — Como o Len se comportou durante a minha viagem?

— Ótimo. Confiável. Concentrado. Aliás, ele está lá em casa agora e eu imagino que, conforme a gente vá chegando mais perto da abertura, vai ser ele que vai ficar com ela a maior parte do tempo. Vou precisar de você pra tomar conta das coisas quando eu não puder.

Len era o substituto do Neil para acompanhar a Brynne. Ele a levava aonde ela precisasse ir e vigiava a entrada do apartamento, sempre que eu não estivesse com ela. Não poderia e nem correria o risco de deixá-la exposta, vulnerável. Quanto mais cavávamos no terreno do senador Oakley, mais pistas apontavam para o seu envolvimento no que agora acreditávamos que tivessem sido ataques habilmente camuflados contra Montrose e Fielding. Havia indícios de que Fielding estaria morto, mas ninguém podia dizer quando seu corpo apareceria, se é que apareceria. Neil tinha flagrado gente que só podia ser do serviço secreto rondando o apartamento abandonado do Fielding, em Los Angeles. Aquele filho

da puta tinha sido abatido, eu apostaria minhas condecorações nisso.

— Hora de ir embora, chefe. Está tarde demais pra você estar aqui e tua mulher está te esperando em casa, sozinha. — Neil falou.

— Concordo. — Suspirei ao pensar nas longas noites que ainda teria pela frente, dei uma longa tragada no cigarro e apaguei-o. Eu estava realmente conseguindo cortar a quantidade. Às vezes, eu simplesmente os acendia e os deixava queimar, sem fumá-los.

O Neil me deu um tapinha nas costas enquanto saíamos.

— Então, papai, precisamos te dar um porre daqueles pra celebrar, assim que der. Você engravidou a garota e vai se amarrar.

— Ele balançou de novo a cabeça, como se ainda estivesse em choque. — Você não faz nada pela metade, né?

— Pelo visto, não — respondi.

\* \* \*

O apartamento estava escuro e silencioso quando entrei. Tudo que eu queria era botar as mãos nela. Sempre tinha um momento de pânico quando entrava e via o lugar vazio. Mas isso era burrice, porque era absurdamente tarde para chegar do trabalho e eu tinha acabado de liberar o Len do seu posto na entrada. Claro que ela estava no apartamento! Ela devia estar dormindo e tinha apagado as luzes.

Tirei o paletó e comecei a afrouxar a gravata no caminho para o quarto. Ainda bem que não cheguei até lá, porque eu teria tido um ataque cardíaco se encontrasse a cama vazia. Parei no meio do caminho quando a vi deitada no sofá, com o e-reader em cima da barriga, o iPod tocando música, e admirei-a. As pernas longas enroscada numa manta, um braço esticado acima da cabeça, o cabelo espalhado em volta dela.

A única luz vinha da cidade e entrava pelos janelões da sala, mas era suficiente para eu vê-la. Ela vestia uma das minhas cuecas de seda preta e uma camisetinha verde que revelava suas curvas delicadas na medida certa para me deixar de pau duro. Não precisava de muito para me excitar, é claro. Quanto maior o tempo

que a gente passava afastado, pior eu ficava com esse desejo irracional. Eu a queria. O tempo todo. Desejo. Vontade. Necessidade. Estava enlouquecendo — e tenho quase certeza de que a Brynne sabia disso. Ela se preocupava comigo, e saber disso me fazia amá-la ainda mais. Eu finalmente tinha alguém que se importava comigo pelo que eu era, e não pela cara que eu tinha, ou pelo dinheiro que eu ganhava.

Ela abriu os olhos e me viu ali. Fiquei parado a pelo menos dois metros dela e tirei os sapatos. Ela se sentou no sofá e se espreguiçou, arqueando as costas e o peito na minha direção, como se me fizesse um convite. A gente ainda não tinha dito nenhuma palavra, mas a comunicação já fluía. A gente ia se pegar como animais e seria incrivelmente gostoso. Como sempre. Então... Vamos fazer um strip-tease em dupla?

*Soa ótimo para mim.*

Eu começo. Tenho mais roupa para tirar do que ela. Acho que estava sorrindo. Se não dava para ver no exterior, por dentro eu certamente estava com o maior riso de palhaço estampado na cara. Abri devagar os botões da camisa, observando seus olhos se embaçarem. Tirei-a dos ombros e deixei-a cair no chão. Afastei-a com o pé e pisquei para ela.

*Sua vez, minha linda.*

Ela fez uma coisa que eu amo, e que ela faz tão bem que devia ser proibido. Ela levantou os braços e cruzou as palmas das mãos na nuca e passou-as pelo cabelo, esticando o pescoço para o lado, alongando-o, antes de levar as mãos de volta até a beirada da camisetinha verde. Ela olhou para mim e fez uma pausa. Soltei um grunhido gutural. Puramente instintivo e completamente impossível de segurar. Eu precisava devorá-la agora mesmo. Lentamente, ela levantou a camiseta verde, revelando a pele acetinada da barriga; fez uma pequena parada para passar pelos seios, que deram uma balançadinha quando se soltaram, e logo aquele pedaço de pano voou pelo ar. Ela esticou os braços e apoiou as palmas no sofá.

Dei um passo para me aproximar, enquanto tirei o cinto e deixei-o cair no chão. Passei a língua nos lábios, imaginando o gosto dos seios perfeitos dela. *Tão doces.* Abri o botão, baixei o zíper e deixei



minha calça cair no chão. Chutei-a para longe sobre o chão de madeira, exatamente como tinha feito com a camisa.

A Brynne colocou dois dedos na boca e puxou-os devagar, para então circular um dos mamilos, bem durinho e cor-de-rosa escuro. *Deus do céu, eu vou morrer hoje, com certeza.*

Lancei um olhar firme para ela, implorando para que ela me entendesse.

*Preciso dessa tua boca aqui em mim, minha linda.*

Ela olhou para mim com os olhos semicerrados e captou a minha mensagem. Ela baixou as mãos até o elástico do meu short, que ela gostava tanto de usar, e inclinou os quadris para cima, levantando-o junto com as pernas.

Ela deixou a seda preta cair da ponta dos dedos e se recostou como uma deusa num divã: as pernas ligeiramente dobradas, um braço esticado, o outro dobrado na altura do cotovelo. Era uma pose. Não muito diferente do que ela faria para um retrato. Mas essa pose era só para mim.

Ela estava tão bonita que eu quase não quis me mexer. Precisava absorvê-la primeiro. Precisava me embebedar dela. Não me fartava nunca de olhar para a minha Brynne. Dei um passo e me livre de uma meia. Outro passo e tirei a segunda. Agora eu estava só de cuecas. A Brynne lambeu os lábios e eu me aproximei dela, mas esperei que me tocasse.

Meu corpo tinha se retesado tudo o que era possível, minhas bolas doíam e isso era tudo o que eu podia fazer para não subir no sofá e me enterrar nela.

Brynne se sentou mais para frente e tocou no meu pau, sobre a seda. Empurrei-o contra a mão dela e deixei a cabeça cair para trás. Senti o short descer pelas minhas coxas e pisei fora dele com agilidade. Meu pau estava numa das mãos dela, meu saco na outra. E eu senti a sua língua macia tocar em mim.

— Pooooorra, amor... — Expirei, conforme ela segurou no meu pau e começou a movimentá-lo para dentro e para fora da boca, profundamente.

Ela levantou seus olhos lindos e se fixou nos meus, enquanto me chupava até a garganta, indo e vindo. Quente. Profundo.

Habilmente. Queria segurar meu orgasmo, mas sabia que não conseguiria, não com ela mandando ver no meu pau desse jeito. Era bom demais e eu precisava demais. Estava perdido nela e me sentia tão maravilhosamente bem que não queria nunca me achar de novo. Perdido para sempre nesse momento com ela. Eu morreria feliz, se fosse agora, e definitivamente iria embora sorrindo.

— Ah, porra, eu vou gozar! — Ela tirou meu pau da boca e se concentrou nas bolas, alternando lambidas e apertões. Passei a mão em volta da base do meu pau e puxei-o com força. Uma vez. Duas. Na terceira, comecei a gozar dentro da boca aberta dela. A coisa mais sexy do mundo. Minha garota me encarando daquele jeito, com a boca aberta e a língua para fora, esperando para receber meu gozo.

*Diabos, eu vou fazer isso de novo.*

Um rugido trêmulo saiu de mim quando explodi, e fui catapultado para o próximo ano. Quando recobrei a consciência, estava de joelhos, com a Brynne acariciando meu cabelo, e meu rosto descansando em seu colo. Eu ia precisar de um ou dois minutos para voltar à Terra.

— Você sabe como receber um homem em casa depois de um dia de merda — murmurei e comecei a subir minha mão pela perna dela.

— Senti saudade de você hoje — disse, suavemente, sem parar de acariciar minha cabeça. O toque dela era sempre divino.

— Eu senti mais ainda — respondi com um grunhido. — Odeio ficar longe de você à noite.

Ela relaxou um pouco. Senti a mudança, porque ela relaxou um pouco embaixo de mim. Inspirei profundamente, sentindo o perfume de flores misturado com a pele dela, que me botava em transe sexual, tão intenso que eu acredito ter morrido um pouco.

O animal em mim acordava quando sentia o cheiro do tesão dela. Me fazia querer coisas muito safadas com ela. Levantei a cabeça e pus as mãos em seus joelhos. Afastei suas pernas na minha frente e olhei para sua boceta nua. Ela era linda quando se mostrava para mim. *Só para mim?* Afastei esse pensamento doloroso e me focalizei no meu tesouro, por enquanto.

— Jesus, você está tão molhada, meu amor. Tá precisando de um pouco de atenção, não está?

— Estou... — murmurou, abrindo a boca para respirar com dificuldade.

— Que relapso que eu sou! — Puxei seus quadris para levantá-la um pouco e segurei-a bem aberta. — Me perdoa.

Expirei contra o sexo dela e adorei a reação que vi, os quadris se ondulando e um gemido gostoso, sexy. Ah, os sons que ela faz... Meu pau estava pronto para mais uma, só de escutar aquele ronronar rouco. Mergulhei o rosto e dei uma lambida profunda, por toda a sua boceta, afastando os lábios para poder começar a trabalhar no ponto que deixava as coisas ainda mais gostosas. Ela inclinou seus quadris de novo e emitiu mais sons sensuais para mim.

Era um banquete. Não há nenhuma outra maneira de descrever. Chupei e lambi, mordisquei e belisquei; eu poderia ter ficado ali por muito, muito tempo. O gosto dela sempre me deixava louco.

Quando eu a senti apertar a minha língua e os dois dedos que eu tinha metido dentro da sua boceta paradisíaca, me preparei pelo que estava, certamente, vindo. Ela, entregue para mim.

— Você tá pronta, amor? — Consegui perguntar, meus lábios nos lábios dela.

— Siiiiim...

O grito dela saiu baixo e suave, misturado com um suspiro. Tão puro e lindo que quase desisti de levá-la adiante para não perder esse som.

— Goza pra mim! — Me concentrei no clitóris dela e finquei meus dentes nele. — Agora! Vai!

Era uma ordem e, como todas as vezes, ela me obedeceu com perfeição. Seu corpo inteiro se arqueou para o alto e ela deu um ganido baixo e estremecido, quando eu empurrei e remexi meus dedos dentro dela.

Assisti com os meus olhos, provei com a minha língua, escutei com os meus ouvidos e senti com os meus dedos, enquanto minha linda garota atingiu seu clímax. A única coisa que não fiz quando ela desabou foi falar. Não havia termos para descrevê-la, nem era

possível combiná-las com coerência naquele momento. Ela era uma obra de arte, e eu estava sem palavras.

# Capítulo 13

**E**than me pegou no colo e me tirou do sofá. Levantei os olhos e, quando encontrei os dele, senti aquela onda de emoção subindo de novo. Eu o amava tanto que dava medo. Já tinha ouvido falar disso. Já tinha lido em livros. Agora eu finalmente compreendia. O medo que você sente quando entrega seu coração para outra pessoa. Isso te deixa tão vulnerável à perda. Se você nunca amar ninguém, nunca vai se machucar se a pessoa não te amar de volta, ou se ela te deixar.

Agora, finalmente, eu estava vivendo aquilo na pele e podia compreender.

Era uma droga.

Acho que o Ethan percebeu o que eu estava pensando. Ele me estudou, com olhos muito atentos, que pareciam de um azul mais escuro ainda naquele momento, e baixou a cabeça para encontrar meus lábios. Ele me beijou ali, em frente à janela, enquanto me segurava nua em seus braços. Eu derreti e me entreguei às minhas malditas emoções.

Ele me carregou pelo corredor até o quarto e interrompeu o beijo para me pôr na cama. Ele viu.

— Ah, meu amor... Não chora — sussurrou, segurando meu rosto e se aninhando junto de mim.

Não consegui me segurar. Tinha muita coisa dentro de mim para simplesmente deixar quieto.

— Eu te amo tanto, Ethan — balbuciei, antes de fechar os olhos, numa tentativa de encontrar alguma maneira de me proteger das minhas emoções.

Ele tomou controle da situação e se estendeu de encontro a mim, de modo que nossos corpos se alinharam da cabeça aos pés, e começou a me beijar. Em todos os lugares.

— Eu te amo mais — murmurou, enquanto seus lábios se arrastavam sobre minhas lágrimas e secavam-nas. Em seguida, desviou-se para meu queixo, pescoço e garganta, e o passeio quente de sua língua sobre minha pele me deu algum controle sobre a vontade de chorar.

— Eu sei do que você precisa, e sempre vou estar aqui para dar isso a você. — Levou a mão ao meu cabelo e trançou os dedos entre os fios, enquanto abocanhava e chupava um dos meus mamilos. E, simples assim, me levou a outro mundo. Um lugar onde eu era valorizada e onde eu podia esquecer da época em que nunca me atreveria a sonhar em ser amada desse jeito.

Ethan alternou a língua entre um e outro mamilo, beliscando-os com os lábios, eriçando-os e deixando os bicos duros como pontas afiadas e doloridas, enquanto segurava meu cabelo com firmeza; o puxão fez meu peito se arquear de encontro à sua boca. Precisava disso que ele fazia comigo. Muito, tanto.

Quando ele afastou a cabeça dos meus seios, protestei por perder sua boca e o prazer que ela me dava. Mas ele queria olhar seu trabalho. Ethan adorava olhar para os nossos corpos durante o sexo. Não havia nenhuma parte em mim que ele já não tivesse olhado ou tocado de alguma maneira. Eu me sentia confiante quando ele olhava para mim e eu sabia que ele estava gostando do que via.

— É gostoso quando eu chupo seus peitos até eles ficarem durinhos? — Ele puxou meu cabelo.

— É! Adoro quando você faz isso. — Estava começando a ficar desesperada.

— Adora quando eu mordo? — Cravou os dentes em um deles, não com força suficiente para machucar, mas para me dar um arrepio de êxtase e um espasmo de dor, que me fizeram gemer.

— Acho que isso foi um “sim” — murmurou. — Porra, esses seus gemidos são incríveis...

Ele mordeu o outro mamilo, me fazendo engasgar e desejar muito mais. Ethan tinha me mostrado, sem sombra de dúvida, que eu era realmente uma criatura sexual. Quando ele me levava até esse estado, acho que poderia ser classificada como uma ninfomaníaca.

Ele tirou a mão do meu cabelo e baixou-a, abrindo bem as minhas para que pudesse ver a minha boceta.

— Mas é isso o que eu quero agora — falou, com a voz áspera, e passou os dedos pelo meu sexo, espalhando a umidade do orgasmo recente para trás, lubrificando a outra entrada.

A gente vinha insinuando fazer isso há um tempo, e Ethan estava sendo bastante paciente na hora de pôr em prática. Eu nunca tinha feito sexo anal com ninguém; ele seria o meu primeiro. Era gostoso ainda ser virgem nisso e poder dar a ele uma coisa que não seria de mais ninguém.

Ele botou dois dedos dentro e ergueu os olhos.

— Eu quero aqui, amor. Quero estar em todas as partes do seu corpo porque você é minha e sempre vai ser. — A pressão dos dedos dele dentro de mim me fez resistir àquela invasão.

— Eu sei — respondi, ofegante, com os lábios encostados nos seus. As palavras dele só faziam com que me certificasse do que queria com ele. Me concentrei nisso e minha mente se acalmou. *Você é minha e sempre vai ser.*

— Relaxa pra mim. Me deixa entrar, vou fazer bem gostoso — Ele começou a mexer os dedos num vai e vem lento, indo mais fundo a cada penetração. — Amor... É tão apertadinho. Quero te comer aqui hoje.

— Vai — disse, num fôlego só, virando a cabeça para o lado. — Eu quero que você... faça...

Ethan segurou meu queixo e virou meu rosto para ele, enquanto pressionava os dedos mais fundo dentro de mim. Ele possuiu minha boca, sua língua mergulhando profunda e intensamente.

— Eu te amo — falou asperamente. — Tanto que me sinto perdido na maior parte do tempo, mas aqui eu sei bem o que eu quero.

Ele tirou os dedos, mas, em seguida, deslizou-os de novo para dentro do meu ânus virgem. Gritei com a intensidade da invasão, que me queimou por dentro.

— Preciso conhecer cada pedacinho de você, Brynne. Tenho muitas vontades, quero ter tudo, meu amor. — Começou a massagear meu clitóris com o polegar, no mesmo ritmo em que me penetrava. — Quero meter dentro da sua bunda linda, porque é você, e eu quero saber como é estar lá dentro.

Estremeci debaixo dele, incapaz de fazer mais do que dizer um simples “sim”. No instante em que balbuciei minha concordância, ele tirou os dedos de dentro de mim e me virou. Não teve pressa em me colocar exatamente na posição em que queria. Puxou meus quadris para trás e me deixou de joelhos. Esticou meus braços à frente, de modo que pudessem agarrar a cabeceira. Posicionou meus joelhos bem distantes um do outro, e então... nada. Dava para escutar sua respiração e eu sabia que ele me estudava mais uma vez. Meu Ethan tinha um quê de voyeur e isso só me deixava mais excitada, sabendo que estava realizando suas fantasias.

Esperei, ansiosa, até que ele se deitou por cima de mim, com o peito pressionando as minhas costas e os lábios tocando minha orelha.

— Tem certeza? — perguntou e lambeu de leve bem embaixo do lóbulo da minha orelha.

— Tenho — gemi minha resposta.

Seus lábios tocaram minha nuca e foram descendo pela linha da coluna, numa carícia deliciosa. Conforme ele se aproximava do destino final, mais meu corpo pegava fogo, com as sensações que cresciam em meu baixo-ventre. Comecei a tremer.

— Calma, minha linda, está tudo bem. — Ele apoiou a mão na minha cintura e passou-a de leve em um lado da minha bunda. —



Você é perfeita assim. — Murmurou e passou a mão até o outro lado, para alcançar meu quadril. — Perfeita e maravilhosa.

Senti que ele deslocou seu peso atrás de mim e ouvi o som da gaveta da mesinha de cabeceira sendo aberta. Gotas de lubrificante caíram sobre a minha pele e ele espalhou tudo ali ao redor.

— Respira pra mim, ok? Vou cuidar muito bem de você.

Balancei a cabeça para indicar a ele que eu tinha escutado, mas não conseguia falar. Tudo que podia fazer era sugar o ar e antecipar o que aconteceria quando o sentisse lá dentro.

Ele passou a cabeça do pau pelos meus lábios e deslizou-o deliciosamente ao longo do meu clitóris, soltando fagulhas que me fizeram encostar o corpo no dele, querendo mais contato.

— Claro, amor, vou te dar mais. — Ele pressionou a cabeça do pênis contra minha entrada e não consegui evitar contrair os músculos. — Relaxa e respira.

Ele forçou mais um pouco e começou a me penetrar, meu corpo se ajustando para acomodá-lo.

— Mais uma vez, amor, estou quase lá. Vou meter devagar, mas firme, ok? — Segurou minha bunda com as mãos e penetrou mais fundo, guiado pelo nosso desejo de completar essa união. Doía um pouco, mas era uma sensação muito erótica, que liberava alguma coisa dentro de mim. Eu queria sentir. Queria mesmo. Precisava saber o que era aquilo, então tinha me entregar completamente ao Ethan.

A enorme pressão que se acumulava dentro de mim já estava causando uma reação, me levando muito perto de um orgasmo. Forcei o corpo para trás, para mostrar que ele podia continuar.

— Ahhhh... Meu Deus — gemi, tremendo, conforme ele metia de novo. A sensação do meu corpo cedendo para recebê-lo chegou ao limiar da dor, mas, ao mesmo tempo, meu prazer só aumentava. Então, de repente, ele deu mais uma estocada e me preencheu totalmente, até o fundo. Fechei meus olhos quando ele gritou e fiquei paralisada com a sensação.

— Porra, você é muito gostosa! — Ele ficou imóvel e acariciou os dois lados da minha bunda com as mãos. — Meu amor, puta que pariu... Tá tudo bem?

Ele estava tendo problemas com as palavras e eu certamente entendia isso. Eu estava com dificuldades de me manter imóvel, e sentia os tremores voltarem. Não eram convulsões causadas pela dor, mas sim reações involuntárias a essa incrível tomada da minha zona erógena. Não havia quase nenhuma dor envolvida, porque o Ethan havia me preparado lentamente para essa experiência, sendo muito cuidadoso, sempre.

— Olha pra você, tremendo. — Ele acariciou meus quadris, gentilmente. — Se você quiser, eu paro. Não quero nunca te machucar, meu amor — disse, e eu pude ouvir a tensão em sua voz. — Mas é que você é tão gostosa... Eu estou... Porra, é tão bom!

Dava para notar que ele estava sentindo o mesmo que eu, parado, tenso, querendo compartilhar as sensações. Ethan e eu sempre tivemos uma conexão muito direta quando se tratava de sexo. Não sei porque tudo era tão fácil, mas era e sempre tinha sido assim.

— Eu estou... estou bem — gaguejei. — Quero que você continue.

— Porra, eu te amo! — Foi como um rugido.

Ethan se afastou um pouco, num movimento que liberou mais fagulhas, e depois meteu fundo de novo. Cada penetração era lenta e controlada. Cada uma ia um pouco mais fundo que a outra. Eu estava chocada com a intensidade do prazer que crescia dentro de mim, conforme ele começava a aumentar o ritmo. As mãos dele me seguravam e seu pau me possuía, finalmente, dessa última maneira possível.

Enquanto a sensação crescia dentro de mim, parecendo prestes a explodir, eu sabia que o Ethan estava na mesma situação desesperadora que eu. Ele começou a falar sacanagem e a respirar mais pesado. Baixou uma das mãos para o meu clitóris e começou a massagear ali. O toque dele naquele ponto de terminações nervosas estava me levando ao limite.

— Vou gozar! — Solucei, e afundei minha cabeça nos lençóis, me preparando para a investida final.

Senti que ele se endureceu dentro de mim num nível inumano, enquanto seu pau mantinha o mesmo ritmo incansável.

— Ah, pooooorra! Eu também! — Ele urrou, entre uma e outra estocada firme, que nos conectava mais e mais.

Tremi inteira e desmontei embaixo dele, completamente entregue, como se meus ossos tivessem derretido. Usei toda a força que encontrei para aguentar até que ele terminasse. Um instante depois, senti ele sair de dentro de mim e me virar, ainda girando com a experiência mais prazerosa que jamais tinha vivido.

— Olha! — Grunhiu.

Abri os olhos e coleí nas íris azuis dele. A visão era magnífica. Ele parecia um deus pagão, molhado de suor e com os músculos todos retesados, se ajoelhando entre as minhas pernas, segurando seu pau e ejaculando sobre meus seios e pescoço. Ele estava tão lindo naquele momento.

Algum tempo depois, escutei água correndo no banheiro e abri os olhos, meu corpo pesado de cansaço e satisfação. Ethan estava bem ali, me olhando, com uma expressão séria e intensa, passando os dedos pelos meus cabelos.

— Acordou... — Se inclinou para me beijar e as rugas se suavizaram. — Você sempre fica com sono depois que eu te faço gozar.

— Acho que precisava de uma soneca depois de tudo aquilo.

Ele franziu o rosto de novo.

— Foi demais? Me descul... — Interrompi o que ele ia dizer, cobrindo sua boca com a minha mão.

— Não. — Balancei a cabeça. — Se tivesse sido demais, eu teria falado.

— Foi gostoso? — Perguntou cuidadosamente, com um olhar de preocupação nublando seu rosto bonito.

— Ah, foi.

— Te machuquei? — O tom de preocupação na voz dele me fez derreter mais ainda.

— Só do melhor jeito possível — respondi honestamente.

O sulco na testa desapareceu e foi substituído por um olhar de alívio.

— Porra, ainda bem! — Levantou os olhos como se estivesse agradecendo aos céus e em seguida dirigiu-os para mim; era bem

absurdo, na verdade, agradecer aos céus pelo sexo anal, com “porra” e tudo, quando eu já tinha dado a minha benção, não?

— Porque eu *realmente* quero fazer isso de novo algum dia. — Ele parecia tão, tão aliviado, e talvez até um pouco reverente a mim. Fiquei feliz por ter conseguido fazê-lo feliz e por ter visto, novamente, o quanto eu podia confiar no Ethan, entregando a ele meu coração e meu corpo. Ele ia além na hora de tomar conta de mim. Eu ainda não tinha percebido completamente o quanto ele queria, e como ele era bom fazendo isso. Sexualmente e emocionalmente.

Ethan era brutalmente honesto, tanto que, às vezes, eu ficava constrangida com sua franqueza. Por dentro, no entanto, eu sabia que isso era parte do motivo pelo qual gostava tanto dele. Tive que rir um pouco dele, também. Só mesmo Ethan para conseguir soar fofo ao falar da sua esperança de me comer mais vezes por trás, sem parecer rude ou grosseiro.

*Como é que ele conseguia fazer isso?*

Ele era meu amante safado, desbocado, romântico e cavalheiro. Uma combinação perfeita, na minha opinião.

— Tudo bem — respondi, e me inclinei para um beijo.

Ele me beijou por um tempo, do jeito tipicamente suave e cuidadoso dele. Eu adorava a sessão de beijos pós-sexo. Ethan sempre queria me beijar depois, e eu me sentia como se ele estivesse fazendo amor comigo de novo, só com os lábios e a boca. Por cima de mim, ele me pressionou e me segurou debaixo dele, sob seu corpo rígido, seus quadris encaixados entre os meus, os lábios passeando por toda parte, minha boca, meu pescoço, meus seios. Ele só parava quando estivesse totalmente satisfeito.

Ethan sabia como conseguir as coisas de mim. Tenho quase certeza de que seus instintos são os básicos, primitivos, que ele não tem escolha senão atender. Pelo menos comigo é o que acontece. A submissão durante o sexo é uma maneira de dar ao Ethan tudo que ele me pede tão honestamente. Me excita, também. Amo as coisas que ele fala e me pede quando estamos no calor de uma transa. Ele afastou os lábios e me olhou com olhos azuis brilhantes.

— Te amo tanto que me assusta, às vezes. Não... Assusta na maior parte do tempo. — Ele balançou a cabeça. — Odeio ter que te deixar aqui sozinha tantas vezes. Não está certo. — Ele suspirou profundamente. — Odeio tanto. Eu fico... Fico como um maluco, e espero que não seja demais... Espero que eu não seja demais. — Ele encostou a testa na minha. — Olho pra você e preciso ficar com você desse jeito.

Passou uma das mãos pelo meu seio e segurou-o, marcado com os vestígios agora secos do seu orgasmo, que pareciam ter sido limpos de mim em algum momento. Talvez ele tenha feito isso quando eu dormi. Apaguei de tal maneira depois do clímax cataclísmico que não fazia ideia.

— Bom, eu não estou reclamando. — Segurei o rosto dele. — Gosto do seu lado maluco, se é assim que você chama. E, só pra você ficar sabendo, eu estava me sentindo sozinha hoje à noite, com saudade de você e preocupada com tudo, mas daí, quando você chegou em casa desse jeito, parecendo que ia morrer se não me tivesse... Bom, foi tudo que eu precisava pra me sentir melhor. Quando estou sozinha com os meus pensamentos, eu tendo a me preocupar com coisas que não deveria. Bate uma dúvida! Você é a primeira pessoa que realmente me ajuda com isso. Você simplesmente apaga todas as dúvidas quando me toca e me mostra como me deseja.

Ele apenas olhou para mim, com os olhos arregalados.

— Você existe? — Murmurou, roçando o meu rosto com os dedos, numa carícia bem delicada. — Porque eu vou te querer pra sempre.

Ethan já havia me feito essa pergunta antes e eu tinha adorado.

— Quando você fala essas coisas, meu coração bate mais rápido.

Pôs a mão sobre o meu seio esquerdo e a deixou ali.

— Dá pra sentir teu coração. É o meu coração também.

Assenti.

— É teu coração, sim, e eu existo, Ethan. Eu quis fazer tudo que já fizemos juntos, e o meu coração te pertence agora. — Toquei o

rosto dele do mesmo jeito que ele tinha feito comigo, a poucos centímetros de distância, praticamente mergulhando nos olhos dele.

Ethan deu um suspiro longo, mas que soou como alívio, não como preocupação.

— Vem, minha linda, toma um banho comigo. Preciso te lavar e te abraçar um pouco. — Ele me levantou no colo, me carregou até seu banheiro, uma obra-prima de mármore, e me ajudou a entrar na banheira. Em seguida, se encaixou atrás de mim. Eu me estiquei e me recostei ao peito forte dele. Ethan passou os braços ao meu redor, fazendo a água girar num redemoinho sobre meus seios.

— Liguei pro Benny hoje — falei, depois de alguns instantes.

Ethan passou sabonete numa esponja e esfregou meu braço com ela.

— Como é que está o Clarkson? Ele quer tirar mais fotos suas?

— Não falamos sobre isso.

— Ele vai querer.

A resposta do Ethan não foi novidade. Ele não gostava que eu posasse e tampouco entendia o quanto era necessário para mim. Não estava querendo falar sobre isso, para não deixá-lo todo zangado e irracional de novo. Todas as vezes em que fui fotografar ele pirou, então era mais fácil evitar esse assunto com ele.

— Acho que o Ben está desconfiado e tenho certeza de que a Gaby ficaria também, se me visse pessoalmente, mas só falamos por telefone.

Ethan passou a esponja no meu pescoço.

— Está na hora de contar, amor. Quero anunciar publicamente e quero fazer barulho. Disso eu sei.

— Quanto barulho?

— A imprensa de Londres? Convidados VIPs? Cerimonial chique?

— Fiquei tensa nos braços dele. Ele me apertou mais e sussurrou: — Nada de pânico, tá bom? Nosso casamento tem que ser um evento digno de notícia, o suficiente pra *todo mundo* saber da gente.

— Tipo o senador?

— Isso. — Fez uma pausa. — A gente acha que o Fielding está morto também. Ele está desaparecido desde o fim de maio.

— Ai, meu Deus! Ethan, por que você não me contou isso? — Me inclinei para a frente e girei o corpo para olhar para ele, acusatoriamente. Ele me abraçou mais forte ainda e pressionou os lábios na minha nuca. Ele estava tentando me acalmar, acho eu, e sorte dele que seus truques geralmente funcionavam. Ethan conseguia me acalmar só com um toque gentil.

— Acabei de receber a confirmação. A primeira vez que suspeitei a gente estava na casa da minha irmã e você estava passando tão mal... Não fica zangada. Tive que contar sobre a gente para o Neil, também. Ele sabe que a gente está esperando um bebê. E, antes que você fique brava com isso, saiba que ele está muito feliz pela gente. Você sabe de tudo que há pra saber, Brynne. — Ele beijou meu ombro. — Sem segredos.

Meu cérebro começou a juntar os pontos e, só de pensar, fiquei toda arrepiada.

— Você está com medo de que eles tentem vir atrás de mim também, e que, se a nossa relação e o nosso casamento forem públicos, eles não vão ter coragem? — Dava para ouvir o medo na minha voz, e eu detestei isso. Não podia imaginar porque o senador Oakley haveria de querer me matar. O que eu tinha feito de errado, além de namorar o filho dele? Tinha sido o Lance Oakley que tinha feito o estrago, não eu! Por que eu deveria viver com medo de uma coisa que não fiz? Eu era a vítima aqui e, por mais que odiasse essa ideia, era a verdade.

— Não posso correr riscos com você, e não vou, nunca. — Ethan beijou meu pescoço e passou a esponja na minha barriga. — Sempre digo que você é brilhante, porque você é mesmo. Então você entende.

— É, eu entendo. Entendo que um partido político poderoso queira sumir comigo, mas isso não significa que eu tenha que gostar de um casamento de fachada. — Senti Ethan tenso atrás de mim e imaginei que ele não estivesse feliz com o que eu dizia.

— Já disse que vou fazer o que for preciso para garantir a sua segurança, e vou mesmo. Te prometo que o lugar e os convidados não vão mudar nada no nosso casamento. Não pra mim. — Falou, firme. — E o fato de estarmos esperando um bebê tem que ser

parte do anúncio, também. Isso faz de você um bem ainda mais precioso. E é mesmo.

É, meu homem não estava nada contente. Ele soava um pouco magoado também, e me senti culpada por ser tão ingrata. Acho que era mais um assunto para discutir com a minha terapeuta. Ao mesmo tempo em que era grata ao Ethan por querer se casar comigo e assumir um compromisso com o nosso filho, eu odiava que essas ameaças de sabe-lá-quem fossem a razão por trás do pedido dele.

— Me desculpa. Eu sei que não estou facilitando as coisas, Ethan. Queria que fosse diferente. — *Queria que fosse diferente em tantos aspectos.* — Mas você tem que entender que não é um sonho de nenhuma garota ter um casamento de cinema só porque alguém pode estar tentando matar a pobre coitada.

— Tenho muitos outros motivos além desse — resmungou. — Você sabe disso.

Ethan puxou a tampa do ralo da banheira e saiu. Ofereceu uma das mãos para me ajudar, ainda com uma expressão um pouco zangada, um pouco magoada e muito bonita, em toda sua magnífica nudez molhada.

*É, um bebê que fizemos por acidente é um motivo também.*

Aceitei a ajuda da mão dele e deixei que me puxasse para fora da banheira. Ele pegou uma toalha e começou a me secar, da cabeça aos pés. Quando chegou na minha barriga, ele se curvou e deu um beijo delicado sobre o lugar onde o bebê estava crescendo.

Solucei e senti lágrimas surgirem. Totalmente incapaz de controlar a emoção, me perguntei como eu daria conta de tudo isso até o fim. Por que eu tinha que ser tão fraca? Ele levantou os olhos.

— Mas eu te amo, Brynne, e preciso ficar com você. Isso não é o bastante?

Perdi o controle. Completa e totalmente. E pela milionésima vez. Lágrimas, soluços, tudo isso. Ethan recebeu o pacote completo, *deluxe*. Coitado.

Minha explosão não pareceu desanimá-lo, no entanto. Ele tomou as rédeas, me levou de volta para a cama e se deitou ao meu lado, me puxando para mais perto. Passou os dedos pelos meus cabelos e



ficou só me abraçando, por um bom tempo, sem mais pedidos, perguntas ou questionamentos. Me deixou quieta, generosamente me oferecendo força e conforto, sem esperar receber nada de volta.

Ele estava pensando. Podia ouvir as engrenagens da cabeça dele trabalhando. Ethan fazia bastante isso, aliás, ficar pensando sem dizer nada. Mas eu também estava pensando. Lembrei de algo que a dra. Roswell tinha me dito mais de uma vez. Sempre que eu falava dos meus medos em relação ao futuro, ela dizia: “Você vai chegar lá, um passo depois do outro, um dia depois do outro, Brynne.” Era um clichê, claro, mas era um daqueles que acertam na mosca, como o Ethan gostava de falar, às vezes. Na mosca.

*Vou chegar lá um passo após o outro, e o Ethan vai estar lá para me ajudar.*

— É o bastante, Ethan. — Sussurrei. Os dedos dele pararam de mexer no meu cabelo. — É o bastante pra mim. Você é o bastante.

Ethan me beijou, gentil e carinhoso, sua língua deslizando e dançando como se não houvesse nenhum outro problema no mundo. Senti-o descer uma das mãos até a minha barriga e ficar com ela lá, quente e protetora.

— A gente vai ficar bem, meu amor. Eu tenho certeza. Nós três. Enterrei meu rosto no peito dele e respirei fundo.

— Se você diz, eu acredito.

— Vai, sim. Tenho certeza. — Levantou meu rosto e apontou para a sua cabeça. — Eu tenho visões, que nem você tem seus superpoderes de dedução, como me disse uma vez. — Ele piscou para mim.

— Ah, é? — Acrescentei um pouco de sarcasmo, só para ele saber que eu tinha encerrado meu momento de reclamação sobre o casamento e podia começar o de aceitação.

— Sim. Você, eu e nosso pequeno mirtilo vamos ter nosso final feliz.

Tive que balançar a cabeça para ele.

— Não temos mais um mirtilo.

Ele fingiu estar em choque.

— O que aconteceu com o mirtilo? Não me diga que você comeu.

— Idiota! — Cutuquei-o nas costelas. — O mirtilo agora é uma framboesa.

— De onde você tira toda essa informação? — perguntou, com uma sobrancelha levantada.

— Um site chamado barriga ponto com. Você devia ver também. Vai aprender tudo que precisar sobre frutas e vegetais.

Ele riu.

— Adoro quando você brinca comigo — disse, segurando meu queixo. — Principalmente quando posso ver que os teus olhos brilham e você parece feliz. Isso é tudo o que eu quero. Que você seja feliz comigo, com a gente, com a nossa vida juntos.

— Você me faz feliz, sim, Ethan. Me desculpa pelo jeito que eu estou, ultimamente. Um desastre de hormônios descontrolados, que chora por tudo, reclama, enche o saco, argh. Nem eu mesma me aguento, detesto o meu jeito até de te pedir desculpas, como agora.

Ele balançou a cabeça.

— Não, nada disso. Você não tem que pedir desculpas, meu amor. Tudo que você precisa fazer é concordar com o anúncio do nosso noivado. Eu o escrevi hoje. Tá pronto pra sair.

Ele parecia tão sincero ao pedir isso, que me dei conta, naquele exato momento, que o meu período de chorar sobre o casamento, o bebê, as ameaças e tudo o que me assustava estava definitivamente encerrado. Andar para a frente era a única opção agora.

— Ok, eu estou pronta.

— Está? — Ethan me olhou, bastante surpreso. — Assim, do nada, você está pronta?

— Sim, estou. Sei que você me ama e que vai tomar conta da gente. Finalmente admiti para mim, na consulta com a dra. Roswell, que eu preciso de você. Eu te amo e preciso de você. — Botei a minha mão num dos lados do rosto dele. — Vamos fazer isso.

Ganhei um daqueles sorrisos espetaculares e raros do Ethan, que faziam tudo valer a pena. Eu realmente amava fazer esse homem feliz. Preenchia alguma coisa em mim, me aquecia por dentro.

— Temos que contar aos nossos pais e às famílias. Como você quer dar as boas-novas? — Perguntou, gentilmente.

— Hmmm... Boa pergunta. — Olhei para o relógio na mesa de cabeceira, que marcava uma da manhã. — Que tal agora?

— Agora? — Ele pareceu duvidar por alguns instantes, até que entendeu. — Você quer falar com o teu pai primeiro. — Fez alguns cálculos mentais. — São cinco da tarde de sexta, acha que consegue falar com ele?

— Tenho quase certeza que sim. Bota uma roupa.

— Hm?

Saí da cama e vesti uma calça de yoga e uma camiseta.

— Quero contar pra ele no Skype. — Sorri, satisfeita com a minha ideia. — Duvido muito que ele vá gostar de saber que vai ser avô com você pelado no Skype, como está agora. — Dei uma boa olhada no corpo dele, nu e musculoso. — Se veste, por favor. Posso garantir que ele vai querer falar com você, depois que eu contar o que que você fez comigo.

\* \* \*

— Princesa, você tá tão bonita. Adoro poder ver teu rosto. A que devo essa honra? E o que diabos você tá fazendo acordada à uma da manhã?

Sorri para o meu pai e senti um frio na barriga com a perspectiva de contar a novidade para ele. De algum modo, sabia que ele ficaria feliz por mim. Ele nunca tinha me julgado, não o faria agora.

— Meu Deus, que saudade. Daria qualquer coisa pra poder fazer isso pessoalmente, papai. — Meu pai bonitão estava com uma toalha de piscina pendurada no pescoço e tinha os cabelos molhados.

— Acabei de dar quarenta voltas, foi ótimo. Bela maneira de começar o fim de semana. O tempo aqui tem estado muito bom para vir à piscina. Queria que você estivesse aqui pra aproveitar comigo.

— Eu também. Você tá tomando seu remédio pra pressão direitinho, como tem que ser?

— Claro que sim. Eu estou em ótima forma para um velhinho.

— Por favor, você tá muito longe de ser um velhinho, pai. Eu sei muito bem o que é um velho e você, definitivamente, não é um deles. Eu até recebi uma mensagem da Jess pelo Facebook, falando que ela te vê na academia e que você é um amor. Pelo visto, você deve ter um trabalhão para se livrar das mulheres quando vai malhar.

Ele riu e ignorou meu comentário. Eu sempre imaginava como iria essa parte da vida dele. Ele nunca falava sobre encontros ou mulheres, então eu realmente não sabia. Não era possível que ele não se sentisse solitário. As pessoas não foram feitas para viver sozinhas. Torcia para que ele encontrasse alguém que o fizesse feliz.

— A Jess é uma boa menina. A gente praticamente só fala de você, Brynnie. Mas você não me respondeu. Por que tá acordada até tão tarde?

— Bom, Ethan e eu temos uma coisa importante pra dizer e não queria esperar nem mais um momento pra falar com você.

— Ok... Você tá rindo, então acho que são notícias boas. — Ele ergueu o queixo e fez uma cara de convencido. Minha confiança esmoreceu um pouquinho, mas senti Ethan se aproximar por trás de mim e se sentar. Ele botou as mãos nos meus ombros e se inclinou para que o meu pai pudesse vê-lo na tela também.

— Ei, Ethan, então quer dizer que você vai transformar a minha filha numa mulher honesta? É disso que se trata esse anúncio?

— Ahhh ... Bom, hum... A gente quer te contar algumas coisas, na verdade, Tom.

— Bom, eu mal posso esperar para ouvir. — Papai estava, obviamente, adorando ver o Ethan se contorcendo do outro lado da linha. Dava para notar pelo sorriso enorme.

Meu Deus, era bom que ele ficasse feliz também depois de ouvir. Então resolvi encarar. Um belo mergulho de barriga na parte mais funda da piscina metafórica que era a minha vida.

— Pai, você vai ser avô.

Senti os dedos do Ethan apertarem meus ombros um pouco mais forte, enquanto o grande sorriso no rosto do meu pai se transformava num olhar de choque absoluto.

# Capítulo 14

**E**stacionei o carro em frente à casa de tijolinhos vermelhos, em Hampstead, onde eu tinha crescido.

— Essa é a casa do meu pai.

— Que graça, Ethan. Uma casa inglesa elegante, exatamente como eu tinha imaginado. O jardim é lindo.

— Meu pai gosta de sujar as mãos nele.

— Sempre admirei as pessoas que têm os dedos verdes. Eu adoraria ter um jardim, algum dia, mas não sei muito sobre plantas. Teria tanta coisa pra aprender — ela falou, melancolicamente, dentro do carro. — Você se sente bem quando vem pra casa? Ainda se sente como se estivesse em casa? — Ela soou um pouco saudosa para mim.

— Bom, acho que sim. É a única casa que tive, até comprar a minha. E eu sei que o meu pai ficaria muito feliz em poder te ensinar qualquer coisa. O jardim da minha mãe fica na parte de trás da casa. Quero muito que você veja. — Passei os olhos pela Brynne, linda como sempre, de vestido florido e botas roxas. Meu Deus, eu adorava quando ela usava botas. As roupas a gente tira, mas as botas podem ficar... A qualquer hora. — Está nervosa?

Ela assentiu.

— Muito.

— Não tem por que, meu amor. Todo mundo te adora e acha que você é a melhor coisa que já aconteceu comigo. — Dei um beijo lento nos lábios dela, provando seu gosto doce, antes que saíssemos em público e eu tivesse que controlar meu desejo constante de tocá-la, pelas próximas horas. *Às vezes é uma droga ser eu.* — E você é mesmo.

— Ah, nem vem. Eu lembro de como meu pai te interrogou e como a sua voz vacilou. — Ela riu. — A cara que ele fez não teve preço, né?

— Acho que sim, mas eu não me lembro bem da cara dele. Eu só pensava em como tinha sorte de estar a milhares de quilômetros dele, pra salvar minhas bolas.

— Tadinho. — Ela riu e botou a mão sobre sua barriga.

— Está se sentindo bem? Como a nossa framboesa está se comportando hoje?

Brynne tocou meu rosto.

— A pequena framboesa está colaborando, por enquanto, mas nunca sei o que vai acontecer. À noite é sempre pior pra mim, por alguma razão. Eu vou devagar.

— Você tá tão linda hoje. O papai vai ficar superfeliz. — Peguei a mão dela, dei um beijo na palma e a coloquei sobre sua barriga novamente.

— E você vai conseguir me fazer chorar, se continuar com isso. — Cobriu a minha mão com a dela.

— Não, nada de lágrimas hoje. Essa é uma noite alegre. Pensa como o teu pai ficou contente ontem, quando a gente contou pra ele. Bom, pelo menos quando ele se deu conta de que estava muito longe pra cortar minhas bolas, ele acabou ficando feliz. — Pisquei para ela.

— Eu te amo, Blackstone. Você me faz rir, e isso é importante. Vamos fazer esse negócio.

— Sim, chefe. — Dei a volta, ajudei minha garota a sair do carro e a subir os degraus até a porta. Toquei a campainha e aguardei. Senti um corpo macio se esfregar na minha perna. O gato tinha crescido desde a última vez em que estive ali.

— Fuligem, meu amigo. Como é que tá? — Levantei-o do chão e apresentei-o à Brynne. — Esse é o Fuligem, o dono do meu pai. Ele meio que o adotou.

— Ah, que gatinho lindo. Ele tem os olhos tão verdes.

Brynne esticou a mão para acariciá-lo e o Fuligem esfregou a cabeça na mão dela.

— Ele é superdócil, hein?

— É, é, sim.

A porta se abriu e nos interrompeu. A tia da Brynne, Marie, estava parada na entrada, com um sorriso de boas-vindas no rosto.

— Surpresa — Marie falou. — Aposto que vocês dois não estavam esperando me encontrar aqui, não é?

Eu ri, meio constrangido por ter sido pego desprevenido, mas me saí bem, a despeito do choque.

— Marie, mas se essa não é uma ótima surpresa, eu não sei o que seria. Você tá ajudando o papai com o jantar?

— Estou, sim — ela respondeu. — Por favor, entrem, vocês dois.

Ela nos cumprimentou com beijos e abraços. Brynne e eu trocamos um olhar rápido. Apostaria dinheiro em como a Brynne estava tão surpresa em ver a Marie aqui quanto eu.

Assim que bati os olhos no meu pai, soube que tinha alguma coisa ali. Ele limpou as mãos num pano de prato e veio nos cumprimentar. Um abraço carinhoso e um beijo na mão da minha garota, e um aceno bem frio para mim. O Fuligem pulou do meu colo e se mandou para algum outro lugar.

— Marie e eu já tínhamos combinado de jantar hoje aqui quando você ligou e pediu pra vir — papai falou.

Mesmo? Outra troca rápida de olhares com a Brynne e ficou óbvio que nós dois estávamos lutando para fingir que não percebemos nada. Então o papai e a Marie...? Beleza. Para uma mulher madura, eu achava a Marie bem gostosa. Me veio a ideia de que o meu pai podia estar chateado de ver a gente invadindo uma noite romântica. Que merda.

— Por que você não falou, então? — perguntei. — A gente não precisava vir hoje.

Meu pai balançou a cabeça e manteve a distância. Se eu não o conhecesse muito bem, diria que ele estava me dando um gelo. Mas só em mim, na Brynne, não. Ele deu um sorriso simpático para ela e disse:

— Ah, mas eu acho que vocês precisavam vir logo hoje, filho.

*Que diabos?* Será que ele já sabia de alguma coisa? Eu ia quebrar algumas caras por aí se descobrisse que a minha irmã ou o Fred tinham aberto o bico. Estreitei os olhos na direção dele, mas a cara fechada continuou.

Marie quebrou o silêncio. Graças aos céus, porra.

— Brynne, minha querida, vem me ajudar com a sobremesa. É pavê de framboesa, vai ficar divino.

Tive vontade de rir quando ela disse *framboesa*, e olhei direto para a Brynne. Ela sorriu, piscou para mim e seguiu a Marie até a cozinha.

— Qual é o problema, pai? A gente tá interrompendo a tua noite ou alguma coisa assim? Você podia ter dito que não era bom vir hoje, você sabe.

Ele enrijeceu os maxilares e levantou as duas sobrancelhas, deixando bem claro quem mandava ali. Incrível como pais têm esse poder. Me levou de volta para a adolescência, quando eu ficava me contorcendo na berlinda, tomando esporro por alguma merda que tivesse feito.

— Na verdade, você tá interrompendo, sim, mas isso não importa. Fico sempre feliz em ver o meu filho. Não, o que eu não estou acreditando é que tenha tido que esperar tanto pra você me ligar, Ethan. — Ele me esquadrinhou com olhos inquisidores.

— Será que a gente pode para de falar em código? Você tá claramente irritado com alguma coisa.

— É, alguma coisa.

— O que quer dizer com isso? — Minha voz começou a falhar. Puta merda! Eu estava ferrado agora. Papai sabia? Como?

— Acho que você sabe, filho. Aliás, eu sei que você sabe.

— Sabe? — A minha voz continuou afinando, como um cantor de ópera em pleno palco. — Como é possível?

Ele finalmente suavizou um pouco a expressão no seu rosto.



— Parece que tem muita coisa que é possível, filho. Você imagina a minha surpresa quando liguei pra Hannah e ouvi a minha neta me contar, alegremente, que o tio Ethan e a tia Brynne estão esperando.

*Rapaz!* Imediatamente passei a mão na barba.

— Então a monstrixinha te contou, foi?

— Exato. — A expressão séria continuava firme. — A Zara falou um bocado sobre isso.

Levantei as mãos, como se quisesse me entregar.

— Que que você quer que eu diga, pai? Demos mole, ok? Não foi de propósito, e posso garantir que ficamos tão surpresos quanto todo mundo!

Ele cruzou os braços, totalmente alheio ao meu constrangimento.

— Quando vai ser o casamento?

Olhei para o chão e me dei conta de que estava envergonhado por não ter uma resposta para dar a ele.

— Estou vendo isso — resmunguei.

— Por favor, me diz que você vai se casar logo. — A voz dele começou a ficar mais alta. — Você não vai esperar até depois de o bebê nascer, como esses famosos fazem!

— Dá pra falar mais baixo? — Pedi. — A Brynne tá... Bom, ela fica meio receosa com compromisso. É assustador pra ela... Por causa do que ela passou.

Papai me lançou um olhar que deixou bem claro o que ele achou da minha explicação.

— Muito tarde pra isso, filho — resmungou. — Vocês já estão mais do que comprometidos. Ter um filho sem a segurança de um casamento legal vai ser ainda mais assustador, posso garantir. Pra você e pra Brynne. — Balançou a cabeça para mim. — Esquece o passado, vocês precisam pensar é no futuro. — Me encarou como um cão olha para um bife. — Você pelo menos fez o pedido? Não vi nenhum anel de noivado no dedo dela.

— Acabei de dizer que estou cuidando disso — reagi. *Estou mesmo, porra!*

— O tempo não para, Ethan.

— Jura, pai? Obrigado pelo conselho. — Se eu respondesse a ele nesse tom sarcástico quando era adolescente, levaria um belo soco no queixo. Mas agora, tudo que recebi foi um olhar de raiva e outra demonstração de desprezo. Me ocorreu que ele poderia já ter espalhado a nossa notícia. — A Marie também sabe?

— Não, ela não sabe. — Papai me lançou mais uma expressão hostil, revirando os olhos, e foi se juntar à Brynne e à Marie na cozinha.

Acompanhei a retirada dele com irritação e decidi que a melhor coisa agora seria manter alguma distância. Não faria sentido ter uma briga de família e chatear *todo mundo*. Melhor sofrer sozinho. Em vez disso, enterrei minha bunda no sofá e desejei um cigarro. Ou um maço inteiro.

Engraçado como nossos pais tiveram reações tão diferentes à novidade. Tom Bennett ficou feliz pela gente, depois que superou o choque inicial, acho eu. Nunca perguntou qual seria a data do casamento, simplesmente queria ver se estávamos felizes e se eu amava sua filha e estava comprometido a tomar conta dela e do bebê. Ele até sugeriu que a gente fosse fazer uma visita no fim do outono, o que deixou a Brynne muito animada.

A mãe da Brynne também não perguntou a data. Com ela era outra história, verdade. Ela não gostava de mim e tenho certeza de que também não gostou de saber que ia se ser avó. Que pena para ela, então, que se dane. Quando a gente ligou para contar, teve um monte de momentos de silêncio do outro lado da linha. Brynne não quis falar com ela no Skype, como fez com o pai, e logo entendi a razão. A mãe deve ter feito umas caretas horríveis ao ouvir a notícia e a minha garota linda não precisava ver isso. Já tinha sido bem difícil confortá-la, depois que desligaram o telefone. É, os limites já estavam traçados e a minha opinião, formada. A mãe da Brynne era uma vaca preconceituosa, que claramente se preocupava mais com sua posição social do que com a filha. Felizmente, parecia que nosso contato seria mínimo.

Então, sim, essa hostilidade instantânea do meu pai em relação à falta de uma data me pegou de surpresa. Especialmente porque

duas doses de paciência seriam suficientes para resolver essas preocupações dele.

Em instantes, o Fuligem subiu no meu colo e se instalou confortavelmente. Ele me encarou com seus olhos verdes, enquanto eu acariciava o pelo liso e brilhante, me admirando que a noite agradável tivesse evoluído para essa situação, em que eu recebi a coroa de Rei dos Babacas, numa almofada de veludo.

— Eu tenho um plano — falei para o gato. — Tenho, sim. Eu só não contei pra ninguém ainda.

Fuligem piscou os olhos verde-claros, num sinal de compreensão total, e ronronou.

\* \* \*

Ethan afastou minha cadeira da mesa de jantar e me ajudou a levantar.

— Quero mostrar o jardim pra Brynne — anunciou.

— Mas não é melhor a gente ajudar a tirar a mesa? — Perguntei.

— Não, por favor, minha querida. Deixa o Ethan te mostrar o jardim da mãe dele. É lindo, eu quero que você veja. — O tom do Jonathan era decidido. Eu nem cogitei argumentar.

Olhei para o Ethan e segurei a mão dele.

— Bom, se vocês não se importam, tudo bem. O salmão e o molho *bérnaise* estavam muito bons. Estou impressionada com seus dotes culinários, Jonathan. — Pisquei para a Marie. — Já sabia que a minha tia era uma feiticeira na cozinha, mas você foi uma surpresa pra mim.

O Jonathan encolheu os ombros.

— Tive que aprender. — Imediatamente me senti mal por lembrar a todos a perda da mãe do Ethan.

Um menino perdeu a mãe, mas Jonathan perdeu sua mulher e alma gêmea. Era uma coisa tão triste, mas ele já tinha anos de prática em lidar com momentos constrangedores como esse, então agiu como se não fosse nada.

— Marie e eu fomos uma dupla hoje, na verdade. Eu preparei o peixe e o arroz, e ela cuidou da salada e da sobremesa. — Jonathan piscou para a minha tia, sorridente. Me perguntei se eles estariam namorando. Era estranho imaginá-los romanticamente envolvidos, mas me agradaria, caso fosse verdade. Talvez fossem só amigos, mas eles com certeza ficavam bonitinhos juntos. Imaginei o que o Ethan pensaria sobre ver seu pai com uma mulher.

Ethan pressionou a mão nas minhas costas e me conduziu para fora. Fuligem saltou diante de nós e subiu na base de tijolos de uma enorme jardineira, que ladeava um banco bem-protegido, rodeando-o de esporas roxas e alfazemas azul-claro.

— É tão lindo, parece um jardim inglês de cartão postal.

Me escolhi diante de Ethan, que parecia um tanto sério demais para um simples passeio no jardim. Ele estava com o queixo travado e uma expressão determinada no rosto.

— É difícil pra você, ver seu pai com a Marie? — Indaguei, com cuidado.

Ele balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. A Marie é gata. — Ele riu. — Mandou bem, pai, é o que eu acho.

— Que bom, é um alívio. Fiquei um pouco preocupada. Você parecia tão estressado durante o jantar...

Ele me fez sentar no banco do jardim e me abraçou, enterrando a cabeça no meu pescoço.

— Estou parecendo estressado agora? — Sussurrou contra meu cabelo.

— Não tanto. — Respondi, passando os dedos pela nuca dele. — Mas está com os músculos aqui muito tensos. Quando vamos contar pra eles? Achei que a gente fosse falar logo.

— A gente faz o anúncio quando voltar pra dentro. Preciso ficar um pouco sozinho com você primeiro.

— Gosto de ficar um pouco sozinha com você. — Sorri para o rosto lindo dele, que me observava tão intensamente. Sob a luz do jardim, os olhos azuis dele brilhavam como pequenas fagulhas. Ele se inclinou para me beijar e me engoliu inteira, daquele jeito delicioso que sabia fazer. Meu estômago deu uma cambalhota só em

vê-lo se aproximar. Ele ainda mexia comigo da mesma maneira que da primeira vez em que nossos olhos se encontraram, naquela noite na Galeria Anderson, no começo de maio.

Ethan me beijou no jardim da casa do seu pai por bem mais do que um instante, mas eu poderia fazer isso a noite inteira. Os lábios e a língua dele foram mágicos para mim desde o início e ainda eram. Ethan fazia eu me sentir preciosa quando me beijava. Nenhum outro homem jamais tinha feito com que eu me sentisse tão amada.

Ele se afastou, finalmente, e segurou meu rosto com as mãos. Passou o polegar sobre meu lábio inferior, num carinho que passava um recado sucinto. Um gesto de “você é minha”, capaz de fazer coisas estranhas comigo. Um simples toque do Ethan tinha esse resultado, mas eu já estava familiarizada com esse sentimento, a esta altura. Só fazia com que eu o amasse mais, se é que isso era possível.

— Comprei uma coisa pra você quando a gente estava em Hallborough. Vi numa loja de antiguidades, quando fui até a cidade, e logo soube que era pra você. Estava esperando o momento certo pra te dar. — Ele tirou um pequeno pacote retangular do bolso do paletó e botou-o no meu colo.

— Ah, um presente pra mim? — Peguei o pacote e desembrulhei o papel azul delicado. Era um livro. Um livro muito antigo e especial. Meu coração começou a bater forte quando me dei conta do que o Ethan tinha me dado.

— *Lamia, Isabella, a véspera de Sta. Agnes e outros poemas* de John Keats? — Engasguei, completamente em choque.

— Você gostou? — A expressão no rosto dele era de dúvida e percebi que ele deve ter se debatido sobre o presente, inseguro se eu ia ou não gostar. Uma edição antiga de Keats custava uma fortuna e aquela era uma edição superantiga. Encadernada com couro verde e com as letras gravadas em dourado na lombada, ainda aparecendo, era uma obra de arte para mim.

— Meu Deus! Sim, é claro que eu gostei, meu amor. É um presente lindo, magnífico. Vou tomar o maior cuidado com ele! — Abri a capa e segurei o livro na direção de uma das lâmpadas do jardim para conseguir enxergar. — Tem uma dedicatória. “Para a

minha Marianne. Sempre seu, Darius. Junho 1837". — Botei uma das mãos no meu pescoço e olhei para Ethan. — Foi um presente de amor. Darius amava Marianne e deu o livro pra ela.

— Assim como eu amo você — falou, gentilmente.

— Ah, Ethan. Você vai me fazer chorar de novo se continuar a fazer coisas assim.

— Bom, na verdade, eu não me importo com as suas lágrimas. Nunca me importei. E especialmente quando não são de tristeza. Você pode chorar de felicidade sempre que quiser, meu amor. — Ele se inclinou para encostar a testa na minha. — Adoro o gosto das suas lágrimas — completou, antes de se afastar.

Toquei o rosto dele e falei, baixinho:

— Também te amo. E você me dá presentes caros demais.

— Nunca, meu amor. Eu te daria o mundo, se pudesse. Você nunca me pediu nada. Você é sempre tão generosa que faz com que eu seja mais humilde. A maior parte do tempo eu fico admirado com você. É verdade. — Ele balançou a cabeça para enfatizar as palavras. — Não estou mentindo.

— Agora é a minha vez de perguntar se você existe.

Os olhos dele me filmaram de alto a baixo, antes de balançar a cabeça de novo.

— Acho que eu passei a existir quando te conheci.

Meu coração caiu sobre as pedrinhas debaixo dos meus pés quando Ethan se levantou do banco e se ajoelhou na minha frente. Ele segurou as minhas mãos nas dele.

— Sei que sou um pouco brusco e que forcei a entrada na tua vida, mas eu te amo com todo o meu coração. Nunca duvide disso. Você é a minha garota e eu quero você, preciso de você ao meu lado pra sempre. Eu já ia querer ter um futuro com você, de qualquer jeito. O bebê só é mais um sinal de que isso é certo. A gente dá certo, minha linda. A gente dá tão certo junto.

Não consegui falar, mas concordei com ele. A gente dava tão certo junto.

Tudo que pude fazer foi olhar dentro dos belos olhos dele e me apaixonar ainda mais por tudo que era Ethan Blackstone. Meu homem incrível.

Os caminhos que a gente escolhe na vida nunca são claros, ninguém pode prever o futuro, mas na noite em que bati os olhos no Ethan, soube que tinha alguma coisa especial nele. Quando fui ao apartamento dele pela primeira vez, para ficarmos juntos, eu soube. Soube que a decisão ia mudar a minha vida. E mudou. Ele era tudo que eu poderia sonhar num parceiro, e mais do que eu jamais poderia ter imaginado. Não dá para planejar. Você lida com o que aparece, conforme a vida acontece.

Ethan era simplesmente... o cara para mim. Apertei as mãos dele com as minhas. Foi a única resposta que consegui dar, considerando que meu coração batia tão rápido que eu poderia voar para longe, se ele não estivesse me segurando.

— Brynne Elizabeth Bennett, você vai me fazer o homem mais feliz do mundo e se casar comigo? Seja minha mulher e mãe dos nossos filhos. — Ele inclinou a cabeça e continuou a falar, em voz baixa. — Me faz existir de verdade. Só você pode fazer isso, meu amor. Só você...

— Sim — respondi, acenando com a cabeça.

Não sei como consegui responder, mesmo com essa pequena palavra. Me ouvi dizer isso em voz alta, mas tudo que eu pude fazer foi olhar para ele. Vê-lo ajoelhado na minha frente e sentir o amor que transbordava dele para mim. Havia tanto mais que eu poderia ter dito, mas não disse. Queria só viver aquele momento e me lembrar de como me senti quando Ethan me pediu para fazê-lo existir de verdade.

Compreendi o que ele quis dizer com isso. Entendi porque sentia a mesma coisa em relação a ele. Ele tinha me trazido do escuro para a luz. Ethan me devolveu a minha vida.

Algo frio e pesado escorregou pelo meu dedo. Quando olhei para baixo para ver o que era, o mais maravilhoso anel estava incrustado no quarto dedo da minha mão esquerda. Antigo, trabalhado e enorme: uma ametista hexagonal de um roxo escuro, sobre platina cravejada de diamantes, brilhando para mim. Eu segurei-o sob o brilho da luz do jardim para que pudesse dar uma boa olhada nele. Era magnífico, belo e extravagante demais para mim, mas eu adorei, principalmente porque tinha sido escolhido pelo

Ethan. Minha mão tremia e as lágrimas começaram. Não teria conseguido pará-las por nada. Era ótimo que ele tivesse dito que não se importava com as minhas lágrimas, porque elas iam jorrar em cima dele novamente. Essas eram, definitivamente, de felicidade.

— Que-quero me casar com você. Que-quero. Eu te amo tanto, Ethan. — Minhas palavras saíram num soluço. Eu estava tão entregue a ele que mal poderia absorver qualquer coisa, e tenho certeza de que meu estado hormonal descontrolado não ajudava em nada.

Ethan pegou minha mão e beijou-a. O roçar familiar de seu cavanhaque, combinado com seus lábios quentes, me confortava de uma maneira que eu não conseguiria descrever com palavras. Ele fazia com que eu me sentisse amada, sempre fez. Eu pertencia a ele agora e abraçava essa percepção de braços abertos. Havia levado um pouco de tempo para fazer isso, mas tinha chegado lá. Tinha aceitado o amor do Ethan e, em troca, oferecia a ele todo o meu ser. Finalmente.

Nunca pensei que fosse possível ser tão feliz na vida.

\* \* \*

Senti a barba arranhando minha pele. A língua quente brincou com o meu mamilo, deixando-o duro, latejando. Arqueei contra a boca dele e gemi um som lascivo de prazer, que só parecia estimulá-lo a ir em frente. Alguém estava bem acordado e decidido a me fazer gozar antes do café da manhã. Era a melhor maneira de começar o meu dia.

Meus olhos se abriram e se fixaram nos dele. Meu despertar era como um sinal de trânsito dando a luz verde para ele continuar. Eu adorava despertar desse jeito, com Ethan. Seu peso me segurando, seus quadris encaixados firmemente entre as minhas pernas, as mãos prendendo as minhas na cama. Os olhos dele brilharam quando seu pau me preencheu por dentro. Dei voz ao meu prazer e me arqueei para me encaixar nele, tanto quanto possível. Ele tomou a minha boca com a língua e logo encontrou outra parte do meu corpo para possuir. Era tão bom ser possuída pelo Ethan. Tão bom.



Ele se mexeu devagar, com firmeza, aumentando o ritmo até me dar estocadas profundas, que terminavam com uma leve torção, a cada vez em que ele girava os quadris. Apertei-o com força dentro de mim, sabendo que assim o ajudaria e também me levaria ao orgasmo muito mais rapidamente. Eu andava ávida por isso esses dias.

— Ainda não, meu amor. Você vai ter que esperar dessa vez — me cortou. — Vou gozar com você e vou te dizer quando.

Senti que ele nos rolou agilmente, me botando por cima, mas ele não ficou satisfeito em me ver montá-lo daquele jeito. Ethan se ergueu para se sentar e agarrou com força os meus quadris, de maneira que podia me mover sobre seu pau, me empurrando mais para baixo a cada movimento. Nossos rostos estavam a centímetros um do outro e nossos corpos estavam colados. Ele podia ver tudo escrito nos meus olhos: o quanto eu o amava, o quanto precisava dele, como o desejava.

— Meu Deus... — Gaguejei, tentando desesperadamente controlar a explosão que estava prestes a tomar conta de mim, mas sabendo que era impossível. Ethan era um mestre na arte de me fazer gozar.

Ele era um mestre na direção do sexo também. Sua natureza dominante vinha com força total, e ele controlava quando eu poderia gozar. Às vezes, ele me fazia esperar. Hoje era um desses dias. Não me preocupava porque sabia aonde ele me levaria, eventualmente. A espera só fazia com que tudo ficasse muito melhor, no final.

— Eu fico no céu cada vez que você monta no meu pau — falou, com os lábios sobre os meus, silenciando as minhas palavras. — Tão molhada pra mim... Tua boceta me apertando. Eu amo tua boceta, amor.

Esperava por essa parte do ritual: as baixarias que ele falava. Nada podia me deixar mais excitada do que o que saía da boca dele. Bom, talvez o que ele *fazia* com a boca. E com o pau. Ethan conseguia dizer “boceta” sem soar grosseiro. Esse falatório erótico do Ethan me deixava louca de desejo.

Aceitei-o dentro de mim e deixei que ele me possuísse, nossas línguas se fundindo numa intensidade que só aumentava, conforme

ele se enterrava em mim, de baixo pra cima, controlando meus movimentos, me levantando e me deixando cair mil vezes sobre sua ereção. Senti que ele estava ficando mais duro e rezei para que chegássemos ao ápice.

— Por favor... — Implorei com um miado, que ele engoliu com a boca e a língua.

— Minha linda quer gozar?

— Quero, quero muito!

Senti as mãos dele saírem da minha bunda, de onde ele vinha guiando meus movimentos, e se levantarem para beliscar meus mamilos.

— Fala o meu nome na hora!

Uma dor aguda me perfurou, quebrando a onda de sensações que eu estava contendo, permitindo que a explosão acontecesse.

— Ethan, Ethan, Ethan... — Gritei, desmontando em cima dele, não mais conseguindo controlar meu corpo. Tudo se tornou involuntário para mim, depois disso, mas eu continuava consciente do clímax dele. Escutei os grunhidos guturais dele e senti o calor das explosões de porra dentro de mim, me lembrando de que foi assim que fizemos nosso bebê. Exatamente assim. Nossos corpos se conectaram num frenesi louco, até que o nirvana bateu e nada mais importou.

Ele me segurou, com os quadris girando para minar cada grama de prazer desse encontro. Ronronei no peito dele e não quis mais me mexer. Nunca mais.

— Bom dia pra você, senhora Blackstone, — disse, rindo um pouco.

— Hummm... Foi, não foi? — Me mexi em cima dos quadris dele e me contraí em volta de seu pau, que ainda estava semiereto. — Ainda não sou a senhora Blackstone.

Ele engasgou de leve.

— Calma aí, minha linda. Não me mata antes de eu poder te fazer uma mulher honesta.

Eu ri.

— Acho que eu corro mais risco do que você. Caramba, você faz umas coisas loucas comigo. — Acariciei seus lábios e nariz, adorando

nosso tempo juntos, e também a certeza de que o Ethan era todo meu por mais alguns momentos, até que ele precisasse sair para o trabalho.

Ele estava tão ocupado com as Olimpíadas, trabalhando tanto, que tinha me decidido a ajudá-lo de qualquer jeito que pudesse. Dar a ele um pouco de sexo alucinante para começar o dia era um desses jeitos, e eu ainda podia aproveitar os benefícios também.

— Amo fazer coisas loucas contigo. Eu te amo. — Me beijou devagar e carinhosamente. — E você vai ser a senhora Blackstone logo, logo, então é melhor já ir se acostumando.

— Ok, acho que posso fazer isso por você. — Estendi a mão esquerda e admirei de novo o anel, a pedra roxa que parecia quase negra na luz fraca da manhã. — E eu te amo também. — Ainda me chocava um pouco, ver aquele anel na minha mão. Eu estava noiva do Ethan e a gente ia mesmo se casar. E eu ia mesmo ter um filho dele. Quando foi que tiraram o chão debaixo dos meus pés? Tinha que ficar o tempo todo me lembrando de que isso não era um sonho.

— Você gostou mesmo do anel? — Perguntou delicadamente. — Sei que você gosta de antiguidades e esse era tão incomum que achei que você fosse preferir do que alguma coisa mais moderna. — Ele segurou meu rosto e passou o polegar por baixo do meu queixo. — Mas se você quiser outra coisa, é só falar. Eu sei que não é um anel de noivado convencional, e eu quero que você fique contente com tudo.

Protegi a minha mão esquerda com a direita.

— Adoro meu anel e não vou te devolver nunca. — Provoquei. — Você sabe que, dependendo da luz, ele parece quase preto, às vezes? Um pedra preta. *Black stone*. — Sorri para ele.

Ele sorriu de volta quando a ficha caiu.

— Gosta disso?

— Gosto muito, senhor Blackstone. Você tem ótimo gosto para presentes, mas eles são extravagantes demais. De qualquer modo, eu te amo. Você está me mimando demais.

Ele girou os quadris lá embaixo, me lembrando de que nossos corpos ainda estavam conectados.

— Isso é uma prerrogativa minha, e eu mal comecei, meu amor. Espera só. — Piscou o olho.

— Eu ainda não te dei nenhum presente — falei, mexendo nos lençóis embolados abaixo do meu joelho.

— Olha pra mim! — A voz dele estava muito séria, o tom de brincadeira desaparecido.

Levantei meus olhos para encontrar com os perfurantes olhos azuis dele.

— Não fala isso. Não é verdade. Você me deu isso. — Pegou minha mão e botou-a sobre o coração dele. — E isso. — Pousou sua mão sobre o meu coração. — E isso. — Deitou as duas mãos sobre a minha barriga e deixou-as ali. — Não existem presentes melhores, Brynne.

# Capítulo 15

**A** missão de compras provou minha teoria de que isso seria um exercício de maluquice.

— Como assim você não vai usar esses sapatos? — O Benny estava segurando nada menos do que um Louboutin de salto 12, cravejado de cristais. — Eles são sexy. Você vai ficar ótima com eles. Vão fazer parecer que você tem pernas enormes.

Revirei os olhos.

— E qual é a razão disso?

— Parecer gostosa?

Balancei a cabeça para ele.

— Não, meu querido. A ideia é me casar, não ficar parecendo que eu trabalho numa agência de acompanhantes. — Apontei para a minha barriga. — Grávida, lembra?

— É — a Gaby respondeu sarcasticamente à minha esquerda. — Ainda não estou acreditando que você escondeu isso de mim por quase duas semanas!

— Desculpa, não foi de propósito. Aliás, já te contei que fiquei completamente chocada? Fora de controle. — Devolvi o sarcasmo na mesma medida. — Eu estou voltando agora a me sentir humana. — Franzi a testa. — Ênfase no *agora*.

Gaby balançou a cabeça.

— É claro — falou, olhando uma arara de vestidos, na esperança de encontrar algum que desse para usar como dama de honra. — Sete semanas, Bree. A gente tem sete semanas pra botar esse casamento de pé. É uma loucura.

— Eu sei. Queria ter um pouco mais de tempo pra planejar tudo, mas o Ethan quer resolver isso o mais rápido possível. A gente vai ter uma pausa de duas semanas inteiras depois que terminarem as Olimpíadas. — Baixei a voz e continuei: — Ele acha que se for um casamento grande, chamativo, e anunciarmos que estamos esperando um bebê, isso vai impedir quem estiver vendo de tomar uma atitude. Eu espero que ele esteja certo.

Meu estômago deu uma cambalhota, mas afastei o medo. Não tinha mais tempo para me preocupar com quem poderia estar atrás de mim. Eu ia ter um bebê — outra pessoa para proteger. Me surpreendia ver como tinha sido fácil, para mim, assumir esse papel também. A biologia era uma força muito grande dentro da gente, tinha percebido. Proteger meu bebê que ainda nem tinha nascido era um instinto que eu precisava seguir. Respirei fundo e me lembrei de que Ethan me mantinha bem vigiada, e que eu não estava me arriscando. Não mais. Não, aquela mensagem assustadora no meu celular antigo tinha me apavorado, junto com a informação de que dois dos caras do vídeo estavam, muito provavelmente, mortos. Olhei para onde o Len estava, literalmente de guarda, sem se deixar importar nem um pouco com a boutique de noivas. Ele era minha sombra por esses dias, desde que o Ethan e o Neil tinham ficado totalmente ocupados com as Olimpíadas. Sorri para ele e observei sua expressão se suavizar por um instante, antes de reassumir a função de guarda, esquadrinhando o lugar e mantendo os doidos longe de mim. Graças a Deus.

A Gaby deve ter notado minha preocupação, porque passou um dos braços ao meu redor.

— Você passou por tanta coisa, ultimamente. Como é que você não enlouqueceu ainda, garota? — Ela mal fez uma pausa para respirar. — E sobre a cor? Você quer que a gente use lilás ou roxo?

— Essa é uma boa pergunta. Mas não tenho resposta pra ela. — Dei de ombros. — Estou falando sobre enlouquecer — expliquei, com um suspiro. — Vou adorar você de roxo, se encontrar alguma coisa que você goste nessa cor. Quero que você e a Elaina se sintam bem com o que estiverem vestindo, Gab. Os vestidos de vocês não precisam ser iguais, nem mesmo da mesma cor ou material. Quero que vocês vistam o que gostarem. As duas vão ficar lindas de qualquer jeito...

— Ok, chega de conversa fiada, moças. A gente tem que achar um vestido de noiva, e o tempo tá passando. — Ben anunciou, teatralmente olhando para o relógio. — Você pode me dizer quais são suas exigências para o vestido, querida? Se eu souber o que você tá procurando, posso ajudar mais.

Ele estalou os dedos das duas mãos e fez um gesto afetado. A Gaby revirou os olhos.

— Isso é um pouco ousado, Ben. Você é um cara. O que te faz achar que vai conseguir achar o vestido de noiva da Brynne no meio das milhares de lojas de Londres?

Ben olhou para a Gaby e soltou uma risadinha.

— Eu sou gay. Isso basta, mulher. Eu alguma vez já te produzi mal? — Ben filmou a Gaby de alto a baixo. Não era segredo que ele, volta e meia, escolhia as roupas dela, e que ela sempre acatava as sugestões dele. O Ben era bom de moda e design. Deus, eu amava tanto esses dois.

— Gostei da sugestão que você deu mais cedo, Benny. Alguma coisa com uma inspiração *vintage*, simples — renda é bonito, e eu quero com manga. Pode ser curta, mas nada de vestido sem manga para mim. — Fiz um gesto com as mãos, sobre a minha barriga. — Talvez uma cintura alta seja melhor, se eu começar a explodir. Com um toque de roxo, talvez?

Ben revirou os olhos.

— Você não tem nada de gorda, querida. — Inclinou a cabeça, com curiosidade. — Será que você já vai ter uma barriguinha no dia 24 de agosto?

— Não sei, e não começa, por favor. Todos os convidados sabem que eu estou grávida, não é como se eu quisesse esconder. Pode

acreditar, eu já ouvi o bastante da minha mãe. Que ela acha que fingir que não vamos ter um bebê deixa as coisas mais respeitáveis. Argh, odeio esse drama que ela faz. Por que ela não pode simplesmente ficar feliz por mim? Ela vai ganhar um neto, pelo amor de Deus!

A Gaby pôs uma das mãos no meu ombro.

— Com barriga ou sem barriga, você vai ficar linda de noiva, e sua mãe vai ter que engolir. A gente vai mostrar pra ela um casamento tão lindo, com uma noiva tão maravilhosa, que ela não vai ter outra escolha senão adorar a coisa toda.

Eles eram uns amores por me dizer isso, mas eu não tinha muita esperança de mudar a minha mãe. Ela não queria nem ouvir falar do Ethan e do nosso relacionamento. Ela teve a cara de me dizer que eu estava jogando a minha vida fora com o Ethan e o bebê. Ela perguntou pra que serviram os últimos quatro anos se o que eu ia fazer era engravidar de novo. Isso doeu.

Ela realmente pensava muito mal de mim. A primeira vez não foi minha culpa, e dessa vez... Bom, eu não tinha a intenção de engravidar. Sei que o Ethan e eu fomos irresponsáveis, mas não me arrependo desse resultado. Não poderia. Toquei minha barriga e acariciei, para cima e para baixo. Nosso bebê tinha sido concebido com amor, não importava o que a minha mãe dissesse, ou o que eu pensasse de mim. Isso eu sabia que era verdade. Eu amava o Ethan e ele me amava. Não havia outra escolha a se fazer, quer minha mãe entendesse ou não; não havia outra escolha nesse mundo para mim.

— Obrigada, gente. De verdade... Não sei como faria isso tudo em tão pouco tempo, sem vocês dois. — Suspirei. — Até a Elaina e a Hannah estão ocupadas no trabalho. Espero que a gente consiga resolver tudo.

— Como se a gente não fosse fazer isso — Ben respondeu, debochado. — Você ia ter que botar uma arma na minha cabeça pra me impedir de te ajudar nesse casamento chique, cheio de celebridades, numa mansão no campo, que a até a *Rainha da Inglaterra* foi convidada!

— Bom, vamos torcer pra ela não ir. Graças a Deus a Elaina me apresentou àquela produtora de eventos, Victoria qualquer coisa. Ela



me garantiu que vai tomar conta de tudo que tiver a ver com rainhas e príncipes. Eu não sei nada do protocolo de se ter a realeza presente num casamento. — Olhei para o Ben e a Gaby, levantei as mãos e engoli em seco. — Acho que vou vomitar.

— Nada disso. Nada de vômitos, garota — Ben falou com firmeza e passou um de seus longos braços sobre os meus ombros. — A gente vai sentar para almoçar e recuperar as energias, mas depois vamos voltar à tarefa de encontrar o vestido perfeito para o seu casamento chique e VIP. Que vai acontecer em curtíssimas sete semanas. — Ben olhou para cima e fez o sinal da cruz. — A gente vai conseguir.

\* \* \*

Não resisti e mandei uma mensagem para o Ethan durante o almoço. Ele parecia gostar desse nosso hábito e geralmente respondia, se não estivesse em reunião, e às vezes mesmo quando estava. Mensagens safadas também. Sorri e digitei: **Vou acabar tendo q me casar nua. Nada de vestido por enqto. Tá almoçando agora? © vc**

Não foi preciso esperar muito para o meu celular vibrar.

**Não, amor. Vc entendeu errado. Nua SÓ na lua de mel. Pro casamento vestido é essencial. Bjs**

Ri alto e chamei a atenção dos meus amigos, sem querer. Tentei encobrir o erro me concentrando na minha salada, mas era claro que não tinha a menor chance de dar certo.

— Trocando mensagem sacana de novo? — Ben me perguntou com um sorriso.

— Desculpa, é incontrolável. — Inclinei a cabeça e dei de ombros. — Devem ser os hormônios. — Usar os hormônios era minha melhor desculpa.

— Eu te entendo, gata — Ben respondeu, sorrindo, com seu radar de fofoca apitando alerta geral. Podia jurar que ele seria capaz de enfeitiçar uma freira a ponto de ela deixar o hábito, se tentasse. Era assustador o jeito que ele sacava as coisas.

— Eles só têm que olhar um pro outro que as pessoas por perto entram em combustão espontânea. — A voz da Gaby era só sarcasmo, de novo, e ela deu um bom gole de vinho.

Lamentei não poder acompanhá-la numa taça e decidi que não podia ficar louca de inveja dela agora.

— Não seja malvada, Gab, você já tá me tentando o suficiente com esse vinho. Não posso fazer nada se o Ethan me faz pegar fogo.

Gaby riu e encheu de novo o copo de Chardonnay.

— Não é de se admirar que o Ethan tenha te engravidado. Imagino como deve ter sido difícil pra vocês dois se lembrarem até mesmo de comer, no início. Tudo que vocês faziam era foder como coelhos.

Dei a ela minha melhor cara de gelo. Durou uns dez segundos, até eu começar a rir.

— É verdade.

A gente estava brincando, sendo idiotas, quando meu telefone tocou. Era minha mãe. A essa hora? Ela nunca me ligava quando lá era de manhã.

— Merda! É minha mãe. Vocês acham que ela sentiu que eu estava falando mal dela? — Decidi deixar a ligação ir para a caixa postal.

— A música do filme *Psicose* é o toque do celular pra tua mãe?  
— A Gaby perguntou, com a batata frita parada no ar.

Dei de ombros.

— Foi o Ethan que botou pra mim. — Silêncio desconfortável. — Ele vive brincando com esses aplicativos. — O silêncio aumentou. — Mas, quer dizer, se a carapuça serve... — Tentei terminar a conversa com uma piadinha.

Benny me salvou quando começou a rir, e logo se tornou contagioso. Caramba, se eu tinha que encarar toda essa animosidade vinda da minha mãe, era melhor ser capaz de ter um pouco de humor nisso. Ben já tinha conhecido minha mãe e sobrevivido. Ela o tolerava, mas amava a Gabrielle, então tenho certeza de que minha amiga achava que eu pegava pesado demais. Não pegava. Ben podia testemunhar a meu favor.

Um minuto depois, o telefone avisou que tinha correio de voz, o que não me surpreendia. Minha mãe sempre deixava recado. Ela sabia que eu selecionava as chamadas e isso a enfurecia mais ainda em relação a mim. De repente, me senti cansada. Era exaustivo manter essa batalha entra a gente. Só queria ter paz. Morreria, se viesse a ter uma relação tão destrutiva com a minha filha, ou com o meu filho, como fosse.

Dei um gole na limonada e remoí aquilo por um instante, satisfeita em ouvir a Gaby e o Ben conversarem sobre estilos diferentes de véus e os prós e contras de se escolher branco ou creme para uma noiva grávida. Até que a culpa começou a bater.

O que isso dizia sobre como eu estava lidando com a situação? E se, algum dia, minha filha não quisesse falar comigo? Não suportasse estar comigo? Me achasse uma vaca hipócrita?

Ficaria devastada.

Peguei o telefone e apertei o botão da caixa postal.

— Brynne, preciso falar com você. É... É uma emergência. Vou tentar ligar para o Ethan e ver se consigo falar com ele.

O medo frio tomou conta de mim imediatamente. Se a minha mãe ia se humilhar a ponto de ligar para o Ethan, então era coisa muito ruim. *Não! Que não seja com o papai. Não deixe que seja algo com ele.* Eu nem queria nem pensar nisso. Gelei na linha. A voz dela não estava normal. Ela falava como se estivesse chorando. Minha mãe nunca chorava.

Minha mão tremia enquanto apertava o botão de discagem rápida do número dela. Notei que uma mensagem de texto do Ethan tinha acabado de chegar, mas ignorei. Em seguida o celular do Ben se acendeu como uma árvore de Natal.

— O que foi, Bree? — A Gaby estendeu a mão para tocar no meu braço.

— Não sei... Minha mãe... Ela falou que era uma emergência... Ela estava chorando!

Comecei a ficar tonta, o coração batendo tão forte que dava para sentir meu corpo tremendo. Ben atendeu sua chamada.

Seus olhos se viraram para mim, e ele falou:

— Ela tá aqui agora. Ela tá bem aqui. Ligando pra mãe.

Sabia que o Ben estava falando com o Ethan e logo me dei conta de que eram más notícias. Meu coração estava acelerado quando a ligação se completou e escutei a voz da minha mãe do outro lado da linha. Tudo se mexia tão rapidamente e eu não podia fazer nada para parar. Eu queria parar o tempo. *Para. Por favor, para... Não quero saber o que ela tem para me dizer.*

— Brynne? Meu amorzinho, você tá com alguém aí? — Minha mãe nunca me chamou de amorzinho, nem nunca usou esse tom de voz.

— Mãe! O que houve? Estou com o Ben e a Gaby. A gente tá procurando um vestido de noiva. — Podia ouvir minha voz começando a falhar. — Por que você ligou para o Ethan?

O silêncio da minha mãe foi como a lâmina de uma faca atravessando meu coração. Sabia que ela não estava calada por causa do comentário sobre o vestido. Queria acreditar que essa fosse a razão, mas sabia que não era.

— Brynne... É o seu pai.

— O que tem o papai? Ele tá bem? — Eu mal conseguia falar.

Olhei de novo para o Benny e vi uma expressão clara de dor no rosto dele. Em seguida, ele começou a falar baixo, no próprio telefone. Ele não me olhava, mantinha os olhos baixos. Sabia o que ele estava fazendo. Ben estava falando com o Ethan e dizendo a ele em que restaurante estávamos, para ele poder vir me buscar.

*Nãããão! Isso significava que uma coisa muito ruim tinha acontecido.*

— Brynne, meu amor, seu pai... Ele se afogou na piscina... O pessoal da manutenção encontrou ele...

Meus ouvidos escutaram as palavras, mas meu cérebro se rebelou. Eu não poderia aceitar. Não aceitaria.

— Não! — Interrompi.

— Brynne... É verdade. Queria que não fosse... Mas é verdade.

— Mas não pode, mãe. Ele não pode estar... Não! Não, não me fala isso! Mãe... Mãe?

— Minha querida, ele ficou muito tempo na água. Foi provavelmente um ataque cardíaco.

— N-n-não... — Balbuciei — Não pode ser verdade. O papai vem pra Londres me visitar. Ele vem pro meu casamento, pra me levar ao altar. Ele falou, ele disse que ia estar aqui...

— Brynne... Ele se foi, meu amor. Eu sinto tanto. — Ela estava chorando. Minha mãe estava soluçando no telefone comigo e eu estava chocada com a ideia de que nunca a tinha visto ou ouvido chorar até então.

Deixei o celular cair e ele foi parar dentro da tigela, espalhando sopa na minha roupa. Fiquei só olhando e deixei ele lá, no fundo da minha sopa de tortilha de frango. Ethan ia ter que arrumar um novo para mim, esse celular era lixo agora. Eu nunca mais tocaria nele.

De alguma maneira, me vi de pé, mas não tinha nenhum lugar para ir — estava encurralada.

Então comecei a flutuar, como da outra vez. Só que agora eu me dei conta do que estava acontecendo comigo. A sensação era bem-vinda. A leveza era boa de se sentir, quando seu coração estava tão pesado que podia te arrastar ao mais profundo dos infernos. É, estar fora do meu corpo nunca foi tão bom.

Flutuei até mais alto, até que pudesse me ver lá embaixo. Vi o Ben me segurando em seus braços, deitada no colo dele. Ele sentou no chão do restaurante, me amparando. Gaby estava ao lado dele, falando no telefone com alguém. O garçom veio correndo ajudar.

Mas era tudo tão estúpido.

Por que estávamos todos no chão de um restaurante chique de Londres, quando deveríamos estar almoçando? A gente tinha que sair dali. Eu tinha um vestido para comprar e um casamento para planejar. Meu pai viria a Londres, me levar ao altar na cerimônia que aconteceria em apenas sete semanas. Até a Rainha da Inglaterra tinha recebido um convite, meu Deus do céu. A gente não tinha tempo a perder com merdas assim!

Eventualmente, me dei conta. A leveza que me fez tão bem se dissipou e o peso da dor e do pesar voltaram para tomar seu lugar.

Não queria voltar para a Terra. Queria ficar exatamente onde eu estava.

Isso não é verdade. Eu queria continuar flutuando, cada vez mais alto, até dissolver. Isso me soava muito bem. Dissolver...

Não sentia nada a não ser ódio do teto acima de mim. Esse filho da puta desse teto me impedia de flutuar para bem longe dali.

*Me deixa ir! Me deixa flutuar para longe...*

# Capítulo 16

**M**e sentei e olhei para a Brynne. Ela estava dormindo. Numa confortável cama de hóspedes, na casa moderna do pai dela, num bairro residencial muito bom de São Francisco, minha garota dormia. Ela tinha o coração despedaçado, mas descansava por enquanto. Ela não estava sofrendo, por enquanto.

Não podia ficar longe dela por mais de algumas horas, então deixá-la sair de Londres e vir aos Estados Unidos sozinha para o funeral do pai estava fora de questão. E se eles tentassem atacá-la em solo americano? Não, não poderia arriscar essa possibilidade. Essa era uma operação de todos os dias, todas as horas. Manter a Brynne segura era minha maior prioridade agora, que se danem as Olimpíadas. Neil estava em Londres, assumindo as coisas por mim. Ele e a Frances mantinham o negócio andando. Eu não estava nem um pouco preocupado com o trabalho. Não, minha preocupação era muito maior e muito mais assustadora.

Queria desvendar nessa viagem o que tinha acontecido com Tom, mas não tinha muita esperança. De qualquer maneira, não ia me entregar sem lutar. Eles podiam tentar pegá-la, mas iam ter que passar por mim primeiro.

A senhora Exley queria que a gente ficasse com ela na casa onde ela vivia com o marido, o calado Frank, mas a Brynne não quis nem saber dessa ideia.

Ela insistiu em ficar na casa do pai, com as coisas dele, onde ela o tinha visto pela última vez, conversando com a gente pelo Skype. Ela se sentia agradecida, porque a última vez em que se falaram tinha sido uma ocasião feliz. Ela ficava falando para mim: "Papai estava feliz pela gente. Ele sabia de tudo e estava feliz."

— Sim, ele estava — murmurei para ela enquanto dormia. Minha bela adormecida, com o cabelo longo embaraçado sobre o travesseiro, o cobertor puxado até o pescoço, como se o peso do tecido sobre seu corpo lhe desse algum conforto. Ela ainda estava em choque e mal comia. Eu temia pela saúde dela e do bebê. Tinha medo de que isso pudesse mudar as coisas entre nós. Mudar os sentimentos dela em relação a mim. Mergulhá-la numa espiral de emoções.

Eu conhecia bem o passado dela, e essa informação era inacreditavelmente pesada nesse momento. Minha garota sofria de depressão. Ela até tinha tentado se matar, num momento muito trágico da vida. Pronto, eu falei. Não me fazia nada bem reconhecer isso. Sim, tinha sido há muito tempo e hoje em dia ela estava inteira, sensata. Mas não havia garantia de que ela não voltasse aos comportamentos destrutivos de novo, ou mandasse eu me foder e me abandonasse, quando tudo fosse demais para ela lidar.

Respirei fundo e olhei para as portas espelhadas que refletiam a minha figura. Quem é que eu estava tentando enganar nessa merda? A Brynne não estava sozinha. A depressão era uma doença terrível, mas eu e ela já nos conhecíamos há um bom tempo agora.

Resisti à vontade de tocá-la. Ela precisava descansar e eu queria um cigarro. Chequei as horas na mesa de cabeceira e me levantei com cuidado. Vesti um moletom e uma camiseta, para descer até a piscina e atender ao meu desejo por nicotina. Eu também queria ligar para o Neil.

Encarei a água escura enquanto esperava completar a ligação. A mesma na qual Tom Bennett tinha passado os últimos momentos da vida.



Deixei a porta entreaberta para poder ouvir, caso a Brynne precisasse de mim. Ela tinha voltado a ter pesadelos, mas como estava grávida, a medicação não era boa opção. Havia muito risco de afetar o desenvolvimento do bebê. Ela teria se recusado a tomá-las, de qualquer jeito. Então ela sofria. E eu me preocupava.

A lua de verão se refletia na superfície da água e eu pensei no Tom morrendo ali. Eu não era nenhum detetive de homicídios, mas algumas possibilidades passavam pela minha cabeça. Dizê-las em voz alta estava fora de questão. Se fizesse isso, estaria condenando minha garota a um destino similar. Não faria isso. Nem fodendo.

— Fala, cara.

— Tudo bem no quartel-general? — Respondi ao cumprimento brusco do Neil.

— As coisas estão tipicamente caóticas aqui, então você não precisa se preocupar com nada. Tudo como sempre, E.

— Verdade. E eu confio em você. Fala pra esses babacas que eu disse isso, por favor.

— Com prazer, chefe, mas tenho que te dizer que todos os clientes têm sido muito compreensivos. A maior parte deles é humana.

Dei uma longa tragada no cigarro de cravo e preendi a respiração para aproveitá-la ao máximo. Neil esperou por mim, paciente. Nada jamais parecia apressá-lo. Era o cara mais tranquilo que eu já tinha conhecido.

— Acontecimentos assim trazem à tona rapidamente as prioridades de cada um, sabe?

— Claro, pode apostar. Como é que a Brynne tá?

— Ela tá... Fazendo o melhor pra ser forte, mas tá difícil. Ainda não abri as possibilidades pra ela, e nem sei se vou fazer mesmo isso. Parece que foi um infarto fulminante enquanto ele nadava, o que pode muito bem ter acontecido, mas quero ver o resultado da autópsia. — Suspirei. — Você sabe o tempo que isso pode levar. Os laboratórios aqui nos Estados Unidos são tão escrotos quanto os daí.

— Encontraram alguma pista na casa dele?

— Ainda não. Sendo um advogado de sucessões, testamentos, heranças e tal, estava tudo em ordem, como você pode imaginar,

mas me dá uma sensação de que tem alguma coisa arrumada demais. Como se ele soubesse, de repente, que sua hora estava marcada. Mas, ao mesmo tempo, pode bem ter sido o coração. A Brynne sabia que ele tomava remédios para pressão alta e se preocupava com ele. Mas olhando pra ele, você nunca diria. O cara estava em forma.

— Hmm, as únicas pessoas que se beneficiariam da morte dele são as que trabalham na campanha do senador Oakley.

— Eu sei. Detesto saber isso, mas sei. Tudo vai para a Brynne — a casa, os carros, os investimentos. Não é surpresa, mas fico me perguntando se o Tom deixou alguma coisa que incrimine o Oakley.

— Tipo um depoimento em vídeo?

— É... Exatamente isso. De repente, saberemos amanhã. Temos uma reunião com o sócio dele pela manhã para falar da herança, do funeral e do enterro. Vai ser um dia longo pra caralho.

— Quando você volta pra casa?

— Se conseguirmos resolver tudo, pego o voo amanhã à noite. Quero tirar a Brynne daqui. Me deixa nervoso pra caralho. Estou fora do meu ambiente.

— Certo. Você dá os meus pêsames a ela, por favor. Se precisar de mim, estou aqui.

— Valeu... Te vejo em vinte e quatro horas.

Encerrei a ligação e acendi um segundo cigarro de cravo, deixando a fumaça desenhar ondas no ar parado da noite. Fiquei fumando e pensando, minha cabeça voltando a um lugar onde eu não ia há um tempo. Me apavorava e com motivos.

Se afogar é uma maneira terrível de morrer. Bom, isso se você estiver consciente. Isso eu sabia por experiência própria. A sensação fria e desesperadora da água invadindo seu nariz e boca. A tentativa impossível de se manter calmo e segurar a respiração que fraqueja. A dor nos pulmões completamente esvaziados de oxigênio.

Acho que os afegãos testaram isso em mim para ver qual era essa onda toda com o afogamento simulado. Não era a técnica favorita deles, com certeza. Me pendurar pelos braços e retalhar as minhas costas era o que eles preferiam. Isso e me privar de sono

por um tempo que, para mim, pareciam semanas inteiras. A mente produz muita merda quando não consegue descansar.

Olhei para as estrelas e pensei nela. Minha mãe. Ela era um anjo lá em cima, em algum lugar. Eu sabia disso. Espiritualidade é profundamente pessoal e eu não precisava de nenhuma confirmação do que eu acreditava, além de sentir dentro do meu coração que era verdade. Ela estava lá em cima, tomando conta de mim, de alguma maneira, e estava comigo quando eles iam cortar minha...

*Não! Não vou me lembrar dessa porra horrorosa agora. Depois...*

Me levantei depressa e apaguei o segundo cigarro. Enfiei as guimbas de volta no maço e voltei para a casa simpática e moderna do meu sogro americano. Nunca falaria com ele de novo, mas, ironicamente, uma das conversas mais importantes que tive na vida, se comparada com todas as outras, foi com ele. Um e-mail com um pedido de ajuda... E uma fotografia.

Quando voltei para me aconchegar na cama com a Brynne, eu rezei. Rezei mesmo. Rezei para que Tom Bennett estivesse inconsciente quando deixou este mundo.

\* \* \*

De terno Channel preto, com o cabelo preso num coque, Brynne estava linda. Terrivelmente triste, mas tragicamente bela. A mãe tinha trazido as roupas para ela vestir. Elas tinham o mesmo tamanho, aparentemente, e Brynne estava totalmente incapaz de discutir qualquer coisa. Tive a impressão de que ela estava simplesmente seguindo em frente, e ainda não tinha dado a si mesma o direito de sofrer.

Fiquei afastado e me mantive longe das discussões, tanto quanto possível. Brynne não estava em condições de encarar uma briga de família, então eu fiquei de boca fechada para manter a paz. A senhora Exely e eu demos uma trégua — a gente simplesmente evitava qualquer contato direto. Eu não a escutei perguntar a Brynne sequer uma vez sobre como ela estava se sentindo com a gravidez. Nem uma vez. Era quase como se fingisse que nada estava

acontecendo. Que mãe não ligaria para a gravidez da filha, a ponto de não mencionar isso, nem uma vez que fosse?

Desejei que isso tudo acabasse logo, para que pudesse tirar minha garota daqui. Eu a queria novamente em solo britânico. O voo para casa, à noite, não poderia chegar cedo o bastante para mim.

O funeral transcorreu bem, se é que uma morte tão prematura poderia ser tratada de uma maneira boa. Eu queria que fosse uma desafortunada consequência da vida e não um assassinato. Brynne não me perguntou nada. Acho que a ideia não ocorreu a ela, e eu era grato por isso.

Eu o reconheci no instante em que entrou na reunião, depois do enterro. Já tinha vistos fotos suficientes desse verme para reconhecê-lo. Ele deve ter bolas do tamanho de limões para vir aqui, como se tivesse esse direito, assim como fez. Ele se aproximou e tocou a Brynne, abraçando-a e oferecendo a ela condolências falsas pela terrível perda. Acho que ela estava triste demais para reagir à presença dele. A mãe ficou ao lado dela e recebeu-o com afeto, o que me enraiveceu. Como ela podia fazer isso com a Brynne? O filho desse homem estuprou a filha dela, divulgou tudo num vídeo público e ela é capaz de chamá-lo de amigo? Blah, blah, babaquice. Olhei bem nos olhos do Oakley e fiz questão de dar um aperto de mão forte demais.

*É, isso mesmo, senador, estamos só nos conhecendo. Mas daqui a pouco você vai conhecer meu pau. É enorme.*

Tive que me afastar para me recompor. Beijeï minha garota na testa e disse que voltaria logo. O senador e eu tínhamos um encontro.

Acompanhei-o e logo identifiquei os seguranças dele. Quer dizer, a gente se reconhece nesse trabalho. Tudo o que eu faria seria falar com o senador. Inofensivo, certo? Quando Oakley foi dar uma mijada, eu fui atrás, com certa distância. A hora era perfeita. O babaca do segurança estava ocupado enchendo o prato de comida. O banheiro dos homens tinha fechadura, o que era um bônus. Minha sorte parecia não ter limites.

Quando ele saiu do reservado, ajustando o cinto, eu estava esperando por ele, apoiado na bancada da pia.

— Estamos sozinhos e a porta está trancada, Oakley.

Ele parou na mesma hora e avaliou a situação. O senador parecia ter sido abençoado com alguma inteligência, isso eu tinha que reconhecer. Ele não entrou em pânico.

— Você está me ameaçando, Blackstone? — Ele não aumentou o tom de voz.

— O senhor lembrou o meu nome. Muito bom. E eu não sei bem... ainda. — Dei de ombros. — Por que o senhor não me diz, senador?

— Vim aqui prestar minha homenagem à vida de um amigo de muitos anos, só isso. — Andou até a pia e abriu a torneira.

— Ah, é assim que o senhor diz? Para mim, foi mais como um evento de campanha, não?

— A morte do Tom Bennett foi um choque para mim e para todos. Brynne é uma menina muito querida. Sempre foi. A perda do pai deve ser terrível para ela suportar. Eu sei o quanto Tom a amava. Ela era o mundo dele.

Fiquei só olhando para ele, bem impressionado com o diálogo dramático. Ele deve estar treinando para todos os discursos políticos que ele teria no futuro.

— Parabéns pelo casamento e pelo bebê que vem aí — falou, enquanto lavava as mãos na pia.

— Então o senhor leu o comunicado. — Inclinei a cabeça e me plantei na frente da porta. Esse filho da puta não ia a lugar nenhum antes de eu terminar. — É assim que funciona, senador. Eu falo, o senhor escuta.

Ele puxou uma toalha e começou a enxugar as mãos, metodicamente.

— Eu sei de tudo. Montrose morreu. Fielding desapareceu no fim de maio. Aposto que ele está morto também e não vai mais aparecer. Sei que você deu um jeito de estender o turno do seu filho no exército. Posso ligar os pontos. Todo mundo está desaparecendo. Quando sair o resultado da autópsia do Tom, eu vou ler. O que será que vai dar? — Encolhi os ombros, dramaticamente.

— Isso não tem a ver comigo, Blackstone. — Seus olhos castanhos se fixaram em mim. — Nada a ver.

Dei um passo e me aproximei.

— Bom saber, Oakley. É bom que seja verdade. Eu tenho depoimentos em vídeo, documentos, gravações, tudo. Tom Bennett tinha também. — Não tinha certeza disso, mas soava bem. — E se o senhor acha que pode acabar comigo para atingir a Brynne, vai dar início a um redemoinho de merdas políticas que vai fazer o escândalo Watergate parecer um episódio de seriado de televisão. — Dei mais um passo adiante. — Meu pessoal sabe o que fazer, se eu sumir. Eles estouram um balão e *puf!* — Sacudi os dedos para dar ênfase.

Ele engoliu em seco, bem discretamente, mas eu percebi.

— O que você quer de mim?

Balancei a cabeça.

— Não é o que eu quero, Oakley. A questão é o que *o senhor* quer. — Dei a ele um instante para absorver. — *O senhor* quer disputar a vice-presidência e dormir na sua cama confortável à noite, em vez de numa cela de prisão com um companheiro que quer conhecê-lo mais intimamente.

Abri um sorriso cínico.

— *O senhor* quer fazer tudo em seu poder para garantir que Brynne Bennett, em breve Brynne Blackstone, leve uma vida bela e tranquila com o marido e o filho, em Londres, sem ameaças ou preocupações sobre qualquer coisa que aconteceu no passado. — Disse essas palavras com mais rispidez. — Um episódio sórdido do qual ela foi vítima. Um crime odioso.

Ele começou a suar. Dava para ver as gotas se formando nas têmporas dele.

— *O senhor* quer ter certeza disso, Oakley. Está me entendendo? — Ele não mexeu o rosto, mas seus olhos concordaram comigo. Conheço esse olhar, e ele me disse sim com os olhos. — Bom. Estou feliz que o senhor tenha entendido, porque este será o único aviso que darei. Se qualquer coisa acontecer com um de nós, bom, tudo vai explodir. E eu estou falando do Parlamento Britânico, o *Washington Post*, o *London Times*, a Scotland Yard, o MI6, o Congresso, a porra toda.

Inclinei a cabeça e balancei-a, devagar, antes de continuar:

— Ainda por cima com as Olimpíadas em Londres e toda a cooperação entre os EUA e a Inglaterra? Não vai haver buraco fundo o suficiente para se esconder. — Levantei as mãos para dar mais dramaticidade. — Lembra do Saddam Hussein? Pois é. — Fiz menção de abrir a porta. — Tenho certeza de que não preciso relembrar que a merda se espalha.

Saí do banheiro e me virei uma última vez.

— Boa sorte na eleição. Desejo ao senhor uma carreira longa e bem-sucedida, *senador*. Abraço.

O gorila segurança do Oakley passou por mim, me empurrando, e entrou no banheiro, parecendo um tanto confuso com a minha saída amistosa. Acenei para ele e fui procurar a Brynne. O amor da minha vida, a mãe do meu filho que ainda não tinha nascido, já tinha ficado longe da minha vista por tempo demais e eu queria voltar para o lado dela.

# Capítulo 17

**F**iquei aliviada quando o Ethan voltou de sei lá onde que ele estava para perto de mim. Eu precisava dele, e tudo parecia mais fácil de lidar quando ele estava perto. Isso fazia de mim uma pessoa fraca, coisa que detestava, mas não podia evitar e estava exausta demais para me preocupar. Ele era o meu único salva-vidas aqui. Queria voltar para casa. Londres — nossa casa. Ele trouxe dois pratos de comida com ele, quando se aproximou.

— Peguei para você um pouco de cada coisa — falou.

— Ah, obrigada, mas eu não estou com a menor fome. Não consigo comer isso. — Olhei para as frutas e para o sanduíche no *croissant*.

Ele franziu a testa e apertou o maxilar. Eu sabia que ia levar bronca.

— Você tem que comer alguma coisa. O que você comeu hoje, além de um pouco de chá? — Baixou a voz. — Pensa no bebê...

— Não se pode forçar ninguém a comer. Acredita em mim, eu falo por experiência própria. — A voz desdenhosa da minha mãe interrompeu nossa conversa.

Nenhum toque de "o Ethan tá certo, Brynne, você precisa comer porque o bebê precisa se alimentar mesmo quando você não tem



fome". Nem "você tá comendo por dois agora, querida". É, o que é que eu esperava?

Vi o Ethan virar a cabeça e encarar minha mãe. Acho que tinha até uma fumacinha saindo das orelhas dele, mas ele não perdeu a linha como achei que fosse. Ele simplesmente ficou gelado e ignorou-a.

— Vem sentar aqui comigo e comer alguma coisa — disse para mim com a voz suave, mas deixando claro que não desistiria.

Como que eu poderia recusar? Nunca. O que ele fazia era porque se preocupava comigo. Eu precisava mesmo comer, mesmo que meu apetite fosse nulo. Ethan estava certo, eu tinha mais alguém com quem me preocupar além de mim mesma. Especialmente agora.

Olhei para minha mãe e observei o penteado impecável e as roupas escolhidas para o enterro do ex-marido. Por que diabos ela veio? Ela mal falava com o papai depois que me mudei para Londres. Ela certamente não poderia sentir nenhum pesar sincero por ele. Ou poderia? Eu não tinha ideia. Me entristecia perceber que não sabia disso porque não a conhecia o suficiente. Minha mãe e eu não éramos próximas. Não compartilhávamos sentimentos ou segredos. Nunca soube porque ela se divorciou de repente do meu pai e nem sequer se ela o amava. Não sabia nem mesmo porque eles tinham se casado, para começar. Como eles se conheceram? Onde ele fez o pedido? Histórias do namoro? Não sabia de nada. Virei as costas e fui com o Ethan para uma mesa, meu coração se fechando para ela um pouco mais a cada passo que eu dava.

— Você é tão linda — disse o Ethan, delicadamente, enquanto eu tentava ingerir alguma coisa da comida que ele tinha pego para mim. — Tanto por fora quanto por dentro.

Tentei engolir o melão, que na minha boca não parecia ter gosto de nada, e disse a ele:

— Quero ir para casa.

— Eu sei que você quer, meu amor. Quero te levar. E não tem muita coisa para se fazer agora. Como o seu pai já tinha tudo num fundo... Podemos voltar daqui a uns meses e cuidar disso. Murdock disse que era mesmo bom esperar um pouco... Você não ia querer

tomar decisões tão pessoais logo de saída. — Ele botou a mão dele sobre a minha.

Verdade. Pete Murdock era sócio do meu pai no escritório de advocacia. Ou tinha sido. Fazer um fundo ainda vivo era a melhor escolha, papai sempre dizia. Eu agora possuía a casa em Sausalito, todo o dinheiro do meu pai e os investimentos; todos os bens materiais que ele tinha acumulado ao longo de 51 anos agora pertenciam a mim.

Não queria nada disso. Só queria o meu pai de volta. Uma voz amistosa interrompeu meus pensamentos.

— Ah, Brynne, aí está você...

Virei e encontrei a Jessica, de braços abertos. Me entreguei a eles e abracei minha amiga com força. Jess e eu nos conhecíamos desde a primeira série, da turma da Sra. Flagler. Fomos praticamente inseparáveis até o último ano do colégio. Até o feriado de Ação de Graças, para ser exata. Sim, Jessica estava comigo na noite em que tudo aconteceu. Ela foi uma amiga verdadeira quando precisei, mas fiquei doente demais para manter amizades depois de tudo. Eu precisava ir embora. Era uma parte importante do meu processo de recuperação. A gente manteve contato nos últimos anos, depois que fui para Londres, mas não se via há mais de quatro. Ela ainda era bronzeada e atlética, com o mesmo corte de cabelo curtinho, que combinava perfeitamente com o tipo mignon dela. Fiquei emocionada por ela ter aparecido hoje aqui para prestar uma homenagem ao meu pai.

— Eu sinto tanto, Brynne. O seu pai, ele era o homem mais gentil do mundo, adorava conversar com ele todas as vezes em que a gente se encontrava na academia. Ele adorava falar de você.

— Ah, Jess... — Senti meus olhos se encherem de lágrimas e a emoção começar a jorrar. — Obrigada por ter vindo. Significa muito para mim te ver aqui. Ele também gostava muito de você. Achava que você era ótima. — Nos abraçamos de novo e olhei mais uma vez para ela. — É muito bom te reencontrar.

Virei para o Ethan.

— Jess, esse é Ethan Blackstone, meu noivo. — Levantei a mão e mostrei a ela meu anel. — Ethan, quero que você conheça a

Jessica Vettner, minha amiga desde a escola.

— É um prazer, Jessica — Ethan falou, apertando a mão dela. Me perguntei se ele se lembraria que foi a Jess quem estava comigo na festa, naquela noite que estragou a minha vida. Se lembrava, não demonstrou nenhum sinal. Ethan era fino como seda nessas situações.

A Jessica então se virou para o acompanhante dela e fez mais apresentações. Outro rosto do passado. Karl Westman estava atrás da Jess. Uau, quantas emoções. Ia precisar de um momento para absorver tudo, eu estava sobrecarregada. Ver o pai do Lance Oakley mais cedo já tinha sido louco o suficiente. Mas eu estava tão aérea, na realidade, que nem registrei o que ele disse para mim. Minha mãe ficou mais tempo conversando com o senador do que eu. Agora o Karl estava aqui também?

— Brynne, eu sinto muito pela sua perda — Karl falou e se aproximou para me abraçar.

— Oi, Karl. Faz muito tempo. — Foi constrangedor, mas deve ter sido para ele também. A gente tinha um passado juntos, mas não era nada que fizesse meu coração partido doer como se estivesse sendo apertado.

O problema era que os quatro de nós, de pé ali, sabíamos sobre *aquilo*. Todos tinham visto o vídeo comigo ou, ao menos, sabiam da sua existência. Eu realmente queria ir para casa, agora mais do que nunca.

— Obrigada por vir aqui hoje. Foi muito gentil.

— O prazer foi meu. — O Karl encerrou o abraço e eu procurei olhar nos olhos escuros dele.

Não vi nada de nocivo neles. Somente certa gentileza e talvez um pouco de curiosidade. Mas isso era normal, certo? Nos conhecemos numa excursão no primeiro ano do Ensino Médio, depois nos vimos no início do meu último ano de colégio. Saímos juntos algumas vezes, em encontros que terminaram como todos os meus encontros naquela época — sexo escondido em algum lugar discreto.

Eu gostava muito dele. Karl era um menino bonito e um belo homem agora. Nós dois gostávamos de Hendrix e tivemos várias

discussões sobre as músicas dele. Jess estava certíssima sobre ele ainda ser “gaaato”, na mensagem que me escreveu no Facebook. Ele sempre me tratou bem. *Nem de longe parecido com o jeito que o Lance Oakley tinha me tratado.*

Lance tinha ido embora para a faculdade e eu era jovem e boba. *Em outra vida. Em outro mundo.* Será que o Karl sabia que ele era a razão pela qual o Lance ficou zangado o suficiente para me drogar e depois me filmar sendo estuprada em cima da mesa de bilhar? Se nunca tivesse saído com o Karl, talvez o Lance e seus amigos não tivessem gravado o vídeo comigo naquela festa, naquela noite. As possibilidades eram infinitas. Deveria, poderia, faria... É, não me fazia nada bem voltar a essa história.

— Eu soube pela Jess, claro — se justificou, com um dos braços sobre os ombros dela, num gesto familiar de afeição. — Então quis vir dar meus pêsames pessoalmente.

Jessica olhou para ele com estrelas nos olhos. Não era preciso ser gênio para ver que a minha amiga tinha se apaixonado mesmo por Karl Westman. Ele parecia bem ligado nela também. Esperava sinceramente que os dois dessem certo. Eles faziam um belo casal. Forcei um sorriso e fiz a melhor atuação teatral da vida.

— Estou muito feliz em ver os dois. Já fazia tempo demais.

Ethan me puxou para mais perto dele enquanto falávamos amenidades com eles. Era um gesto possessivo com o qual já estava bem familiarizada. Passou a mão devagar para cima e para baixo no meu braço, enquanto prestava atenção na Jess e no Karl. Especialmente quando o Karl nos contou que a empresa onde trabalhava ia enviá-lo a Londres para uma viagem de pesquisa e que poderíamos nos encontrar lá. Hum, provavelmente não vai rolar, Karl.

Ethan fez questão de mencionar nosso casamento e a data, enquanto segurava minha mão dentro da dele e levou-a até seus lábios para beijar o dorso dela. A mesma coisa que os cachorros fazem quando marcam com xixi um poste, só que ele faz isso com muita elegância, e eu sou o poste metafórico da situação. Ethan conseguia se safar com esse comportamento, e ainda fazia com que tudo parecesse um galanteio.

E, mais uma vez, me perguntei se ele já tinha sacado o meu “passado” com o Karl. Jurava que ele seria capaz de perceber. O sexto sentido do Ethan era superaguçado quando se tratava de outros homens e eu. Lembrei da explosão dele quando encontrei com o Paul Langley na rua em frente à cafeteria e reconheci o padrão de ciúmes do Ethan com os meus relacionamentos passados com outros homens. Eu, definitivamente, tinha um passado, era verdade. Já tinha tido mais do que alguns homens, era preciso reconhecer. Nada que eu pudesse fazer mudaria isso. Mas Ethan também tinha um passado e aceitar o que não podia ser mudado era parte do aprendizado da confiança numa relação. Nós dois tínhamos que deixar certas coisas passar.

Eu não ia deixar de falar com gente como o Paul e o Karl só por que o Ethan era loucamente ciumento com todos com quem eu já tinha estado antes dele. Não estava com eles agora, eu estava com Ethan.

Afastei aqueles pensamentos. Não importava. O passado era só isso: passado, terminado, encerrado. Por mais que estivesse doendo por dentro e desesperadamente triste por causa da morte do meu pai, eu ainda compreendia o que era mais importante. Meus olhos tinham se aberto depois dessa experiência, e iam permanecer assim. A perda de uma pessoa amada ordena suas prioridades num instante, era o que eu tinha aprendido. Meu pai se fora, mas minha mente estava intacta. Sabia o que importava e o que não. A pessoa que estava me abraçando, me protegendo no seu corpo forte, com amor e carinho, e a pessoinha que crescia dentro de mim eram o meu mundo agora.

\* \* \*

Ter a Brynne dormindo recostada em mim no voo para casa, em Londres, foi a melhor sensação que tive em dias. Ela estava tão terrivelmente desgastada e exausta que apagou quase imediatamente, assim que nos sentamos nos nossos lugares. Não podia culpá-la. A despedida da mãe dela tinha sido... Dolorosa, na falta de descrição melhor. Eu mesmo tinha ficado exaurido com a

experiência. Deus, eu realmente não gostava nada daquela mulher horrível. Eu estava me metendo numa fria, com uma sogra no melhor estilo meu-pior-pesadelo. E não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Minha linda garota tinha um monstro como mãe. Era uma monstra muito bonita, chique, bem-vestida, exatamente como eu a tinha imaginado, mas uma monstra odiosa do mesmo jeito. Imaginei que Tom Bennett estaria agora recebendo as asas de anjo por ter suportado essa mulher esse tempo todo. Segurei um arrepio.

A mamãe querida tinha tentado fazer a Brynne estender a viagem e me deixar ir embora sozinho. Trinquei os dentes só de lembrar. Como se eu fosse permitir isso! Ela, com certeza, tentaria influenciá-la para terminar comigo ou para voltar a viver nos EUA.

No final, Brynne mal reagiu à mãe. Ela simplesmente virou as costas e disse que estava voltando para Londres para se casar comigo e ter nosso bebê. Não me lembro de jamais ter tido mais orgulho de alguém do que tive da minha garota quando ela falou essas palavras, olhando para mim.

Brynne abriu os olhos e eu pesquei aquele momento de inocência, quando se acorda sem consciência das coisas ruins que estão acontecendo na vida... Como perder um pai tão amado. Dura só uma fração de segundo, de qualquer forma. Sei disso por experiência própria.

Os olhos dela brilharam num primeiro momento, mas logo se lembraram da dor da realidade e se fecharam para protegê-la dos pensamentos dolorosos que ela teria durante o resto dessa viagem tão pública. A primeira classe era melhor do que a econômica, mas mesmo assim estávamos numa cabine com estranhos ao nosso redor, sem qualquer privacidade. Ela ainda não tinha se deixado derrubar, e eu estava bastante preocupado, mas não havia nada que pudesse fazer. Não podia sofrer por ela. Minha garota teria que fazer isso do jeito dela, no tempo dela.

A comissária de bordo veio anotar nossos pedidos para o jantar. Salmão ou frango à parmegiana eram as opções. Dei uma olhada para a Brynne e vi um leve aceno de cabeça e uma cara triste. Ignorei e disse à aeromoça que nós dois queríamos salmão, porque

lembrei do quanto ela gostou do jantar aquele dia com o papai e a Marie.

— Você tem que comer alguma coisa, meu amor.

Ela assentiu, mas seus olhos ficaram molhados.

— O que... que eu vou fazer agora?

Peguei a mão dela e pressionei-a sobre o meu coração.

— Você vai voltar para a nossa casa e tirar um tempo para descansar e fazer o que te faça se sentir melhor. Vai ver a dra. Roswell e conversar com ela. Vai trabalhar na sua pesquisa para a universidade, quando tiver vontade. Vai planejar o casamento com as meninas e o Ben. A gente vai no dr. Burnsley para a segunda consulta, saber como vai nossa azeitona verde. Você vai me deixar tomar conta de você e vai adiante com a sua vida. Com a nossa vida.

Ela prestou atenção em cada palavra. Ela absorveu cada uma, na verdade, e eu fiquei feliz em poder dar isso a ela. Acho que ela realmente precisava ouvir. Às vezes, ter outra pessoa te dizendo que vai ficar tudo bem é só o que você precisa para enfrentar a parte mais difícil. Eu sei que a Brynne precisava ouvir isso, tanto quanto eu precisava dizer.

— E eu vou estar do teu lado em cada passo do caminho. — Levei a mão dela até meus lábios. — Prometo.

— Como é que você sabe sobre a azeitona verde? — Ela estava sorrindo um pouco.

— Botei barriga.com nos meus favoritos e agora vou lá religiosamente, como você sugeriu. A gente tem uma azeitona verde agora e, na próxima semana, a gente vai ter uma ameixa preta.

— Eu te amo — ela falou bem baixinho, e passou as mãos pelo cabelo.

— Te amo também, minha linda. Muito, muito.

A comissária chegou com as toalhas quentes e o serviço de bebidas. Pedi vinho e a Brynne quis suco de *cranberry* com gelo. Esperei ela tomar um gole. Não queria ter que alimenta-la à força, mas apelaria para técnicas de persuasão se fosse preciso. Para minha surpresa e alívio, ela pareceu gostar do suco.

— Está bem saboroso, mesmo. — Outro gole. — Estou começando a falar como você.

— Posso te garantir que você ainda tem muito sotaque de americana, amor.

— Eu sei disso, mas estou falando das palavras que você usa, tipo, “saboroso” em vez de “gostoso”. Estou pegando, depois de ficar tanto tempo junto.

— Bom, como você não vai se livrar nunca de mim, acho que vamos falar igualzinho logo, logo.

— Bom, você pode tentar. — Bebeu mais um pouco de suco e pareceu mais animada.

— Quando a azeitona verde nascer, ninguém mais vai perceber que você é americana, tenho certeza.

O rosto dela se iluminou.

— Acabei de me dar conta de uma coisa bem legal.

— O quê? — Perguntei, intrigado, mas feliz em vê-la mais animada do que tinha estado em dias.

— A azeitona verde vai me chamar de “mummy” em vez de mamãe. — Ela franziu um pouco o nariz. — Soa um pouco estranho... Mas acho que vou me acostumar... E eu gosto do som.

Não pude deixar de rir.

— Você vai ser a melhor “mummy” que a azeitona verde vai conhecer.

Ela sorriu rapidamente para mim, mas o sorriso se dissipou na mesma velocidade.

— Não como a minha, com certeza. — Dava para ouvir a dor e a angústia nas palavras dela.

— Desculpa ter te lembrado disso. — Balancei minha cabeça, sem querer falar mal da mãe dela, mas era bem difícil evitar.

— Você quer dizer lembrar *dela*.

— Também — concordei. Não queria mesmo entrar nas complexidades do relacionamento da Brynne com a mãe, mas se ela quisesse falar sobre isso, daí eu, com certeza, daria minha opinião. Só esperava que não fosse preciso.

Ela fez uma pergunta diferente.

— E a sua mãe, Ethan?



— Bom, eu mal me lembro dela. Tudo o que tenho são memórias sugeridas pelas fotografias, na maior parte. Acho que me lembro de coisas dela, mas provavelmente estou só imaginando as experiências por causa das fotos e das histórias que o papai e a Hannah contam pra mim.

— Você disse que tatuou as asas nas costas por causa da tua mãe.

*Não, não quero fazer isso agora.*

Quase dei um suspiro, mas consegui segurar. Sabia que era melhor não afastá-la de mim nesse momento. Brynne já tinha me perguntando sobre a tatuagem antes, e sei que ela queria que eu contasse naquele momento, mas não me sentia preparado ainda. Não aqui, num voo público, em circunstâncias trágicas. Não era a hora certa, nem o lugar certo, para eu libertar essas emoções.

O salmão apareceu bem na hora e me salvou.

Brynne continuou a dar pequenos goles de suco e evitou o peixe, que não estava nada mal para uma comida de avião.

— Aqui. — Ofereci uma garfada de salmão, decidindo que, se ela não ia comer por conta própria, então eu a alimentaria.

Ela examinou o pedaço com cuidado antes de abrir a boca para aceitá-lo. Ela mastigou devagar e conscientemente.

— O salmão está gostoso, mas quero saber por que as asas te lembram a tua mãe.

Então era assim que ela queria jogar, né? Chantagem emocional em troca de comer uma refeição... Ofereci a ela outra garfada de peixe. Ela manteve os lábios cerrados.

— Por que a tatuagem, Ethan?

Respirei bem fundo.

— São asas de anjo e como é assim que eu penso nela, achei que faria sentido pôr as asas nas minhas costas também.

— Foi uma ideia linda. — Ela sorriu.

Ofereci mais um pouco de salmão, que ele aceitou sem discutir dessa vez.

— Qual era o nome da sua mãe?

— Laurel.

— É bonito, Laurel. Laurel Blackstone... — Ela repetiu.

— Também acho — falei.

— Se a azeitona verde for menina, acho que já temos o nome perfeito pra ela, não acha?

Senti a minha garganta se mover enquanto engolia em seco. E não era o salmão. A sugestão dela significava algo para mim — algo profundo e muito pessoal.

— Você faria isso?

— Eu realmente gosto do nome Laurel e, se você quer, então, sim, claro. — Ela respondeu, com os olhos um pouco mais brilhantes agora.

Estava admirado, incrivelmente emocionado com a generosidade dela em me dar um presente tão bonito, especialmente numa hora de tanto sofrimento.

— Adoraria chamar nossa filha de Laurel em homenagem à minha mãe — respondi, antes de pegar um pedacinho de pão e oferecer para ela.

Ela comeu o pão e mastigou-o devagar, sem tirar os olhos dos meus.

— Bom, está resolvido, então — falou gentilmente, com a voz saudosa, parecendo estar bem longe dali.

Imaginei o que ela devia estar pensando em tentei a sorte.

— E se nossa azeitona verde for um menino...

— Sim, sim, sim. — Ela começou a chorar. — Quero chamá-lo de Tho-Thomas — Consegui dizer, antes de cair em prantos sobre o Atlântico, na cabine de primeira classe do voo 284 da British Airways, de São Francisco para Londres.

Trouxe-a para perto de mim e dei um beijo em sua cabeça. Segurei a Brynne para deixá-la finalmente fazer o que precisava. Ela foi muito discreta e ninguém prestou atenção na gente, mas ainda assim me doía testemunhá-la passando por isso.

A comissária, com um crachá com o nome Dorothy e um suave sotaque irlandês, percebeu a deixa e correu para oferecer ajuda. Pedi a ela que retirasse o jantar e nos trouxesse um cobertor extra. Dorothy pareceu compreender que Brynne estava em luto, e trabalhou rapidamente para limpar tudo, apagar as luzes e nos entregar o cobertor. Ela teve um cuidado especial com a gente pelo

resto do voo, e eu fiz questão de agradecê-la pela gentileza quando desembarcamos, horas depois.

Pelo resto do voo, abracei minha garota até que ela gastou todas as lágrimas e pegou no sono. Eu dormi também, mas foi picotado. Minha cabeça estava em toda parte. Eu tinha preocupações de sobra, e só podia torcer e rezar para que aquele blefe com o Oakley durante o enterro funcionasse. Eu estava pronto para cumprir tudo que prometi, caso fizessem qualquer coisa com a Brynne. Também sabia quão fortemente guardada ela estaria, daqui para a frente.

Não sabia quem estava por trás das mortes de Monroe e Montrose. Não sabia se o Tom Bennett tinha sido parte disso e acabara assassinado. Não sabia quem tinha mandado a mensagem para o velho celular da Brynne, nem quem fez a ameaça de bomba na noite da abertura da exposição. Não sabia uma porrada de coisas para as quais precisava urgentemente de respostas.

Eu sentia medo.

Um medo capaz de me enlouquecer, puta que pariu, pode me internar agora, estou petrificado. Medo desse tipo.

# Capítulo 18

— Quando a gente chegou em Londres, dormi por quase três dias seguidos. Eu estava mesmo precisando, e voltar para o meu ambiente familiar ajudou muito. — contei para a dra. Roswell. — Estou começando a trabalhar na pesquisa que a universidade aprovou para mim, e tenho bons amigos que estão me ajudando a planejar esse casamento.

— Como estão os terrores noturnos, agora que você parou a medicação? — Perguntou.

— Inconsistentes. Voltei a ter depois que parei de tomar os remédios, mas agora que isso... agora que meu pai morreu... eles pararam de novo. Você acha que é porque a minha cabeça agora está cheia de coisa pior ocupando o lugar do que eu sonhava?

A dra. Roswell me olhou atentamente e perguntou:

— A morte do seu pai é pior do que o que aconteceu quando você tinha dezessete anos?

Nossa. Que pergunta pesada. E na qual nunca tinha pensado antes. Meu primeiro impulso foi dizer que sim, claro, a morte do meu pai era pior, mas, se fosse honesta comigo mesma, acho que não era. Agora eu era adulta e conseguia encarar os acontecimentos com mais maturidade do que quando era adolescente; e o vídeo do

estupro tinha me levado a tentar o suicídio. Nesse momento, eu não tinha pensamentos nem remotamente parecidos com esse. Eu queria viver. Precisava viver minha vida com Ethan e, principalmente, tomar conta do nosso bebê. Não havia outras opções. Sentada ali no consultório da dra. Roswell, foi como se tudo se iluminasse para mim em um instante. Finalmente eu via a luz que me fazia entender que ficaria tudo bem. Eu ia atravessar mais essa, e a alegria voltaria para mim, com o tempo.

Balancei a cabeça e respondi sinceramente à minha analista.

— Não. Não é pior.

Ela anotou isso com aquela caneta tinteiro de turquesa que eu achava tão bonita.

— Obrigada por me ajudar a ver tudo com clareza, eu acho que pela primeira vez. — Disse a ela.

— Você pode me explicar o que quer dizer isso, Brynne?

— Acho que sim. — Tomei fôlego e fiz a minha melhor tentativa.

— Sei que meu pai me amava e sei que ele também sabia o quanto eu o amava de volta. Nós tínhamos um tipo de relação em que falávamos dos nossos sentimentos o tempo todo, então não há arrependimentos. Estou muito triste que nosso tempo juntos tenha sido interrompido tão cedo, mas não há nada que se possa fazer a respeito. É a vida. Olha o Ethan, que perdeu a mãe aos quatro anos de idade. Eles praticamente não tiveram nenhum tempo juntos e ele mal se lembra dela. Eu tive meu pai maravilhoso, amoroso, por quase vinte e cinco anos.

A dra. Roswell me deu um sorriso luminoso.

— Me deixa muito feliz te ouvir falar assim. Você descobriu o segredo, sinto dizer. Daqui a muito pouco tempo não vou ter mais desculpas para continuar a te mandar as cobranças das nossas consultas.

— Hum... Não, isso não vai acontecer, dra. Roswell. Você ainda vai me aguentar por anos. Imagina só todas as crises de culpa materna que eu vou ter daqui a pouco.

Ela riu, do jeito afetuoso dela.

— Espero ansiosamente por ter essas conversas. — Fechou o caderno e tampou a caneta. — Mas então, me conta esses planos do

casamento. Quero saber de todos os detalhes.

\* \* \*

Eu tinha descoberto que o Facebook era uma ótima ferramenta para organizar um casamento. Tinha sido a Elaina quem tinha me sugerido, porque ela também estava mergulhada até o pescoço no planejamento do casamento dela e sabia do que estava falando. Sentei com o meu chá picante de *cranberry* e entrei na minha conta.

Tinha criado um grupo privado para compartilhar fotos e links, que reunia meu pequeno exército de soldadinhos: Gaby, Ben, Hannah, Elaina, Marie e Victoria, a produtora de eventos oficial, que, na minha opinião, tinha um trabalho bem desafiador.

As coisas estavam se arranjando incrivelmente bem, tendo em vista nosso prazo impossível de apenas cinco semanas. Considerando que eu estava emotiva e grávida, recém-saída de uma perda familiar devastadora, decidi que estava indo era muito bem.

Ethan estava tão assoberbado com o trabalho que a gente mal conseguia se ver, e a maior parte das nossas conversas aconteciam por mensagens de texto. Sei que ele se preocupava comigo e tentava me dar o máximo de atenção que podia, mas simplesmente não havia tempo para isso. Compreendia a pressão que ele vinha sofrendo, e eu também precisava de tempo para digerir tudo que tinha acontecido nas últimas semanas. Ele voltava para casa bem tarde e, basicamente, só queria duas coisas quando chegava. Fazer amor e me ter ao alcance da mão enquanto dormia. A necessidade de contato físico do Ethan continuava tão forte quanto antes. Eu não ligava nem um pouco. Precisava tanto quanto ele, eu acho. Nós nos preocupávamos um com o outro.

Mandei uma mensagem rápida para Elaina sobre as fotos de arranjos florais que ela tinha publicado e brinquei que a gente se falava mais por Facebook do que em pessoa. Era idiota, de verdade, especialmente porque a gente morava no mesmo prédio. Elaine e Neil estavam completamente lotados de trabalho na Blackstone Security International, tanto quanto o Ethan. Ninguém tinha tempo livre para nada. Saí do grupo e fui checar meu perfil para ver

algumas mensagens novas que tinham deixado para mim. Havia algumas notificações de doações para o Meritus College Fund, em São Francisco, que meu pai tinha ajudado por anos. Era uma ótima organização de caridade que ajudava jovens pobres talentosos a chegarem à universidade. Eu sabia que ele apreciaria o gesto, então pedi que, em lugar de flores, as pessoas fizessem doações diretamente ao fundo. Eles gentilmente me enviaram notificações de cada doação recebida em nome do meu pai. Paul Langley fez uma, assim como a equipe da Rothvale Gallery e o pai da Gaby, Rob Hargreave. A gentileza deles me tocou profundamente, e disse isso nas mensagens de agradecimento que mandei depois.

Publiquei no Facebook uma bela foto do meu pai me segurando no colo quando eu era bebê. Tinha me ocupado digitalizando os álbuns de fotografia que trouxe comigo da casa dele. Nessa imagem específica, a gente estava de pijama, então era provavelmente uma foto tirada pela manhã. Eu estava sentada no colo dele, em frente à escrivaninha de trabalho, olhando para a câmera, os dois sorrindo. Me perguntei quem a teria batido. Mamãe? Papai estava tão jovem na foto... Parecia estar realmente feliz. Ao menos eu tinha memórias preciosas como essa para guardar no coração. Fiquei triste quando me dei conta de que não haveria fotografias do bebê com o avô. Não mais... Senti um aperto familiar no peito e precisei fechar os olhos por um momento para respirar.

A dor que você sente quando precisa lembrar ao cérebro de que não vai nunca mais ver a pessoa, rir com ela, abraçá-la, conversar com ela...

Merda.

*Mas Jonathan vai ter fotos com o neto.* Sim, ele teria. Sabia que o pai do Ethan seria um avô presente. Ficava feliz de imaginar ele e Marie tomando conta do bebê para a gente. Eu teria minha tia para ser a "vovó" do bebê, mesmo que a minha própria mãe não se interessasse. Argh. É melhor mudar de assunto.

Um alerta de nova mensagem piscou na minha tela, com um bip.

**Karl Westman:** Oi, tudo bem? Acabei de entrar e vi que você estava online. Cheguei em Londres pros Jogos e espero que a gente possa se rever enquanto estou na cidade. Cheguei ontem de manhã, na verdade. Ainda estou me recuperando do jet lag. :/ Como você tá?

Karl... Ele tinha me encontrado no Facebook logo depois do funeral, e conversamos algumas vezes desde então. Lembrei que ele tinha dito que a empresa ia enviá-lo para os Jogos e a Jess também me lembrou disso. Ela estava decepcionada por não poder vir com ele, porque era uma grande fã de esportes. As Olimpíadas tinham muito mais a ver com ela do que comigo. De qualquer forma, ter os Jogos da trigésima Olimpíada acontecendo na sua cidade é superexcitante.

**Brynn Bennett:** As coisas estão melhores, obrigada... Onde é que você tá hospedado aqui em Londres?

**Karl Westman:** Em Chelsea, claro! Não vou perder a chance de conhecer mais da história do Jimi enquanto estou aqui.

**Brynn Bennett:** Ah! Eu lembro. Por coincidência, o pai do Ethan vai me levar pra almoçar hoje, mais trade. Ele foi motorista de táxi e conhece as histórias de todos esses lugares. Você pode encontrar a gente, se quiser. Que tal uma aula de história??

**Karl Westman:** Eu ia adorar! Obg! Me manda uma msg dizendo qual é o restaurante, quando chegarem lá, e eu encontro vocês.

Desconectei do Facebook e fui tomar banho. Eu tinha um almoço marcado com o meu futuro sogro, e depois uma sessão de fotos. Não havia tempo para o pecado da preguiça hoje.

\* \* \*

— Então Ethan te botou de serviço hoje, né? — Perguntei ao Jonathan, entre garfadas de uma salada de frango que estava muito boa. Precisava me lembrar de botar cerejas secas e endro na próxima vez em que fizesse uma.



Meu apetite estava melhorando aos poucos, mas não sabia se era por causa da gravidez ou se estava começando a me conformar com a morte do meu pai. De qualquer maneira, eu já podia olhar para a comida sem ter que virar o rosto para não vomitar.

— Não sei nada disso, querida. Queria levar minha futura nora para almoçar, só isso — explicou, encolhendo os ombros, os olhos castanhos brilhando. — E o Ethan me contou que o Len não ia estar com você hoje.

— Ah! Eu sabia! — Eu ri. — Já conheço as táticas dele agora, Jonathan. Ethan não baixa a guarda facilmente, ou sem motivos muito fortes. — Dei um gole no suco. — Sei que ele é muito protetor, e faz isso porque me ama.

— Você o compreende tão bem. Aliás, eu diria que você transformou meu filho na pessoa que eu esperava que ele viesse a ser, mas temia que ele nunca se tornasse.

Jonathan sorriu para mim com uma grande dose de gentileza e nenhum julgamento.

— A guerra? — Perguntei. — Sei que alguma coisa muito ruim aconteceu com ele no exército, mas não sei o que é. Ele não me contou... Ainda.

Jonathan deu tapinhas leves na minha mão.

— Bom, então somos dois. Também não sei o que eles fizeram com o meu filho. Só sei que ele veio pra casa com um olhar assustado e com um peso que não existia nele antes. Mas sei que ele se parece mais com o Ethan que eu conheço, de quando era jovem, agora que te encontrou. Você trouxe isso à tona nele, Brynne. Posso ver como ele olha pra você e como vocês cuidam um do outro. — Dei um gole na cerveja. — Resumindo, você deixou um velho muito feliz e muito aliviado.

— Sinto a mesma coisa em relação a ele, em muitos aspectos. Ethan realmente me salvou de mim mesma.

Jonathan prestou atenção e apontou para a minha barriga.

— Você vai descobrir que a gente nunca para de se preocupar com os nossos filhos, não importa a idade que eles tenham.

— Já ouvi muito isso — suspirei profundamente. — Já me preocupo com ele ou com ela agora... — Botei a mão na minha

barriga. — Se alguma coisa acontecer comigo... Então eu meio que já vejo como isso funciona.

— Nada vai acontecer com você, minha querida. Ethan não vai permitir, nem eu. As próximas semanas vão ser extremamente cheias, sua agenda lotada de planos e eventos, mas logo as coisas vão se acalmar e vocês dois vão cuidar da vida de casados. E eu vou ficar esperando a chegada do meu quarto neto.

Ele sorriu para mim e eu sorri de volta, de todo coração. Eu estava realmente começando a gostar do pai do Ethan. Ele ia ser um avô amoroso para o nosso bebê e saber que ele estava torcendo pela nossa pequena família me fez me sentir bem por dentro. Era uma coisa boba para alguns, mas para mim significava muito. Jonathan estava me dando o que a minha mãe não podia, ou não queria — uma simples bênção ao sucesso e à felicidade da nossa família.

A gente já estava saindo do restaurante quando vi o Karl chegar apressado, parecendo um pouco nervoso em comparação com o cara tranquilo do colégio.

— Brynne! Meu Deus, me desculpa o atraso. Recebi tua mensagem, mas uma coisa leva à outra, e eu me atrasei. — Ele levantou as mãos. — Fiquei preso com assuntos de trabalho. — Deu um passo a mais para me abraçar e me beijou na bochecha, afetuosamente.

— Karl, esse é meu... sogro, Jonathan Blackstone. Jonathan, Karl Westman, um velho amigo da minha terra. A gente competia junto no time de corrida.

Eles apertaram as mãos e nós três conversamos por um momento. Karl parecia frustrado por ter perdido o almoço e o "reencontro", como ele disse. Não tinha certeza de como o Ethan ia lidar com encontros de qualquer tipo entre Karl e eu. Honestamente, eu também não fazia questão, não. Nada contra antigas amizades, mas nesse caso tinha uma grande quantidade de emoções agregadas, o que deixava tudo um tanto desconfortável para mim.

— A Jess vai me matar se, depois de vir até Londres, eu não arrumar um tempo pra colocar o papo em dia com você, ao menos um pouco — falou para mim, e se virou para o Jonathan. — E

lamento que tenha perdido a oportunidade de ouvir boas dicas sobre a cidade, senhor Blackstone.

— Se você se interessa pela história e os locais do Hendrix, posso te contar o que sei. Já levei centenas de turistas por aí, por mais de vinte e cinco anos. Acho que já vi de tudo. — Jonathan deu seu cartão ao Karl. — Me manda um e-mail e eu te escrevo o que eu sei. Você deve querer incluir no passeio o Hotel Samarkand, no número 22 da Lansdowne Crescent, em Chelsea, imagino.

— Exatamente! — Karl pegou o cartão do Jonathan e guardou-o no bolso. — Agradeço qualquer sugestão que o senhor puder me dar. Não tenho muito tempo aqui e quero aproveitar ao máximo. — Ele virou de novo para mim. — E então? Alguma chance de a gente marcar outra coisa? Imagino que você tenha um compromisso agora, né?

— É, eu tenho uma sessão de fotos daqui a mais ou menos uma hora e preciso de tempo pra me preparar. — Pensei um pouco. — Bom, você vai ver alguns jogos, certo? Ethan tem ingresso para qualquer coisa que a gente queira. Por que não combinamos de ir ver alguma competição de atletismo, como os cem metros? Estou começando a me animar para as Olimpíadas agora.

— Perfeito — disse. — A gente se fala, então. — Karl me abraçou de novo e seguimos cada um o seu caminho.

Jonathan ficou quieto no carro, enquanto me levava para o estúdio. Ele parecia pensativo e eu me perguntei o que ele acharia das fotos nuas. O que será que o Ethan contou a ele? Será que ele já tinha visto alguma foto minha? Acho que não saberia se não perguntasse, mas esse não era um assunto que gostasse de discutir com as pessoas. Meu trabalho de modelo era pessoal e não estava sujeito a negociação.

Logo depois, Jonathan parou o carro no endereço em Notting Hill e aguardou que eu entrasse na casa branca e elegante onde seria a sessão de fotos. Acenei para ele enquanto entrava e, dali em diante, era trabalho, com meu foco voltado para o que tinha sido contratada para fazer.

\* \* \*

As perguntas idiotas que as pessoas fazem nas conversas são tão ridículas que, por vezes, me pergunto como consigo não pular em cima da mesa e gritar “como você pode ser tão estúpido e ainda conseguir respirar?” Mas... Aprendi a manter a minha tampa fechada, mesmo quando me dói demais fazê-lo.

Eu estava prestes a fugir para tomar minha dose de nicotina, muito necessária após o desperdício que foi uma conferência por telefone, quando Elaina ligou para o meu escritório. Ela não fazia isso muitas vezes, e minha curiosidade foi imediatamente provocada.

— Ethan, acho que você vai querer vir até a recepção.

— É? O que está acontecendo?

— É a Muriel, da banca de jornal. Ela está aqui em cima pra entregar pessoalmente um pacote pra você e não vai deixar com ninguém...

Saí do meu escritório e fui correndo para a entrada, antes que Elaina terminasse a frase.

Meu coração começou a dar saltos e fui invadido pela preocupação. Passei deslizando pelas portas da recepção, até parar bruscamente. Lá estava Muriel, em toda sua glória, com o bigode e os dentes de cavalo, esperando por mim. Ela trazia um pacote nas mãos manchadas de tinta e me acompanhou com os olhos esverdeados enquanto eu corria na direção dela.

— Doutor, trouxe um negócio pro senhor. — Balançou o envelope. — O senhor falou, qualquer coisa, qualquer um.

— Falei, sim. Alguém deixou isso na banca agora? — Apontei para o que ela segurava.

Ela assentiu e passou os olhos pela sala, observando o ambiente e provavelmente calculando seu preço.

— É, tipo uma hora atrás. Não podia sair da banca. Tá escrito “Blackstone” e eu lembrei que o senhor tinha dito “quarenta-e-quatro”.

Tentei não parecer chocado por ela saber ler e assenti de volta, sentindo a adrenalina aumentar dentro de mim. O que era dessa vez? Mais ameaças de morte para o Ivan?

— Você tem uma memória excelente, Muriel. Obrigado por sair da banca e vir até aqui me entregar. — Meti a mão no bolso para

pegar minha carteira. — Aprecio muito a sua dedicação.

Estendi para ela uma nota de vinte e ela me entregou o envelope. Deu um aceno leve com a cabeça e se virou para ir embora. Rasguei a fita vermelha, abrindo a aba do envelope — imediatamente consciente de que era igual ao que tinha recebido no dia da abertura da exposição do Mallerton e que continha fotos do Ivan, mais a mensagem cifrada que dizia “nunca tente matar um homem que está cometendo suicídio” ou qualquer outra besteira incoerente para a qual não tenho tempo agora. Ainda assim, não poderia arriscar mais uma vez a vida do meu primo. Ele vai estar muito exposto nos Jogos, daqui a uma semana, anunciando as competições de arco, no meio desse circo que a mídia estava fazendo, dando entrevistas, à vista do público a toda hora. Se alguém estivesse de olho nele, era preciso tomar precauções.

Enfiei a mão no envelope e puxei as fotos, de novo, como da vez passada — preto-e-branco, papel brilhante, oito por dez. Senti um medo terrível tomar conta de mim. Não eram fotos do meu primo. Eram fotos da Brynne.

*Putá merda, não! NÃO!*

Era uma sequência de fotografias batidas na rua — Brynne e eu no dia em que tivemos a primeira consulta com o dr. Burnsley e depois, quando almoçamos fora, em frente à Aquários Fontaine. A gente se abraçando na calçada, depois de sair do consultório. Eu, tocando a barriga dela e beijando-a. A gente comendo nossos sanduíches e falando do nosso encontro na neve, na véspera do Natal. Tinha até uma foto da Brynne tirando uma foto minha com o celular e rindo, porque tinha sido exatamente depois que saímos da loja, fugindo do bebê fedido. Eu teria reparado se alguém estivesse batendo fotos, no entanto. Eu teria visto. Como não vi isso? Como pude não ver essa porra?!

Eu estava distraído. A distração é a inimiga número um do negócio de segurança e eu tinha falhado miseravelmente. Eu estava distraído pela consulta com o médico e a loucura na loja de aquários — pouco consciente de onde a gente estava e de quem estava em volta, incapaz de notar se tinha alguém seguindo a gente.

Grunhi e folheeí as fotos de novo. Não achei nenhuma mensagem ou recado ambíguo atrás de nenhuma delas. Olhei para cima e me dei conta de que a Muriel tinha ido embora.

Gritei pra Elaina:

— Bota a Brynne na linha e diz pra me esperar! Preciso falar com ela agora! — E corri para o elevador.

— Muriel, espera! — Corri atrás dela pelo lobby, antes que ela deixasse o prédio. Tenho certeza de que as pessoas devem ter pensado que eu era louco, para dar todo esse espetáculo, mas eu não me importava. Eles que pensassem o que quisessem.

— Sim, senhor?

— Quem? Você viu quem deixou o envelope?

Ela ergueu os olhos e vi neles um brilho fraco. Esse era o momento da verdade: ou ela me ajudava, porque era uma boa pessoa, ou se aproveitava de mim, porque não era.

— Vi, mas ele já estava indo embora. Vi as costas dele.

— O que você lembra dele? Tamanho, cor do cabelo, qualquer coisa que possa me dizer? É muito importante — implorei. — Era a minha garota... minha esposa. Eram fotos da minha esposa naquele pacote. A vida dela pode estar em perigo. — Baixei minha voz. — Por favor, Muriel? Qualquer coisa que você lembrar pode ajudar.

Ela pensou por um momento.

— Ele estava falando no celular e só vi as costas dele. O cabelo era castanho, e ele não era tão alto quanto o senhor.

Cabelo castanho e mais baixo do que eu. Isso ajudava muito, num lugar onde havia milhões desse de caras assim. Tinha que voltar para o escritório e ver se a Elaina tinha encontrado a Brynne.

— Obrigado mais uma vez — disse a ela, e me preparei para subir.

— Mas tem uma coisa que eu reparei, também. — Muriel gritou para mim. — A voz dele... Ele não era daqui. Era americano.

*O assediador era americano. Isso tinha que vir da gente do Oakley ... Ou quem sabe o Fielding não estava morto. Talvez estivesse aqui em Londres. Ah, não! Por favor, não!*

Meu sangue gelou com o que Muriel disse, e todas as possibilidades e cenários começaram a rodar na minha cabeça, num

emaranhado aterrorizante.  
Então comecei a correr.

# Capítulo 19

**M**eu celular começou a tocar bem na hora em que eu estava saindo do camarim. Pelo toque, soube que era a Elaina ligando do trabalho e deixei ir para a caixa postal sem nem ouvir a mensagem.

Mandei para ela um sms curto: **Não posso falar. Tô fotografando. Te ligo dps.**

Botei o celular no silencioso, mas o mantive ligado, já que Ethan tinha me pedido — alguma coisa a ver com o aplicativo de GPS que ele instalou —, guardei-o no bolso do robe e nem pensei mais nele.

Tinha um trabalho a fazer e já estava concentrada. Os apliques no cabelo faziam cócegas nas minhas costas e o chão onde eu estava sentada estava gelado. Nem de fio dental eu estava hoje, só usava umas meias pretas lindas, com fitas cor-de-rosa amarradas em laços em torno das minhas coxas.

Simon, o fotógrafo dessa sessão, tinha gostos bem pouco convencionais para roupas. Hoje, vestindo uma calça jeans azul néon, combinada com uma camisa verde-limão e botas brancas, ele não só me fazia desejar um protetor de retina, como estava prestes a me fazer posar de um jeito que nunca tinha posado antes. Tinha calafrios só de imaginar o que Ethan ia dizer quando desse uma olhada nas provas.



Ele odiaria logo de cara e depois tentaria comprar todas, para ninguém mais poder tê-las. Mesmo assim, senti uma descarga de adrenalina por fazer algo meio assustador e pouco familiar. Gostava de me desafiar e queria que essas fotos fossem boas para realizar o trabalho mais profissional possível para o artista.

Eu estava de costas para a câmera, com as pernas bem abertas, os joelhos levemente dobrados, os pés totalmente apoiados no chão e as mãos segurando as panturrilhas para manter as pernas afastadas. Era para ser uma foto provocante e qualquer um que se aproximasse de mim pela frente agora veria minhas partes íntimas num close pornográfico completo. *Ethan, com certeza, não aprovaria.* Mas eu não me preocupava. Havia regras nesses lugares e todo mundo seguia essas regras... Ou nunca mais seriam chamados de novo para um trabalho.

As pontas dos apliques quase tocavam o chão e cobriam a minha bunda, o que era bom, porque meu rego não ficaria à vista nas fotografias. Disse isso ao Simon e ele riu de mim.

— Brynne, minha querida, se alguém pode fazer um cofrinho parecer elegante, é você.

— Bom, obrigada, Simon, mas não, obrigada, se é que você me entende. Nada de sorrisos verticais pra mim dessa vez, por favor.

— Te prometo, tudo que vão ver é uma sugestão das tuas curvas e tuas pernas longas e bem-desenhadas. Você está brilhando hoje, querida. Vitaminas novas? - Ele perguntou, distraído, enquanto apertava o botão da câmera.

— Bom, na verdade, sim.

— Ah, me conta, por favor. Preciso de todos os segredos de beleza que você tiver.

Eu dei uma boa risada.

— Não acho que você vá querer o que eu estou tomando, Simon... A não ser que você queira arrumar um par de seios.

— Ah, querida, por favor, não me diz que você vai fazer implante. Seus seios estão perfeitos desse jeito!

Continuei a rir para a tela de lona em frente a mim, desejando poder ver a cara dele.

— Hm, não, não vou botar silicone. Eles vão crescer de uma maneira bem natural.

— É? E que tratamento faz isso?

Dava para perceber que Simon estava muito longe de entender o que eu estava insinuando. Gay ou não, Simon é um homem e, na maioria das vezes, eles simplesmente não sacam nossas sutilezas nesses assuntos. Acho que deve ter algo a ver com ter um pênis.

— O tipo em que você tem um bebê no final. — Sorri e de novo desejei poder ver a cara dele, agora mais ainda.

— Meu Deus, você tá prenha, não tá?

— Esse é um dos termos mais horrorosos pra descrever a situação, mas sim, eu estou.

— Parabéns, querida. Espero que seja uma boa notícia para você!

— É, sim.

Fiquei quieta por um minuto, pensando em tudo de tinha mudado para mim em tão pouco tempo, me debatendo com as emoções que recentemente pareciam estar sempre prontas a transbordar. Talvez eu pudesse culpar os hormônios enlouquecendo dentro de mim, mas, mesmo assim, me manter tranquila era uma batalha diária.

Simon continuou a bater fotos, me dirigindo em mudanças sutis de posição, de luz, e conversando comigo enquanto isso, como costumava fazer. Ele batia papo o tempo todo enquanto trabalhava.

— Então você vai se casar com o seu namorado?

— É, 24 de agosto é nosso grande dia. Vamos casar no campo, na mansão da irmã dele em Somerset.

— Soa muito chique. — Simon refletiu sobre uma nova posição.

— Você pode inclinar um pouco a cabeça para trás e olhar pra cima?

— É, vai ser... — Respondi secamente. — Você quer ir, Simon?

— Querida, eu achei que você não fosse perguntar nunca! É a desculpa perfeita para um novo terno. — Ele começou a tagarelar, saindo por uma tangente sobre sedas italianas e alguma coisa sobre um terno que ele viu numa loja em Milão que seria simplesmente perfeito para um casamento no campo.

Pensei no meu pai; ele não ia comprar um terno novo para o meu casamento. Ele não estaria lá para me levar ao altar. Não tinha ninguém para fazer isso agora. Também não ia pedir ao Frank. Minha mãe já tinha tentado sondar essa possibilidade comigo e não tinha a menor chance. Eu iria até o altar sozinha, mas não iria com ele. Nada contra o Frank, mas ele não era o meu pai em nenhum sentido da palavra. Ele era o marido da minha mãe, e só.

A onda de tristeza me pegou de repente. Tentei contê-la, mas minha postura deve ter dado sinais de fadiga, porque o Simon perguntou:

— Quer parar um pouco, querida?

Assenti, mas não consegui falar. Tudo que pude fazer foi engolir em seco.

Quando você está vulnerável, às vezes basta uma pessoa demonstrar alguma gentileza que tudo vem desabando, não importa o quanto você lute para segurar. Foi o que aconteceu com Simon quando ele deixou a câmera de lado, andou até as minhas costas e botou as mãos nos meus ombros, num gesto simples de apoio e conforto.

— Soube do seu pai. Eu sinto muito, querida. Deve ser um momento terrivelmente difícil para você.

— Obrigada... É tudo ainda muito recente. As pequenas coisas me lembram... E eu sinto tanta falta...

E esse foi o momento em que Ethan invadiu a sala, parecendo um gladiador pronto para encarar a arena.

\* \* \*

— Brynne! Que porra...? — As palavras morreram na minha boca quando vi a minha garota, completamente nua, com as pernas abertas e um cara com as mãos nela!

Reagi e avancei. Isso é praticamente tudo de que me lembro. Levantei a Brynne do chão e joguei o cara de camisa verde no pano de fundo.

— Ethan! — Ela gritou. — O que você tá fazendo?!

— Tentando te achar! Por que que você não atende o seu maldito telefone?

— Porque eu estava trabalhando! — Ela gritou, completamente nua, a não ser por umas meias pretas e alguma coisa que puseram no cabelo dela para parecer mais comprido.

— Você já terminou aqui. Aliás, essa bagunça toda terminou! — Sacudi as mãos e me aproximei dela. — Se veste, você vai embora.

— Não vou embora, Ethan. Qual é o seu problema? Estou trabalhando agora!

*Ah, mas você vai embora, sim, minha linda! Na verdade, eu tenho certeza disso, porque sou eu que vou te tirar daqui.*

O fotógrafo com roupa de todas as cores decidiu tomar uma atitude e sacou seu celular.

— Liga pra segurança.

— Eu *sou* a segurança quando se trata dela. — Apontei na direção da Brynne, ao mesmo tempo em que tirei o telefone dele e interrompi a ligação. — Brynne já terminou aqui. Liga para o meu escritório se você quiser receber uma compensação pelo incômodo. Vou pagar com prazer. — Peguei um cartão de visitas e joguei-o para ele. O cartão pousou no chão entre nós dois. Achei que estava sendo consideravelmente calmo, se levarmos em conta...

Ele olhou para a Brynne, que estava de pé ali, olhando para a gente de queixo caído. E ainda nua, porra!

— Não olha pra ela, filho da puta! — Gritei com ele.

Ele chiou como uma garotinha e virou a cabeça para o outro lado, obedecendo.

— Simon, eu sinto muito por tudo is... — A Brynne deu um passo na direção dele.

— Ah, não! — Segurei o braço dela e virei-a para mim, protegendo seu corpo com o meu. — Dá pra você vestir alguma coisa? Você tá em pé aí completamente nua, caralho!

Brynne me encarou com flechas nos olhos, mas pegou o robe. Ele tinha estado ali o tempo todo, numa mesa de apoio, fora da visão da câmera. Eu não tinha notado ele ali até esse instante. Ela se vestiu e amarrou a cintura, seus braços e mãos fazendo movimentos bruscos, duros, enquanto ela apertava os olhos e me

lançava mais flechas de ódio. Ela enfiou a mão por debaixo do cabelo e mexeu ali por um momento, antes de tirar um pedaço longo de cabelo castanho ondulado. Depositou-o em cima da mesa, cuidadosamente. Depois deu as costas para mim e se curvou, primeiro sobre uma das pernas, depois sobre a outra, tirando as meias e esticando-as ao lado do aplique capilar.

Eu percebia que ela estava mais do que enfurecida pelo que eu tinha acabado de fazer, mas não ligava. Ela estava bem, ao menos. Não poderia dizer a mesma coisa desse amigo fotógrafo, mas a Brynne estava segura sob a minha vista e não na mão de sequestradores. Ela estava nua e sozinha numa sala com outro homem, posando para fotografias, mas pelo menos meu pior pesadelo não tinha se tornado realidade. Ela estava ali e eu podia vê-la.

O trajeto até em casa foi bem silencioso. Só um ou outro suspiro, o barulho dos corpos de mexendo nos assentos e nada além disso. Brynne não falou nada e eu não estava no menor clima para discussões. Nem imagino o que sairia da minha boca se eu quisesse explicar como me sentia. Melhor deixar esfriar um pouco.

Quando chegamos e entramos no apartamento, ela foi direto para o banheiro e trancou a porta. Dava para ouvir a água correndo, mas nenhum outro som. Botei a orelha na porta e escutei. Não queria que ela chorasse sozinha, se era isso que ela estava fazendo, mas eu ainda estava furioso. Esse lance de modelo? Teria que acabar. Não suportava mais nem sequer a ideia. Ficava terrivelmente irracional só de pensar nela posando nua para outros verem. *E fantasiarem sobre transar com ela... Ou coisa pior!*

Havia um milhão de coisas que eu precisava fazer nesse momento. Lugares aonde eu deveria ir e pessoas que eu deveria encontrar, mas deixar Brynne em casa e voltar para o escritório? Sem chance. Eu não ia a porra de lugar nenhum.

Em vez disso, fui até a varanda e me acomodei numa espreguiçadeira, de onde podia assistir a cidade passar do dia para a noite. E fumar um cigarro atrás do outro. Não ajudou muito. Engraçado como algo que costumava me acalmar, agora tinha perdido o efeito. Esperei Brynne sair do banheiro, mas ela ganhou o

primeiro round por nocaute. Nada indicava que ela fosse dar o primeiro passo essa noite. Quando não suportei mais minha solidão auto imposta, entrei para tentar argumentar com ela.

— Brynne? — Silêncio. — Me deixa entrar. — Girei a maçaneta e, para minha grande surpresa, ela girou. A porta não tinha sido trancada, afinal.

Abri a porta e a encontrei sentada em frente à penteadeira, pintando as unhas dos pés, com o cabelo preso, vestindo o robe de seda amarela que fazia a pele dela brilhar. Ela não queria olhar para mim, e continuou a passar o esmalte rosa escuro como se eu nem estivesse ali.

— A gente pode conversar? — Perguntei, finalmente.

— Sobre o quê? Como você foi um troglodita comigo no meio de uma sessão de fotos, que por acaso é o meu trabalho, e praticamente deu uma surra no fotógrafo? Sem falar no estrago que você fez na minha reputação no mercado. — A voz dela era fria.

— Não quero mais você nesse mercado.

Ela tampou o vidro de esmalte e deixou em cima da penteadeira.

— É sempre o que você quer, né?

— Eu precisei saber onde você estava e você não atendeu o celular. — Deixei passar um instante para ver se ela me dava alguma explicação, mas ela não falou nada. — Tudo bem, eu admito que cheguei lá de cabeça quente e perdi a linha, mas eu estava seguindo pistas que me deixaram em pânico. — Passei uma das mãos pelo cabelo. — E você estava nua, caralho.

Ela estava olhando para o chão quando falou:

— Provavelmente não vou receber mais convites depois de hoje. Ninguém vai me querer agora.

*Ah, os filhos da mãe vão continuar te querendo.* Fiquei em pé em frente a ela e segurei seu queixo, forçando-a a olhar para cima.

— Ótimo, espero que não queiram. — Ela continuou em silêncio, mas seus olhos estavam em chamas. — É sério, Brynne. Você não vai mais posar.

Pronto, falei.

— Essa decisão é minha, Ethan. Você não tem o direito de me dizer que não posso continuar.

— Ah, é? — Levantei a mão esquerda dela. — O que esse anel quer dizer, então? Você vai ser a minha mulher, a mãe do meu filho. Uma pessoa que eu não quero por aí posando nua *nunca* mais, porra! — Encarei-a de volta. — É claro que eu tenho direito.

Ela puxou a mão e vociferou para mim:

— Você não entende. Você realmente não entende nada sobre mim! — Ela gritou, furiosa. Me deu um empurrão no peito, que me impediu de me aproximar.

*Foda-se!* Meu gênio estava mais uma vez levando a melhor enquanto eu me debatia tentando achar um jeito voltar ao assunto. Uma ideia passou pela minha cabeça. Podia arrancar o robe amarelo que ela vestia e fodê-la até a semana que vem. *Depois* a gente voltava a essa conversa, discussão, ou o que diabos fosse essa merda. Isso podia funcionar.

Em vez disso, levantei-a da cadeira pelos ombros, prendendo os braços dela ao lado do corpo, para que ela não pudesse lutar contra mim. Ainda assim, ela brigou um pouco, por mais que eu a segurasse com força contra o meu peito, nossos rostos a poucos centímetros e as curvas suaves dela encostando em mim e me deixando de pau duro.

— Estou tentando *entender* porque a minha garota precisa tirar a roupa e deixar as pessoas verem fotografias dela desse jeito! — Falei, com mais raiva do que queria... E aí grudei minha boca na dela.

Forcei a entrada com a língua primeiro. Iria adiante depois, mas por enquanto só queria estar dentro dela, da maneira que conseguisse. Mas precisava que ela me aceitasse mais. Ela ainda estava cuspidando fogo, mas senti sua reação no instante em que nos tocamos. Ela ainda era a minha garota e nós dois sabíamos disso, enquanto eu a segurava pelo queixo e mergulhava a língua com mais força. Lábios, língua e dentes trabalhando juntos para dar um recado muito específico. *Você é minha, e eu sei que você quer ser minha.*

Estava só começando a possuí-la. Essa sessão terminaria de um jeito, e só de um jeito — com meu pau enterrado dentro da boceta doce dela, num frenesi orgástico. Também não havia desculpas para o que fiz em seguida.

Tomei posse dela. Peguei o que era meu e fiz as coisas do meu jeito com Brynne. Seu corpo me acompanhou por todo o percurso, com certeza. Da mente, teríamos que cuidar mais tarde. *Transar primeiro e falar depois* era um método que já havia funcionado para nós antes. Tinha confiança de que daria certo agora também.

Peguei-a no colo e levei-a para a nossa cama. Ela olhou para mim com olhos ardentes, enquanto eu abri o robe amarelo de seda e soltei os cabelos da presilha. O peito dela se arqueou e os mamilos se endureceram. Me liberei das minhas roupas e fiquei nu, meu pau tão duro que era capaz de explodir quando a porra saísse pela primeira vez.

Eu estava prestes a descobrir e mais do que disposto a correr o risco, porque haveria uma segunda vez e possivelmente uma terceira. A gente ficaria nisso por um tempo.

Cobri o lindo corpo nu da Brynne com o meu, o corpo que somente eu deveria ver, e a fodi com vontade. Ela me fodeu de volta. Nós fodemos até os dois gozarem. E depois fodemos mais um pouco, até não precisarmos mais. Até não haver mais nada a fazer a não ser cair no sono abraçados, depois de todos os orgasmos, os dois exauridos fisicamente do prazer que nos queimara com seu calor, que nos dopara com sua fumaça... Até o esquecimento completo.

\* \* \*

O pesadelo me acordou. Um antigo, no qual eu vejo o meu vídeo e desejo estar morta. Ainda hoje, é uma imagem terrível gravada no meu cérebro, que tem estado comigo ao longo dos anos. Não acredito que seria possível esquecê-la; eu estava fadada a carregar essa imagem comigo por toda a vida. Imaginei, não pela primeira vez, se os três sequer tinham pensado nesse vídeo depois que tudo passou. Os outros dois eu nem conhecia, mas será que o



Lance sentiu alguma ponta de remorso pelo que aconteceu comigo? Pela tristeza que foi minha vida depois que eles fizeram aquilo? Será que ele pensava nisso? *Horrível. Tão imundo e horrível.*

Tentei chorar silenciosamente, mas Ethan costuma ouvir tudo. A gente tinha acabado de fazer sexo explosivo e liberamos um pouco de raiva e frustração através dos nossos corpos, mas o ponto principal do problema continuava tremulando ao vento, como uma bandeira de alerta. Nada havia sido resolvido.

Ethan se agitou ao meu lado e me puxou para mais perto. Senti os braços longos dele se enroscarem em mim e os lábios beijarem o alto da minha cabeça. Ele fez carinho no meu cabelo e me abraçou enquanto eu chorava.

— Eu te amo tanto. Te ver triste assim me mata. Eu prefiro te ver zangada comigo do que sofrendo desse jeito, meu amor.

— Tá tudo bem. Eu sei que você me ama — murmurei entre soluços, enxugando os olhos.

— Eu amo — confirmou com um beijo doce. — E sinto muito pela maneira como agi com aquele fotógrafo hoje. — Fez uma pausa. — Mas ainda assim, odeio tudo aquilo e não quero mais que você faça.

— Eu sei...

— Então você vai parar de posar? — Havia esperança na voz dele. Era uma pena que eu tivesse que apagá-la.

— Não acho que vá conseguir, Ethan. Não posso parar — nem mesmo por sua causa.

Ele esperou até que eu terminasse de falar. Eram palavras dolorosas de se dizer a ele, mas era preciso ouvi-las de mim. A verdade, às vezes, é dura de se encarar, e imaginei que seria assim para o Ethan, mas queria que ele recebesse a versão sem censura. Eu devia isso a ele.

— Por que não, Brynne? Por que você não pode parar de fotografar? Por que não faz isso por mim?

As lágrimas odiosas brotaram de novo.

— Porque... — Balbuciei. — Porque as fotos que eu tiro agora são tão bonitas. Elas são uma coisa bonita de mim!

Ethan continuou me abraçando enquanto eu chorava. Ele parecia compreender que a gente tinha entrado num território sensível para mim. Queria que a dra. Roswell estivesse aqui para testemunhar isso.

— Elas são. Você tá certa, Brynne. As suas fotos são inacreditavelmente bonitas. — Me beijou de leve, e completou: — Mas você sempre foi bonita.

Ah, mas ele estava errado. Ethan nunca tinha assistido *aquilo*, então ele não sabia o que eu sabia — e tinha a certeza absoluta de que era verdade.

— Não, você não tá entendendo. — Enxuguei as lágrimas. — Tudo bem, mas você não entende porque eu preciso tirar essas fotos tão bonitas de mim. — Suspirei profundamente, encostada no peito dele, meus dedos começando a desenhar um círculo imaginário em cima do músculo peitoral.

— Explica pra mim, pra eu entender, então.

Não sei como consegui falar, mas dei um jeito de ir em frente. Em meio às lágrimas, que tinham aumentado, e graças à força e à paciência dele, que ficou me abraçando e acariciando meu cabelo, eu finalmente contei a outra pessoa a minha verdade terrível.

— Porque o vídeo comigo era tão... tão horrível. As imagens eram feias, eu estou feia nele! E se eu tenho alguma coisa bonita para substituir, eu posso ir esquecendo a daquilo um pouquinho mais a cada vez que eu crio algo novo.

Ethan me rolou para baixo dele e se apoiou nos cotovelos sobre mim, segurando meu rosto perto do dele.

— Não tem nada de feio em você — disse ele.

— Tem, sim. Naquele vídeo, tinha.

Ele se calou e seus olhos pestanejaram para cá e para lá, me estudando.

— É por isso, amor? Foi por isso que você tentou...

— Foi! — Solucei encostada no peito forte dele e deixei que me segurasse. Agora ele sabia a verdade. Meu ponto fraco. O que havia de errado comigo. O trauma que eu carregava todos os dias e que provavelmente sempre carregaria. Rezei para que ele me aceitasse, a despeito de tudo isso.

Ele me abraçou por um longo tempo, sem falar nada. Ele estava pensando no que eu tinha contado. Já conhecia esse método dele; Ethan era inacreditavelmente honesto e direto com suas opiniões e desejos, e também pensava antes de falar.

— Não são as sessões de foto que eu odeio. Compreendo que vocês são todos profissionais. O fotógrafo simplesmente te usa como objeto da arte dele. A imagem de tirar o fôlego que você é. — Passou a mão no meu quadril. — Eu sei que aquele cara de hoje não estava a fim de você. Ele via o teu corpo como arte.

— O Simon também é inacreditavelmente gay, mais gay que o normal, se você não notou.

Ele riu discretamente.

— Eu notei, amor. Se as roupas já não o entregassem, o gritinho de menina confirmou tudo.

— Coitado do Simon. Eu o convidei pro casamento, sabia? Ele queria usar um terno italiano verde-folha que ele viu numa loja em Milão. — Tentei soar só um pouquinho implicante.

— Ótimo. — Suspirou. — Vou ligar pra ele amanhã e pedir desculpas.

— Obrigada.

Mas Ethan ainda não tinha terminado de expor seus sentimentos. Ele tinha mais coisas para falar.

— O que eu odeio são as pessoas vendo teu corpo nas fotografias. Homens que olham pra você. Homens como eu, que olham pra você nua e querem te comer. Brynne, essa é a parte que eu detesto, porque não quero que ninguém olhe pra você desse jeito, nem pense essas coisas de você. Eu quero você toda pra mim. É egoísta, mas é como eu sou.

— Ah...

— Então agora você sabe como me sinto a respeito — falou baixo, sua voz sincera tocando meu coração.

— Eu entendo, Ethan, e espero que você tenha me entendido quando disse como me sinto, e porque faço as fotos.

Ele me alcançou com seus lábios, me acariciando suave e lentamente, dizendo para mim com o toque, se não com palavras, que ele compreendia. Após algum tempo bem gasto, me beijando

delicadamente, ele recuou e passou o polegar no meu rosto. Ele fazia esse gesto desde que começamos. Tinha feito isso na primeira vez em que me beijou. Eu amava esse gesto.

Me perguntei o que ele estaria pensando agora. Me estudando cuidadosamente com aqueles olhos azuis, ele se ajeitou de lado e se apoiou num cotovelo para poder me ver melhor. Imaginei que ele ainda não tivesse terminado de falar. Esperei. Eu poderia esperar a noite toda, se ficasse olhando para ele. Ethan nu na cama era uma visão da qual eu nunca me cansava. Ele era a beleza masculina em carne e osso. Os braços, o peito, o abdômen de tanquinho e as entradas em V, tudo nele era um banquete delicioso para os meus olhos.

Engraçado como ele dizia a mesma coisa de mim, às vezes. Mas meu corpo ia mudar, conforme o bebê crescesse. Eu ia ficar enorme, como as mulheres grávidas ficam. Será que Ethan ainda ia me desejar do jeito que ele deseja agora?

— Preciso te contar uma coisa que aconteceu hoje. Me deixou muito nervoso e foi, em grande parte, o motivo por trás do que aconteceu na sessão de fotos... E comigo. — Ele ajeitou meu cabelo atrás das minhas orelhas.

*Isso faz mais sentido.* Eu devia ter me tocado de que tinha alguma coisa por trás da irracionalidade exagerada do Ethan. Alguma coisa tinha engatilhado aquele comportamento.

— Ok, me fala.

No escuro do quarto, ele me botou a par dos últimos acontecimentos: as fotos que ele tinha recebido mais cedo no escritório, a descoberta de que a pessoa era americana e a certeza de que tinha estado o tempo todo me observando. Observando a gente e tirando fotos dos nossos movimentos diários. Eu estava realmente assustada agora e entendi melhor porque Ethan tinha entrado em pânico daquele jeito na sessão. Essa situação não estava melhorando. Estava cada vez pior. Quem podia imaginar onde iria parar? Ou se eu sairia dessa viva? Tudo o que conseguia pensar era no meu bebê e no Ethan, e soube que faria o que fosse necessário, qualquer sacrifício, para acabar logo com isso.

Conversamos sobre segurança, GPS, guardas e precauções. Todas as maneiras de assegurar minha proteção pelas próximas semanas, até o casamento e até que a atenção do Ethan pudesse se voltar inteiramente para mim. Ele explicou tudo com clareza e eu prestei atenção. Nós dois terminamos chegando a um acordo e quando finalmente peguei no sono de novo, estava deitada no peito dele, com seus braços fortes ao meu redor. Sabia que estava nas melhores mãos que poderia estar e que aquele homem me amava realmente. Ethan precisava de mim tanto quanto eu dele.

Pelo menos isso a gente conseguiu descobrir.

# Capítulo 20

— Como é poder respirar de novo, filho? — Meu pai levantou o copo, com um sorriso divertido.

— Como se um elefante de três toneladas tivesse saído de cima do meu peito e agora estivesse pisando nos meus pés — respondi honestamente e devolvi o brinde.

— Aposto que sim. Mas sério, a cerimônia de abertura era o maior desafio da organização, e foi um show absolutamente brilhante. Estão todos de parabéns. — Acho que poderíamos dizer que meu pai tinha ficado bem impressionado com a festa, porque ele não parou de falar nisso durante o jantar. Eu só sentia um alívio imenso por ela ter terminado sem problemas.

Por mais que estivesse cansado e quisesse ir para a cama com a Brynne, estava realmente me divertindo, celebrando com a família no Gladstone's. Ivan tinha conseguido essa reserva, de algum jeito, a despeito da loucura que estava a cidade, mas também todo mundo adorava o Lorde Ivan, o garoto de ouro da Grã-Bretanha, com sua boa aparência e o nome de celebridade. Fazia um bom tempo desde a última vez em que saímos juntos para um programa legal e sabia que papai, Neil e Elaina iam apreciar os contatos dele,

embora, para mim, tanto fizesse. Brynne parecia estar se divertindo e isso era o bastante para mim.

A cidade toda estava em festa, com os Jogos acontecendo por toda parte. Eu podia realmente começar a ver uma luz no fim do túnel para a gente. Tínhamos passado por mais uma semana e o começo das Olimpíadas sem problemas, ameaças ou mensagens. Só a vida normal.

Botei a mão nas costas da Brynne e fiz um carinho entre os ombros.

— É, a parte mais difícil passou. A cerimônia de abertura transcorreu em paz. Nenhum doido interrompeu o show. Foi o final perfeito para todos aqueles meses de planejamento. Agora é só fazer os VIPs chegarem aos eventos e lugares, mas isso é bem menor e mais fácil de monitorar e, além do mais, eu tenho uma equipe ótima pra tomar conta da maior parte.

Balancei a cabeça para o Neil e levantei o copo de novo.

— Se pudermos só manter os doidos longe do Ivan, vai estar tudo certo — disse Neil, em tom de brincadeira.

— Sim, por favor. Eu apreciaria demais se mantivessem um bom espaço entre os loucos e qualquer coisa que tenha a ver comigo — concordou o Ivan.

Ainda tinha isso... Um rival coreano lunático tinha partido atrás do Ivan por causa de uma disputa de três Olimpíadas atrás, em que ele tinha sido desqualificado e Ivan levado o ouro. A confusão não tinha ficado para trás. Aliás, confusões quase nunca ficam para trás. Quando você pisa na merda, ela gruda no sapato por muito, muito tempo e é foda se livrar de todos os resquícios.

— Você está com cara de cansado, amor. — Brynne falou baixinho para mim, fazendo um carinho no meu braço.

— Estou mesmo cansado — respondi, olhando o relógio. — Pensa só, se sairmos agora, a gente consegue estar na cama em meia hora.

Pisquei para ela, pensando que tudo que realmente precisava era tê-la ao alcance da mão e algumas horas de sono. Essas duas coisas realmente encerrariam a noite para mim do jeito mais perfeito possível.

Estava provocando a Brynne quando falei de ir embora, mas ela me surpreendeu, como faz com frequência.

— O que a gente tá esperando, então? — Cochichou. — Eu estou quase desmaiando em cima da minha sopa.

Olhando melhor para ela, dava para notar sinais de fadiga, e me senti culpado por não perceber antes. Ela estava grávida e precisava descansar por dois. Vi aí minha oportunidade e agarrei-a.

— Boa noite, pessoal. Está na hora de a gente ir. A minha mulher está implorando para eu levá-la para a cama. — Brynne engasgou e me deu um beliscão no braço. — E como eu sou um cara medianamente inteligente, acho que é melhor fazer as coisas do jeito dela, ao menos por enquanto. — Esfreguei o braço onde ela tinha apertado e completei, exagerando a ênfase para o grupo: — Grávidas são insaciáveis, vocês sabem.

Grunhi quando ela me chutou no pé, mas as risadas que arranquei valeram a pena.

— Eu vou te matar, Blackstone — ela me ameaçou, a caminho do carro.

— Ei, olha aqui, eu tirei a gente de lá, não tirei? — Passei o braço em volta dela e me abaixei para roubar um beijo. — E tudo o que eu falei de você é verdade.

Ela virou a cabeça para evitar os meus lábios e riu.

— Você é um idiota. Daqui a cinco meses não vai estar mais tão convencido.

— O que vai acontecer em cinco meses? — Indaguei, confuso.

— Sabe esse negócio de grávida ser insaciável? — Ela inclinou a cabeça e balançou-a devagar de um lado para o outro. — Isso passa. Completamente. — Fez com as mãos um gesto de cortar. — Imagina só. Nada de sexo. Por vários meses.

*Bom, esse é um pensamento muito desagradável.*

— Espera, você tá brincando? Tá, não tá?

— Você devia ver a sua cara agora! — Ela riu de mim, orgulhosa por ter tido a última palavra. É, a minha garota era competitiva e não desistia sem uma boa briga.

— Tá tão ruim assim? — Perguntei, rezando para que ela estivesse só de gozação comigo sobre aquela história, porque, se



fosse verdade, seria uma verdadeira tortura.

— Tá — respondeu, esgueirando a mão por trás de mim para apertar minha bunda. — Mas, apesar de eu te amar, você bem mereceu, Blackstone.

*E que cara mais sortudo que eu sou.*

— Você tá de sacanagem com esse lance de cinco meses, não tá?

Ela riu de novo, convencida e sexy para burro, mas não respondeu à minha pergunta.

\* \* \*

— Não, filho da puta! Eu disse, nada de vídeo! Nada de vídeo, porra!

Ethan me acordou com os gritos. Ele estava sonhando de novo. Não — definitivamente, o que ele tinha eram pesadelos.

O que ele gritou me deixou realmente assustada. Ele já tinha dito o mesmo tipo de coisa antes, em outras ocasiões. As palavras “nada de vídeo” repetidas à exaustão, numa voz que parecia implorar. Dava medo, porque ele ficava fora de si quando tinha esses pesadelos. Era como se ele se transformasse em outra pessoa — um completo estranho.

Sabia que os pesadelos tinham a ver com o tempo em que ele ficou preso com os afegãos, durante a guerra. Mas ele nunca tinha conversado comigo sobre isso. Era algo terrível. Isso era óbvio.

— Ethan, você tem que acordar. — Sacudi-o de leve, mas ele se mexia freneticamente, parecendo estar em outro mundo, absolutamente inacessível.

— Ele morreu... Ah, meu Deus! Um bebê! Só um pequeno bebê, seus putos medievais!

— Ethan? — Sacudi-o de novo, esfregando o braço e o pescoço dele com mais força dessa vez.

— Não! Você não pode fazer isso... Não... Não... Por favor... Não! Eles não podem me ver morrendo no vídeo...

— Ethan! — Bati de leve no rosto dele, torcendo para que o tapa o trouxesse de volta do pesadelo.

Ele arregalou os olhos, assustado, e se sentou na cama, num impulso só. Ficou ali, curvado, inspirando profundamente, com a cabeça nos joelhos. Botei a mão nas costas dele. Ele estremeceu com meu toque, mas manteve a mão ali. Sua respiração ficou mais irregular e ele não falou nada para mim. Eu não sabia o que dizer a ele.

— Fala comigo — sussurrei atrás dele.

Ele saiu da cama e começou a se vestir — botou uma calça de moletom e uma camisa.

— O que você tá fazendo?

— Tenho que ir lá pra fora — respondeu, com a voz fraca.

— Lá fora? Mas tá frio lá fora. Ethan, fica aqui e fala comigo sobre isso! Você precisa falar comigo! — Implorei.

Ele agiu como se nem me escutasse, mas acho que alguma coisa ele entendeu, porque veio até onde eu estava sentada e pôs a mão na minha cabeça. Com muita delicadeza e só por um instante, mas eu percebi que ele estava tremendo. A mão dele estava tremendo violentamente e ele parecia perdido. Levantei a minha mão para pegar a dele, mas Ethan afastou-a antes que eu conseguisse. Em seguida, saiu do quarto.

— Ethan! — Chamei. — Aonde você vai? Volta aqui e fala comigo!

Tudo que recebi foi silêncio.

Fiquei ali deitada por um instante, decidindo o que fazer. Parte de mim queria confrontá-lo e forçá-lo a conversar comigo, mas outra parte morria de medo de fazer isso. E se eu acabasse lhe causando mais dor e sofrimento? E se tornasse as coisas piores para ele? Ethan precisava de ajuda profissional para lidar com isso. Se ele foi capturado e torturado enquanto estava no exército, então ele provavelmente sofria de estresse pós-traumático, e dos grandes.

Disso eu sabia bem.

Tomei minha decisão, vesti um suéter e uma legging e fui encontrá-lo. Não fiquei surpresa quando vi onde ele estava. Ele tinha dito a verdade. Estava lá fora. Fumando um dos seus cigarros de cravo. Fiquei de pé atrás do vidro e observei-o por um momento. Esticado na espreguiçadeira, com os pés descalços para fora, porque

ele era alto demais, as ondas de fumaça pairando sobre ele, e as luzes brilhantes da cidade criando uma aura cintilante em volta de seu corpo.

O cigarro não me incomodava, de verdade; nunca incomodou. Adorava o cheiro dessa marca, e Ethan nunca ficava com gosto de cigarro. Ele era fanático por escovar os dentes, tinha sempre hálito de menta, que eu achava uma delícia, mas o cheiro de especiarias ficava impregnado nele, de forma que eu sempre sabia se ele tinha fumado. A marca que ele gostava não era comum, entretanto — Djarum Black.

Tabaco aromatizado com cravo, importado da Indonésia. Eu ainda não sabia porque ele fumava esse cigarro. Ethan não falava muito sobre esse hábito — ou sobre seu passado — comigo.

Meu Ethan estava certamente mergulhado no passado agora, e partia meu coração vê-lo desse jeito. Abri a porta de correr e saí para a varanda. Ele não se deu conta da minha presença, até que me sentei ao lado dele na outra espreguiçadeira.

— Volta pra cama, Brynne.

— Mas eu quero ficar aqui com você.

— Não, volta pra dentro. A fumaça não faz bem a você, nem ao bebê. — A voz dele estava estranhamente distante e me fez ficar morrendo de medo.

— Também não faz pra você — Falei com firmeza. — Se você não vai me deixar ficar aqui com você, então apaga o cigarro e entra para conversar comigo. A gente precisa falar disso, Ethan.

— Não. — Ele balançou a cabeça em negativa e deu mais uma tragada no cigarro.

Senti algo se partir dentro de mim e fiquei com raiva, mas tinha que conseguir arrancar uma reação dele — ele estava tão distante de mim agora.

— Isso é uma besteira, Ethan! Você precisa de ajuda com esses pesadelos. Olha o que está acontecendo com você! — Ele não disse nada, e o silêncio entre a gente destacava os sons da noite na cidade. — Se você não quer falar comigo, então você precisa encontrar um terapeuta, ou grupo, ou qualquer coisa que te ajude a lidar com isso.

Nenhuma reação, só mais fumaça. A ponta vermelha do cigarro preto queimava no escuro e eu ainda não tinha arrancado nada do Ethan.

— Por que você não me responde? Eu te amo, estou aqui pra você, mas mesmo assim você não me conta porque fuma cravo, nem o que fizeram com você no Afeganistão. — Me inclinei para mais perto dele. — O que aconteceu com você lá, Ethan?

Dava para ouvir o pânico na minha voz: eu estava prestes a ter mais uma crise de choro. Esse comportamento do Ethan me magoava muito, fazia eu me sentir como se não fosse importante o suficiente para ele conseguir compartilhar seu maior medo. Ethan sabia de toda a merda da minha vida e tinha dito que nada importava para ele. Ele não sabia que eu poderia andar no fogo por ele? Eu faria qualquer coisa por ele.

Ele apagou cuidadosamente o cigarro que estava fumando, usando o cinzeiro ao lado da espreguiçadeira. Dobrou as mãos no colo e desviou o olhar para o horizonte da cidade. Sem olhar para mim nenhuma vez, ele começou a falar, com a voz suave.

— Fumo desses porque todos os guardas fumavam cravos. Cigarros de tabaco enrolados à mão, que tinham um cheiro tão bom que eu quase enlouquecia. Morria de vontade de fumar um. Quase fiquei louco de vontade.

Fiquei imóvel no ar frio da noite, ouvindo o Ethan. Meu coração se partia um pouco a cada palavra que ele dizia.

— E... No dia em que eles iam me executar, um milagre aconteceu... E eu fui poupado... Eu sobrevivi. A lâmina deles não chegou a tocar meu pescoço. — A voz dele começou a falhar.

— Lâmina? — Eu tinha alguma ideia do que ele estava falando, mas tinha medo do que o Ethan estava tentando me explicar.

— É. Eles iam filmar minha decapitação e mostrar pro mundo todo — Ele contou, com a voz baixa, mas as palavras soavam brutalmente altas.

*Jesus Cristo!* Não me admira que ele tenha pesadelos. Não posso nem imaginar as torturas físicas que ele deve ter tido que suportar, mas o desgaste emocional de acreditar no que fariam com

ele deve ter sido muito pior. Não consegui conter uma exclamação e quis muito abraçá-lo, mas ele continuou a falar.

— Você quer saber qual foi a primeira coisa que eu pedi?

— Me diz.

— Saí da minha prisão, ainda sem ter certeza se estava mesmo vivo, ou morto no inferno. Um fuzileiro americano me parou, chocado que eu tivesse saído daqueles destroços ainda respirando. Ele perguntou se eu estava ok. Eu disse que queria um cigarro de cravo.

— Ah, meu amor...

— Eu estava vivo, entende? Eu tinha sobrevivido e finalmente podia fumar um daqueles deliciosos cigarros feitos à mão que eu tinha desejado como um louco por semanas. Eu fumo eles agora... Porque... Acho que me ajuda a conferir que estou mesmo vivo. — Ele engoliu em seco. — É tanta merda...

— Ah, Ethan...

Levantei da minha espreguiçadeira e fiz menção de ir abraçá-lo, mas ele me deteve.

— Não — falou, levantando a mão para me manter à distância.

Ele parecia tão longe de mim, naquele momento. Tão inalcançável. Quis chorar, mas sabia que isso só pioraria tudo para ele, e não queria causar mais estresse do que ele já sentia.

— Volta lá pra dentro, Brynne. Não quero que você fique aqui fora comigo. É ruim pra você. Eu não estou... bem... para você ficar perto. Preciso ficar sozinho.

— Você está me mandando embora?

Lentamente, ele acendeu outro cigarro. A chama do isqueiro brilhou no escuro, começando a queimar o tabaco.

— Só volta pra cama, amor. Eu te amo, mas preciso de um tempo sozinho agora.

Pressenti algo da parte dele. Não podia acreditar, mas tinha quase certeza de que estava lendo o Ethan corretamente. Ele estava com medo de fazer algo que pudesse me machucar de alguma maneira, e foi por isso que ele me pediu que o deixasse sozinho.

Concedi esse desejo ao Ethan, por mais que partisse meu coração fazê-lo.

# Capítulo 21

**A**cariciei a fotografia da Brynne no porta-retratos sobre a minha mesa. Aquela que eu tinha tirado com meu celular quando ela me mostrou Lady Percival ela primeira vez, na Rothvale. Ela estava tão bonita e feliz. Na noite passada, ela não estava feliz. Não, eu a assustei e depois ainda piorei as coisas, mandando ela embora quando tentou me ajudar...

Deus do céu, eu estraguei mesmo as coisas com ela. Tentei me colocar em sua posição. Se tivesse sido ela a me mandar embora depois de um pesadelo e recusar minha ajuda? Já tinha estado nessa ponta da corda antes e foi uma merda. Eu teria me sentido péssimo, exatamente como a fiz se sentir.

De qualquer jeito, na noite passada eu tive medo do que poderia vir a fazer se ela me tocasse mais um pouco. Das outras vezes em que acordei desses pesadelos? É... Nada bom. Eu tinha saído pelas tangentes. Usando o sexo, e a Brynne, para me trazer de volta do lugar horrível onde eu tinha estado nos sonhos. Ela não compreendia o quanto eu andava no fio da navalha nesses momentos. Não confiava em mim mesmo com ela. E se eu a machucasse ou fosse longe demais no sexo? Ela estava grávida e vulnerável agora. Eu não podia correr o risco.

Mandá-la de volta para dentro, ontem, tinha sido difícil, quando ela queria ficar e ouvir a minha história. Ela tentou me abraçar, mas eu a afastei. Nem olhei para o rosto dela, porque, se o fizesse, teria desistido. Não tinha força de vontade quando se tratava da Brynne.

Para evitar possuí-la, depois que entrei, dormi o resto da noite no sofá. Não tinha confiança para deitar na cama com ela. Bastaria sentir o cheiro dela ou ouvir o som de sua respiração, e eu imediatamente me veria enterrado nela, tentando me perder dentro dela. Brynne era o meu céu. Eu procuraria eternamente o meu céu. Eu me conhecia bem.

Ela estava certa, no entanto. Sobre muitas coisas, mas sobre a loucura de ontem à noite ela estava completamente certa. Eu precisava de ajuda. Havia lugares aonde eu poderia ir para isso. Muitos soldados voltaram para casa da guerra com problemas e bagagem. Eu era apenas mais um, numa longa fila de outros tantos como eu. Sabia disso. Não queria encarar os demônios, mas sabia o que tinha que fazer. Eu tinha outras prioridades na vida agora. Eu tinha a Brynne. A gente tinha um filho a caminho. Nem ela, nem ele mereciam me ter por perto tendo sonhos psicóticos e aterrorizando suas noites de paz.

Precisava me perguntar por quê. Por que eu voltava, de repente, para aquele tempo, tão vivo no meu subconsciente? Será que a situação com a Brynne era o gatilho para trazer de volta essas memórias do meu tempo como prisioneiro? Puta inferno... Era um pensamento doloroso, mas provavelmente bem na mosca.

Eu iria compensá-la à noite. Flores, jantar, romance — total honestidade sobre o inferno que tinha passado e como saí dele. Ela merecia saber de tudo e era forte o bastante para suportar. O bônus era ganhar o apoio dela nas questões emocionais. Esse era um dos aspectos de um relacionamento profundo. Ela dividia as coisas comigo. Por que eu não fazia o mesmo? *Porque você é um bundão irracional durante a maior parte do tempo e precisa melhorar isso.*

Brynne detestava ficar de fora dos assuntos. Eu logo tinha entendido que ela era incrivelmente valente, com uma profunda vontade de viver. Ela não era covarde, nem se entregaria sem lutar. Minha garota encarava os medos de frente. Eu deveria seguir seu

exemplo e fazer o mesmo. Aceitei que era chegada a hora de procurar ajuda profissional e confiar o peso dos meus demônios a mais alguém. Brynne estaria do meu lado para me ajudar e eu não poderia estar em melhores mãos do que as dela.

A mesma Brynne também seria capaz de me servir minhas bolas numa bandeja de prata, então era bom me preparar para quando chegasse em casa. Ela não deixaria esse assunto morrer. Tive que sorrir ao imaginar a reação dela, mais tarde. Estaria linda, como sempre, com os olhos fulminantes, as mãos nos quadris, pronta para a batalha e repleta de munição. Estava ansioso para observar a mudança nela quando eu chegasse humilde, com presentes, pronto para finalmente compartilhar com ela os demônios mais terríveis que habitam lugares indizíveis da minha alma. E como ela haveria de me recompensar depois de tudo isso...

Tinha alguns telefonemas para fazer e planos para pôr em prática. O tempo estava passando num ritmo acelerado e não havia tempo para ficar sentado remoendo arrependimentos que não poderiam ser remediados. Mandei uma mensagem para a Brynne primeiro: **Te amo. Desculpa por ontem. Vou consertar tudo, ok?**

Liguei para minha irmã em Somerset e esperei completar a ligação.

— Mano, você ligou na hora certa. Acabei de receber uma visita do senhor Simms e ele está com uns papéis pra você assinar.

— Que boa notícia. Vou pedir para a Frances te mandar um envelope pelo malote e a gente resolve isso.

— Claro. Eu realmente acho que essa ideia é maravilhosa, E. Sorri, sentado na minha cadeira.

— Também acho. Agora que você deu uma olhada, acha que é possível arrumar em tão pouco tempo?

— Bom, tá bem perto, mas acho que pode ser feito. Nem tudo, que fique claro. Mas o que você precisa, sim.

— Bom. Quer dizer, eu confio em você, Han. Faça o que você puder.

— Quando você vai poder vir aqui? Em algum momento você vai ter que ver as coisas de perto.



— Certo. Não vou poder cuidar de nada até a cerimônia de encerramento, mas, assim que terminar, eu vou encaixar essa viagem, de algum jeito.

\* \* \*

Dei um beijo na bochecha do Benny e abracei-o apertado. Em seguida, voltei a olhar as provas de imagem na tela.

— Ah, meu Deus. Eu gosto de todas, Ben. Não consigo escolher. Ele riu baixinho.

— Ele vai achar todas lindas, Bree. Estão mesmo. Estão de tirar o fôlego!

— Muito, muito obrigada por fazer isso pra mim, tão em cima da hora. Eu tive essa ideia depois que... Aconteceu uma coisa... Quis fazer essas fotos para o Ethan. Ninguém nunca vai vê-las, a não ser a gente. — Apertei a bochecha dele. — Obrigada por tornar isso possível, meu amigo incrível.

Ben sorriu para mim com tanta gentileza — notei que ele estava emocionado por eu ter pedido a ele te tirasse fotos tão especiais para mim. Fotografias muito especiais de verdade. Só eu e meu véu de noiva. E só para os olhos do Ethan. Ethan... Sim. A gente ainda precisava conversar sobre a noite anterior.

Ele nunca voltou para a cama e, quando acordei, de manhã, ele já tinha saído do apartamento. Essa confusão não ia durar mais uma noite, entretanto. Eu ia sentá-lo para uma conversa assim que chegasse em casa e ele teria que falar comigo. Se não...

Se não o quê? Não tinha todas as respostas, mas pensaria em alguma coisa. Ele estava emocionalmente abalado com esses pesadelos e eu não tinha nenhuma intenção de permitir que ele continuasse a sofrer sem uma ajuda profissional para lidar com isso. Mas, acima de tudo, o que ele tinha me contado tinha partido meu coração.

Seus torturadores queriam decapitá-lo e o ameaçaram com isso. Não podia imaginar como ele tinha sobrevivido e sem ficar completamente louco. Me dava vontade de passar os braços em

volta dele e cobri-lo com o meu amor. Ele ia receber isso de mim, quisesse ou não, prometi a mim mesma.

— Ei, está tudo bem com vocês dois? Você tá parecendo um pouco preocupada hoje, meu bem.

Fiz que sim com a cabeça e comecei a dobrar meu véu, cuidadosamente, para poder guardá-lo de volta.

— A gente tá ótimo. Tem só umas coisinhas que precisam ser resolvidas. — Botei as mãos nos quadris. — Mas vai dar tudo certo. Os homens são muito teimosos, sabia?

Ben riu de mim.

— Tá certo. Só os homens. Você tá falando com o cara certo nesse assunto, Bree. Concordo totalmente. — Piscou para mim e terminou de empacotar seu material.— Vamos lá, menina bonita, deixa eu te levar pra casa antes que o Blackstone comece a te procurar, achando que você sumiu. Imagino que isso seja uma surpresa e que ele não faça ideia de que você tá aqui comigo agora.

— Não faz a menor ideia, mesmo. Tomei essa decisão de repente e fiquei a manhã toda com o celular desligado, pra ele não poder rastrear meu GPS. Vou ligar de novo quando chegar em casa e ele vai ver que estou sã e salva, sem nenhum susto.

Ben balançou a cabeça para mim e olhou para o teto.

— Você é uma safada e não tem a menor ideia do que tá falando. — Eu ri. — Estou falando sério, Bree. Não me envolve nos teus planos pra enganar esse homem. Eu quero viver pra comemorar os trinta anos, viu?

— Não se preocupa tanto! — Impliquei com ele quando caminhamos até o carro. — Está te deixando com rugas.

Ben franziu a testa e, logo depois, eu o peguei alisando as linhas de expressão no espelho retrovisor. Ben era hilário na maior parte do tempo, e me fazia bem dar umas risadas.

Annabelle estava no apartamento quando Ben me deixou na porta. Ele tinha que correr para outro compromisso, mas a gente combinou de jantar no fim de semana. Eu tinha um favor para pedir a ele. Já tinha até discutido a ideia com o Ethan, mas queria que estivéssemos juntos na hora de falar com ele. Nada de correr com as coisas boas, e essa era realmente importante para mim.

Annabelle interrompeu meus pensamentos com seu cumprimento usual.

— Olá, senhora.

— Oi, Annabelle. Tem algum recado pra mim?

Perguntei cuidadosamente, torcendo de verdade para que Ethan não estivesse enlouquecido procurando por mim, deixando todo mundo incomodado.

— Não, senhora. O dia está bem tranquilo. O correio chegou pra senhora, e alguns pacotes também.

— Ah, que bom. Espero que sejam as amostras das lembranças do casamento. — Queria que ela me chamasse de Brynne, mas Annabelle era bem antiquada e qualquer coisa mais íntima que “senhora” estava fora de questão. Mesmo assim, eu gostava muito dela. Annabelle vinha duas vezes na semana, às segundas e às quintas, principalmente para faxinar e cuidar da roupa. Ela também cozinhava para a gente, mas só nesses dias. Antigamente, ela fazia mais pratos e congelava tudo para Ethan aquecer quando chegasse em casa, mas eu parei com esse hábito quando vim morar aqui.

Ethan tinha a mim para tomar conta dele agora nos outros dias da semana, e cozinhar é algo de que gosto muito.

Isso tinha causado um pouco de estresse com Annabelle, no começo, mais porque ela vinha trabalhando com ele já há cinco anos e gostava das coisas bem-organizadas e planejadas. Desde que cheguei, no entanto, fomos ficando mais confortáveis uma com a outra e demos um jeito de arrumar as rotinas. Combinamos que ela só ia cozinhar nas segundas e quintas, dias que ela trabalhava, e me planejei levando em conta os horários dela.

— Botei tudo na mesa do escritório pra senhora, como sempre.

— Obrigada, Annabelle, vou abrir mais tarde. — Espiei a cozinha e fiquei surpresa em não ver nada sendo preparado para o jantar. Annabelle sempre tinha alguma comida gostosa no fogão ou no forno nos dias em que vinha.

— A dona Frances ligou e disse que o seu Ethan vai levar a senhora pra jantar hoje. — Aparentemente, Annabelle também conseguia ler pensamentos.

— Ah, é? — Levantei uma sobancelha. — Adoro como ele manda a Frances simplesmente avisar.

— Sim, senhora. — Annabelle sorriu para mim.

— Bom, então é melhor eu ir tomar um banho e começar a me arrumar — falei, conferindo o relógio.

— Ah, quase esqueci de avisar, mas é que o técnico vem às quatro horas pra cuidar do aquário. Seu Ethan marcou isso já tem algumas semanas, pra poder cair num dia meu. Eles ligaram pra confirmar, mas eu tenho um compromisso essa tarde e vou ter que sair mais cedo. — ela mal fez uma pausa para respirar — Mas a senhora não precisa se preocupar. O Len vai recebê-lo e levá-lo até o escritório do seu Ethan quando ele chegar.

— Obrigada, Annabelle. Tenho certeza que o Simba vai adorar.

Ela riu do meu comentário e balançou a cabeça.

— Esse peixe é uma coisa, não é?

O chuveiro estava ótimo, e fiquei contente que o Ethan tivesse feito planos para a noite. Sinal de que ele estava tentando compensar o clima de ontem e talvez estivesse começando a querer se abrir sobre o passado. Já era hora de eu saber. E, honestamente, me fazia tomar conta dele, pelo menos uma vez. Todo nosso relacionamento tinha se construído com o Ethan cuidando de mim, me protegendo e, mais recentemente, com a bomba da gravidez, querendo se casar comigo. Queria ser eu a tocar esse barco de vez em quando, mas, para fazer isso, era preciso que ele deixasse. Estava feliz porque isso finalmente parecia começar a acontecer. Hoje à noite, teria a oportunidade de ser forte para ele.

Enquanto estava secando o cabelo, me dei conta de que tinha esquecido de ligar o telefone quando cheguei em casa. Aposto que Ethan reclamaria disso. *Merda*. Odiava levar bronca dele, mas pensei logo que, se ele estivesse realmente preocupado comigo, poderia ligar para o Len e falar com ele.

Len confirmaria onde eu estava. Só esperava que ele não mencionasse também que o Ben tinha vindo me pegar aqui e me deixar de volta depois. Queria que as fotos fossem surpresa total. Eram meu presente de casamento para o Ethan.

Me apressei em terminar para poder descer, achar meu telefone e checar as mensagens, torcendo para que o Ethan tivesse ficado ocupado demais o dia todo para notar minha ausência. Pouca chance de isso acontecer, porque ele reparava em tudo. Peguei a bolsa na bancada da cozinha e pesquei meu celular lá de dentro. Quando tentei ligá-lo, no entanto, vi que a bateria tinha acabado. Era preciso recarregá-lo para ouvir as mensagens.

Todos os carregadores ficavam no escritório do Ethan. Me dirigi até lá pelo corredor, mas lembrei da visita do técnico do aquário. Ele provavelmente já estava lá trabalhando. Conferi o relógio no micro-ondas; 16h38. É, já tinha chegado. Decidi entrar lá de qualquer forma. Precisava do telefone.

Bati na porta antes de entrar.

— Desculpa interromper, mas preciso pegar meu carregador do celular.

O cara estava debruçado sobre o aquário, com as mãos ocupadas por tubos e baldes. Ele assentiu com a cabeça e seguiu trabalhando. Ele não parecia se importar com a minha presença, então botei o celular na tomada e comecei a olhar a correspondência.

Estava abrindo a primeira mensagem quando senti braços ao meu redor, me segurando por trás.

— Mas o que... — Ele pôs uma das mãos na minha boca e me impediu de falar.

— Brynne... Esperei tanto por esse momento. Tanto... — Murmurou, numa voz que me soava familiar, mas que não consegui reconhecer.

Minha cabeça estava a toda. Quem quer que fosse essa pessoa, tinha vindo para me matar. Meu tempo tinha se esgotado. Eu ia morrer essa noite e Ethan ia encontrar meu corpo. A gente não teria uma vida juntos. Nosso bebê não nasceria em fevereiro, porque me matar ia matar o bebê também. Não haveria casamento em Hallborough, e eu nunca daria ao Ethan as minhas fotos de presente...

Teria implorado pela minha vida, se pudesse. Mas não havia ar para falar, chorar e nem mesmo respirar.

Saber que ia morrer não era a pior parte. O pior nisto tudo era saber que nunca mais veria o Ethan, ou o tocaria, ou diria a ele o quanto o amo. Meu último momento com ele teria sido a noite passada, quando ele me mandou entrar para poder ficar sozinho.

Ai, meu Deus, isso destruiria o meu Ethan. Ele nunca se perdoaria.

Meu captor me manteve presa junto ao seu corpo e eu senti a boca dele bem perto da minha orelha. Lutei, mas minhas forças estavam se acabando. Ele agarrou minha nuca e apertou-a, mantendo meu nariz e minha boca cobertos, meus pulmões gritando por mais ar. Senti uma névoa me rodear e minha visão começou a ficar turva. Eu estava indo. Estava finalmente acontecendo. Tudo que o Ethan tinha tentado evitar ia acontecer de qualquer jeito... E eu não podia fazer nada para impedir.

Ah, Ethan... Sinto muito. Te amo tanto e sinto muito, muito.

# Capítulo 22

O lhei o relógio, desejando poder sair do campo de críquete naquele instante, mas sabia que ainda levaria pelo menos mais uma hora ali. Ivan tinha acabado de anunciar o arco-e-flecha e a equipe de mídia tinha encerrado a transmissão, mas a arquibancada ainda estava sendo esvaziada e isso levaria algum tempo. Eu estava dando ao meu primo um tratamento pessoal, o mesmo que dava aos membros da família real, e por enquanto estava tudo bem. As eliminatórias individuais masculinas não nos deram nenhuma surpresa e eu não podia imaginar nada que quisesse mais do que chegar em casa, encontrar minha garota e ficar de bem com ela. Eu ia ter que calçar as sandálias da humildade hoje à noite, mas estava em paz com isso.

Ivan estava vindo até mim quando meu celular tocou. Torci para que fosse a Brynne. Ela não tinha respondido à mensagem que mandei mais cedo. Sorri quando vi o nome dela... Mas li o que ela escreveu na mensagem.

E aí meu mundo caiu.

**Ethan, não posso continuar com vc. vc estragou td na noite passada, não Acha? não te amo mais... nem vou ter esse bebê. Meu Antigo estilo de vida, é isso que eu quero agora. vou voltar pra casa e quero ficar sozinha. não vem atrás de mim e não liga pro meu Celular! vai se tratar, ethan, você precisa desesperadamente disso. brynne.**

Não lembro como saí dali. Sei que o Ivan estava comigo, então ele deve ter me ajudado. Meu pai apareceu depois também. Queria voltar para casa, porque o GPS me indicava que a Brynne estava lá. O último sinal do celular dela tinha sido registrado no apartamento. No nosso apartamento.

Mas ela não estava no apartamento.

Quando encontrei o anel de noivado e o celular jogados no fundo do aquário do Simba, quis me enrolar na cama e morrer. Era uma mensagem alta e clara. Brutal, dolorosa e cruel, mas perfeitamente compreensível para mim.

Nosso primeiro encontro tinha sido na loja de aquários, mesmo que nós dois não soubéssemos disso na época. Brynne tinha visto o Simba antes de me ver. Começamos com o Simba. E terminaríamos com o Simba também. Que conveniente.

A situação não fazia sentido nenhum, no entanto. Meu lado emocional queria desistir, mas o lado pragmático ainda lutava para encontrar alguma razão nisso que era uma merda gigantesca.

A noite passada tinha sido ruim, com certeza, mas suficiente para terminar? Dificilmente. Brynne não era cruel. Pelo contrário, ela tinha o coração mais mole do que o da maioria das pessoas. E era muito honesta. Se quisesse terminar, teria me dito pessoalmente, nunca de um jeito tão impessoal quanto uma mensagem de texto. O sms não era o estilo dela, nem um pouco. Ela também tinha me dito que nunca me mandaria outro "Waterloo". É verdade que ela não tinha usado essa palavra na mensagem, mas ela tinha prometido que nunca sumiria desse jeito de novo.

Len sequer sabia que a Brynne tinha saído do apartamento. Ele disse que deixou o cara da Fountaine's Aquarium entrar no meu



escritório para cuidar do peixe, pontualmente às quatro da tarde, como previsto. Mais ou menos às quatro e meia, ele recebeu uma mensagem da Brynne, pedindo para ele descer até a Hot Java e comprar para ela o chá Masala Chai que ela gostava de tomar desde que engravidou. Len foi até a cafeteria, mas quando estava na fila ela ligou e disse para ele não se preocupar mais com o chá, já que eu estava a caminho de casa e já vinha trazendo alguma coisa para ela. Len disse que, quando chegou no apartamento, o cara da loja parecia ter terminado o serviço e ido embora. Ele ouviu a água correndo no banheiro e concluiu que a Brynne estava tomando banho.

Consegui achar Annabelle, e ela também me descreveu uma Brynne perfeitamente normal, animada para ver as amostras de lembranças de casamento que tinham chegado. Encontrei o véu dela cuidadosamente dobrado numa bolsa. Isso não fazia nenhum sentido para mim. Por que ela estaria ansiosa para ver brindes de casamento se pretendia me deixar? Por que estava andando com o véu?

Até encontrei o vestido lilás dela esticado na cama, como se ela o tivesse separado para usar no jantar. Por que ela escolheria um vestido para sair comigo, se estava pretendendo me deixar?

A parte de que ela não ia mais ter o meu bebê estava toda errada, também. Brynne queria tê-lo. Ela não se livraria do nosso filho. Ela já amava nosso bebê como uma mãe. Sentia isso no meu coração, não importava o que estivesse escrito na mensagem que ela mandou.

Outra coisa que me deixou desconfiado foi que a câmera de segurança no nosso andar se apagou durante o tempo em que o Len desceu para comprar o chá. Durante o mesmo intervalo em a Brynne saiu do apartamento, assim como o pessoal do aquário. Esse tipo de coincidência simplesmente não acontece na vida real. Acontecem somente na televisão.

Liguei para a Fountaine's e perguntei quem eles tinham mandado para fazer a manutenção do aquário do Simba. A resposta deles fez o sangue nas minhas veias congelar e parar no meio do caminho para o meu coração.

— O senhor Balckstone ligou essa manhã para remarcar o serviço, senhor.

Foi aí que soube que a pessoa que me mandou as fotos da Brynne e de mim em frente à Fontaine's tinha estado na loja. Ele tinha seguido a gente pela cidade toda e ficou lá, parado na loja, escutando quando eu marquei a visita do técnico. Eu tinha dado a eles a hora e o lugar para poderem levar minha garota da nossa própria casa, em plena luz do dia, debaixo da porra do meu nariz.

*Maldito filho da puta que eu sou.*

\* \* \*

Um sino tocou. Uma badalada profunda e sonora de uma torre de sino estava fazendo sua aparição programada, em algum lugar de Londres. Conteí sete badaladas antes de abrir os olhos e despertar em um quarto estranho, rezando para que fosse um pesadelo.

Não era.

Minha cabeça estava confusa, não de um, mas de dois desmaios. O primeiro não tinha sido completo — só o suficiente para o captor conseguir minha atenção e me dizer o que tinha que fazer.

Ele tinha me obrigado a fazer coisas terríveis e cruéis com pessoas com as quais me importava — com pessoas que eu amava. Mas tinha feito tudo com a esperança de que pudesse poupar suas vidas. Meu captor não era um estranho para mim. Eu já o conhecia há muitos anos e em todos os sentidos da palavra. Ele tampouco era estranho ao crime. Ele tinha assassinado pessoas para chegar até mim. Eu não tinha nenhuma razão para acreditar que ele não me mataria também. Eu não tinha mais nada a perder.

— A minha bela acordou. — Ele sussurrou ao meu lado, suas mãos passeado pelo meu corpo com interesse, sua respiração no meu pescoço.

— Não, por favor, não faz isso, Karl. Por favor... — Implorei, tentando afastá-lo com as minhas mãos.

— Mas por que não? A gente já transou tantas vezes no passado. Você gostava muito naquela época. Eu sei que você

gostava. — Ele sussurrou. — E eu era só um garoto. Agora eu sei o que estou fazendo.

Deslizou a mão por dentro do meu top, sobre um seio, e apertou-o. Ele deslizou a boca pelo meu pescoço e tentou me beijar, mas eu apertei os lábios e virei a cabeça. Ele segurou meu queixo com força e puxou, me virando de volta para ele.

— Não vai achando que pode se fazer de difícil comigo, Brynne. — Falou, num tom cruel, antes de colar a boca na minha, sua língua forçando o caminho e tentando me invadir.

— Karl, eu estou grávida, não, por favor, para, por favor! — Implorei, entre um esforço e outro para respirar.

— Argh... Pensar no sêmen daquele filho da puta crescendo dentro de você não é nada agradável, especialmente quando eu estou tentando te foder. Você sabe bem como travar um pau, né? Mas tudo bem, que seja do seu jeito. Eu posso esperar.

Karl saiu de cima de mim e se encostou à parede, seus olhos explorando meu corpo com voracidade. Ele passou a mão pela virilha e sorriu para mim com escárnio.

— Você... Você vai me matar? — Tentei não pensar nos motivos dele e no que aconteceria se ele conseguisse.

Lutei para manter a calma e não fugir. Precisava que o Karl confiasse um pouco mais em mim, para tentar fazer o que queria. Não fugir era o primeiro passo.

— Não sei ainda. Talvez mate, talvez não mate. — Ele abriu um sorriso diabólico. — Se você decidir que vai querer dar pra mim, me avisa. Isso pode contar a teu favor, gata.

Tentei ignorar o comentário.

— Foi o senador Oakley que te contratou pra me matar? — Meu coração batia tão forte que doía debaixo das costelas.

Ele recostou a cabeça na parede e riu.

— O senador é um fantoche idiota que não seria capaz de fugir do teatrinho de marionetes. Hum... Não, minha querida, o senador Oakley não me contratou.

— Então por quê? Por que fazer isso? Você sempre foi tão legal comigo.

— Você vai se foder, sua piranhazinha. Em sete anos você nem ouviu falar de mim. Não sou o garoto legal que você lembra do colégio. — reagiu, parecendo meio louco. Ou completamente louco. Ele soava presunçoso, sorrindo enquanto falava, seu comportamento variando entre a loucura e a alegria, em questão de segundos.

— Então me conta o que te fez mudar, Karl. Como você não é mais o cara bacana de quem eu lembro? — Perguntei e fiquei quieta. Analisei o ambiente o melhor que pude, e tentei não pensar no Ethan, nem no que ele estaria fazendo naquele momento. Será que ele tinha compreendido minha mensagem? Ou será que ele ainda estava só sofrendo com a dor das palavras, acreditando que eu não o amava mais?

Como se isso pudesse acontecer!

Se Ethan tivesse decodificado minha mensagem, será que eu teria oportunidade de usar a única pista que pude pensar em dar ele? Karl começou a falar; divagar, na verdade. Começou a tagarelar sobre como ele tinha matado Eric Montrose e feito parecer uma briga de bar. Eu mal escutei. Queria encontrar um jeito de chegar até o celular dele e, a partir daí, saberia o que fazer. Eu só precisaria de um instante. Um momento. Eu conseguiria fazer tudo em um segundo, se a oportunidade aparecesse.

— Ninguém mais precisava morrer depois do Montrose, sabia? — Perguntou.

— O que você quer dizer? — Indaguei.

— É sua culpa que mais gente teve que morrer. Não sou fã dessa parte de matar as pessoas, Brynne. É muito desagradável para mim. — Ele franziu o rosto e olhou de novo para o meu corpo, sem dúvida imaginando um jeito de passar o tempo sozinho nesse quarto onde ele tinha me trancado.

— Não, Karl... Você não é igual a eles. Você não teria feito comigo o que aqueles garotos fizeram, na festa.

Ele apertou os olhos e concordou.

— Você está certa. Eles foram uns porcos em fazer isso com você. Estuprar uma garota desmaiada não é meu estilo. — Ele saiu da cama, foi até a janela e olhou para o céu que escurecia. — Com o tempo, você vai acabar vindo me implorar.

*Humm... Não, não vou, seu filho da puta maníaco.*

— O que você quis dizer, que ninguém mais tinha que morrer depois do Montrose?

Ele se virou e olhou para mim como se eu fosse uma idiota.

— Eu estava aqui em Londres. Tinha tudo planejado. A gente se encontraria de novo e recomeçaria tudo exatamente de onde tinha parado, tantos anos atrás. A gente faria um pacto para pegar o Oakley com essa história do vídeo que o merdinha do filho dele fez.

— Ele explicou, como se falasse com uma criança pequena. — Então venderíamos isso pra equipe do Oakley. Se ele não estivesse interessado, a gente ia pros concorrentes dele. Depois ia embora viver uma vida feliz em algum lugar tranquilo.

— E o que te fez mudar de ideia? — Perguntei com a voz baixa.

— O escroto do seu namorado apareceu. De todos os caras que você podia ter ficado, você tinha que escolher um cara metido em segurança, com conexões com a porra da família real e a inteligência militar britânica! Valeu, Brynne. Boa sacada!

— Mas não fui eu que o encontrei, ele que me achou. Meu pai contratou ele pra me proteger do... — No instante em que as palavras saíram da minha boca, a neblina começou a se dissipar e a verdade sobre a morte do meu pai se revelou para mim.

— Eu sei — disse Karl, simplesmente, seus olhos mostrando quão profunda era sua loucura.

— Você matou meu pai, não matou? — Me agarrei com força a qualquer fiapo de pensamento racional.

Mas não aguentei.

\* \* \*

— Onde é que ela está? Onde que ela tá, porra? — Gritei, para ninguém em especial.

Ivan, Neil, Len e o meu pai estavam de pé ao meu redor, esperando receber orientações. Não sabia por onde começar, no entanto. Precisei de toda força que eu tinha para não desabar e me transformar numa massa amorfa, trêmula de medo e desespero.

— Filho, olha aqui. Acho que a Brynne te mandou uma mensagem escondida nesse SMS. — Meu pai estava segurando meu celular e analisando-o.

— O quê? Me fala! — Arranquei o telefone das mãos dele e li a mensagem de novo.

— As maiúsculas. — Ele falou por cima do meu ombro. — Ela só botou em algumas palavras.

As palavras “Ethan, Acha, Meu, Antigo, Celular” eram as únicas com letras maiúsculas. Meu pai estava certo. Não podia acreditar. Minha garota tinha conseguido mandar uma mensagem em código para mim, sob o estresse de um sequestro. Fechei os olhos e rezei por mais um milagre.

— E outras palavras que deveriam estar com maiúsculas não estão, como o seu nome...

— Tá bom, pai, eu já entendi. — Interrompi-o e corri para a gaveta da escrivaninha, revirando tudo lá dentro até achar o antigo celular dela. Enfiei na tomada do carregador e liguei-o.

A espera enquanto ele recarregava a bateria foi uma tortura. Não tinha nada de novo nele. Minha excitação desmoronou, mas agora, ao menos, havia alguma esperança. Pequenas possibilidades para eu me agarrar. Uma camada que eu podia começar a cavar, revelando as cartas escondidas por baixo. Eu conseguia lidar com esse tipo de possibilidade.

Uma mensagem significava esperança. Uma mensagem significava que ela estava viva. E, se eu tivesse que apostar na Brynne, tinha confiança de que ela lutaria até o último suspiro para ganhar. Minha garota era assim, e atualmente não havia ninguém em quem eu acreditasse mais do que nela.

— Ela me mandou uma mensagem em código — repeti, para ninguém em particular, ainda maravilhado com o pensamento ágil dela, mesmo durante uma situação terrível.

Aumentei o volume do aparelho e mantive o precioso celular conectado na minha mesa do escritório. Sentei e fiquei observando a luz de sinal piscar normalmente. Tinha que fazer isso. Minha garota ia ligar para ele e me dizer onde estava, então eu poderia ir buscá-la e trazê-la de volta. Vamos lá, meu amor...

O que parecia uma eternidade de tempo passou dolorosamente devagar. Mais tarde, percebi que não tive vontade de fumar sequer uma vez enquanto esperava pela mensagem que a minha garota ia mandar de onde quer que estivesse. Não pensei em fumar, nem imaginei o sabor, nem mesmo senti uma ponta de dor pela privação de nicotina. Nada. Eu nunca mais tocaria num cigarro na vida, se fazer isso ajudasse a Brynne a voltar em segurança para mim. Não era uma boa promessa, eu sei. Patética, na verdade. Mas era tudo que tinha para negociar. Rezei para o meu anjo por mais um milagre, e torci para que ela me escutasse pela segunda vez na vida. *Mãe, preciso da tua ajuda de novo...*

E aí uma imagem chegou pelo telefone, junto com o bip mais maravilhoso que já tinha ouvido. Abri a mensagem e olhei, meus olhos tentando absorver o que ela tinha enviado.

Brynne estava fazendo sua aposta num jogo de mata-mata, com uma jogada que poderia dar certo ou não. Eu a amava tanto por isso que achei que meu coração fosse explodir. Minha garota jogava as cartas com os instintos de um ás experiente. *Claro que sim, ela é a minha garota.*

— Pai? — Estendi o telefone para ele, com a mão trêmula. — Onde fica essa torre com esse sino? Você deve saber onde é. Me leva pra lá agora. A Brynne vê essa torre de onde ela bateu a foto.

# Capítulo 23

**M**eu primeiro instinto foi arrancar a luminária da parede e surrar a cabeça do Karl com ela. Não sei como não o fiz. Queria machucá-lo, fazê-lo sofrer em agonia por bastante tempo antes de morrer. A maldade que minha mente imaginou para ele não era algo que alguém pudesse saber. Eu teria que manter isso enterrado dentro de mim para sempre. Sem problemas até aí.

Demorou algum tempo, mas consegui o que queria, eventualmente. Karl se entediou na nossa pequena prisão e começou a mandar mensagens para alguém, ou jogar um jogo, não sei. Mas foi assim que soube que ele tinha um telefone e onde estava. Eu só teria que tirá-lo dele em algum momento e usá-lo para chamar o único número do qual lembrava de cabeça, o número que tive desde que me mudei para Londres, há quatro anos. Não sabia nenhum outro número de cor, a não ser este.

Pensei em como poderia pegar o iPhone do Karl. Com o tempo, me dei conta de que o único jeito era mergulhar fundo na minha psique, de cabeça, como o Ethan diria. Apostar tudo. Cuidadosamente medir os riscos — ou as consequências. Tentar vencer, mas estar pronta para perder tudo. A raiva seria o veículo que me levaria até lá.



— Você matou meu pai, seu filho da puta — falei, com a voz baixa.

Ele levantou os olhos do celular e me encarou.

— Ele mereceu. Mesmo antigamente eu já não gostava dele por não me deixar te ver, depois do que aconteceu. Ele te manteve afastada dos amigos e de mim. Queria te ajudar e ficar do teu lado. Mas o babaca do teu pai me vetava toda vez que eu tentava falar com você.

— Ele estava me protegendo pra não sofrer mais ainda. Ele estava sendo um pai, seu imbecil! — Deixei minha emoção aflorar. — Ele me amava!

— Bom, ele estava no meu caminho. Maáa-lo só fez meu plano funcionar melhor. Oakley estava com o cu na mão no funeral. Você viu como ele suava?

— Não! — respondi. — Eu estava enterrando o meu pai, seu merda desalmado.

Karl sorriu debochado para mim e eu tive vontade de arrancar os olhos dele com uma colher.

— Nada parecido com o seu pai, quando eu matei ele. Esse era um filho da mãe frio, mesmo quando se deu conta do que estava acontecendo. — Ele olhou para mim desdenhosamente. — Ele falou o teu nome bem no último...

Não pude conter o soluço, o grito de agonia que se derramou do meu coração quando ouvi essas palavras ditas de um jeito tão indiferente. Era demais para mim. Meu pai tinha morrido sabendo o que Karl queria fazer comigo.

— Não fica tão chateada, Brynne. Eu falei pra ele que ia tomar conta de você — falou com a voz afetada, e virou de costas para mim.

*Obrigada, seu monstro escroto!*

Dizem que sob a influência de uma descarga de adrenalina, os humanos são capazes de atos de extrema força. Mães levantam carros para soltar crianças e coisas assim. Não sabia se o efeito se aplicaria a mim, mas não me importei. Era hora de atacá-lo com a luminária — minha melhor opção, das que havia ao meu alcance.

Uma sólida base de pedra faria o trabalho, se não se espatifasse com a força que eu usaria para bater nele.

*Bem agora, porra!*

Levantei o maldito negócio e bati com ele na parte de trás da cabeça do Karl, com toda a minha força.

Eu tinha treinado arremesso de disco no colégio e isso vinha bem a calhar agora. Contato, combinado com precisão e força. Karl foi abaixo como uma pedra afunda num lago. Talvez as histórias sobre as mães que levantam carros se aplicassem a mim também. Eu era uma mãe, e o Karl recebeu uma bela demonstração desse fato tão importante.

Peguei o telefone dele no chão e fiz a primeira coisa que consegui pensar. Levantei-o na direção da janela e tirei uma foto do horizonte. Em seguida, enviei a imagem para o meu celular antigo. Esperava ter conseguido matar o Karl, porque isso era precisamente o que ele merecia, mas não tinha certeza e não queria esperar para conferir. Eu ia me mandar dali.

A porta foi difícil de abrir e me tomou um tempo precioso. Ele tinha amarrado uma corrente ali e as minhas mãos tremiam tanto que eu demorei para desfazer os nós. Sabia que devíamos estar uns três ou quatro andares acima da rua e que tinha que descer para ficar em segurança, mas, quando saí do apartamento, me vi num corredor. O lugar era uma bagunça arquitetônica. Zero planejamento. Olhei ao redor, procurando o melhor caminho para sair. O mais rápido. Os cantos e as escadas me lembravam o Mission Inn, em Riverside, que eu tinha visitado com meus pais quando era criança. Você podia ir por caminhos diferentes, dar voltas loucas, subir e descer escadas, que acabava voltando para o lugar de onde tinha saído. Onde ficam os elevadores desse lugar?

Pensei de novo no Ethan e me perguntei se ele teria entendido a mensagem no SMS e em como ele viria me encontrar. Em seguida, pensei no que falamos sobre GPS no celular e me veio num estalo. *Facebook!* Com o Facebook, você pode dar check-in nos lugares e publicar sua localização no status. Mexi no celular do Karl e achei o aplicativo do Facebook. Entrei com a minha conta e cliquei em Locais. Deixei o aplicativo trabalhar e, em seguida, marquei a

primeira opção que apareceu numa lista de possibilidades. Quase ri quando vi o que apareceu. Número 22-23 da Lansdowne Crescent — Hotel Samarkand. Digitei no meu status: “Estou aqui, Ethan, vem me buscar”. Marquei Karl Westman no “com quem você está” e publiquei, seguindo com a minha busca desesperada pelos elevadores, louca para ganhar alguma distância desse lugar.

Depois de um tempo que pareceu durar para sempre, achei os elevadores e esmurrei o botão para descer, olhando ao redor, prestando atenção em qualquer sinal que pudesse ser o Karl se aproximando, ou qualquer um, aliás. Por que esse lugar estava tão morto? Onde estava todo mundo? As portas se abriram e eu entrei. Apertei T de térreo e não respirei até que as portas se fechassem e o elevador começasse a descer.

A liberdade estava ao meu alcance. Eu já estava quase do lado de fora. Ethan veria minhas mensagens no celular antigo e no Facebook e saberia onde vir me buscar. Eu ia ligar para ele assim que achasse um lugar seguro, como um restaurante ou uma loja.

As portas se abriram suavemente e eu descii num pátio mal-iluminado, provavelmente uma entrada de serviço. Era, com certeza, a parte de trás do hotel e não a frente, como eu esperava. Saí por ali do mesmo jeito, e foi quando ouvi o Ethan chamar meu nome:

— Brynne!

Foi o som mais doce que jamais entrou pelos meus ouvidos.

Segui na direção do som, me focando somente nele. Podia ouvir a urgência naquele chamado, e senti tanto alívio. Ethan tinha me achado; eu estava viva e tudo ia ficar bem.

— Ethan!

Fui correndo ao encontro dele, do meu amor, meu coração, quando senti braços me segurarem por trás, com força, me agarrando como numa teia de aranha.

— Nããã! — Gritei, desesperada.

— Você não achou que ia se livrar de mim, não é, Brynne? — Senti o hálito nojento do Karl soprando na minha orelha.

Era óbvio que a minha tentativa de matá-lo tinha falhado, porque ele segurava uma lâmina afiada contra o meu pescoço, tão fria que me dava choques, e me impedia de lutar com ele. A

decepção era como uma pílula amarga de se engolir, mas pior ainda era a visão devastadora do rosto do Ethan à meia-luz. Ele estava a menos de dez metros de mim. Tão perto, mas não perto o suficiente.

A chegada heroica do Ethan tinha se transformado numa parada brusca, com os braços ao alto, a cabeça balançando para frente e para trás num pedido silencioso para o Karl não me cortar.

Isso... Seria a desgraça do Ethan. O medo que ele tinha da lâmina o levaria a todo tipo de negociação para me libertar. Eu sabia. Ethan sacrificaria a si mesmo para evitar que eu tivesse minha garganta cortada. Karl não poderia ter escolhido uma maneira melhor de apertar o gatilho do maior medo do Ethan.

\* \* \*

Os eventos e as sequências aconteceram em harmonia quase perfeita, mas nem perto do suficiente para atender às minhas necessidades no momento. Isso só aconteceria quando eu estivesse com ela segura nas minhas mãos de novo.

Como imaginei, meu pai sabia exatamente onde ficava a torre com o sino, no instante em que mostrei para ele a foto que a Brynne mandou. Ninguém conhecia a cidade de Londres melhor do que ele. A torre pertencia à igreja da paróquia de St. John, em Notting Hill. Meu pai disse que ela devia ter tirado a foto da Lansdowne Crescent.

Elaina ligou para o Neil no carro, enquanto a gente corria pelas ruas, e confirmou a localização da Brynne em Notting Hill e quem a tinha levado. Karl Westman? Isso eu não imaginava. Precisei lutar contra o pânico que crescia dentro de mim. A única coisa que me ajudava a funcionar neste momento era saber que o Westman já tinha gostado da Brynne. Se ele quisesse tê-la para si, então havia uma boa chance de que ele quisesse mantê-la viva. Ao menos era o que eu estava pedindo e rezando, com tudo que tinha.

Elaina também me encaminhou a mensagem que a Brynne botou no Facebook. Tive que arrumar forças para manter a compostura. *Já estou indo te buscar, meu amor.* Novamente, a perspicácia da Brynne em solucionar os problemas me deixava

maravilhado. Isso sim é manter a graça sob pressão. Ela tinha vocação, e devia estar trabalhando para o serviço secreto, em vez de restaurar pinturas.

Eu cheguei a vê-la saindo do prédio, quando chegamos derrapando com o carro. Ela correu na minha direção e gritou o meu nome. Minha garota estava viva e correndo para os meus braços. Estava prestes a tê-la de volta onde eu poderia tocá-la, beijá-la e dizer que ela é tudo para mim.

Mas esse filho da puta entrou no meio do caminho e meteu as mãos nela de novo. Ele a segurou e botou uma lâmina atravessada no lindo, inocente pescoço dela. Não havia horror pior para mim do que ver minha garota com uma faca apontada para a garganta. Com sua vida ameaçada.

Esse Karl Westman era um homem morto. Minha missão na vida seria garantir que isso se tornasse realidade. Mesmo que para isso eu precisasse morrer junto com ele. Desde que a Brynne fosse poupada, eu podia viver com a minha decisão. Ou morrer com ela.

— Você sabe que não pode feri-la, Westman. O que você quiser, você pode ter. Dinheiro? Sair da Inglaterra? As duas coisas? Posso fazer isso pra você, mas você tem que deixar a Brynne ir. — *Que pena que eu estou mentindo e planejando a sua morte, seu filho da puta.*

— Não tenho que fazer nada do que você diz, Blackstone! — Gritou.

— Se você machucá-la, o mundo não vai ser grande o bastante pra você se esconder. Ela já está fora do teu alcance, Westman. Se ela morrer, você vai encontrar com ela em segundos. Não pense que minhas ameaças não são pra valer. Olha ao teu redor. Eles estão por toda parte. Você está na mira deles...

Westman se apavorou, exatamente como imaginei que fosse acontecer, e começou a esticar o pescoço freneticamente para os lados, virando a cabeça para ver onde estavam os atiradores a postos para abatê-lo. Era a abertura que eu precisava, uma distração longa o suficiente para mudar o equilíbrio de poder.

Minha oportunidade apareceu e hesitar estava fora de questão. Quando me aproximei para derrubá-lo, meus olhos estavam fixos na

Bryenne. Se fosse esse o meu fim, queria que minha última visão fosse ela.

Ouvi o som do ar rasgando ao lado da minha cabeça. Um estouro de luz irradiou no meu campo de visão periférica, à esquerda. Tinha uma ideia do que o movimento do ar se tratava. Mas não queria imaginar o que seria aquela luz. Ou de quem estava vindo.

Ouvi o baque metálico da faca caindo no chão de pedra do pátio. O som de um impacto de corpos. Um grunhido involuntário. Um grito. E, em seguida, nós três, no chão, numa confusão de corpos. Eu tinha só uma meta: alcançar a minha garota. Não demorou mais de um instante para conseguir fazê-lo. Rolei com ela para o lado e olhei para o alto e ao nosso redor. Não consegui ver nenhum atirador nos telhados ou nas calçadas, mas se eles eram profissionais mesmo, então não era para eu ver.

Westman estava estendido no chão de pedras, deitado sobre uma poça escura do sangue que escorria de sua cabeça. Torci para que a bala que ele tinha levado no crânio tivesse doído bastante, mas ele provavelmente nem tinha visto o que o atingiu. *Pena que não podia agradecer a quem atirou nele.*

— Você está bem, meu amor?

— Sim!

Era o bastante. Levei a Bryenne comigo para fora do pátio. Corri com ela, sem pensar em como era possível não ter sido atingido ou como meu corpo ainda funcionava. Estava praticamente certo de que tinha acabado de desviar de uma bala e da flecha lançada do arco do Ivan. Mas de onde tinha partido a bala? Será que o serviço secreto tinha abatido o Westman em alguma missão secreta? Agora não era hora de especular — isso viria depois. Meus rapazes descobririam tudo que houvesse para saber. Eu estava com uma carga preciosa nos braços e ela era tudo com que me importava.

Fomos correndo até o carro, botei a Bryenne no banco de trás e entrei depois dela. Meu pai estava lá, no volante, esperando pela gente, graças a Deus. *Não, obrigado, Mãe.* Disse a ele que nos levasse para casa.

Olhei bem para ela no banco de trás. Chequei o pescoço, segurando seu rosto entre as minhas mãos, e não vi sangue algum.

— Você está bem... Você está bem mesmo, não está? — Balbuciei como um idiota, sem fazer sentido, provavelmente. Queria olhar para ela para sempre, sem nunca desviar meu foco dos olhos dela, porque os olhos dela me diziam que ela estava viva. Brynne estava viva!

Ela assentiu, minhas mãos ainda segurando o rosto dela pelas bochechas, e me encarou com os olhos molhados por belas lágrimas transparentes.

— Vo-você me achou — gaguejou. — Eu estou bem, Ethan.

— Eu disse que sempre ia te encontrar... E essa noite foi você que tornou isso possível. — Murmurei, com os lábios colados nos dela. — *Você* conseguiu.

Agradei ao meu anjo no céu primeiro e, em seguida, apertei a Brynne contra mim e segurei-a contra meu peito. O coração dela e o meu estavam batendo juntos, no banco de trás do meu Rover, no mesmo lugar onde começamos, na noite em que nos conhecemos, no início de maio, quando eu a convenci a aceitar minha carona. E que viagem vinham sendo esses últimos meses! Cheia de percalços, reviravoltas e curvas inesperadas, mas, no fim, valia a pena por causa desse momento e de para onde estávamos indo agora — direto para um futuro juntos.

Fiquei abraçado com ela durante todo o percurso até em casa. Meu maior amor, e aquela que eu tinha mais medo de perder, estava segura nos meus braços e eu não a deixaria sair dali.

Não falei muito no caminho. Quando meu pai entrou no estacionamento do prédio, agradei a ele pela ajuda e disse que ligaria mais tarde. Carreguei a Brynne no colo pela entrada da garagem.

— Posso andar — ela falou, com o rosto no meu peito.

— Eu sei. — Dei um beijo no alto da cabeça dela e expliquei: — Preciso te segurar agora.

— Eu sei disso — sussurrou e esfregou o rosto em mim, fechando os olhos e respirando fundo. Ela estava me inspirando. Compreendi essa necessidade dela também.

A parte de segurá-la, carregá-la, era verdade. Eu sempre faria isso por ela, por quanto tempo meu corpo tivesse força para tal. Segurar a Brynne junto ao meu coração era uma condição para eu existir.

Isso, sim, era precisar de alguém. Não poderia ser mais verdadeiro. Se as coisas tivessem sido diferentes, se tivessem terminado mal, então meu tempo nessa vida teria se esgotado... E outras coisas não importariam mais. E eu não gostaria que fosse diferente. Com a Brynne, essa era minha verdade. Onde quer que ela fosse, eu queria estar com ela.

Ainda não tínhamos falado muito, mas nenhum dos dois se importava com isso. Carreguei-a até o banheiro e abri o chuveiro. Sentei-a na bancada da pia e tirei primeiros os sapatos, depois a camisa, e o resto das roupas, peça a peça, até que ela ficou perfeita e lindamente nua. Olhei para ela com atenção e não vi nada além da pele perfeita dela, sem marcas de abuso, graças a Deus. Então fiz o mesmo com as minhas roupas e levei-a para o chuveiro.

Ficamos de pé, juntos, debaixo do chuveiro, só nos abraçando... E deixamos a água nos lavar.



# Capítulo 24

*Quatro semanas depois...*

— Quer dizer então que vocês merecem os parabéns, não é? — O dr. Burnsley olhou para a gente, do meio das pernas da Brynne, onde ele estava usando a sonda em forma de banana mais uma vez.

Me dei conta de que estava mesmo com ciúmes da sonda. Essa merda desse aparelho estava passando mais tempo ali do que meu pau, ultimamente. Brynne queria manter certa castidade nas semanas que antecediam nosso casamento, para tornar nossa noite de núpcias mais especial. A ideia mais ridícula de que eu já tinha ouvido falar, mas, merda, eu obedecia às ordens. Na maioria das vezes.

— É verdade. Na nossa próxima consulta, ela não vai ser mais a senhorita Bennett, e sim a senhora Blackstone, para sempre. — Pisquei devagar para ela.

Ela murmurou para mim:

— Eu te amo.

*Eu também te amo, minha linda.* Minha resposta foi em pensamento.

— Ótima notícia, então — disse o dr. Burnsley, olhando para o monitor onde ele via a bolha preta dentro da bolha branca, com o coração batendo. A diferença era que a bolha já tinha crescido consideravelmente e não mais se parecia com uma bolha. Meus olhos estavam vidrados — eu via braços, pernas, mãos e pés, que se mexiam por toda parte. Nosso bebê se transformava numa pequena pessoa.

— Tudo parece estar progredindo muito bem. O bebê está forte e tem mais ou menos o tamanho de um...

— Pêssimo — eu informei ao bom doutor.

Ele virou a cabeça, descrente e surpreso.

Brynne riu, mas manteve os olhos na tela, acompanhando toda a ginástica que nosso pequenino fazia para a gente.

— Sim, pesa cerca de 225 gramas e já está criando dentes e cordas vocais. E Brynne já completou um terço da gravidez e agora está, oficialmente, no seu segundo trimestre.

— Alguém andou estudando — comentou o dr. Burnsley, com um sorriso e um levantar de sobancelhas.

— Barriga ponto com, doutor. Ótima fonte. — Pisquei para ele também, mas não sei se ele gostou muito disso, não.

*Três horas mais tarde...*

Estamos oficialmente de férias.

Malas prontas e carregadas? Feito.

Rover lotado até o teto com tudo que possivelmente poderíamos vir a precisar na nossa viagem de casamento para Hallborough? Feito.

Noiva? Feito — claro, porra!

Minha garota estava de dar água na boca, como sempre, num vestido roxo florido e o cabelo preso num coque rebelde no alto da cabeça. Gostava quando ela o usava assim, porque eu fantasiava em soltá-lo e passar meus dedos por ele enquanto estivermos nus na cama. *Em breve...*

— Então, você está pronta pra se amarrar, senhorita Bennett? É a última chance para largar esse casamento vip e fugir para se casar

comigo — provoquei, puxando-a para perto do meu peito e botando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

— Hum, de quem foi essa ideia mesmo? — Ela perguntou, brincando.

— É só você falar e a gente não precisa fazer nada, meu amor. — Eu falava sério. Cancelaria tudo, se fosse esse o desejo da Brynne, mas caramba, minha irmã ia me matar.

— Não, não, senhor Blackstone. O senhor encomendou esse casamento chique, com realeza e famosos convidados para comer pratos sofisticados e beber champanhe caro na casa histórica da sua irmã. — Ela arqueou uma sobrancelha e começou a puxar um fio da minha camisa. — Agora vai ter que encarar. A gente colhe o que planta.

— Isso é verdade.

— Além disso, quero te ver de pé no altar, me esperando com esses olhos azuis só em mim.

— Porra, você está certa de novo. Eu só tenho olhos pra você. — Beijei-a com vontade, provando o gosto dela e pensando que eu teria a vida inteira para aproveitá-la.

Ela sorriu e balançou um pouco a cabeça.

— Essa sua boca suja...

— Você adora as coisas que eu faço em você com essa boca suja.

— Hum, gosto mesmo. — Sorriu. — Você está certo, senhor Blackstone.

Ela alisou o ponto na minha camisa que estava com um fio puxado e me fez rir. Brynne fazia muito isso quando estava explicando seus sentimentos, como agora. Eu achava incrivelmente sexy, mas também, eu achava tudo nela sexy. Especialmente porque já fazia tempo demais desde que eu tinha estado dentro dela. Só mais quarenta e oito horas dessa bobagem de nada de sexo, obrigado, meu Deus. E depois? Bom, aí seria a terra da lua de mel, aqui vamos nós. Muitas e muitas vezes. Uma *villa* na costa da Itália, protegida, privada, com nada para fazer além de transar, comer, dormir, nadar no mar e transar de novo. Eu provavelmente poderia fazer isso a vida toda.

— Além disso, eu tenho um vestido novo lindo para usar nesse casório, com véu e tudo. — Ela olhou para mim e piscou. — Você que pagou por ele.

— Casório? Que tipo de palavra caipira é essa?

— Muito apropriada para um casamento no campo, com dança e violinos. — Ela fez um gesto no ar, como se tocasse um violino. — Esse casamento será no campo, com música de David Garrett. Não tem violinista mais badalado do que ele, aliás, e não estou falando só das habilidades musicais. Então, sim, temos um grande casório ao qual comparecer. É bom você começar a mover seu sexy corpinho inglês para nos levar até lá.

— Quer dizer que você tem um lance com o David Garrett, é?

Ela fingiu pensar, mas me lançou um olhar safado e bateu no queixo com um dedo.

— Uma dama nunca conta.

— Que maravilha! Minha mulher vai me trocar pelo violinista, bem no nosso casamento. — Peguei meu telefone. — Por favor, eu preciso ligar para o David Garrett e desconvidá-lo para o nosso casa...

— Nem pensa em fazer isso, malandro. — Ela me avisou, séria. — Se a gente vai receber todos esses famosos no nosso casamento, nada mais justo do que eu escolher pelo menos alguns deles.

Fingi estar com ciúmes.

— Então você vai adiante com essa maluquice de festa grande só por causa do violinista? — Minha pergunta era um deboche, mas tinha alguma verdade.

Era uma ironia pensar que o plano que eu tinha começado para protegê-la tinha acabado por se tornar desnecessário. Brynne não precisava mais do casamento chique cheio de celebridades, porque quem a perseguia já estava morto, recebendo a punição eterna que bem merecia.

Nunca descobrimos o que de fato aconteceu com Karl Westman, mas eu tinha uma boa teoria. Depois que meu pai nos levou embora do lugar onde ele morreu, Neil, Ivan e Len ainda ficaram investigando. Minha prioridade era tirar a Brynne dali em segurança, e já tinha visto cadáveres suficientes para saber reconhecer um

quando ele caía na minha frente. Westman morreu imediatamente após levar um tiro de calibre grosso na cabeça.

Mas o que aconteceu lá foi estranho. Já tinha desvendado a maior parte, e duvido que um dia fosse conseguir qualquer tipo de confirmação da parte do senador. Mas Ivan me disse que, quando foi pegar de volta a flecha que tinha atirado, alguém já tinha levado o corpo embora. Sumiu dali, em questão de minutos. Só profissionais são capazes de fazer esse tipo de operação. Na manhã seguinte, Neil e Len foram lá de novo e não havia mais nada. Até mesmo o sangue tinha sido lavado. Nenhum sinal de nada.

Brynne tinha comentado como o prédio inteiro estava estranhamente vazio e que ela não tinha visto ninguém no hotel, o que não fazia sentido, com os Jogos acontecendo e a cidade lotada. Isso praticamente confirmava que havia gente das mais altas patentes envolvidas. Serviço secreto americano, muito provavelmente. Westman era um homem morto mesmo antes de sequestrar a Brynne no apartamento. Pelo visto, o senador tinha protetores nos mais altos escalões. Westman tinha ultrapassado os limites com sua tentativa de chantagem e acabou pagando o preço.

Desastre evitado, mas mesmo assim tinha passado perto para caralho, demais para o meu gosto. Toda essa bagunça tinha acontecido por uma razão. Muito estranha, mas muito verdadeira. Se Westman não tivesse começado a persegui-la, a gente não teria se conhecido, nem saído, muito menos estaríamos prestes a nos casar e ter um filho. Às vezes era coisa demais para a gente racionalizar, mesmo que fosse a nossa realidade. Tentava não pensar nisso. Brynne estava livre para levar uma vida normal, sem ninguém por aí planejando nada contra ela, ou machucá-la, e esse era o meu melhor presente. *Obrigado aos anjos do céu... E a uma em especial.*

— Ethan! — Ela estava franzindo a testa para mim.

— Oi? — Respondi, esfregando meu polegar entre suas sobrancelhas, para suavizar as linhas de expressão.

— Você não está me ouvindo. Eu te respondi e você estava com a cabeça lá longe.

— Desculpa, o que que você falou?

Ela me lançou um olhar e, em seguida, recomeçou a rotina de puxar um fio da camisa para em seguida alisá-la.

— O que eu estava dizendo era que... Eu enfrentaria uma centena desses casamentos ridículos de celebridades, se fosse pra casar com você. — Ela levantou os olhos castanhos/verdes/cinza para mim. — Você vale muito a pena, senhor Blackstone.

Ainda demorou um bom tempo até pegarmos a estrada para Hallborough.

*Dois dias depois...*

Do jardim de rosas, Ben e eu ficamos observando Simon, torcendo para que ele não nos visse. Em seu falado terno muito verde comprado em Milão, ele arrumava os convidados em todo tipo de poses estranhas e vanguardistas.

— Deus nos ajude se essas fotos que ele está tirando vierem a público... A gente tá fodido! — Ben comentou, seco, apontando com a cabeça na direção de certo príncipe ruivo e sua acompanhante não identificada. — Por que diabos o Ethan contratou o Simon Castairs pra fotografar esse casamento?

— Bom, Ethan se viu obrigado a calçar as sandálias da humildade ou, como podemos dizer também, teve que puxar o saco do nosso querido Simon. Ethan ligou para ele para se desculpar pela cena que fez e, no fim da conversa, tinha contratado os serviços do fotógrafo mais escandalosamente gay de toda Londres, se não for de toda a Europa. — Dei de ombros. — Ele tira umas fotos bem bonitas e vai dar tudo certo no final. E o Simon estava mesmo decidido a usar esse terno verde esquisito.

Ben e eu rimos juntos e continuamos a observar a festa. Não dava mesmo para tirar os olhos do Simon, ainda mais naquele terno. Ele pôs a Gaby e o Ivan juntos em algumas fotos. Me perguntei como eles estariam se dando, já que foram jogados juntos nos papéis de madrinha e padrinho. Gaby estava linda, como sempre, e Ivan olhava para ela como se pensasse o mesmo. Mais tarde eu teria que imprensa-la num canto para descobrir a verdade. Dava para

notar o potencial dos dois só pela linguagem corporal e como eles se movimentavam. Tinha uma química rolando, com certeza.

— Eu teria fotografado teu casamento, você sabe — disse Ben.

Olhei bem para o rosto bonito dele.

— Sei. Mas eu precisava do meu amigo, que eu amo tanto, pra fazer uma coisa muito mais importante hoje.

— Eu sei — Ben murmurou, e segurou minhas mãos. — E foi uma grande honra te levar até o altar. Ainda estou praticamente sem palavras até agora, Bree. Você é tão linda, minha amiga querida, por dentro e por fora. E te ver feliz, lá de pé com o Ethan, foi de tirar o fôlego, de um jeito que não o que sei dizer, a não ser que eu te amo. — Levou minhas mãos até a boca e as beijou.

— Ok, agora você me fez chorar, Benny — falei, rindo e soluçando ao mesmo tempo. — Você tem um lenço pra essa noiva chorona, cheia de hormônios?

— Me desculpa, querida — falou timidamente e entregou-me o lenço.

— Tudo bem — respondi, enxugando de leve os olhos. — Não tinha mesmo ninguém que eu quisesse chamar. Não queria entrar sozinha. Não sei por que, mas sabia que o papai ia ter gostado de te ver lá. Ele adorava você e a nossa amizade, Benny. E você estava na galeria naquela noite — você quem disse pra eu olhar pro cara gostoso de terno cinza, com aqueles olhos que me fulminaram do outro lado da sala. Você estava lá no meu primeiro momento com o Ethan.

— É, eu estava. — Ben também estava bastante emocionado.

— Aqui. — Devolvi a ele o lenço.

Nós dois rimos e demos um jeito de nos recompor.

— Obrigado por convidar minha mãe também — falou.

— Claro! Eu amo a tua mãe. Ela é tão engraçada quando toma uns drinques... E ela adora te ver todo arrumado. Fiquei feliz que ela tenha vindo junto contigo.

— Bom, ela te ama também e, se eu não fosse gay, ela já teria me feito casar com você há anos. Ela quer ser avó e vai pirar quando o teu bebê nascer, então é melhor se preparar. — Ben

acenou com a cabeça na direção da minha barriga, que estava começando a aparecer.

— Isso é muito fofo — falei, enquanto dava uma nova olhada na festa e via minha mãe e Frank conversando com um diplomata italiano sentado na mesa deles. As coisas estavam um pouco melhores entre minha mãe e eu, mas não sabia se tinha esperança no futuro desse relacionamento. Mas tudo bem. De verdade. Agora eu tinha uma família que precisava de mim tanto quanto eu deles. Todos viviam na Inglaterra. Esse era o meu lugar no mundo agora.

Havia muitos outros ao meu redor que contavam. Meu bebê, por exemplo. O pai do Ethan e a minha tia Marie seriam os avós que minha mãe e meu pai jamais seriam. Hannah, Freddy, Gaby, Ivan, Ben, Neil e Elaina seriam os tios e tias. Jordan e Colin e Zara seriam os primos. Tanto amor ao meu redor.

Braços fortes me seguraram por trás e uma barba familiar fez cócegas no meu pescoço.

— Madame Blackstone, a senhora está se escondendo no jardim na sua própria festa de casamento?

— Basicamente — respondi, me recostando nele, completamente feliz.

— Ah, meu Deus do céu! Minha mãe também não! — Ben grunhiu na direção da pista de dança, onde o Simon guiava a senhora Clarkson na rumba, em frente a uma plateia bem animada.

— Vai lá, Ben. — Ethan e eu rimos com a retirada do Ben para ir resgatar a mãe dos quadris balançantes do Simon.

— Por mais louco que o Simon pareça agora, não dá pra negar que ele sabe dançar — comentei, rindo. — Ainda não superei o fato de que você convidou ele pra fazer as nossas fotos.

Ethan se apertou mais contra mim.

— Não me lembra, por favor. Foi chantagem, você sabe. Ele disse que perdoaria aquela bagunça toda se eu garantisse que ele faria nossas fotos. Achei que não teria problema, então concordei. Aí ele me mandou o contrato. Pode acreditar quando eu digo que o seu amigo Simon está sendo muito bem-recompensado pelos serviços de hoje. Ele chegou até a me mandar a conta de uma porra de um terno feito em Milão!



Quase me engasguei de tanto rir.

— Meu Deus! — Apontei para o Simon deslizando atrás da mãe do Ben, com seu terno verde brilhante. — Mas aí está, amor. Dinheiro bem gasto, eu diria. Simon está tãããooo feliz.

— É bom que essas fotos sejam dignas de um museu — Ethan resmungou.

— Te vi dançando agora há pouco com garota linda que tem um fraco por sorvete — falei, na esperança de desviar a conversa para algo mais agradável.

O rosto do Ethan imediatamente se transformou.

— Ela é tão incrível. Espero que o nosso pêsego seja igualzinho a ela, se for uma menina. — Botou as mãos na minha barriga. — Posso sentir nosso pêsego agora. Sua barriga está mais firme, de um jeito que não estava antes.

— É, o pêsego está lá dentro... — Botei minhas mãos sobre as dele.

— Adorei teu vestido. É perfeito. Você é perfeita.

— Você também está muito gato nesse smoking. Você botou um colete roxo só pra mim. Amei. A gente está bem combinandinho, senhor Blackstone.

A gente estava mesmo. Meu vestido de renda creme tinha uma faixa roxa que amarrava atrás, e eu estava usando o colar com o pingente de ametista com pérola. Ethan estava vestindo um colete de listras roxas e um lírio da mesma cor no paletó. Meu véu era longo e simples, mas eu o achava lindo, por causa das fotos que tinha tirado com ele. Fotos para só o Ethan ver. Queria que ele visse.

— Tenho um presente pra você — contei.

— Hum, isso soa bem. Mas a verdade é que tudo em você é um presente pra mim. — Segurou meu rosto com as duas mãos, do jeito que eu adorava. — O que a senhora Blackstone acha de sairmos daqui e começarmos logo nossa noite de núpcias?

*Um segundo depois...*

— A senhora Blackstone acha uma ótima ideia. Ele estendeu o braço para mim.

— Vamos, minha senhora?

— Já te disse o quanto eu gosto desses seus modos cavalheiros? Fazem um baita contraste com a boca suja que você tem, mas eu gosto muito.

Ethan estava com um olhar satisfeito.

— Bom saber disso, minha linda. Acho que consigo manter essa linha pra você. — Fechou os olhos e levou minha mão aos lábios. — Hoje à noite eu garanto.

*Obrigada, meu Jesus Cristinho.*

— Tenho que correr lá em cima, no nosso quarto, pra pegar meu presente pra você, ok? É rapidinho.

Ele beijou minha mão e fez um círculo com a língua, pouco acima de onde eu usava o anel e a aliança que ele tinha posto lá durante nossos votos, antes de me deixar ir.

— Vou estar te esperando no pé da escada quando você descer. Só tenho que avisar à Hannah que a gente está fugindo — ele murmurou para mim.

— Deus, eu te amo tanto — disse para ele.

Ethan me deu um daqueles sorrisos raros e falou:

— Eu te amo mais.

— Duvido muito — falei por cima do ombro —, mas vou aceitar!

Me apressei para ir pegar o pacote no nosso quarto e já estava descendo, quando senti uma sensação de calor. Foi como se uma manta abraçasse meu corpo, de uma maneira reconfortante. Parei no lugar onde estava pendurado o magnífico Mallerton do *Sir* Jeremy e da Georgina. Adorava olhar para esta pintura, e não era só pelo objeto ou pela execução, que era impressionante, mas sim pela emoção expressa nela. Havia um grande amor nessa família. *Sir* Jeremy, com seus olhos azuis e cabelos claros, olhava para a sua adorável Georgina com uma expressão que transbordava seu amor por ela. Eu não sabia como Tristan Mallerton conseguira traduzir isso com as tintas, mas ele certamente tinha capturado um momento desses amantes de tanto tempo atrás. Tanta pureza me tirava o fôlego.

E havia também as crianças — um menino mais velho e uma garotinha. A pequena se sentava no colo da mãe, mas tinha os olhos

fixos no pai. Imaginei como ele devia tê-la distraído durante as longas horas posando para um quadro como esse. Meu treinamento de arte me dava uma boa compreensão do tempo que se levaria para criar uma pintura desse tamanho; teria sido imenso. Uma criança não demonstraria isso, a não ser que sentisse realmente. Essa menininha amava de verdade seu papai, e era muito amada por ele. *Exatamente como eu.*

*Eu te amo tanto, papai...*

Quando me afastei do quadro para continuar a descer os degraus, pude ver Ethan esperando por mim ao pé da escada. Aguardando pacientemente, como se compreendesse que eu estava tendo um momento especial e precisava de privacidade. Ethan parecia reconhecer meus humores em momentos assim.

Se realmente fosse parar para pensar, Ethan tinha sido o maior presente que meu pai me dera.

Thomas Bennett, meu querido e amoroso pai, tinha mandado Ethan Blackstone me encontrar em Londres, para que me resgatasse. Agora eu tinha o resto da minha vida para ser grata por isso.

*Obrigada, papai.* Olhei para a menininha na pintura e senti uma conexão com ela, apesar dos séculos que nos separavam. Eu espero que a filha do *Sir* Jeremy Greymont tenha vivido muitos anos aproveitando a companhia do pai. Vinte e cinco anos foi a quantidade de tempo que eu tive com o meu, e é preciso aceitar e agradecer o presente impagável que foi.

Me recusei a ficar triste ao pensar no meu pai, no dia do meu casamento. Ele era somente um pensamento feliz agora. Como ele me amava e eu a ele. De alguma maneira, ele ainda estava comigo, e eu estava com ele, e nada poderia tirar isso de nenhum de nós dois.

\* \* \*

— Fica com os olhos fechados até eu falar para abrir, ok? — Parei o carro e fui até o lado da Brynne para ajudá-la a sair. — Nada de espiar, Senhora Blackstone, quero fazer isso direito.

— Os olhos estão fechados, Senhor Blackstone, — respondeu, de pé em frente a mim. — Meu pacote. Pega pra mim, por favor.

Alcansei o embrulho no banco de trás e pousei-o delicadamente nas mãos dela. Era leve, só uma caixa preta fina, amarrada com uma fita prateada.

— Pronta?

— Sim — ela respondeu.

— Então fica com os olhos fechados, que eu vou te pegar no colo e te carregar.

— Soa muito tradicional — ela falou.

— Gosto de pensar que sou um cara tradicional, meu amor. — Levantei-a no colo, com cuidado para arrumar o vestido sem arrastá-lo, e comecei a subir a estradinha de brita da Stonewell Court. As pedras estalavam sob os meus pés e dava para ouvir o som das ondas batendo nas rochas lá embaixo. Era lindo e eu esperava que ela gostasse. O lugar estava todo iluminado por tochas cravadas em vasos antigos e velas dentro de luminárias no chão. Até a suíte estava iluminada por dentro. Nossa suíte de núpcias.

— Posso ouvir o mar — ela disse, no meu colo, com uma das mãos acariciando a minha nuca.

— Uhum. — Parei onde achei que seria o lugar perfeito para a revelação. — Ok, acabamos de chegar no nosso destino de núpcias, senhora Blackstone. Vou te pôr no chão para o efeito ser completo. — Avisei, antes de deixá-la de pé por conta própria. Virei-a de frente para a casa e cobri seus olhos gentilmente com as minhas mãos.

— Quero ver. A gente vai dormir aqui?

— Não sei o quanto a gente vai *dormir*... Mas vamos ficar aqui esta noite. — Beije-a na nuca e tirei as minhas mãos dos seus olhos. — Pra você, minha linda. Você pode abrir os olhos agora.

— Stonewell Court. Pensei mesmo que a gente estivesse aqui. Lembro do cheiro do mar e do som das pedrinhas quando a gente veio. É tão bonito, não consigo acreditar nisso. — Abriu os braços. — Quem preparou isso pra gente?

*Ela ainda não entendeu.* Levei minhas mãos aos ombros dela e beijei seu pescoço por trás.

— Hannah, principalmente. Ela vem tentando fazer um milagre para mim.

— Bom, acho que ela conseguiu. Me deixou completamente sem fôlego. — Virou o rosto para mim. — É o lugar perfeito para a gente passar nossa noite de núpcias.

Segurei o rosto dela com as minhas duas mãos e beijei-a de leve, nós dois cercados pelo brilho das tochas e a brisa do oceano.

— Você gostou?

— Mais do que gostei. Amei a gente poder ficar aqui. — Deu as costas para mim, se recostou no meu peito e admirou a casa um pouco mais.

— Fico muito feliz com isso, senhora Blackstone, porque depois que viemos aqui juntos, não parei de pensar nesse lugar. Queria te trazer de volta para cá. A parte de dentro precisa de reformas, mas a estrutura está boa e a fundação é sólida como pedra, encrustada nas rochas. Esta casa está aqui há muito tempo e, espero, ainda vai continuar por muito mais.

Puxei um pequeno envelope do bolso e segurei-o em frente a ela, para que pudesse vê-lo.

— O que é isso?

— Seu presente de casamento. Abre.

Ela abriu a aba do envelope e derramou o conteúdo numa das mãos — alguns modernos, alguns muito antigos.

— Chaves? — Ela se virou, os olhos arregalados. — Você *comprou* a casa?!

Não consegui segurar o sorriso.

— Não exatamente. — Virei-a de frente para a casa de novo, passando meus braços ao seu redor e apoiando meu queixo no alto da cabeça dela.

— Comprei pra gente um lar. Pra você e pra mim, pro pêssego e outras framboesas ou mirtilos que podem vir por aí mais tarde. Esse lugar tem muitos quartos pra acomodar todo mundo.

— De quantos mirtilos estamos falando? Porque estou olhando para uma casa grande à beça, que deve ter muitos quartos pra encher.

— Isso, senhora Blackstone, ainda vamos ver, mas posso garantir que vou me esforçar para encher alguns deles.

— Ah, então o que estamos fazendo aqui fora? Não seria melhor você começar a se apressar? — Perguntou, debochada.

Levantei-a no colo e comecei a andar. Rápido. Se ela estava pronta para a lua de mel, não seria eu o bobo a atrasar os planos. De novo, eu não era um trouxa.

Minhas pernas engoliram rapidamente o resto do caminho e depois os degraus de pedra da nossa nova casa de campo.

— E a noiva passa pela porta — falei, empurrando com o ombro a pesada peça de carvalho.

— A cada minuto você vai ficando mais tradicional, senhor Blackstone.

— Eu sei. Eu meio que gosto disso.

— Ah, espera, o meu pacote! Quero que você abra teu presente também. Me bota no chão. A luz do hall vai ser perfeita pra você ver.

Ela me entregou a caixa preta amarrada com o laço prateado, parecendo estar muito feliz e muito linda, de vestido de noiva de renda creme e o pingente de coração pousado bem na garganta. Tive um lampejo de lembrança de tudo que ela tinha vivido naquela noite com o Westman, mas afastei esse pensamento para longe. Não havia espaço para nada feio neste momento. Era um tempo de alegria.

Levantei a tampa e afastei algumas folhas de papel de seda preto.

As fotografias que apareceram embaixo delas pararam o meu coração.

Brynne, lindamente nua, em várias poses artísticas, vestindo nada além do véu de noiva.

— Pra você, Ethan. Só para os seus olhos — ela sussurrou. — Te amo com todo meu coração, e toda a minha mente, e todo meu corpo. Tudo pertence a você agora.

Tive dificuldade para falar, no início, então fiquei só olhando para ela por um instante, agradecendo minha benção.

— As fotos são lindas — disse, finalmente, assim que consegui. — São lindas, meu amor, e eu... Eu entendo o porquê agora.

Brynnne precisava bater belas fotos do seu corpo. Era a realidade dela. Eu precisava possuí-la — tomar conta dela para preencher algum desejo dominador na minha psique —, essa era a minha realidade.

— Queria que você tivesse essas fotos. São só suas, Ethan. Só você vai vê-las. Elas são o meu presente para você.

— Eu nem sei o que dizer. — Olhei para cada uma das poses, devagar, absorvendo as imagens e saboreando-as. — Gosto dessa em que você está olhando por cima do ombro, com o véu caindo pelas costas. — Estudei a fotografia mais um pouco. — Seus olhos estão abertos e você está olhando pra mim.

Ela sustentou meu olhar com seus olhos lindos, multicoloridos, que me surpreendiam a todo momento com suas mudanças sutis, e falou:

— Eles estão olhando pra você, mas meus olhos só têm estado abertos mesmo desde que você surgiu na minha vida. Você me deu tudo. Você me fez querer enxergar o que havia ao meu redor, pela primeira vez na minha vida adulta. Você me fez te desejar. Você me fez querer uma vida. Você foi o meu maior presente de todos, Ethan James Blackstone. — Ela tocou meu rosto e manteve a mão ali, enquanto seus olhos me revelavam o sentimento que ela tinha.

Cobri a mão dela com a minha.

— Assim como você foi pra mim, minha linda garota americana.

Beijei minha bela noiva no hall da nossa nova casa antiga de pedra por um bom tempo. Não estava com pressa, nem ela. A gente podia se dar ao luxo de ter o “para sempre” agora, e aceitaríamos esse precioso presente.

Quando estávamos prontos, levantei-a novamente no colo. Sentindo seu peso suave encaixado no meu corpo e a tensão nos meus músculos, carreguei-a escada acima, até a suíte que nos esperava, onde eu a manteria por toda a noite. *Segurando nela para me segurar.* O conceito fazia sentido para mim. Não poderia explicá-lo para mais ninguém, mas não precisava explicar nada a ninguém. Sabia o que a gente significava um para o outro.

Brynnne *era* meu maior presente. Ela era a primeira pessoa a realmente enxergar dentro de mim. Só os olhos dela eram capazes

de fazer isso. *Só os olhos da minha Brynne.*



# Um Presente Para o Leitor

*Um conto de Natal — O primeiro encontro de Ethan e Brynne  
Londres, 24 de dezembro de 2011*

**A** rua estava especialmente vazia, considerando que era véspera de Natal. Provavelmente porque estava tão frio do lado de fora que as pessoas tinham sido espertas o suficiente para não sair. Era totalmente clichê procurar um presente na última hora, mas aqui estava eu, empurrando as portas da Harrods, na esperança de encontrar alguma coisa realmente perfeita para a minha tia Marie. Sabia que era bom me apressar, porque ia passar o dia todo com ela amanhã e não tinha nada para levar!

Era difícil comprar coisas para a Marie porque ela era tão única e pouco convencional; era ridiculamente complicado acompanhar seu estilo de vida. Ela também tinha dinheiro suficiente para comprar o que quisesse. Ela me lembrava a tia Mame do filme, em muitos aspectos. Das viagens exóticas, aos maridos ricos mortos, e aos vestidos fantásticos no armário.

Depois de 45 minutos, desisti e caminhei para a saída, não sem antes parar para um café na praça de alimentação. Precisava da

café e do calor. Caminhei pela rua, bebericando o café e procurando nas vitrines qualquer coisa interessante. O toque do vento frio ia deixar as minhas bochechas rosadas, com certeza.

Ao menos eu tinha café quente, e as canções natalinas que tocavam em algum lugar eram bem agradáveis. Muito no estilo de “Um conto de Natal”. Tenho certeza de que Dickens adoraria saber que, 168 anos depois, algumas das mesmas canções ainda tocavam. Eu adorava história, e pensar que algumas tradições tinham mudado tão pouco ao longo dos anos era uma coisa que me fazia sorrir. Mudanças nem sempre são boas. É preciso ter uma personalidade forte para resistir às mudanças do tempo. Eu queria ser forte assim.

Havia dias em que me perguntava se eu duraria muito tempo. Apesar da minha determinação em estar sozinha em Londres, eu sentia falta dos meus pais no fim do ano. A decoração, as comidas, as festas... Bom, talvez não as festas. As festas não me atraíam mais. E eu seriamente me perguntava se algum dia voltaria a pisar em São Francisco.

*Vamos em frente — mudando de assunto, por favor.*

Cheguei numa vitrine que parecia intrigante. Como um antiquário ou um brechó. O nome na porta era pintado no vidro: ESCONDIDA. E era mesmo. Havia toneladas dessas pequenas lojas em Londres, e algumas delas eram lindamente arrumadas. Essa era uma delas. Entrei e ouvi um sino tocar no alto da porta.

— Feliz Natal — me disse uma voz alegre.

— Feliz Natal — devolvi para o rosto sorridente de um homem mais velho, vestindo o uniforme britânico de colete de lã e paletó de tweed.

A loja tinha um cheiro bom. Tipo canela. Eu ia cozinhar na casa da tia Marie amanhã e estava ansiosa para isso. Adorava cozinhar, mas não tinha a mesma graça cozinhar para si mesmo. Senti um suspiro chegando, mas segurei-o.

Gravitei na direção de uma sessão de tricôs finos. Esses eram, obviamente, algum tipo de consignação. Não eram antiguidades. Kits de toucas e cachecóis coloridos. Puxei um roxo escuro e passei os dedos nele. Parecia cashmere, ou ao menos era macio o bastante para ser. Mas provavelmente era lã de carneiro. Verifiquei a etiqueta

e levantei uma sobrancelha. Mas eu o queria. Caramba, eu precisava dele num dia como hoje. Olhei o preço de novo e decidi que seria justo esbanjar um pouco comigo mesma. Era Natal, afinal. *Quem diabos você quer enganar, mulher? Você ainda não tem nada para a Marie.*

Acho que estava começando a entrar em pânico, de leve. Respirei fundo e comecei a olhar de novo.

Passei pela loja e não achei nada. Decidi que era hora de ir. Me aproximei do caixa para pagar pela touca e o cachecol e vi o mostruário de bijuterias embaixo do vidro. Isso sim atraiu meu olhar. Eram bonitas, para começar — essas joias *vintage hippie chic* se encaixavam perfeitamente com a personalidade da Marie. *Bingo!*

Uma peça chamou minha atenção e era perfeita. Um broche de pomba. Prata, com pequeninas pérolas na asa e na cauda, um olho de cristal negro e um pingente de coração, com um cristal azul no meio, preso no bico. Uma pomba simbolizava a paz, e Deus sabe que o mundo podia certamente aproveitar um pouco disso. O melhor era que eu podia visualizar minha tia usando esse broche. Sabia que ela ia amar.

Paguei com pressa, aliviada de ter dado um fim à minha angústia na compra de presentes de Natal. Olhei o relógio e vi que precisava me apressar, porque era um longo caminho até a estação do metrô.

Fazia frio. Um gelo. Frio o suficiente para me fazer usar a touca nova e enrolar o cachecol no pescoço, ali mesmo, no meio da rua. Dei uma olhada no meu rosto no vidro de um carro parado na rua, só pra ter certeza de que não havia nada muito esquisito na minha aparência — não que me preocupe muito com isso quando faz tanto frio. Andei mais um ou dois quarteirões, até que não suportava mais o frio por um segundo sequer e entrei no primeiro lugar que tinha um aviso de estamos abertos. Fountaine's Aquários. Eu estava numa loja de animais. Mais precisamente, numa loja de peixes tropicais. Servia para mim. Era quente e escuro lá dentro, e a umidade que subia dos tanques era uma agradável mudança em relação a onde estava. Desamarrei o cachecol e passei um pouco, parando em cada aquário para observar e ler os nomes dos peixes. A sessão de

água salgada me lembrou uma viagem que fiz a Maui quando tinha 14 anos. Mergulhei com um *snorkel* e vi alguns desses mesmos peixes que estavam nesses tanques. Não sabia disso na época, mas essas férias foram as últimas que tirei com meus pais juntos. Minha mãe e meu pai se separaram logo depois e nunca mais houve uma viagem nossa como unidade familiar. Triste. Hoje em dia, eles precisavam lutar para ser civilizados um com o outro. Um perfeito oxímoro: lutar para ser civilizado.

Parei num peixe particularmente interessante. Um peixe-leão. Os peixes-leão são outra coisa de perto, com todos os espinhos coloridos que o fazem parecer irreais. Esse carinha parecia curioso, veio até o vidro e se exibiu para mim como se quisesse conversar. Ele era bonitinho. Sabia que eles eram venenosos ao toque, mas ainda assim eram lindos de se ver. Imagino que um aquário de água salgada fosse algo difícil de manter.

— Ei, bonitão — cochichei para o peixe.

— Posso te ajudar? — Um rapaz jovem perguntou, atrás de mim.

— Só admirando. É realmente um peixe lindo — disse ao vendedor.

— É, ele está vendido, na verdade. O dono vem buscar ele hoje pra levar pra casa.

— Ah, que bom, espero que você fique feliz na sua nova casa, bonitão — falei de novo com o peixe. — Tomara que seja alguém que te mime com petiscos.

O funcionário concordou comigo e riu.

Me afastei do aquário, decidindo que era hora de enfrentar o frio de novo e voltar para casa. Ainda tinha que embrulhar o presente da Marie e queria assar uns biscoitos ainda hoje para poder levar comigo amanhã. Era uma pequena tradição que a gente tinha, e era bem divertido decorar os biscoitos com glacê e confeitos. Meus favoritos eram os em formato de flocos de neve. Me dirigi à porta para sair, ajustando a touca e enrolando o cachecol no pescoço, de maneira a cobrir até a metade do rosto, quando alguém entrou na loja. Me afastei para ele passar e fiquei impressionada com aquela pessoa alta, com um casaco bonito, mas não olhei para o rosto dele.

Meus olhos estavam focados além da porta aberta da loja. Flocos de neve.

Estava nevando na véspera do Natal em Londres!

— Está nevando? — Gaguejei, impressionada.

— É, está — ele falou.

Saí da loja para pisar no chão coberto de branco, e senti o mais delicioso perfume vindo daquele homem, quando passei por ele. Tipo uma especiaria exótica misturada com uma rica combinação de sabonete e colônia. *Era bom quando um homem cheirava tão bem*, pensei. Garota de sorte, quem quer que estivesse sentindo esse perfume o tempo todo.

Fui até a janela de um Range Rover HSE preto parado na rua e chequei minha touca no reflexo, do mesmo jeito que tinha feito antes. Não queria parecer esquisita no meu caminho para casa.

A neve tinha começado a cair mais forte agora, e eu podia ver alguns flocos começando a pousar na minha nova touca roxa, até mesmo no reflexo na janela do Rover. Sorri embaixo do cachecol e me virei para ir. Senti frio no caminho, mas estava estranhamente satisfeita. Neve no Natal, para uma garota da Califórnia, sozinha em Londres nas férias. Totalmente inesperado. Mas me dei conta de uma coisa, no caminho para casa. As pequenas coisas na vida, às vezes, eram os presentes mais preciosos que a gente recebe e quando somos capazes de reconhecê-los, então somos realmente abençoados.